



FACULDADE DE MEDICINA DE BOTUCATU

60 ANOS EM 60 DEPOIMENTOS

Organizadoras

Martha Martins de Moraes
Maria Cristina Pereira Lima

unesp 




studio criativo

60 ANOS EM 60 DEPOIMENTOS

Organizadoras

Martha Martins de Morais
Maria Cristina Pereira Lima

unesp 



unesp



60 ANOS EM 60 DEPOIMENTOS

1ª edição

Botucatu/SP
2023



REALIZAÇÃO

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

REITOR Pasqual Barretti

VICE-REITORA Maysa Furlan

Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB/Unesp)

DIRETORA

Maria Cristina Pereira Lima

VICE-DIRETORA

Jacqueline Costa Teixeira Caramori

Seção Técnica de Comunicações

SUPERVISORA

Vera Eliane Damato Burini

Centro de Memória da FMB

COORDENADORA

Martha Martins de Morais

APOIO

Fundação para o Desenvolvimento Médico e Hospitalar (Famesp)

DIRETOR

Antonio Rugolo Jr.

VICE-DIRETOR

Trajano Sardenberg

**Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu
(HCFMB)**

SUPERINTENDENTE

José Carlos Souza Trindade Filho

**Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design
(FAAC/Unesp)**

DIRETORA

Fernanda Henriques

VICE-DIRETOR

Juarez Tadeu de Paula Xavier



Unesp - Faculdade de Medicina - Câmpus de Botucatu

Av. Prof. Mário Rubens Guimarães Montenegro s/n

Rubião Júnior - Botucatu/SP

CEP 18618-687

<https://fmb.unesp.br> | (14) 3880-1001



Faculdade de Medicina de Botucatu: 60 anos em 60 depoimentos / Organizadores: Marth
Martins de Moraes, Maria Cristina Pereira Lima ; Edição: Baga Defente, Alex Zani ; Apoio:
FAMESP/HCFMB/FAAC. - Botucatu : NADA. Studio Criativo, 2023

304 p.

ISBN: 978-65-85336-01-7

1. Faculdade de medicina - História. 2. Depoimentos. 3. Relatos de casos.
4. Comemorações. 5. Lembranças. 6. Emoções. I. Título. II. Moraes, Marth
Martins de. III. Lima, Maria Cristina Pereira. IV. Defente, Baga. V. Zani, Alex. VI. Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Medicina de Botucatu, Hospital das
Clínicas. VII. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. VIII. Fundação para
o Desenvolvimento Médico e Hospitalar.

CDD 610

FMB: 60 anos em 60 depoimentos

1ª edição, 2023

Botucatu/SP

ORGANIZAÇÃO

Martha Martins de Moraes
Maria Cristina Pereira Lima

EDIÇÃO

Baga Defente
Alex Zani

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Baga Defente

REVISÃO

Ana C. Moura

PROJETO GRÁFICO

Fernanda Henriques
Guilherme Cardoso Contini
Victor Hugo

IMAGENS

Acervo CMFMB
ACI Reitoria
Eliete Soares

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

NADA. Studio Criativo

PRODUÇÃO EDITORIAL

Alex Zani

A FMB/Unesp não se responsabiliza pelo conteúdo das opiniões expressas pelos autores deste livro. As informações e ideias contidas na obra são de exclusiva responsabilidade de seus respectivos autores, não refletindo necessariamente a posição da instituição.



Rua Dr. José Barbosa de Barros, 792 - Jardim Paraíso
Botucatu/SP CEP 18610-307

nada.art.br | @nadastudiocriativo



<i>Seis décadas de sonhos, lutas e conquistas</i>	12
<i>Uma construção coletiva</i>	15
<i>Notas de um leigo sobre os 60 anos da FMB</i>	16
Não tem? Nós fazemos – 1ª Turma de Medicina (1967)	20
FCMBB: da improvável criação à consolidação	34
FCMBB e Caps: além dos fatos	39
Ação social de alfabetização dos estudantes de Botucatu na década de 1960	42
Operação Andarilho	46
Operação Denúncia	50
A FMB nos estertores da ditadura	54
O movimento estudantil e a repressão do Estado	62
Década de 1970: alguns fatos	68
Um pouco da história do curso médico da FMB: visão de dois pioneiros, com ênfase nos primórdios	72
60 anos de evolução	82
Talentosa, inovadora, construtivista e disruptiva – 10ª Turma de Medicina (1977)	88
A pesquisa na FMB: uma visão narrativa ao longo de 60 anos	98
A Atlética da FMB	107
Nossa Biblio: do local de consulta ao espaço de convivência	110
HC nas primeiras décadas	114
Centro de Saúde Escola: ensino, pesquisa, extensão e assistência na atenção primária à saúde	119

1º Regimento da FCMBB	124
Transformações na FCMBB para integrar-se à Unesp	136
Greve geral de 1984, ocupação da reitoria e democratização da FMB	142
Democratização na FMB	149
Nossos anos brilhantes – 20ª Turma de Medicina (1987)	154
Notas sobre a Famesp	159
A contribuição do Departamento de Enfermagem aos 60 anos da FMB	162
Um passado de memórias e um futuro de histórias: a visão de uma servidora técnico-administrativa da FMB	166
Enfermagem FMB: três décadas de qualificação profissional	169
A arte de cuidar – 1ª Turma de Enfermagem (1992)	175
Uma “enfermeira” da faculdade e para a faculdade	178
Nead.TIS FMB/Unesp: tudo não passa de um sonho	181
A cultura no processo de ensino da FMB	184
Minha escola, minha casa – 30ª Turma de Medicina (1997)	188
Portas abertas para o cuidado	191
Programa de Aprimoramento Profissional	196
Internacionalização na FMB	199
A educação mudou a minha história e me salva todos os dias – 10ª Turma de Enfermagem (2001)	204
Nossa experiência no PET	208
NAP: inovação em prol do ensino dos futuros profissionais da saúde	213
Inspiração pra vida toda – 40ª Turma de Medicina (2007)	216
Sobre sementes, árvores, flores e frutos – 20ª Turma de Enfermagem (2011)	219
Autarquização do HCFMB	222

A pesquisa na FMB	227
Residência Médica na FMB: origem e história	230
Residência Médica na FMB: circunstância atual e perspectivas futuras	233
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem	236
Aprender e ensinar são faces da mesma moeda: relato de uma médica não docente na FMB	240
Inclusão e acessibilidade: de paciente a servidor	246
Nos bastidores do corpo docente: a visão de um servidor técnico-administrativo da FMB	249
Jorge Caron e a FMB: arquitetura modernista no câmpus de Botucatu	251
Uma experiência transformadora – 50ª Turma de Medicina (2017)	256
Trote e recepção de calouros em três atos	259
Cotas universitárias: desenhos de novos destinos	263
Coletivos na FMB	266
Extensão universitária: diálogos com a sociedade	269
Minha segunda casa – 30ª Turma de Enfermagem (2021)	275
O HC e as instituições: um hospital que busca apoio	278
HCFMB: hoje e amanhã	281
Ciência, pandemia e universidade	284
Enfermeiro do século XXI: o profissional que vislumbramos formar para o futuro	288
A expansão na Assistência do HCFMB e a covid-19	292
O início da jornada – 60ª Turma de Medicina (2027)	296
<i>Por um futuro justo, diverso e inclusivo</i>	300





SEIS DÉCADAS DE SONHOS, LUTAS E CONQUISTAS

Pasqual Barretti¹

Um prédio projetado para ser um sanatório para tuberculosos, cujo contrato de construção foi assinado em 1950, tornou-se obra inacabada com o advento da quimioterapia ambulatorial para tuberculose. Esse prédio não utilizado estimulou a força e o idealismo de jovens botucatuenses, cujo expoente foi José Amaro Faraldo, jornalista e estudante de Direito, dando início a uma luta de anos pela implantação de uma faculdade de Medicina em Botucatu, cujas atividades acadêmicas tiveram início em 1963.

Essa conquista ocorreu de forma bastante abrangente. Sob a regência acadêmica do grande mestre e ilustre pioneiro desta casa, Mário Rubens Guimarães Montenegro, foram estabelecidos não somente o curso de Medicina, mas também os cursos de Biologia e Veterinária, e dois anos depois, o curso de Agronomia, assim compondo a Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu. Treze anos depois, com a criação da Unesp, essa faculdade foi dividida em quatro unidades acadêmicas, sendo uma delas a Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB).

Imaginar os desafios que precisaram ser vencidos nos primeiros anos não é uma tarefa difícil. De fato, os primeiros anos da faculdade foram marcados por lutas e movimentos intensos em busca de recursos, nos quais a determinação dos estudantes e docentes foi fundamental, com destaque para a Operação Andarilho em 1968.

Desde 1976, quando ingressei na Unesp como calouro de Medicina, passei a maior parte da minha vida na FMB; escrever este breve relato na posição de reitor da universidade é motivo de grande honra e emoção.

Naquela época, encontrei uma faculdade com apenas 13 anos de existência, porém já altamente respeitada devido à extrema qualificação e dedicação de seus pioneiros e de sua comunidade. É evidente que o sucesso da FCMBB foi alcançado graças ao empenho de seus fundadores.

Logo percebi que aquele lugar não era apenas uma instituição de formação profissional. A faculdade era um notável palco de resistência contra o regime político que tomou conta do país após o golpe civil-militar de 1964. Mesmo diante da censura e das restrições impostas pelo regime, a intelectualidade de esquerda encontrava terreno fértil para uma intensa atuação política e cultural de oposição. Resistir ao regime não significava apenas ter uma concepção ideológica divergente, mas sim lutar pela preservação e consolidação de nossa instituição.

¹ Reitor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), gestão 2021-2024.

Seria para mim impossível não mencionar certos acontecimentos que ocorreram nesta universidade e neste país durante esse período da história, talvez os anos que mais marcaram minha mente. Sem dúvida, esse contexto teve um papel decisivo nas escolhas que fiz em minha vida acadêmica. Guardo na memória muitos momentos vividos nesta universidade, mas gostaria de destacar alguns em particular.

Em 1976, a criação da Unesp reuniu por lei institutos isolados de ensino de grande qualidade, cuja união estava envolta em uma discussão precária. Esses institutos, que representavam valores de longa e intensa construção, corriam o risco de serem prejudicados devido à falta de clareza e definição durante todo o processo.

No longo e tortuoso período de ditadura, a universidade não escapou das suas consequências, muitas vezes reproduzindo dentro de seus muros os métodos de cerceamento e opressão característicos da época.

Volto à madrugada de 18 de outubro de 1977, quando assisti atônito à deplorável operação que culminou com a invasão da FMB por um batalhão de choque fortemente armado, que, em uma missão de guerra, aviltando os mais elementares princípios da autonomia universitária, tinha vindo reprimir estudantes, não só da FMB, mas de todo o câmpus, que estavam em vigília democrática para defender seus legítimos direitos e a preservação da instituição.

Contudo, a perplexidade daquele momento se misturou com a emoção de ver 91 professores corajosamente se colocarem à frente de seus alunos, impedindo que os invasores avançassem um passo sequer em sua direção.

Nem cinco anos após minha chegada, testemunhei outra grande turbulência: a implantação de uma fundação, enfrentando forte resistência interna, possivelmente reflexo dos anos de repressão em que vivíamos — estávamos ainda nos anos de chumbo.

Talvez não pudéssemos antever o futuro como seu idealizador, o saudoso professor Domingos Alves Meira, mas a FMB mostrou que, mesmo numa gestação de alto risco, esse filho poderia ser bem criado, nutrido e se desenvolver de forma saudável a partir do exemplo e dos ensinamentos da sua instituição-mãe. Nasceu, assim, a Fundação para o Desenvolvimento Médico e Hospitalar (Famesp), que cresceu à luz da FMB e foi zelosamente protegida por ela como uma mãe dedicada.

Essa entidade — a qual tive a honra de dirigir por dez anos — se tornou fundamental no cotidiano e no crescimento da nossa instituição. Hoje, a Famesp é uma protagonista de destaque no Sistema Único de Saúde (SUS) e na manutenção do nosso Hospital das Clínicas (HCFMB).

Foi uma luta árdua pela redemocratização e pela escolha democrática dos dirigentes das universidades públicas, e a FMB teve um papel de destaque nessa batalha com a indicação e eleição do saudoso professor

William Saad Hossne para reitor, o que não se concretizou por razões pouco compreensíveis. Saad, no entanto, dirigiu com brilhantismo a FMB e foi responsável por um período de grande crescimento no quadro de pessoal técnico e docente, no parque tecnológico e na expansão do HC.

Atualmente, não restam dúvidas sobre a consolidação da Unesp como uma das importantes universidades do país, sendo ainda a mais bem avaliada entre aquelas com menos de 50 anos, segundo diferentes rankings. A FMB, com seu indiscutível desempenho acadêmico, contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da Unesp ao longo de seus 46 anos de existência, elegendo três reitores e dois vice-reitores, destacando a determinação e a dedicação dos nossos professores com a construção desta universidade.

Em 2001, assumi a posição de superintendente do HC com a convicção de que a integração completa do hospital com o SUS era essencial. É importante ressaltar que, de acordo com a Constituição de 1988, os hospitais universitários fazem parte do SUS, e, apesar das dificuldades, o HC de Botucatu já prestava serviços significativos ao sistema e havia crescido dez vezes em número de leitos desde sua fundação, em 1967.

Nessa época, surgiu a proposta de tornar o HC uma autarquia, que só foi concretizada em 2010. Hoje, testemunhamos um hospital avançado, humanizado e de grande porte que valoriza os princípios do SUS, sem deixar de lado sua missão acadêmica e formativa.

Durante o período em que tive a honra de dirigir a FMB, entre 2015 e 2019, trabalhamos de modo coletivo em um projeto que contou com a participação de todos. Infelizmente, esse período foi marcado pela injusta cassação de uma presidente eleita, que resultou em graves violações do ordenamento democrático e culminou no desastroso período presidencial encerrado em dezembro de 2022.

Nos últimos quatro anos, mesmo em meio a um ambiente de descaso com a ciência, tanto o HC quanto a FMB demonstraram grande resiliência no enfrentamento da pandemia de covid-19, o que me permite afirmar com certeza que fomos vitoriosos.

Não obstante o sol da democracia plena esteja voltando a iluminar e aquecer o nosso país, ainda enfrentamos desafios tão significativos quanto nas últimas seis décadas. No entanto, o compromisso que sempre nos sustentou nos dá a confiança de que teremos sucesso e continuaremos a crescer. E é isso o que nos garante uma vida longa e vitoriosa, sempre.

Meus parabéns à Faculdade de Medicina de Botucatu!

UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

Martha Morais²

Na correria do dia a dia, muitas vezes não paramos para refletir que a história de uma instituição, indo além das frias paredes e vigas que a compõem, é forjada ao longo do tempo pelo trabalho dedicado de inúmeras pessoas. Este livro, organizado pelo Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Botucatu (CMFMB), é uma pequena amostra das seis décadas de trabalho que permitiram a Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB/Unesp) chegar até este momento.

O CMFMB iniciou suas atividades em 2007 com o objetivo de recolher, organizar e disponibilizar o acervo histórico da FMB. O acervo é composto por documentos textuais, fotográficos, audiovisuais e tridimensionais que preservam a memória da faculdade desde o seu surgimento em 1962, quando foi criada a Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB). Na época, a faculdade era um Instituto Isolado de Ensino Superior do Estado de São Paulo, e a primeira aula ocorreu somente em 1963.

Esta publicação celebra e marca os 60 anos da FMB, apresentando relatos que narram a história da instituição do ponto de vista pessoal de cada personagem. Durante a preparação e execução da obra, foram selecionados alguns temas importantes na trajetória da faculdade, principalmente relacionados aos criadores, sonhadores e lutadores que a edificaram e hoje fazem parte de sua sólida base. Os depoimentos emocionantes são de mulheres e homens que dedicaram suas vidas, superaram crises, venceram a ditadura e até mesmo enfrentaram uma trágica pandemia para construir um centro de excelência no ensino, pesquisa e extensão, focado na saúde pública e no atendimento à população.

Este livro é fruto do trabalho de diversas mentes, mãos e corações. São 60 histórias, uma para cada ano de vida desta faculdade. Docentes, discentes e técnico-administrativos compartilham lembranças, emoções e trechos de suas vidas que se encontram na encruzilhada da FMB.

Vida longa à FMB!

² Graduada em Fotografia, possui mestrado em Criação Artística Contemporânea, pós-graduação em Ciências Documentais e atualmente é coordenadora do CMFMB.

NOTAS DE UM LEIGO SOBRE OS 60 ANOS DA FMB

Jézio Hernani Bomfim Gutierre³

A Faculdade de Medicina da Unesp de Botucatu completa 60 anos. Números redondos normalmente ensejam efemérides festejáveis, e esse caso não é exceção. A instituição tem uma história vitoriosa, com avanços contínuos que justificadamente orgulham todos aqueles que contribuíram para sua realização. Ao longo de todos os testemunhos que compõem este livro, vê-se a paulatina construção de um empreendimento modelar, que honra a universidade e a comunidade científica brasileira. Tudo isso sabemos e aferimos com prazer em cada uma das seções desta obra, na qual discentes, funcionários, expoentes de diversas especialidades médicas, pesquisadores e administradores de renome, com conhecimento de causa e de cátedra, saborosamente apresentam vários elementos que ornaram essa jornada.

Entretanto, leitores mais rigorosos e propensos à (maldição da) consistência argumentativa poderiam neste ponto se perguntar: o que, afinal, um mero professor de Filosofia da Ciência e editor teria a acrescentar à excelência de um livro já tão bem alicerçado por protagonistas diretamente ligados a questões médicas, da saúde? A questão é perfeitamente pertinente, e, logo após o convite recebido dos organizadores, trouxe-me a desagradável sensação de que a minha participação talvez subtraísse méritos de um volume que, de outra forma, estaria próximo à perfeição editorial. Para mitigar essa sensação — não de todo extinta —, identifiquei algumas razões que talvez justifiquem essa participação “gauche”, esse ponto de vista externo e alheio de um “estrangeiro” admirador, que justifica essa estima com três tipos de razões: pessoais/subjetivas, acadêmicas/institucionais e humanistas.

A primeira delas (razão subjetiva) é estritamente anedótica e pessoal. Ao longo de mais de 30 anos de atividade docente na Unesp, tive o privilégio de travar conhecimento e cultivar amizade com diversos membros da FMB. Representantes da Faculdade de Medicina abrilhantaram por décadas o Conselho Editorial da Fundação Editora da Unesp, sempre de maneira extremamente generosa e competente, e isso fez com que eu passasse a vê-la como fonte renovável de amigos ilustres. Ora, indução regular — ou, diriam alguns, mera superstição — faz-me instintivamente

³ Possui graduação em Economia pela USP (1977), mestrado em Filosofia pela University of Cambridge (1994), mestrado em Lógica e Filosofia da Ciência (1987) e doutorado em Filosofia (2000), ambos pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é diretor-presidente da Fundação Editora da Unesp e professor da Faculdade de Ciências e Filosofia da Unesp, no câmpus de Marília.

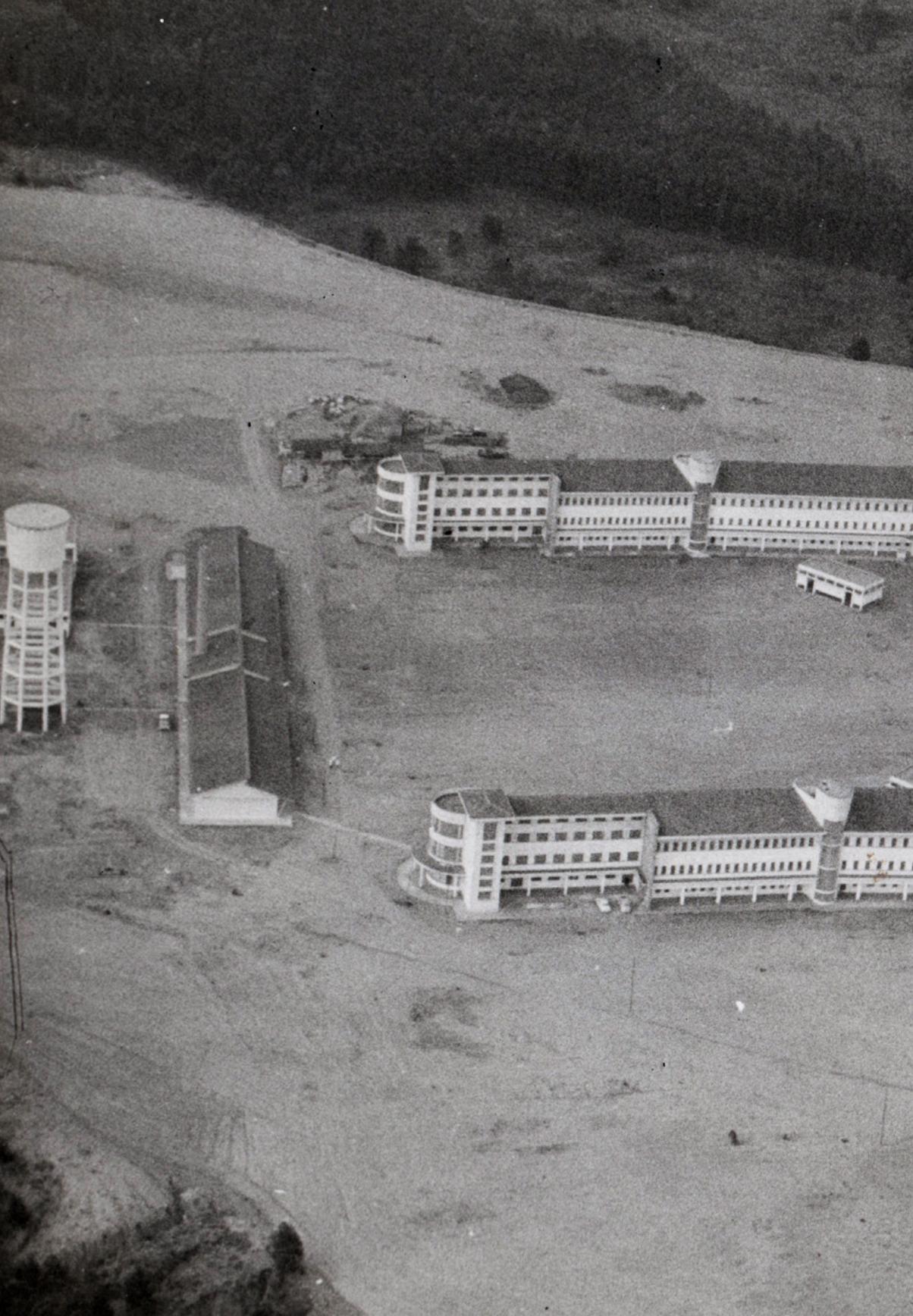
acreditar que uma amostra representativa de pessoas admiráveis evidencia que todo o conjunto de onde elas provêm é igualmente admirável.

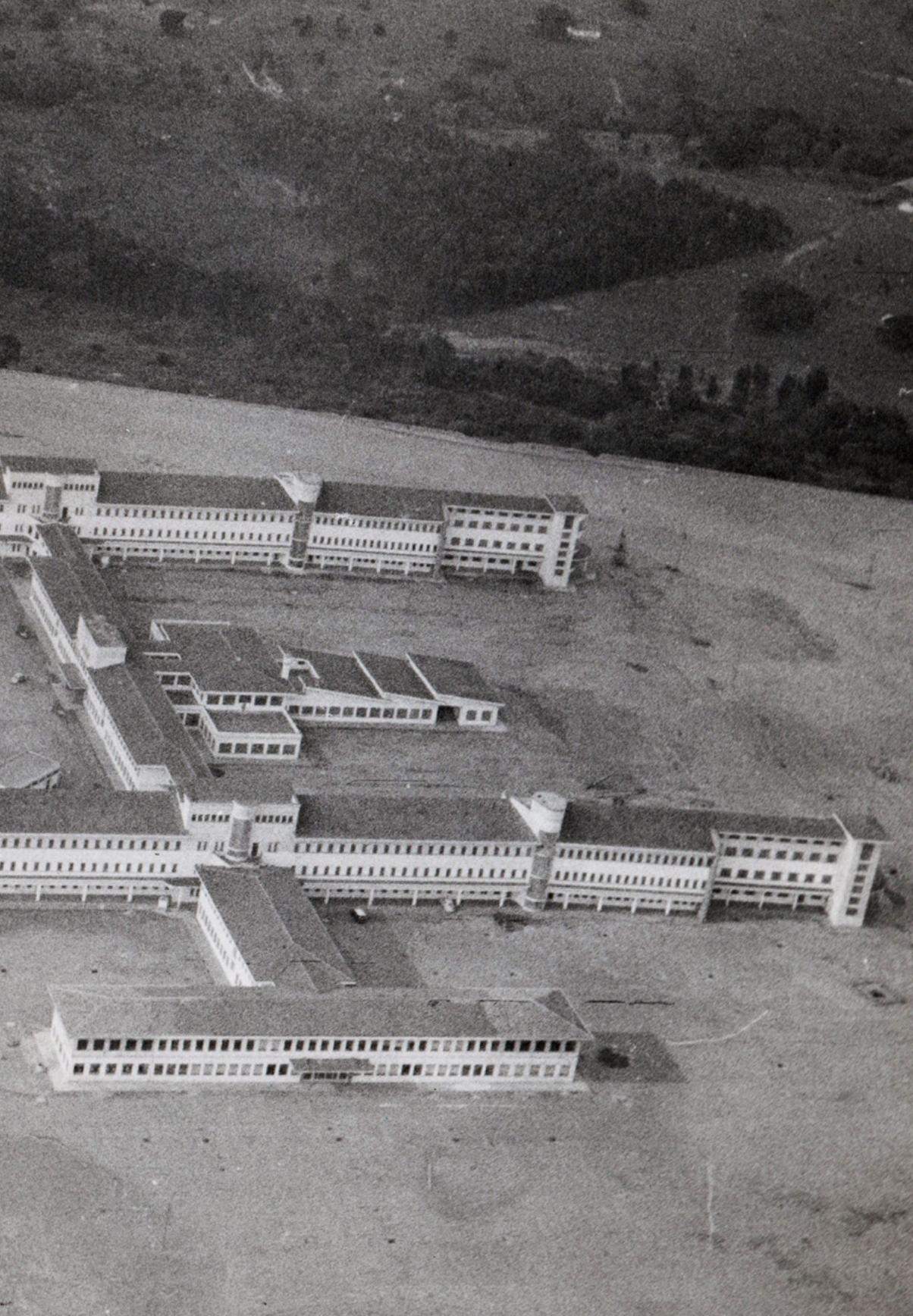
Mas a essa proximidade afetiva agregam-se outros elementos, certamente mais objetivos. Cabe salientar, nesse contexto, um ponto caro a membros leigos da sociedade civil: universidades tradicionalmente padecem de um crônico distanciamento da sociedade que as criou e as financia. E, não por acaso, isso acarreta tensão, por vezes bem desgastante, entre a academia e outras corporações ou agentes sociais e políticos. A FMB, não bastasse seu caráter exemplar de excelência, também sob esse aspecto robustece a posição da universidade (razões acadêmicas/institucionais): direta ou indiretamente, suas realizações se refletem sobre a saúde da população, protegendo-a, fortalecendo-a ou mitigando seus sofrimentos. E, dessa forma, a FMB expõe vigorosamente uma das contrapartidas mais evidentes para os recursos que sociedade e governos destinam à universidade.

No entanto, muito além de meramente fortalecer essa instituição contra seus detratores, integrando-a à sociedade, as características ações da Faculdade de Medicina merecem louvor por parte de todos aqueles que simpatizam com alguns dos mais clássicos ideais éticos (razões humanistas): a solidariedade frente ao sofrimento humano, físico ou mental, tem sido, desde sempre, um dos traços constantes em contribuições icônicas da Ética, dos gregos a Rousseau, Kant, Bertrand Russell e Fritz Jahr. Mas é desnecessário ter como base os grandes pensadores. Basta que tenhamos a sensibilidade mais corriqueira, a decência mais comezinha para valorizar ações que, afinal, auxiliem o ser humano no enfrentamento de suas penas.

Vejo aí a razão mais candente para saudar a FMB, sua trajetória e sua efeméride: seu sucesso não expressa meramente a competência de seus partícipes, mas a vitória de um ideário que transcende os muros da universidade e dignifica o ser humano. Nesse sentido, essa caminhada de 60 anos assume dimensão mais abrangente e heroica e deve ser festejada por todos nós, inclusive por mim, irrelevante admirador da Faculdade de Medicina de Botucatu, que assim me qualifico a louvá-la.

Que todos os envolvidos, passados, presentes e futuros, nessa epopeia multifacetada, recebam o reconhecimento que merecem e o apreço da comunidade em que atuam.







Não tem? Nós fazemos

1ª Turma de Medicina (1968)

Roberto Sogayar⁴

Nota editorial: *os depoimentos, relatos e demais textos deste livro foram todos enviados pelos seus autores, com exceção desta e de outra entrevista que o compõem. Nos dois casos, a preferência pela entrevista se deu a fim de proporcionar relatos mais espontâneos, ricos e diversificados.*

⁴ Formado em Medicina pela FCMBB (1968), desenvolveu suas atividades no Departamento de Parasitologia e é professor emérito do Instituto de Biociências de Botucatu (IBB). Foi pioneiro no esforço de criar um modelo brasileiro de legislação para orientar a conduta ética na pesquisa e atuou como primeiro presidente da Comissão de Ética no Uso de Animais do IBB.

Martha: O senhor é da primeira turma da FCMBB, certo?

Sogayar: Sim.

Martha: Como foi o seu ingresso na Faculdade de Medicina? Como é que o senhor se interessou pelo curso, por que escolheu estudar em Botucatu, como é que foi o vestibular, a chegada à cidade... Como é que foi esse início?

Sogayar: Vamos começar do começo. Eu sou nascido no Paraná, em Ribeirão Claro, divisa com o estado de São Paulo, mas fui criado na capital. Meu irmão Paulo, quase dois anos mais velho do que eu, entrou na Faculdade de Medicina da USP em 1958, e eu terminei o científico em 1961, mas, no primeiro ano em que tentei entrar, não passei. No segundo ano, estudei, e também não consegui passar nos exames em São Paulo. Aí surgiram os cursos em Botucatu e na Unicamp. Isso é resultado de várias coisas. De um lado, houve um aumento da população, do acesso à universidade, mas durante vários anos seguidos estava acontecendo o seguinte: a Faculdade de Medicina tinha 80 vagas, mas 90, 100 alunos tinham nota para passar. Eu lembro que nos chamavam de “os excedentes”. E essa pressão dos excedentes foi aumentando a pressão para abrir novas faculdades. No cursinho, em 1962, nós nos pusemos ajoelhados em frente à Assembleia Legislativa⁵, que era no Parque Dom Pedro, onde hoje é a Estação Ciência, e ficamos lá, ajoelhados, pedindo pela abertura de mais faculdades.

Martha: O senhor fez parte desse movimento?

Sogayar: Sim. Fizemos manifestação na rua, saiu no jornal. Então, foi criada a Unicamp, e o Zeferino Vaz, que era diretor de Ribeirão Preto, um diretor famoso, de sucesso, foi para a Unicamp. Na época, a tuberculose era uma doença endêmica, e a mulher do governador Adhemar de Barros, que era muito sensível a essa causa, pediu para ele fazer quatro hospitais para tuberculose, e um deles foi em Botucatu. O prédio ficou pronto, mas, àquela altura dos acontecimentos, já tinha medicamentos e tecnologias mais eficazes, entendeu? Como a abreuografia, um raio-x portátil que fazia imagens só do pulmão... tudo isso melhorou muito a assistência e a prevenção da doença, então essa exigência do hospital já não era tão grande quanto era antigamente, na época em que ele começou a ser construído. E aí um grupo de idealistas, deputados e advogados começou a trabalhar para criar uma faculdade de Medicina aqui.

⁵ Referência ao Movimento 24 de Maio, iniciado em 1961 por estudantes de cursinho que se organizaram para reivindicar mais faculdades de Medicina no estado de São Paulo. Para saber mais sobre o movimento, consulte o livro *Movimento 24 de Maio: A Luta Estudantil pela Ampliação das Faculdades de Medicina*, disponível na biblioteca do câmpus da Unesp de Rubião Júnior em Botucatu.

O prédio do hospital estava pronto, e, em 1962, acho, teve um congresso intermunicipalista e um movimento político; o prefeito daqui se envolveu, e, naquele arranque final, foi criada a Faculdade de Medicina em Botucatu. No outro lado da história, na USP, havia uma série de professores preocupados com o ensino e que não estavam satisfeitos com o rumo da Faculdade de Medicina da USP, então eles formataram o que seria o futuro curso aqui da FCMBB, por isso o nosso curso aqui começou com um molde completamente diferente. Por exemplo, na carreira universitária, foi extinta a cadeira de catedrático, que era perene. O cara estava eleito e nunca mais saía dessa cadeira. Isso acabou, só podia ter um catedrático por disciplina; então, se o cara fosse bom, ótimo, se não fosse, azar da turma, tinha que pôr o nome do catedrático no trabalho de todo mundo, entendeu? E, às vezes, o cara era um picareta, não fazia nada.

Então, na nova estrutura aqui, foi criada a figura do professor titular. Nós antecedemos a Reforma Universitária, que acabava com o professor catedrático. E um departamento podia ter mais de um professor titular devidamente concursado, essa foi uma das grandes inovações de Botucatu.

Martha: Essa questão do ensino integrado também tem a ver com a reforma, certo?

Sogayar: Sim.

Martha: Isso foi um diferencial no ensino da Medicina em Botucatu? O que isso traz de diferença para o jovem, o estudante, o futuro médico?

Sogayar: Bom, então, eu vou fazer um parêntese aqui: Botucatu e a Pedagogia. O professor Montenegro, de São Paulo, foi o único que veio e ficou em Botucatu, ele foi o responsável por montar todas essas disciplinas iniciais de Anatomia, Psicologia, ele foi atrás dos docentes. Por exemplo, ele foi buscar um otorrino lá em Porto Alegre para ser o professor de Anatomia [Nicanor Letti]. Quando se criou a faculdade, nós tínhamos uma grande preocupação de didática de ensino, sabe? Isso foi uma constante aqui, foram anos de reuniões para ver qual era a melhor maneira de ensino, e foram feitas várias tentativas.

Outra coisa que também foi um ponto principal por aqui: professor em tempo integral. Porque não tinha isso. O professor vinha dar aula e ia embora. Aqui, não. Aqui ele ficava. Nós tivemos 93% dos professores em tempo integral, e isso faz muita diferença. Você precisa de um professor, você sabe onde ele está.

Então, a preocupação com o ensino foi um ponto marcante, pois não tínhamos condições de fazer pesquisa, não tínhamos equipamento, nós não tínhamos nada, era muito difícil, então a dedicação ao ensino era muito grande, e a presença junto aos alunos também era muito

importante, a gente dialogava direto, se estava gostando, se não estava gostando, dava sugestões. Fizemos muitos experimentos.

Martha: Nesse momento o senhor já era professor, certo?

Sogayar: Isso, já era professor.

Martha: Mas, voltando, como foi entrar na faculdade? O senhor escolheu Medicina por quê? Foi influenciado pelo seu irmão? Como é que foi essa escolha?

Sogayar: Sim, naquele ano eu tinha feito quase todos os vestibulares possíveis para Medicina. Pinheiros, Paulista, Sorocaba... Aí surgiram as opções de Campinas e Botucatu, e meu irmão falou: “Vamos para Botucatu”. Ele pediu para um cara dar plantão no lugar dele no Hospital das Clínicas e me trouxe até aqui. Isso é folclórico, mas foi real: a inscrição ia até 18h, nós chegamos aqui faltando 10 minutos, mas já tinham fechado as inscrições.

Martha: E aí?

Sogayar: Meu irmão falou: “Faz favor de olhar o relógio aí”. “Sim, o senhor tem razão”, respondeu Montenegro (o meu irmão tinha sido aluno dele).

Martha: Era o Montenegro que estava recebendo as inscrições?

Sogayar: Sim, ele que era o chefe da banda de cá. Meu irmão falou assim: “O senhor faça um adendo aí na ata para constar que vai ter mais um candidato”. Minha inscrição foi a de número 888. O primeiro edital daqui dizia o seguinte: algumas disciplinas comuns, por exemplo, Estatística, Bioquímica e tal, tinham 140 vagas; Anatomia Humana tinha 60 vagas; Anatomia Veterinária, 40; e Citologia, 20 ou 30. Só que dizia o seguinte: quem não passasse em uma disciplina no primeiro ano podia se inscrever no ano seguinte, e as vagas restantes iriam para vestibular. Mas eu pensei: “Eu vou nessa, se eu não passar este ano, ano que vem estou inscrito e acabou.” E foi o que aconteceu. Entrei em 1963, na primeira turma, só que de Veterinária. Aí, em agosto, fui pra Medicina. Mas, na época, era tudo junto.

Martha: E como era ser da primeira turma? Porque, normalmente, ela estreia tudo, professor, aluno, lugar, república...

Sogayar: Tudo, tudo, tudo. É interessante, a minha turma era muito heterogênea e homogênea ao mesmo tempo, sabe? Éramos oitenta pessoas, e todos meio malucos. Para exemplificar: nós morávamos todos aqui na cidade, e tinha um ônibus que nos levava pra faculdade. Iam dois ônibus, e um ficava lá, porque não tinha passageiro de volta, então só no final da tarde tinha um para trazer os alunos de volta. E um

dia, uma menina, que era da república ao lado da minha, simplesmente roubou o ônibus! E, quando nós estávamos voltando para a cidade, ela trombou com o ônibus que estava indo buscar os alunos.

Martha: Um ônibus com outro ônibus?

Sogayar: Sim.

Martha: E ela dirigindo?

Sogayar: E ela dirigindo.

Baga: Dessa turma de oitenta pessoas, quantas eram mulheres?

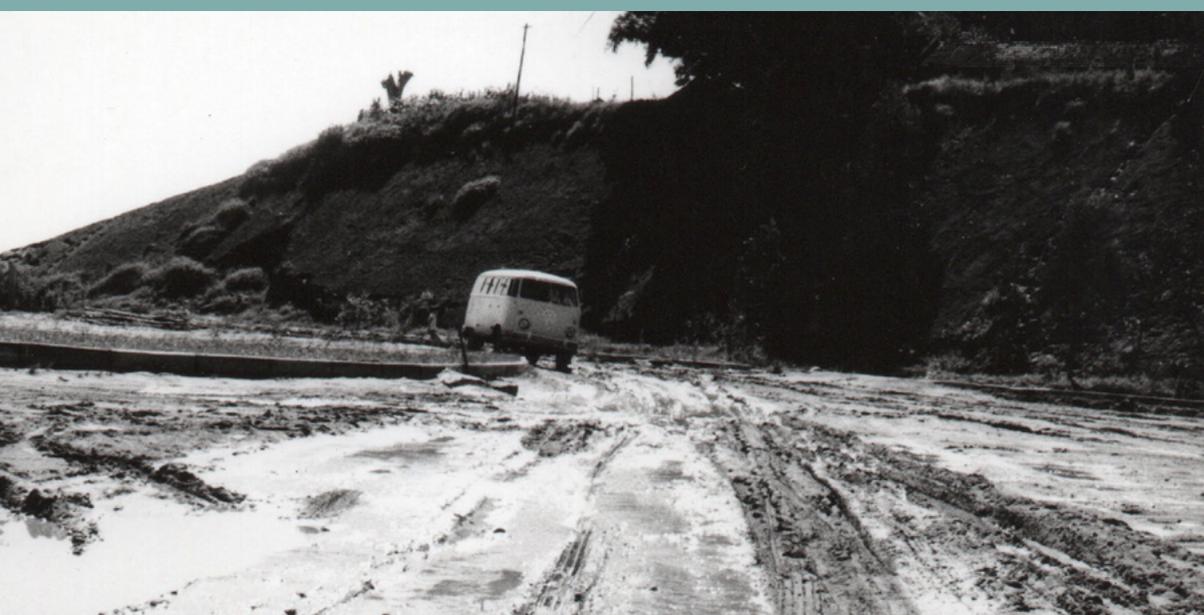
Sogayar: Acho que oito ou nove. A turma acordava de manhã, e a primeira coisa que pensava era: “O que nós vamos aprontar hoje?”. Porque aqui não tinha nada, não tinha barreira, entendeu? Ninguém conhecia ninguém.

Baga: Não tinha barreira, mas tinha barreiro, não é?

Sogayar: Barreiro tinha muito. Nossa senhora! Não tinha asfalto, não tinha nada, a estrada era dentro do mato, porque era a estrada de saída para São Manoel. De lá, pegava uma estradinha, e tinha um cidadão que era funcionário da prefeitura (a gente chamou ele de Zé Pãozinho). Ele ficava lá o dia inteiro, todos os dias, tirando terra, arrumando as areias da estrada, mas, quando chovia, juntavam uns lameiros, e só jipe passava por lá.

Martha: Nada nem ninguém mais chegava?

Sogayar: Não chegava. Mas era tudo novidade, então a gente ia na garupa de caminhão, ia até de carroça para a faculdade.



Martha: E vocês tinham aula o dia inteiro?

Sogayar: Não. Como eu falei para você, a gente não tinha um esquema definido, porque não tinha muito professor. Tinha o Montenegro, o professor Walter Maurício Corrêa, a doutora Glézia Arli, a doutora Edy [de Lello Montenegro] e o Letti, um professor fantástico.

Martha: Ele era muito jovem, não era?

Sogayar: Bastante. Mas era um anatomista de mão cheia. Se você visse o jeito dele de dissecar... Ele era um artista, sabe? Era uma coisa impressionante.

Martha: O senhor assistiu à primeira aula dele?

Sogayar: Assisti.

Martha: E o que teve de diferente?

Sogayar: Bom, estavam todos os professores catedráticos da USP aqui. Os principais, pelo menos, porque o João Alves Meira, que era pai do Meira, foi o primeiro diretor oficial daqui. Mas ele veio para uma aula inaugural e não voltou mais. Quem fazia o papel de diretor era o Montenegro. E o Letti desancou os catedráticos, à queima-roupa. E, com os alunos ali, eles tiveram que engolir.

No primeiro ano, nós tivemos aula de Anatomia em cima de caixotes de bacalhau. Porque não tinha onde colocar as coisas, entendeu? Aí, no ano seguinte, nos deram uma bancada de inox. O Letti era um cara extremamente realizador. Sem ter nada, ele fez os modelos neurológicos, pegou chapa de MDF, cortou em vários níveis da coluna vertebral, passava os fios indicando os diversos neurônios, tinha até luzinha em cima. Você seccionava um fio aqui, ligava a luzinha e tal, pois era para você aprender anatomia, entendeu? Ele era um cara genial, e muito próximo dos alunos.

Martha: Quantos anos ele tinha?

Sogayar: Ele já era casado, mas era muito jovem, devia ter uns 30 anos. Tem até um episódio interessante. A rivalidade com os meninos da cidade era enorme, porque as meninas largaram os namorados e foram atrás dos alunos da Medicina. Por exemplo, o estudante que morava na Vila Maria não podia andar sozinho, pois a turma do bairro cercava o cara e dava um cacete nele. Então, o clima de rivalidade começou a ficar terrível e ficou tão grande que nós marcamos um encontro na rua Amando, em frente ao Café do Ponto, com a turma toda, e inclusive com lista de chamada, para brigar com a turma da cidade.

Martha: Mas vocês foram?

Sogayar: Claro que nós fomos. Aí um cara lá chamou o delegado, ele era gente boa, supercompreensivo, muito legal mesmo. Aí ele falou: “Não, calma, vamos fazer as pazes!”. A partir daí, a coisa se acalmou. Fomos lá para enfrentar, mas não teve briga, não chegamos às vias de fato, foi quase. Depois disso tudo ficou tranquilo, não teve mais problema.

Martha: E por que o Letti foi embora tão depressa? Ele deu aula por quanto tempo, dois anos?

Sogayar: Isso mesmo. Acho que foi problema familiar, viu? Ele era cirurgião otorrino, e aqui não ganhava nada, aqui era uma miséria, não tinha dinheiro para pagamento, um mês vinha dia 10, outro vinha dia 30, outro não vinha nada... Era uma zona aqui. Tudo estava em construção ainda. O que valia era a USP, na USP tinha tudo, nós não tínhamos nada aqui, era muito difícil. Quem veio para cá dar aula foram uns heróis, era quase uma questão ideológica, de princípios, mesmo.

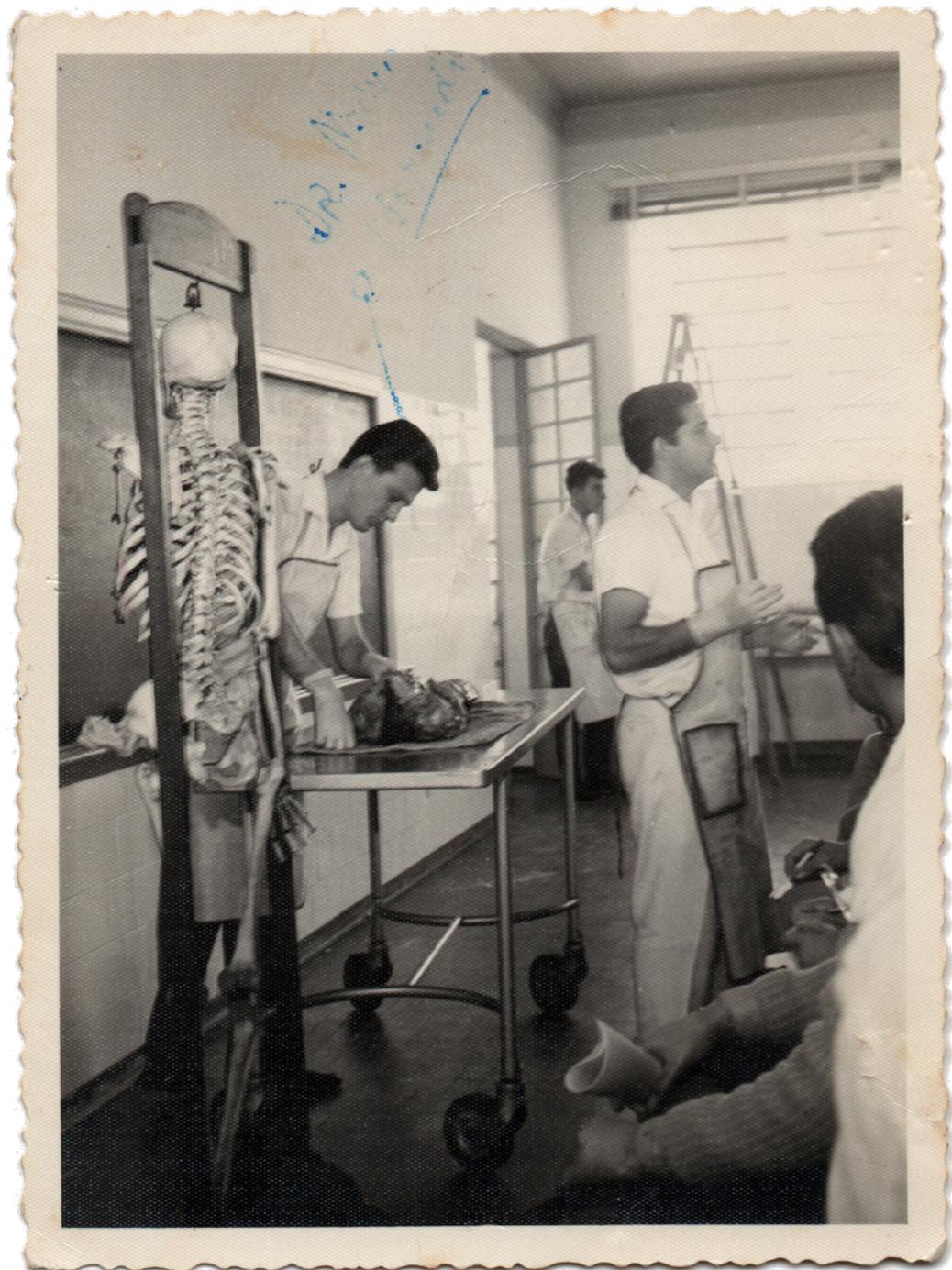
No primeiro e no segundo ano, as cadeiras eram básicas. No terceiro começou a cadeira aplicada, então precisavam vir uns médicos. O Dr. Saad veio de São Paulo com a equipe dele, incluindo o [José Carlos Souza] Trindade e o Luigi [Armando Paolo Vercesi]. Ele dava a parte cirúrgica, e a parte de Clínica Médica era o professor José Dutra de Oliveira, que, antes de vir para Botucatu, publicou um trabalho de como seria o curso de Aplicação aqui na cidade. Ele falava que o ensino era aprendizado ativo. Então, você tem aula na segunda-feira, vai aprender epidemiologia pulmonar e vai estudar da página tal até a página tal, e nós, um professor e dez alunos, íamos à enfermaria para pegar os banquinhos.

A turma de oitenta estudantes foi subdividida em duas turmas de quarenta, turma A e turma B, e cada turma era dividida em turmas de dez, já que havia quatro professores. Ia rotacionando. Aí chegava a hora da aula, na enfermaria, e o professor perguntava: “O que é tal coisa?”; “É isso, isso e isso”; “Fulano, o que você acha? E você, Fulana, o que acha?”. Quem desse a resposta errada podia esperar: no dia seguinte, começava a aula, e ele perguntava de novo a mesma coisa para a pessoa. E o Dutra publicou os critérios de avaliação: assiduidade, pontualidade, respeito ao paciente, respeito ao ambiente... Eram dez itens. Eu não me lembro agora, mas está publicado isso aí.

Martha: Depois de seis anos de curso, você tinha planos de permanecer em Botucatu? Como é que foi?

Sogayar: Não. Quando me formei, estava com três opções. Meu irmão tinha reformado um hospital em São Paulo e me convidou para trabalhar com ele. A segunda opção foi com o professor Saad: a Santa Casa não tinha médico de plantão, então o plantão era na faculdade, e eu tive a oportunidade de operar muitas vezes com o Saad, que me convidou para trabalhar com ele. Mas, desde o 3º ano, comecei a fazer monitoria de Parasitologia. Eu conto brincando que a primeira latinha

de exame de fezes que eu abri está até hoje na minha casa. Eu me casei com aquela merda, fui monitor no 4º, 5º e 6º ano, então, quando me formei, me convidaram para ficar por lá.



Apresentei meus papéis em janeiro, meu contrato saiu quase um ano depois, em 25 de dezembro, só que eu tinha me casado no começo do quinto ano e já tinha uma filha, precisava viver. Então, o Dr. Jairo me arrumou para ser médico do posto de saúde em Pardinho e em Bofete; eu ia uma vez por semana em cada cidade. Quando tinha cirurgia, ele me chamava, o Dr. Jorginho e o Dr. Saad também, então acabei circulando com os médicos até sair meu contrato na faculdade, em Parasitologia. Aí eu parei.

Martha: Como é que ter vivido tudo isso influenciou a sua vida profissional, enquanto médico, e pessoal também? Ter participado dessa primeira turma, nesse lugar que não tinha nada, como isso influenciou?

Sogayar: Nós criamos um mote: “Não tem? Nós fazemos.” É uma coisa impressionante. Por exemplo, não tinha um lugar para jogar futebol, e Sérgio Marun, presidente do Centro Acadêmico, era da minha república. Um dia, nós vimos um monte de pedra em frente ao hospital que o Departamento de Estradas de Rodagem (DER) deixou lá — acho que, futuramente, iam asfaltar alguma coisa —, e o Marun foi pedir aquelas pedras para o DER, e eles nos deram. O prefeito (Joaquim Amaral Amando de Barros) tinha uma loja de material de construção no Centro, então o Sérgio foi lá conversar com ele e ganhou 50 sacos de cimento, além de dois funcionários emprestados da prefeitura. Então, às seis horas da manhã, eu e o Marun íamos ao depósito municipal, onde hoje é o Corpo de Bombeiros, pegávamos os dois peões e os levávamos até Rubião para fazer uma quadra de futebol de salão. E assim fizemos a quadra.

Martha: E o que mais vocês fizeram, além de abrir cadáveres sobre caixas de bacalhau?

Sogayar: Bom... nós íamos caçar animais pra dissecar. Sapo? Catávamos umas garrafas de pinga e íamos ao brejo para pegar alguns. No dia seguinte, tinha sapo lá para dar aula, entendeu? Outro exemplo: tinha uma aula de Fisiologia para determinar o volume de sangue no corpo. Precisava de uma droga que não tinha aqui. Como meu irmão estava na Faculdade de Medicina em São Paulo, eu fui para lá, bati de porta em porta, do primeiro ao décimo andar, e trouxe um vidrinho de azul de Evans para termos uma aula de volemia. Então, o negócio era assim, na raça mesmo.

Martha: E como é que isso influenciou o seu trabalho e a sua vida em geral? Deve ter influenciado...

Sogayar: Totalmente. Eu não tenho limite, o que preciso fazer, eu vou fazer, com a maior dificuldade, mas vamos. Não deu certo? Vamos fazer de novo. Foi uma lição de vida. E conhecer pessoas foi a coisa mais fantástica do mundo que eu já vivi aqui em Botucatu.



Veio gente de tudo quanto é lugar do estado, ninguém conhecia nada, a gente não se conhecia. O interessante no vestibular daqui é que as escolas se mobilizaram para sair procurando residência para abrigar os alunos que vinham fazer a prova. Todo mundo morria de medo daqui, queriam ficar longe de Botucatu.

Martha: Você entrou em 1963, então, quando teve a Operação Andarilho, você estava quase se formando. Como foi esse fato?

Sogayar: Bom, desde o começo, os caras de São Paulo diziam que o hospital ia funcionar no semestre seguinte. Mas o semestre seguinte chegou, e nada. Nada, nada e greve, greve, e vai para São Paulo, e fala com o prefeito, e com o presidente da Câmara, e nada. Um belo dia, fomos a uma assembleia, e um cara falou: “Gente, greve não funciona. Olha quantas greves já fizeram. Vamos fazer diferente, vamos a pé para São Paulo, vamos ficar dando volta no Palácio do Governo”. A ideia foi aclamada, e, uma semana depois, estava organizada a Operação Andarilho, foi coisa de louco. Eu cheguei de lua de mel, e a operação estava começando, tudo muito bem organizado: todo mundo de avental, chapéu e pirulito na mão, reivindicando verbas para o hospital, verbas para a Fazenda Lageado e tal. O que nós fizemos? Saímos de carro, mas, em todas as cidades pelas quais passamos, todo mundo descia, fazia a

travessia da cidade a pé, e o carro já estava esperando na saída. Era a coisa mais maluca que você podia imaginar, ninguém esperava aquele mundaréu de gente atravessando a cidade.

Martha: Quantas pessoas tinha, mais ou menos?

Sogayar: Era a escola inteira: Medicina, Medicina Veterinária, Agronomia, todo mundo... então, dava umas 400 pessoas.

Martha: E o movimento teve apoio de todos, dos professores, dos funcionários?

Sogayar: Teve, sim. Tivemos dois professores, Augusto Cesar Montelli e Dinah Borges de Almeida, que nos deram uma folha em branco assinada pelos dois, pra gente fazer o que quisesse. Quando completamos 25 anos de Operação Andarilho, eu fui o mestre de cerimônia do evento, e, lá pelas tantas, dois alunos da época apareceram com essa folha numa moldura e devolveram para eles. Sandra Roncari, minha amigona, foi lá com um pedregulho e falou: “Este pedregulho é do acampamento da Operação Andarilho, no Ibirapuera; onde este pedregulho estiver estará o espírito da operação”. Olha, gente... já imaginou você dar café da manhã para 400 pessoas, almoço para 400 pessoas, jantar para 400 pessoas?

Martha: E vocês ficaram quanto tempo lá?

Sogayar: Um mês. E outra característica inédita também: não admitimos influência de política nenhuma, nem partidária, nem universitária, nada; nosso movimento era exclusivamente reivindicatório. Fomos até São Paulo para ficar dando voltas em torno do Palácio do Governo, e o governador Abreu Sodré mandou um assessor dele avisar que não ia permitir.

Eu tenho um colega da minha turma, o Macaco, da mesma cidade do Faria Lima, que era o prefeito de São Paulo; ele foi atrás do Faria Lima, que falou: “Pode ir para o Ibirapuera, que eu vou mandar instalar chuveiro elétrico agora, pode ir para lá”. Então, ele abrigou a gente lá no Ibirapuera, ficamos um mês e um pouquinho lá. Tinha uma comissão de fiscalização, uma de ronda, outra para permitir a saída. Ninguém saía sem ordem. Ninguém saiu para o Dia das Mães.

Inicialmente, nós éramos vagabundos, comunistas e tal, e, como não arredávamos o pé, passávamos o dia inteiro rodando o Palácio do Governo, inclusive, à noite. Aí o governador nomeou uma comissão de professores ilustres da universidade para atuar aqui. Eles chegaram e já voltaram para lá: “Governador, os estudantes não têm nada”. Aí ele destituiu o diretor Euclides Onofre Martins e nomeou como diretor o professor José Leal Prado de Carvalho, que era da Escola Paulista de Medicina, e o professor Fernando de Azevedo Corrêa, que era o meu chefe da Parasitologia, como vice-diretor. Aí começou a se estabelecer

mesmo o curso de Medicina. Só que, no segundo ano, em 1968, o governo tinha prometido mais verba. Não mandou. Os alunos fizeram outra ação, a Operação Denúncia, e tomaram a faculdade.

Martha: Nisso o hospital já estava funcionando?

Sogayar: Estava começando a funcionar. Então, se não tivesse a Operação Andarilho, isso aqui já tinha morrido há muito tempo, não tinha condições. E, quando vieram os professores da Aplicação, da Clínica Médica e da Cirúrgica, não tinha contrato, não tinha nada, entendeu? Eles vinham por idealismo, ganhavam uma miséria e já estavam a ponto de largar e ir embora. Aí, em uma conversa com o administrador do hospital, entraram em um acordo que combinava de pagar os professores como médicos, para eles terem um salário, e de criar uma cozinha, pois eles iriam morar no hospital e precisavam ter uma estrutura para cozinhar. Até o Saad — um baita cirurgião, um professor fantástico, foi diretor científico da Fapesp, era um cara de alto nível — veio morar no hospital, ele e toda a tropa.

Martha: O que tinha aqui que fazia as pessoas toparem essas coisas?

Sogayar: Idealismo. O idealismo de uma escola nova, diferente de tudo que vinha sendo feito.



Martha: E era diferente por quê? O que tinha aqui que não tinha nos outros lugares?

Sogayar: Um aspecto humano muito forte, porque o professor chegava aqui, nós íamos fazer visita para ele. Nós roubávamos galinha, porco, carneiro, para fazer aquele baita jantar pra ele, entendeu? Tinha esse contato que você não encontra em lugar nenhum. A turma aqui era idealista. Veio a ditadura, começaram as pressões. Por exemplo, não podia ter o nome de Centro Acadêmico, tinha que mudar para Diretório Acadêmico, mas nós não mudamos. O Caps fazia muita coisa: cultura, esporte, alfabetização de adultos, ambulatório médico — a gente aprontava nessa idade, mas fazia muita coisa. Não tínhamos nada, tirávamos leite de pedra...

Outro exemplo: todo ano, a associação dos docentes promovia a Jornada Científica. Todo mundo mandava publicações, e elas eram impressas em um livro e apresentadas como se fosse um congresso, tudo feito na raça. Os anais da Jornada Científica eram uns calhamaços, com todos os trabalhos de todos os docentes, era um negócio de pessoal idealista mesmo, de autoestima, muito humano.

Martha: O senhor acha que ainda é possível a gente identificar isso na medicina que é ensinada e feita em Botucatu? Pois tem essa questão da medicina humanizada, mas eu quero dizer assim: isso faz o médico formado aqui ser diferente dos outros?

Sogayar: Olha, eu fui aluno, professor, hoje eu sou paciente, e estou vendo essa moçada atender decentemente, de forma honesta, com ética, com respeito. Então, a coisa funciona. A gente insistia muito nisso, pois essa parte humana é fundamental.

Martha: O senhor deu aula durante quantos anos?

Sogayar: Durante 30 anos. Na Medicina, dava aulas para o segundo ano, mas também ensinei na Veterinária e na Biologia. Eu sempre tive um prazer muito grande em dar aula, e os alunos sentem isso aí.

Martha: Pra finalizar: pensando nos alunos e nas alunas que estão entrando na Faculdade de Medicina hoje, aqui em Botucatu, qual mensagem o senhor deixa?

Sogayar: Eu diria o seguinte: independentemente da profissão, os olhos deles têm que se voltar com respeito pelo que está em volta. Tudo: planta, animal, paciente. A natureza é de uma riqueza tão grande que a gente não consegue colocar dentro da nossa cabeça, ela tem uma vida maravilhosa, com uma diversidade, e faz parte da vida. Existe vida sem diversidade? Não. Isso é um aprendizado muito grande. Se conseguíssemos conviver com a diversidade, em todos os níveis, não teríamos guerra. Então, o que é necessário ter é esse olhar de respeito a tudo que está em volta de você, tudo, tudo, tudo. Porque a natureza não admite desperdício.

1

Termo de abertura de matrícula a primeira série dos diversos cursos da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu.

Aos 2 (dois) dias do mês de abril de 1963, às 12 horas, na Secretaria Provisória da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, localizada a Rua Costa Leite nº 882, de ordem do Senhor Diretor Executivo, Professor Dr. João Alves Meira, declaro abertas as matrículas para as primeiras séries dos cursos de Medicina, Medicina Veterinária e Biologia, nos termos da legislação em vigor. Para constar foi lavrado o presente Termo que vai assinado pelo Senhor Diretor Executivo e pelo Secretário.

Botucatu, 2 de abril de 1963

João Alves Meira

Diretor Executivo

Hirandy

- 00001 Bruno Antonini
- 00002 ~~Adelino~~ (Benício Elias Neto)
- 00003 Gabriel Brito Junqueira
- 00004 ~~Goberto Souza~~
- 00005 ~~Lucas Miranda~~
- 00006 Sergio Pellegrini Marun
- 00007 Wanderley de Souza
- 00008 ~~Fredy D. R.~~
- 00009 Sergio Masini Alarcon
- 00010 ~~Luiz Carlos de Almeida~~
- 00011 ~~Alberto Loureiro~~
- 00012 ~~Rui Carlos de Almeida~~
- 00013 ~~Cláudio de Almeida~~



FCMBB: Da improvável criação à consolidação

Valdemar Pereira de Pinho⁶

⁶ Graduado em Medicina pela FCMBB (1971), realizou mestrado e doutorado em Saúde Pública pela USP (1997 e 2003). Professor assistente doutor do Departamento de Saúde Pública da FMB, foi vice-prefeito e secretário municipal de saúde de Botucatu durante dois mandatos (2001-2008).

A FACULDADE DE Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB) foi criada através de negociações políticas. Com tantos municípios maiores, por que criar, no início da década de 1960, uma Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas em Botucatu? Na época com 44.767 habitantes, Botucatu era a 35ª cidade do Estado pelo censo de 1960. Bauru, bem próxima a Botucatu, possuía 93.980 habitantes, sendo a 12ª cidade do estado, e também queria a faculdade no seu município. Mas, provavelmente, seus políticos foram menos hábeis na reivindicação, e Botucatu “ganhou” a FCMBB. O prestígio dos políticos botucatuenses da época junto ao governo do estado e a existência de um grande prédio vazio no Distrito de Rubião Jr., construído para ser hospital para tratamento da tuberculose, viabilizaram a ideia.

No entanto, após criá-la, o estado dava sinais de arrependimento. As obras e os equipamentos necessários para sua implantação e funcionamento demandavam recursos vultosos, que, aparentemente, o governo do estado não estava disposto a investir. Cortes sucessivos nas verbas destinadas inviabilizavam o sonho de sua construção como um Centro Universitário moderno.

As primeiras turmas ingressaram em 1963. Em 1966, a primeira turma dos quatro cursos já tinha concluído o ciclo básico e necessitava de cenários de ensino que a faculdade não tinha. Hospital das Clínicas para a Medicina Humana, Hospital Veterinário para a Medicina Veterinária, Laboratórios para a Biologia e Fazenda Experimental para a Agronomia passaram a ser, então, as metas e bandeiras de mobilização na luta pela liberação das verbas necessárias às suas implantações. Os estudantes, através do Centro Acadêmico Pirajá da Silva (Caps), com apoio dos professores, apresentaram várias propostas ao governo e aos políticos na tentativa de viabilizar os recursos necessários. Ao mesmo tempo, participaram ativamente de um processo de conscientização sobre essas questões junto à população. Isso viria a ser muito importante nas lutas que se seguiram.

O governo do estado não atendia às reivindicações. Verdade ou só especulação, o que se ouvia na época era que a faculdade seria transferida para Bauru, não sendo interessante investir aqui. Em 1967, portanto, foi decidida uma greve por tempo indeterminado, em assembleia geral com grande participação.

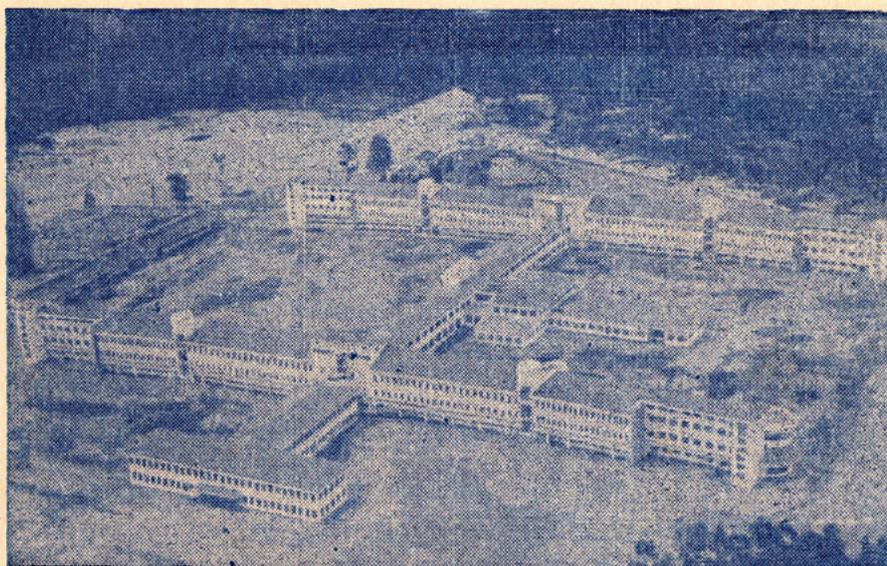
OS FATORES QUE VIABILIZARAM A FCMBB

Sem as lutas estudantis de 1967 e 1968, talvez não existissem as Faculdades da Unesp em Botucatu. A rede de apoio a essas lutas foi fundamental para a implantação definitiva da FCMBB. O movimento estudantil assumiu essa tarefa. A imensa maioria dos estudantes não era originária de Botucatu. Mas, através do Caps, boa parte deles tinha

uma grande integração com a cidade. Isso facilitou a adesão da maioria da população aos movimentos grevistas. Vale lembrar o contexto em que essas lutas se davam: vivíamos em uma ditadura militar, com repressão à oposição e censura à imprensa. O movimento estudantil era visto como inimigo da ditadura, e era mesmo. A repressão aos movimentos que questionavam a ditadura ia desde a intimidação velada até detenções de lideranças sem qualquer respaldo legal.

Paralelamente à crise na FCMBB, havia uma crise entre o clero da Diocese de Botucatu e a hierarquia da Igreja Católica. As causas das duas crises eram distintas, mas houve momentos em que os dois movimentos tiveram influências recíprocas. A crise na diocese foi motivada pela nomeação de um arcebispo conservador pelo Vaticano. A maioria do clero seguia a Teologia da Libertação e rejeitou a indicação, fato inédito em uma estrutura que era rigidamente hierarquizada. O reflexo para a luta pela viabilização da FCMBB foi que as comunidades de base e pastorais da igreja apoiaram o movimento estudantil, aberta ou veladamente. Esse apoio foi importante em vários momentos da luta.

FUTURA «FACULDADE DE MEDICINA» — BOTUCATU



(Divulgação da Prefeitura Municipal)

Em 1967, já decretada a greve, o apoio da população foi importante. Um cinema na região central da cidade foi disponibilizado como “quartel-general” do movimento. Era preciso romper a censura, fazendo chegarem à opinião pública de São Paulo e do país as justas reivindicações. Foi montada a Operação Telegrama, pedindo à população que enviasse telegramas ao governador do estado, pedindo a liberação das verbas necessárias. Essa estratégia teve o apoio de várias pessoas de fora da faculdade e, segundo informações passadas em sigilo por alguém de dentro do palácio, inundou a mesa do governador.

Como as ações do movimento não tiveram resultado, decidiu-se pela Operação Andarilho, movimento ousado e de difícil operacionalização. O Caps organizou toda a operação, desde o estabelecimento do trajeto, qual trecho seria feito a pé ou de carro, locais de parada para lanches, locais de acampamento ao longo da jornada, etc. Para cada uma das atividades foram criadas comissões responsáveis e contou-se com o apoio de vários voluntários de fora da faculdade. Essa rede de apoio foi fundamental durante toda a greve.

As manifestações espontâneas de apoio na estrada, com aplausos vindos dos carros que passavam, nos motivavam a continuar. O fornecimento de tachos de macarronada por um Colégio de Freiras, entregue pelas alunas e freiras, para nos alimentar no acampamento na entrada de São Paulo, foi uma agradável surpresa. No meio da caminhada apareceu um grupo de crianças sozinhas aplaudindo na beira de um barranco. Pouco depois surgiu uma professora da escola, emocionando a todos.

Quando fomos expulsos pela polícia das cercanias do Palácio dos Bandeirantes, onde pretendíamos acampar, o prefeito da capital, o Brigadeiro Faria Lima, autorizou a montagem do acampamento no Parque do Ibirapuera e instalou banheiros. Isso, que não era esperado, aumentou a visibilidade do movimento durante os muitos dias em que ficamos acampados lá. Vários artistas foram até o acampamento para conversar, tocar e cantar, animando a todos.

Um fato pitoresco, que soube por relatos, foi a presença de alguns alunos no programa de TV de maior audiência no Brasil, o da Hebe Camargo. De acordo com o relato, ela teria dito que não poderia permitir a participação no programa, que era ao vivo, devido a complicações que poderia ter com a censura. Mas arrumou ingressos para que alguns alunos entrassem na plateia e, quando eles subiram ao palco, fez cara de muita surpresa, mas permitiu a explanação das justificativas do movimento. Era a greve divulgada em cadeia nacional de TV.

Em 1967, conseguimos liberar todos os recursos previstos e voltamos vitoriosos com aplausos da população diante da marcha do retorno. Mas em 1968 houve nova crise, com corte nas verbas. Iniciou-se novo movimento, dessa vez mais radical, denunciando o governo: Operação Denúncia.

Após algum tempo de greve sem resposta do governo, foi aprovada uma repetição da Operação Andarilho, mas dessa vez os acampamentos aconteceriam em cada cidade no trajeto. O primeiro acampamento ocorreu na Praça do Bosque, em Botucatu, e foi invadido de madrugada por uma tropa de choque vinda de Sorocaba; todos os acampados foram presos. Ficava claro que a repressão iria ser bem mais dura. Após negociações com o delegado de polícia, os estudantes foram libertados e voltaram à Praça do Bosque. Mas apoiadores ficaram observando o quartel e avisaram quando a tropa de choque saiu. Fugindo da polícia, todos se dirigiram ao Seminário São José, onde foram abrigados e protegidos da tropa repressora, interrompida pelo portão do Seminário.

Por muitos dias, o Seminário foi o alojamento e o quartel-general do movimento. A partir dele se realizavam manifestações em vários estabelecimentos de ensino e passeatas em vários pontos da cidade. Numa delas a manifestação foi surpreendida pela polícia e todos se refugiaram na Igreja do Bairro, que foi cercada. Nesse dia chegou ao Seminário um bispo enviado para negociar com o clero a aceitação do arcebispo indicado pelo Vaticano. Após saber do cerco aos manifestantes na igreja, dirigiu-se até lá e transportou todos de volta ao Seminário, frustrando a polícia.

Mais uma vez se montou na cidade um amplo esquema de apoio e fornecimento de alimentos enquanto estivemos lá e depois, quando ocupamos o prédio central da FCMBB, atual Hospital das Clínicas/FMB. Em todos os momentos, a maioria dos docentes foi solidária com as lutas encabeçadas pelos estudantes. Novamente, ao final do movimento, após meses de greve, conseguimos o que foi reivindicado, consolidando de vez a FCMBB.

Sem a luta que os estudantes da época fizeram para conseguir os recursos mínimos necessários para a implantação da faculdade, provavelmente não existiria a FMB e as demais faculdades do câmpus da Unesp em Botucatu.

Várias circunstâncias contribuíram para isso. Mas uma das mais impactantes no ânimo dos grevistas foi a rede de apoio e solidariedade, que nos deu forças em todos os momentos.



FCMBB e Caps: além dos fatos

Walter Aparecido Cover⁷

⁷ Graduado em Agronomia pela FCMBB (1968), Master of Science em Economia Agrícola pela University of Califórnia (1974) e PhD s.t. em Economia Agrícola pela Michigan State University (1978). Atualmente é consultor e conselheiro de empresas, e CEO da WCover Business Solutions.

A FCMBB NASCEU e teve sua infância numa década extremamente conturbada. O Brasil e o mundo estavam em plena ebulição. Guerra Fria, crise dos mísseis em Cuba, primeiro homem no espaço, primeiro homem na Lua, assassinatos de John Kennedy e Martin Luther King, renúncia do presidente Jânio Quadros, golpe militar e subsequente golpe dentro do golpe — o famigerado AI-5. Nasce Brasília, começa a guerra no Vietnã, Guevara é assassinado, iniciam-se barricadas de estudantes e enormes greves por reformas na Europa, estoura o movimento hippie, constrói-se o Muro de Berlim, a primeira mensagem de e-mail é disparada e muito, muito mais acontecia. Eram tempos de questionamentos, de polarização de ideias, de mudanças de comportamento, de busca de liberdade em todos os sentidos. Não por acaso essa época veio a ser conhecida como Anos Rebeldes.

A pequena Botucatu ganhava uma universidade e começava a se acostumar com a ideia de abrigar esse bicho estranho e perturbador chamado estudante universitário. Não somente universitários de Medicina, Biologia e Medicina Veterinária, mas um bicho ainda mais estranho que andava na Rua Amando de Barros de botas e chapéu de caubói, que fazia serenata quase todas as madrugadas, que fazia galinhadas com matéria-prima alheia: os estudantes de Agronomia.

Sendo uma cidade serrana, isolada, a nascente universidade e seus atores contaminaram para sempre a vida pacata dos nativos, para o bem ou para o mal. Ainda era um mundo um tanto ingênuo, sem internet e sem redes sociais. Fora a atividade acadêmica, a vida dos universitários acontecia nas repúblicas, nos bares singelos, nas atividades festivas e culturais do glorioso Centro Acadêmico, o Caps, e, para alguns, em locais, digamos, menos recomendados.

Podem achar que foi apenas natural que uma boa parte dos estudantes e alguns mestres da FCMBB se identificassem e buscassem ser parte dos acontecimentos e do caldo da contracultura e da rebeldia das capitais brasileiras e do mundo afora. Não foi.

A precariedade material dos cursos da FCMBB nos seus primeiros anos e o golpe de 1964 foram tão intensos e impactantes que não permitiram que nada fosse natural. Para enfrentar essas mazelas, desde logo se percebeu que era necessário algum planejamento, organização, resiliência, além de uma boa dose de coragem, utilizando as limitadas ferramentas da época. No âmbito do Caps, planejávamos as assembleias estudantis, listávamos argumentos, escolhíamos quem falava e o que falava, mas, sobretudo, tínhamos que nos preparar para convencer. Manifestos de posicionamento eram redigidos e rodados em mimeógrafos (!) clandestinos, e havia o pessoal das organizações, em particular da Ação Popular, que aportava o componente político-ideológico às práticas,

sempre com o cuidado de não comprometer a inclusão. Tínhamos consciência da importância de convencer e engajar a maioria.

O Caps e seu entorno mais próximo organizava muitas ações, descritas com competência e detalhes em outros textos deste livro. Há quem avalie que as principais dessas ações, a Operação Andarilho e a Operação Denúncia, falharam em obter os objetivos propostos. Não falharam. A trajetória foi superior ao destino. No dia a dia dessas movimentações, houve um enorme crescimento político, cultural e social dos participantes, e isso não tem preço. Entendemos o poder da integração, a noção de que a universidade pode e deve ser um instrumento crítico da sociedade e a ideia de haver um universo a explorar além das reivindicações materiais para a FCMBB. Quem permaneceu nas ações mais contundentes daquela época teve sua trajetória de vida e caráter marcados para sempre.

Outro episódio marcante foi a participação do Caps no Congresso da UNE, em Ibiúna. Tudo já se falou sobre erros e acertos desse evento. O desfecho custou caro para a liderança estudantil. Alguns de nossos colegas da FCMBB foram presos e torturados e sofreram em sua vida profissional. Pessoalmente, estive preso por um bom tempo com lideranças maiores da época, como José Dirceu, Vladimir, Franklin Martins e Luís Travassos. Uma escola política. Fomos processados e passamos por vários carcereiros temidos, como Romeu Tuma e Erasmo Dias, e até hoje me pergunto por que não fomos sequer molestados nas diferentes prisões pelas quais passamos. A ditadura ainda temia uma reação maior dos estudantes nas ruas? O fato de dois de nós termos pais senadores, um deles do partido da ditadura? Não há uma boa resposta.

Como muitos, sobrevivi e tenho grande orgulho de ter sido um dos 20 meninos que conseguiram criar a Faculdade de Agronomia de Botucatu, de ter sido presidente do Caps e presidente do Diretório Central dos Estudantes de Agronomia do Brasil, naquele histórico despertar da FCMBB.



Ano 1

Número 1

Botucatu, Agosto de 1963



Ação social de alfabetização dos estudantes de Botucatu na década de 1960

Antônio Ozzetti Neto⁸

⁸ Formando em Medicina pela FCMBB (1970), possui especializações em Saúde Pública pela USP (1992) e Saúde da Família pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (2004), onde atualmente é médico de família.

EM 1963, BOTUCATU recebe a primeira turma da recém-fundada Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB). Do ponto de vista de infraestrutura material e administrativa e de composição do corpo docente, havia muito o que fazer. Não menos complexa seria a inclusão dos alunos no cotidiano da cidade, não só para os recém-chegados, como também para seus moradores.

Abril de 1964: mal iniciamos as aulas e já fomos surpreendidos com a notícia da deposição do governo democrático de João Goulart. O país estava atônito, e nós, também.

Na assembleia chamada pela direção do Centro Acadêmico Pirajá da Silva (Caps) para analisar a nova situação e tentar ter um posicionamento diante dela, as informações e opiniões eram todas desconhecidas. Faltava-nos bagagem política e tradição de luta universitária para compreender aquele momento.

A formação, o engajamento político e a unidade de luta desse recente coletivo estudantil encontraria um leito comum de expressão na fusão de dois elementos importantes: a luta para equipar a nossa faculdade nas suas necessidades materiais e técnicas (Operação Andarilho, Operação Denúncia, etc.), e a defesa de uma visão modernizadora de ensino, com expectativa de uma formação global, universal e humanitária proposta por mestres como Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira e contrária ao ensino puramente técnico representado no Acordo MEC/Usaid⁹.

Esses eram os dois campos de luta que viriam a estruturar o movimento dos estudantes da FCMBB. Porém, na base dessa vivência universitária, outras preocupações começaram a brotar, e uma delas referia-se às nossas responsabilidades sociais enquanto estudantes que, num país pobre e subdesenvolvido, usufruíam de um ensino público, sustentado por essa sociedade tão precária, tão carente.

Essa reflexão trazia claramente, em sua origem, um movimento de retribuição e de solidariedade. Eram elementos primitivos ou, mais bem caracterizados, elementares, necessários para uma formação política humanística. Algumas iniciativas isoladas, e outras mais organizadas, começaram a existir, como o Movimento de Ação Social dos Universitários Botucatuenses (Masub).

É nesse caldo de cultura, nos bares da vida botucatuense, que surgiu a ideia de tocar numa das chagas sociais mais degradantes no mundo

⁹ N.E.: Implementados no Brasil com a Lei nº 5.540/1968, foram negociados secretamente e só se tornaram públicos em 1966 após intensa pressão política e popular. Foram estabelecidos entre os governos do Brasil e dos EUA para reformar o ensino brasileiro de acordo com padrões impostos pelos estadunidenses. Apesar da ampla discussão anterior sobre a educação, iniciada ainda em 1961, essas reformas foram implantadas pelos militares que tomaram o poder após o Golpe Militar de 1964 (fonte: Wikipedia).

moderno, o analfabetismo. O homem analfabeto era considerado, até por si mesmo, cidadão de segunda classe.

Nós, estudantes universitários, superestimamos essa habilidade técnica de ler e escrever, acreditando que ali estava o caminho para a emancipação dessa camada mais vulnerável da população

De repente, porém, nós nos vimos diante de uma questão levantada na mesa do bar do Caps, por um colega chamado Geraldo Nunes: bastava propiciar noções de saúde e ensinar a ler e escrever para promover a emancipação dessas pessoas?

Essa resposta veio ao conhecermos a experiência dos estudantes de Geologia da USP, com a aplicação do método Paulo Freire, em Ubatuba. Esse método possibilitava o aprendizado da escrita ao mesmo tempo que estimulava a leitura de textos de forma crítica, baseada na vivência concreta das necessidades e adversidades dessa população explorada e oprimida.

Recebemos o curso do Método Paulo Freire, com sua Pedagogia do Oprimido, ministrado pelos colegas de Geologia da USP. Usando esse método, partimos do princípio de que os alfabetizandos não eram cadernos em branco: eles já estavam preenchidos de um rico aporte de conhecimentos, produto de suas vivências. Nosso papel deveria ser o de orientá-los, não só na alfabetização e análise dos textos, mas na interpretação e reflexão dos conhecimentos acumulados em suas vidas.

Entusiasmados com esses conhecimentos e princípios, elaboramos o planejamento da Campanha de Higiene e Alfabetização de Botucatu (Chamb). Juntamente com Nagib Haddad, professor de Estatística do Departamento de Clínica Médica da FCMBB, fizemos uma pesquisa por amostragem para sabermos o índice de analfabetismo nos bairros periféricos da cidade.

Pesquisamos também o universo vocabular dessa população, para daí extrair as palavras que seriam utilizadas por nós para alfabetizá-los. Eram as chamadas “palavras geradoras”, porque, além de serem selecionadas para cobrir toda a variedade fonêmica necessária para a alfabetização, também deveriam cumprir o papel de problematização de situações e realidades a serem debatidas.

Nas reuniões de alfabetização, estimulávamos o debate acerca das condições de vida e das necessidades sentidas dos alfabetizandos, de maneira que pudessem refletir sobre elas e tirassem suas próprias conclusões, de forma coletiva, desenvolvendo o espírito crítico de cada um, sem nenhum tipo de imposição doutrinária e respeitando os conhecimentos acumulados.

Procuramos despertar também discussões sobre temas aparentemente complexos, mas importantes de serem debatidos, como o significado da

transcendentalidade, da historicidade e da cultura, entendendo como cultura tudo aquilo que é produto da intervenção do ser humano na natureza ou na sua própria condição de vida. Por transcendentalidade, entendíamos ser uma propriedade inerente do ser humano de continuar presente no mundo após a sua morte, pela sua produção cultural, material e imaterial; e, por fim, compreendíamos a historicidade como outra característica, própria do ser humano, de apropriar-se do seu passado para viver o presente e planejar o futuro. Com tudo isso em mente, durante dois anos, alfabetizamos moradores dos bairros Tanquinho e Vila Aparecida, em um salão atrás da igreja dessa vila.

Esse método, que ensina o oprimido a escrever, a ler e a entender de forma crítica o que leu, é uma ameaça à classe opressora e à ordem por eles estabelecida. E justamente por isso fomos impedidos de continuar.



Operação Andarilho

Helio Vannucchi¹⁰

¹⁰ Formado em Medicina pela FCMBB (1969), com mestrado e doutorado em Clínica Médica pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (1977 e 1980). Atualmente é professor titular sênior da USP.

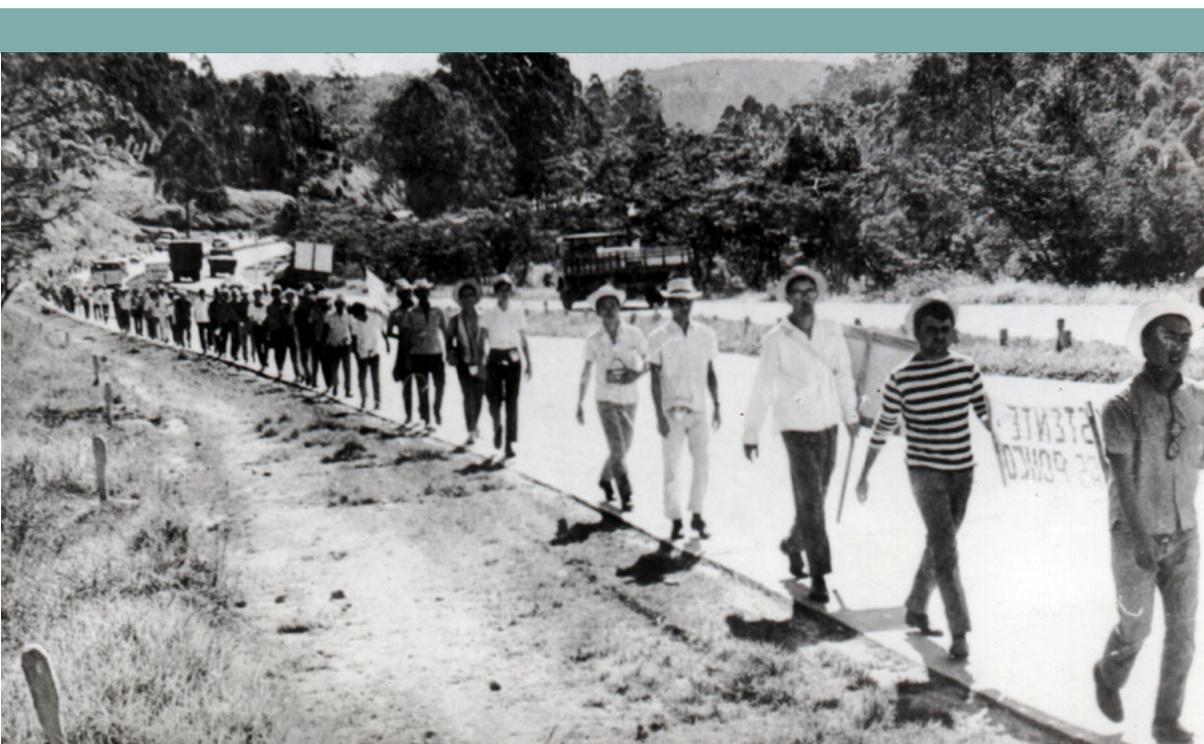
ESCREVO ESTE TEXTO sobre a década de 1960, coisa antiga, coisa do passado. Será? Entre 1963 e 1969, eu era estudante de Medicina. Iniciava meu treinamento para exercer uma atividade profissional das mais dignas e respeitadas. Será?

Naquele momento, a FCMBB também iniciava as atividades como instituição de ensino superior nas áreas de Medicina, Medicina Veterinária, Ciências Biológicas e, na sequência, Agronomia. Os meandros da história eram conhecidos e comemorados por uma comunidade heterogênea na sua análise, com um alcance humanitário e vivência política. Ao mesmo tempo, iniciava-se um período sombrio no país, uma ditadura civil-militar atroz, com consequências que persistem na atualidade. O sonho de liberdade fora interrompido

Gostaria de que este relato servisse de lembrete para os incautos, distraídos ou não instruídos, para os mal-intencionados, que agora vivem em fantasiosa harmonia com a rotina profissional, cultural, e assim manifestam o apego a determinados setores improdutivos que a vida pode nos impor.

Reacendo a memória para convocar a comunidade universitária a visitar os ímpetus de luta pela liberdade. Construir um padrão de conduta como pagamento desse trabalho gigante do qual participaram tantos e tão brilhantes cidadãos e cidadãs. Estão convocados a empregar uma visão crítica e humanitária. O exercício de toda e qualquer profissão deve ser maior que os anseios pessoais de posição social.

Mas vamos à história.





Foi decidido, em assembleia conjunta dos quatro cursos, marchar cerca de 256 km de Botucatu até São Paulo, pela via Mal. Rondon, passando e panfletando as cidades de Conchas, Laranjal Paulista, Tietê e Itu, até o trevo de Jundiáí, e depois pela Anhanguera, em direção ao Palácio Bandeirantes, onde o governador Abreu Sodré nos aguardava.

Éramos 527 colegas de todos os cursos. A imprensa noticiava tudo e nos acompanhou. Era um movimento reivindicatório, porque assim optou a maioria do corpo discente. O que nos interessava? Despertar as autoridades para o descaso com a educação, em particular a criação de quatro cursos, entre eles o de Medicina, sem a mínima estrutura. Somente os desbravadores, os sonhadores e um enorme prédio inacabado de um hospital para tuberculosos.

Uma comissão de alunos ficou em Botucatu para receber o triunvirato de expoentes universitários, que iria monitorar a faculdade. Era o “gabinete de crise”, com os professores Alberto Carvalho da Silva, Eurípedes Malavolta e Jairo Ramos como representantes da Medicina.

O interessante é que alunos de todos os cursos participavam dos encontros. Um professor, ícone da Medicina da época, entre surpreso e boquiaberto, não entendeu quando um estudante disse que representava a Agronomia. Já a representante da Medicina ganhou o título de maleducada, porém inteligente, o que, felizmente, lhe valeu posteriormente a defesa no processo instaurado na Auditoria Militar.

Na via Anhanguera, acampamos no trevo de entrada para Jundiaí; depois, no km 13, na entrada da Lapa, sempre manifestando o descaso existente com a educação, que deveria ser objeto de políticas públicas estaduais. Ao entrarmos em São Paulo, fomos recebidos pela imprensa e pelo governo do estado, com a divulgação de mentiras sobre a liberação de verbas, prontamente rebatidas pela coordenação do movimento. Seguimos com uma tentativa de acampamento próximo ao Palácio Bandeirantes, no Morumbi, proibida pelo governador Abreu Sodré, eleito indiretamente pela Assembleia Legislativa de São Paulo durante o período do governo militar e membro da Arena (partido político que dava sustentação à ditadura civil-militar brasileira).

Em seguida, recebemos do então prefeito de São Paulo, o engenheiro Faria Lima, eleito pelo partido Movimento Trabalhista Renovador (MTR) em 1959, um convite para que acampássemos no Parque Ibirapuera, onde ele mandou providenciar condições de infraestrutura como água, banheiros e iluminação. Obviamente, existia uma querela política entre o prefeito e o governador.

No parque, permanecemos em assembleia geral permanente. Organizados em comissões e dormindo em barracas, somente saíamos do acampamento em grupos, que ficavam caminhando com os cartazes em frente ao Palácio Bandeirantes, ou para encontros e reuniões que visavam à verificação da liberação de material, dito como entregues, para agilização de contratação do corpo docente dos quatro cursos.

A comissão coordenadora promovia reuniões para discutir, de maneira mais aprofundada, o andamento da Operação, as implicações políticas e o planejamento para as próximas etapas. Mantínhamos contato com organizações estudantis, naquela época muito atuantes: a União Estadual de Estudantes (UEE) e a União Nacional de Estudantes (UNE). Deveríamos, com isso, examinar nossa condição privilegiada e o compromisso social que nos caberia.

Depois de 30 dias, o acampamento foi desfeito sob a égide de documentos oficiais, mostrando a liberação de equipamentos hospitalares e as promessas dos quatro cursos da FCMBB, organizados e atuantes. Dessa forma, acreditávamos estar próximos da vitória.

Ledo engano! Outras batalhas haviam de ser lutadas — algumas delas, ainda hoje em curso...

OPERAÇÃO ANDARILHO CHEGA HOJE EM JUNDIAÍ

Cerca de 400 alunos da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, que realizam a Operação Andarilho, deverão chegar hoje, às 18 horas, em Jundiaí.



Operação Denúncia

Maria Terezinha Infantsi Vannucchi¹¹

¹¹ Formada em Medicina pela FCMBB (1970) e doutora em Nefrologia pela University of California, San Francisco (EUA, 1981). No presente, atua na área de nefrologia, em Ribeirão Preto/SP.

A OPERAÇÃO DENÚNCIA surgiu das cinzas da Operação Andarilho e da mentira impetrada pela ditadura. Nada do prometido foi cumprido. É estupidez acreditar em quem toma o poder e governa pela força. Éramos “pedras nos sapatos”, ou melhor, nas botas, dos interventores estaduais. Assim, os que lutavam e pensavam precisavam ser destruídos, extirpados, para que a truculência avançasse.

O estudante consciente percebe o ardil, reconhece o inimigo e, assim, luta. Nós acreditávamos nessas premissas, fáceis de diagnosticar; precisávamos apenas estabelecer o método de ação: deveriam ser denunciados. Só isso.

Era o movimento estudantil, em outras bases, em mentes conscientes. Exercer a resiliência, porque resistência e organização já tínhamos. Os estudantes evoluíram, impulsionados por muitos mestres e pela comunidade.

Está perpetuada a lição: exigir os direitos que se iniciam no cumprimento dos deveres. Método: organizar. Para cada “não”, avaliar, estudar e propor a solução para o “sim”. Aprender a ouvir e a exigir que fôssemos ouvidos, não nos palanques, mas no dia a dia. Mudar não é perder, é vencer.

Teríamos que, através da mídia, pressionar por um posicionamento firme, não como crédulos lacaios do poder. Nós nos organizamos e sabíamos que poderíamos contar com parte da população e com grande parcela dos docentes. Sabíamos, inclusive, dos “dedos-duros”.

Acampamos na Praça do Bosque e contávamos, de antemão, com os padres que nos acolheriam no Seminário. Sabíamos que sairíamos apenas à força, por isso deveríamos ter testemunhas. Tudo aconteceria na calada da noite. Era como a ditadura agia. Na noite silenciosa, a escuridão é cúmplice.

A coordenação do movimento era desconhecida, essa era a palavra de ordem. Não havia líderes. A polícia cercou o acampamento e deteve o presidente do Centro Acadêmico, eu sabia que seria a próxima. Porém, tinha o tempo necessário para mostrar organização e segurança. “Sigam *juntos*, temos para onde ir”, e todos seguiram para a cadeia pública. Os docentes foram comunicados e também se dirigiram para o local. Não havia espaço para todos. Seríamos somente “fichados”. A união nos faz fortes; em nenhum momento temi por minha integridade. Essa sensação do *poder* nos acompanhou durante todo o período da ditadura. Importante é não estar só. Talvez por isso nos tratássemos de companheiros, o que persiste até hoje.

Em seguida, caminhamos pela madrugada, juntos em passeata, para o Seminário. Dois grandes dormitórios, um masculino e um feminino, nos aguardavam. Os colegas do “abastecimento” se encarregavam das

refeições. Saídas diárias, em grupos pequenos, para panfletagem, inclusive nos trens da região, mantinham a população e a imprensa informada, o que nos deixava mais seguros. Vários companheiros foram presos e alguns levados para o Dops. Saíamos pelos fundos do prédio, por uma trilha que nos levava aos carros, eu ia deitada no chão de um Fusca. Íamos para a faculdade para acompanhar o avanço das negociações, as verbas, a chegada de insumos e as contratações.

A repressão invadiu a sede administrativa do Caps, no prédio do Mercado Municipal, sequestrou todos os nossos documentos e equipamentos e passou a produzir panfletos contra o nosso movimento. Iniciaram-se dois processos na auditoria militar, um para o grupo considerado liderança e o outro para toda a diretoria do Caps. Depois de certo tempo, perdia o sentido permanecermos no Seminário, pois, dessa forma, perdíamos também a força da pressão.

Foi decidido em assembleia: tomaríamos a faculdade. Nossa escola, nossa casa. Nos organizamos mais uma vez e acampamos nos anfiteatros. Fazíamos assembleias diárias, às vezes duas ao dia, para que todos acompanhassem o desenrolar e o avançar do movimento. A estratégia era sermos todos atuantes e cientes.

Somente entrava no câmpus quem a segurança liberava. Naquela época, o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) invadia, incendiava e quebrava, mutilava e estuprava. Eram assassinos sob a tutela do Estado.



Cuidadosa e estrategicamente tudo se organizava. Líderes não eram entrevistados. No país, as prisões e a tortura eram conhecidas e reconhecidas; de início, lideranças do campo; na sequência, políticos de esquerda, religiosos e membros da universidade. Manifestações isoladas não eram permitidas.

O tempo passou. A tarefa não terminava, mesmo porque carregava o peso das armas, dos interesses escusos e do ódio. A nossa tarefa era provar que a união, aliada ao ideal, nos salvaguardaria. E assim foi. O maior ônus foi do padre José Eduardo Augusti, do Geraldo Nunes e do Norberto Marcondes, presos no início do movimento. A população nos mandava alimentos e poesias. Os detentos da cadeia pública nos presentearam com artesanato, foi incrível vivenciar isso!

Por fim, vimos chegar parte do que tornaria a FCMBB viável. Sem festas, ou alarde, retornamos. Pelo caminho, o ônus e o bônus. Se hoje não houvesse a grande universidade que a FCMBB passou a compor, somente pelo que relembro, já teria valido a pena. Temos o que forjamos.

Tivemos o privilégio de vivenciar uma experiência que nos preparou e nos fez conhecer o mundo desconhecido da elite (da qual éramos representantes) e respeitar aquele que nada tem devido à falta de oportunidades. A geração FCMBB aprendeu a olhar, e a isso sou muito grata. Pois, se assim não fosse, não sei como teria sido nossa vida.





A FMB nos estertores da ditadura

Tercio Loureiro Redondo¹²

a Cecília Magaldi
in memoriam

¹² Graduado em Medicina pela FMB (1983), é mestre e doutor em Letras pela USP, onde é professor de literatura alemã. Também atua como tradutor de diversos autores desse idioma.

INICIEI MINHA GRADUAÇÃO na Faculdade de Medicina de Botucatu em 1978. Naquele ano, Ernesto Geisel, o penúltimo ditador do regime empresarial-militar, dispunha ainda de força política para impor seu programa de abertura “lenta, gradual e segura” e garantir que seu escolhido, o general João Batista Figueiredo, viesse a sucedê-lo na Presidência da República, enquanto o estado de São Paulo era entregue aos cuidados de Paulo Salim Maluf.

O roteiro de “distensão”, estabelecido pelo regime, parecia vingar sem maiores tropeços, mas a capacidade do governo para controlar o jogo político começava a ceder diante da agudização de uma crise econômica que por anos se arrastava e assumia proporções alarmantes. A corrosão salarial, a inflação e o desemprego resultaram numa inaudita aceleração do processo de favelização das cidades e no agravamento de inúmeras chagas sociais, entre elas a subnutrição de amplas parcelas da população, altas taxas de analfabetismo, precária assistência à saúde e superexploração do trabalho, que, por vezes, realizava-se em condições análogas às de escravidão, como se podia observar num município vizinho a Botucatu, onde se achavam lenhadores, esfomeados e doentes trancafiados num gigantesco eucaliptal destinado à produção de celulose.

Esse mundo de contradições não tardou a cruzar o caminho de minha formação, cabendo destacar aqui o papel exercido pelo movimento estudantil. O Centro Acadêmico Pirajá da Silva (Caps) singularizou-se na época por uma condição de diversidade que, em meu modo de ver, foi crucial para seu êxito nas diversas lutas em que se empenhou. Contrariamente à experiência da maioria das outras associações estudantis país afora, ele congregava o estudantado não apenas de um, mas de cinco cursos de graduação: Agronomia, Biologia, Medicina, Medicina Veterinária e Zootecnia, apresentando-se como importante fator de coesão nas lutas em que demandas de ordem geral pesavam amiúde mais do que questões específicas de uma determinada graduação.

Além disso, embora o engajamento político constituísse o eixo central de sua atuação, a geração de estudantes que precedeu a minha dotou-o de uma estrutura que procurava atender minimamente às necessidades de cultura e entretenimento de seus filiados, confinados que estavam numa cidade pequena, praticamente destituída de vida teatral e musical próprias, com suas poucas salas de cinema reféns dos chamados enlatados estrangeiros ou da pornochanchada. Muita gente, como eu, entrou em contato com o urgente debate político ao se ver inicialmente atraída pelas sessões do cineclubes do centro acadêmico ou pelos shows que ele patrocinava. Nossas noites de quinta e sábado eram animadas pelo Mocó, um evento de música e dança, também organizado pelo centro acadêmico, em sua sede, localizada numa antiga rinha de galos, ao lado do Mercado Municipal. O espaço era frequentado por nós

estudantes, pelos professores, pela juventude da cidade e pelas figuras mais improváveis, como o delegado de polícia, que apreciava o espaço para dançar com a mulher. Nesse mesmo lugar, tive o privilégio de ouvir, entre outros, Tom Zé e o hilário Premeditando o Breque. Os próprios estudantes se rodiziavam em seu palco quando o Caps organizava um festival de música.

Por volta de 1980, inaugurou-se a Livraria Botucatu, uma belíssima ideia da querida Sílvia Fernandes, que vinha suprir uma carência duramente sentida na cidade. A livraria logo se tornou um privilegiado ponto de encontro de professores e estudantes, sobretudo aos sábados de manhã. Era pequena, mas bem-fornida. Finalmente eu não tinha de aguardar uma passagem por São Paulo para adquirir um livro. A pequena casa que a abrigava, postada numa das ladeiras que cruzavam a Rua Amando de Barros, contemplava ora uma sessão de autógrafos, ora um bate-papo informal com quem tinha coisas inteligentes para dizer, como Paulo Vanzolini, que nos mostrava em carne e osso a possibilidade de se compatibilizar ciência e arte, a necessidade mesma de que se vinculam. Lembro-me bem de um “varal” de poesia, na forma de cartazes pendurados do lado de fora da livraria, uma atividade singela, mas cheia de significado para aqueles que restituíam à lírica ao espaço público, muitos deles estudantes da faculdade. Em minha experiência, talvez muito particular, o equipamento cultural da cidade reduziu-se naqueles tempos ao Caps, à livraria e a três ou quatro cinemas. Um deles, o [Cine Teatro] Nelli, oferecia apresentações bissextas de peças teatrais.

Foi lá que vi pela primeira vez uma encenação de *Navalha na carne*, a grande peça de Plínio Marcos. Noutro, o Paratodos, havia shows de música, infelizmente muito esporádicos. Fosse como fosse, uma apresentação do MPB4, do Grupo Tarancón ou do Quarteto em Cy transformava-o sempre num lugar concorridíssimo. Houve também, por não muito tempo, um programa de música clássica numa das emissoras de rádio da cidade. Durava, se bem me lembro, uma hora e era produzido e apresentado pelo professor José Maria Jardim da Silveira, docente da Faculdade de Agronomia — um oásis sonoro em meio à limitada programação musical das rádios locais. No carnaval, a Escola de Samba Pirajá da Silva, vinculada ao Caps, fechava tradicionalmente o desfile de blocos na Rua Amando de Barros e apresentava sambas-enredo que satirizavam os escândalos municipais e nacionais. Era uma vida cultural bastante fragmentada, mas que resistia à indiferença da prefeitura e da própria universidade.

Ainda no contexto da diversidade que caracterizava a atuação do Caps, vale lembrar uma condição singular, que, em parte, se explica pela situação de isolamento (geográfico, inclusive), em que nos encontrávamos. Correntes políticas de grande expressão noutros lugares, sobretudo nos

grandes centros, não lograram esse mesmo protagonismo entres os estudantes de Botucatu. Havia certamente grupos que se articulavam ou, ao menos, se identificavam com esse ou aquele partido, mas jamais se apresentaram como força política que pudesse, por exemplo, disputar hegemonicamente as eleições anuais do centro acadêmico. Elegia-se a diretoria do Caps com uma chapa que aglutinava tanto independentes quanto estudantes alinhados com a Ação Popular, a Libelu, o Partidão ou o PCdoB. Para o bem e para o mal, o movimento estudantil em Botucatu trilhou um caminho próprio, independente de uma orientação partidária claramente definida.

Numa universidade não democrática, cuja elite dirigente se articulava de modo íntimo com o malufismo, não havia como satisfazer uma série de nossas demandas. Alojamento estudantil e refeitório no câmpus constituíam verdadeiro tabu para as autoridades unespianas. Desse modo, no intervalo entre as aulas dos períodos matutino e vespertino, o tempo que em parte poderia ser despendido na biblioteca ou num laboratório, era consumido no ônibus ou no carro, no longo trajeto que separava o câmpus de nossas pensões e repúblicas, onde tínhamos de almoçar todos os dias. Apenas a partir do quinto ano de graduação, nós, estudantes de Medicina, passamos a fazer nossas refeições no bandejão do hospital.

O projeto universitário que pariu a Unesp primava pela seleção de alunas e alunos cujas famílias pudessem custear as elevadas despesas com moradia, alimentação, livros e instrumentos básicos de trabalho. Certa vez, fui procurado por um representante da Organização Pan-Americana de Saúde (Opas). Na ocasião, eu era diretor do Caps, e ele veio pedir apoio para um acordo de cooperação que a instituição pretendia selar com a universidade. A Opas propunha à Unesp um convênio para o fornecimento gratuito de estetoscópios e otoscópios para os alunos de graduação. Pedia-se à universidade uma contrapartida financeira para fechar uma parceria que iria beneficiar centenas de estudantes. O acordo, porém, esbarrava na intransigência da reitoria, que, segundo o que enviado da Opas me contou, se negava a pôr um único tostão na mesa. Por fim, venceu a ótica mesquinha da autoridade universitária.

O regime ditatorial passou a apresentar sinais mais evidentes de exaustão no início do Governo Figueiredo. Não havia mais como impedir as grandes greves iniciadas pelos metalúrgicos do ABC paulista, mesmo que se prendessem todas as suas lideranças. No primeiro semestre de 1979, logo em seguida à posse de Maluf no Palácio dos Bandeirantes, os professores das universidades estaduais paulistas iniciaram uma greve por melhores salários que duraria mais de 60 dias. Estávamos ainda distantes da autonomia financeira das universidades estaduais paulistas, obtida em 1988, a partir da transferência, para a USP, Unesp e Unicamp, de um percentual fixo do ICMS, definido por lei.



AS LEMBRANÇAS DE 21 de Maio

Centro Acadêmico Pirajá da Silva 1981



No plano nacional, diante do descontentamento dos trabalhadores e da própria classe média, o setor dito linha-dura do regime optou pela ação terrorista, na vã tentativa de intimidar os que se opunham ao regime. Iniciaram-se inúmeros ataques a sedes de jornais e bancas de revistas, além de ameaças à integridade física de adversários do governo. Em agosto de 1980, uma carta-bomba endereçada ao presidente da Ordem dos Advogados do Brasil matou Lyda Monteiro da Silva, sua secretária, na sede da entidade no Rio de Janeiro. No ano seguinte, o frustrado atentado, também a bomba, no Riocentro, expôs o delírio fascista de perpetuação no poder. Figueiredo e seu grupo repudiaram os atentados publicamente, mas impediram que os responsáveis fossem punidos. No caso do Riocentro, instaurou-se um inquérito destinado a negar os fatos, transformando os executores de um ato terrorista em vítimas de uma emboscada de “agentes subversivos”.

Paulo Maluf, que não era militar nem ocupava a Presidência da República, contentava-se com métodos mais modestos quando se tratava de reprimir opositores. Em maio de 1981, ele veio ao câmpus para participar da cerimônia de entrega de alguns microscópios. Ao sair da sala onde recebera os aplausos de uma seleta plateia, sua guarda

pretoriana achou por bem dissolver uma manifestação estudantil que ocorria pacificamente, numa área externa ao edifício que sediou a solenidade. O tiro saiu pela culatra. As cenas da violência exercida por seus gorilas foram registradas por um jornalista que acabara de abrir um diário na cidade, e nos dias seguintes a imagem da truculência malufista correu o país. A polícia abriu um inquérito, que se revelou “inconclusivo”. Nenhum dos agressores foi indiciado. Contudo, se Maluf foi flagrado num ato delinqüencial de novo, seus aliados na universidade, a começar pelo reitor, desmoralizaram-se completamente. Aqueles que deviam zelar pelo bem-estar de seus estudantes solidarizaram-se com o agressor. Daí em diante, a relação frequentemente tensa dos estudantes com a autoridade universitária tornou-se amarga em definitivo.

Foi árdua a luta para desalojar o malufismo da reitoria, e não se pode dizer que tenha sido totalmente vitoriosa, ao menos se tomarmos por vitória não apenas a derrota do autoritarismo nu e cru, mas também o acatamento integral do que é expresso pelo voto. Em 1984, a administração central da Unesp decidiu correr o risco de uma consulta à comunidade universitária para a escolha do próximo reitor, estando certa de que dispunha de força para emplacar alguém de seu grupo. Errou no cálculo e perdeu. Após uma campanha que mobilizou amplos setores da comunidade universitária, o saudoso professor William Saad Hossne, docente da faculdade, obteve o primeiro lugar. Em desespero de causa e se valendo de um conselho universitário majoritariamente subalterno e acovardado, o grupo no poder conseguiu elaborar uma lista sêxtupla em que não constava o nome do candidato mais votado.

O governador Franco Montoro, eleito pelo PMDB em 1982, recusou-se a indicar quaisquer dos nomes apresentados pelo CO. Foram meses e meses de espera até que, por meio de uma recomposição do conselho, fosse possível reelaborar a lista. Entretanto, no fim do processo, Montoro acabou por nomear outro docente. Dura a lição que se repetia mais uma vez naqueles dias: aprender a separar o joio do trigo, a identificar no campo dito “progressista” tanto a atuação de indivíduos e partidos comprometidos com a construção de uma democracia autêntica quanto a velha prática dos acordos palacianos, do acomodamento de interesses de grupos particulares em detrimento da transparência e do respeito à vontade da maioria. Pouco tempo depois, o grande acordo político em torno da eleição indireta para a Presidência da República, que incluiria, entre outras aberrações, a perenização da anistia dos crimes perpetrados pela ditadura, reproduziria, em escala ampliada, essa mesma prática.

Cabe lembrar que a decisão do governo do estado foi recebida com enorme indignação em todos os cantos da Unesp. A comunidade universitária reagiu com intensa mobilização, e eclodiram paralisações em diversos câmpus. Estudantes reunidos em assembleia nas dependências

da Fatec, em São Paulo, decidiram pela ocupação do prédio da reitoria, na Praça da Sé. Jorge Nagle, o reitor nomeado, retirou-se constrangido de seu gabinete, depois de ter sido duramente questionado pelos estudantes, que, com seu gesto, expunham o golpe à opinião pública. Nos dias seguintes, encenou-se a comédia governista. Orestes Quércia, vice-governador, logo tratou de visitar a reitoria ocupada para prestar sua solidariedade (de vento), e Franco Montoro, ao receber uma comitiva de professores e estudantes, fez pose de indignado ao ser criticado por ter transgredido um princípio democrático basilar.

Reconheça-se aqui o importantíssimo papel desempenhado por ele na luta pela democratização do país e pela exitosa política de descentralização da administração pública no estado, mas o episódio, infelizmente, representou uma nódoa na biografia de um político que, de resto, era respeitado por amplos setores da oposição ao regime. Não há como afirmar com segurança, mas as circunstâncias de então sugeriam que a não nomeação do professor Saad pelo governador deveu-se primordialmente a uma articulação encabeçada por alguns de seus auxiliares no palácio.

Dessa história, saímos derrotados. Não, como dizia Bertolt Brecht, porque o adversário era vil e traiçoeiro, mas por não termos sido nós mesmos mais fortes e preparados para superar a vilania e a traição.

Não tive a oportunidade de acompanhar com proximidade o ulterior processo de democratização da Unesp. Em linhas gerais, porém, sei da importância de suas conquistas no plano da participação da comunidade universitária nos colegiados e nas eleições para os cargos de direção. Faço votos de que não se acomode e continue a avançar no difícil caminho, sobretudo diante do projeto neoliberal em curso, que implica cada vez mais o solapamento da democracia.

Neste depoimento, deixei de citar nominalmente colegas, professores e funcionários da faculdade, bem como os companheiros da militância estudantil. Agindo de modo contrário, eu cometeria uma série de injustiças, porque fatalmente excluiria uma infinidade de pessoas que contribuíram decisiva e positivamente para a superação do autoritarismo vigente na universidade, em geral, e na faculdade, em particular. Os poucos nomes que mencionei não guardam relação direta com a Faculdade de Medicina. Devo, entretanto, dizer que a imensa maioria dos professores que tive impressionou-me vivamente por sua competência e dedicação às tarefas didáticas.

A par de todas as diferenças políticas, havia entre nós, alunos, a clara percepção de que integrávamos uma instituição séria, comprometida com a pesquisa científica e com o ensino de qualidade, mesmo quando nos deparávamos com carências importantes em termos de equipamento e instalações prediais. Se os altos dirigentes universitários se escusavam

da obrigação de lutar por verbas e se acomodavam aos desmandos de Maluf, a maioria dos professores fazia das tripas coração para pesquisar e ensinar condignamente.

Lembro-me, com imenso carinho, dos colegas com quem compartilhei a vida em república (incluindo aqueles e aquelas das casas onde não morei, mas que frequentei assiduamente) e acrescento que tive, em Botucatu, o privilégio de militar politicamente ao lado de gente que muito me ensinou. O que mais admirei na conduta de vários companheiros de luta foi um genuíno compromisso com a causa dos oprimidos, fossem eles os pacientes do hospital, fossem os restantes milhões e milhões de injustiçados pelo sistema excludente. Tenho acompanhado, mesmo que à distância, a carreira de alguns deles. Continuam sendo para mim o exemplo em que procurei me espelhar naqueles anos.



O movimento estudantil e a repressão do Estado

Pedro Dimitrov¹³

¹³ Graduado em Medicina pela FCMBB (1971), com especializações em Saúde Pública (1973), Medicina do Trabalho (1973) e Planejamento do Setor Saúde (1975), todas pela Universidade de São Paulo. Possui mestrado e doutorado em Saúde Pública (1976 e 1984) pela mesma instituição.

BOTUCATU ERA UMA cidade pacata, com boas escolas secundárias, que teve um período de prosperidade com o café e, após a crise de 1929, sobreviveu com as pequenas indústrias, o comércio local e o aporte de salários de funcionários públicos federais e estaduais. Com o início dos cursos da FCMBB (Medicina, Medicina Veterinária, Biologia em 1963 e Agronomia em 1965) e do hospital (a partir de 1967), Botucatu recebeu um grande contingente de professores, estudantes e funcionários provenientes de outras cidades, contribuindo para um novo ciclo de crescimento da cidade.

O corpo docente inicial — composto por um grupo de jovens provenientes principalmente da Faculdade de Medicina da USP, dispostos a criar uma faculdade inovadora, com tempo integral e dedicação exclusiva ao ensino, à assistência e à pesquisa — foi decisivo para o sucesso do projeto.

A convivência inicial entre os alunos, que eram quase totalmente de outras cidades, e a comunidade botucatuense teve pequenos atritos, sem maiores consequências. As festas barulhentas nas repúblicas, as bebedeiras e os banhos nas fontes, por exemplo, eram motivos de conflito na cidade. As “repúblicas” promoviam, desde o início, a integração discente. Quase ninguém tinha transporte próprio, as rodovias eram precárias e as linhas de ônibus intermunicipais, muito limitadas. Assim, os jovens passavam os fins de semana na cidade, e foi possível criar um conjunto de atividades culturais e políticas através do Centro Acadêmico Pirajá da Silva (Caps), fundado em 1963. Pode-se destacar o Movimento de Ação Social dos Universitários Botucatuenses, a Campanha de Higiene e Alfabetização de Botucatu, o Grupo de Teatro, o Cineclube e a participação no Circuito Universitário de apresentações musicais da União Estadual dos Estudantes (UEE). Os alunos dos quatro cursos, representados na Diretoria do Centro Acadêmico e no Conselho de Representantes de Classe, fortaleciam todas essas iniciativas e a integração do conjunto do corpo discente.

Ao ingressar, o aluno era considerado “bixo” e sofria vários trotes, incluindo uma aula magna. Ao final do período, era feita uma passeata carnavalesca do bairro até o centro, e os “bixos” eram liberados. Na passeata feita no início de 1967, ocorreu a primeira repressão pelo delegado devido aos cartazes portados pelos “bixos”, reclamando do alto custo dos aluguéis na cidade. O episódio resultou em um inquérito, que posteriormente foi arquivado.

A conjuntura política do país à época exigia posicionamento por parte dos alunos e professores. Em meio à Guerra Fria, que, geopoliticamente, atingia as democracias na América Latina, a burguesia brasileira, apoiada por parcela das forças armadas e pelo imperialismo estadunidense, deu um golpe de Estado em abril de 1964, estabelecendo uma ditadura

civil-militar com violenta repressão às organizações, partidos políticos e pessoas que defendiam valores democráticos, obrigando-os a atuar na clandestinidade para combater esse regime, que durou até 1985.

Com clara opção pela democracia por parte dos professores e alunos, foi possível estabelecer sua integração por meio da criação de colegiados para a condução da implantação do câmpus universitário e para o desenvolvimento de suas atividades. Em 1964, porém, a ditadura determinou o fechamento dos Centros Acadêmicos. O Caps resistiu e posicionou-se contra a medida, tendo sua primeira diretoria cassada. No entanto, sua estrutura organizacional ampla e democrática — composta por presidente, vice-presidente, procurador, vice-presidente para cada curso, secretário-geral, 1º e 2º secretários, 1º e 2º tesoureiros, departamento científico, atlética e departamento feminino, além do conselho de representantes de classe — permitiu que as atividades continuassem funcionando.

Assim, havia um fluxo amplo de informações e debates, desde as demandas de cada classe que confluíam ao vice-presidente de cada curso até a diretoria ou ao conselho de representantes para a consolidação das propostas e para o retorno para as classes que se mantinham atualizadas de todas as atividades do Caps. Essa dinâmica permitia uma ampla participação do conjunto do corpo discente não só nas atividades culturais, como também nos enfrentamentos com a administração do câmpus universitário ou com a esfera estadual. Esse trabalho de base nas turmas de classe explica a adesão do coletivo nos embates contra a ditadura que ocorreram no período, como a Operação Andarilho, a Operação Denúncia e outras mobilizações, mesmo após a publicação do draconiano Decreto-Lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, o qual criminalizava as atividades estudantis e embasava várias prisões e processos na Auditoria Militar.

A constituição e a consolidação dessa direção democrática do corpo discente tiveram, por um longo período, a participação importante dos ensinamentos de Paulo Freire e de membros ativos da Ação Popular, que foi fundada nacionalmente em fevereiro de 1963, com opção socialista a partir dos quadros da Juventude Universitária Católica (JUC). Além de desenvolver trabalho de agitação revolucionária em áreas do campo e em fábricas, entre 1964 e 1968 a Ação Popular e as dissidências do Partido Comunista Brasileiro (PCB) mantiveram presença marcante no movimento estudantil.

Durante a Operação Andarilho, realizada em 1967, não houve processos ou prisões; porém, as promessas feitas pelo governador Abreu Sodré não foram totalmente cumpridas. Assim, no dia 16 julho de 1968, teve início a Operação Denúncia, com um acampamento na Praça do Bosque. De início, foram presos e processados Walter Aparecido Cover, Geraldo

Nunes, o padre José Eduardo Augusti e, alguns dias depois, Norberto Marcondes. Na sequência, foram incluídos em um único processo: Valter Aparecido Cover, Milton Flávio Marques Lautenschlager, Pedro Dimitrov, Maria Terezinha Infantsi Vannucchi, Lenine Garcia Brandão, Sílvio Guatura Romão e Clóvis Michels.

Ainda como consequência da Operação Denúncia e das atividades do Caps, foi aberto outro processo envolvendo toda a diretoria: Milton Flávio Marques Lautenschlager, Pedro Dimitrov, Paulo Roberto Teixeira, Luís Ricardo Sólton, Rubens Monteiro, João Batista Belli, Luís Carlos Lopes, Maria Terezinha Cateli Infantsi, Gilberto Ciro Machetti, Valdemar de Freitas, José Miguel da Silva, Vanderlei Angelo Galhardi, José Geraldo Sancho e Vera Maura Fernandes de Lima. Como resultado dessas prisões e processos, foram condenados pela Auditoria Militar e cumpriram pena no presídio Tiradentes somente Norberto Marcondes e o padre José Eduardo Augusti, que também respondia por outros processos.

Em 12 de outubro de 1968, cerca de mil estudantes que participavam do 30º congresso da UNE, movimento que se posicionava contra a ditadura, foram presos e processados. Entre eles estavam, de Botucatu: Valter Aparecido Cover, Antonio Ozzetti e Devancyr Aparecido Romão. Assim, no dia 10 de novembro, dia anterior ao da ida do governador Abreu Sodré a Botucatu para inaugurar certas obras e fazer campanha para a Arena na eleição municipal, foi decidido em assembleia geral do Caps que seria feita uma ação de pichação solicitando a soltura de Valter Cover, que continuava preso, e denunciando o não cumprimento das promessas feitas pelo governador ao término da Operação Andarilho.

Nessa ação noturna foram presos, processados e encaminhados ao Dops os seguintes estudantes: Abelardo Unzer dos Santos, Marco Aurélio de Carvalho Anselmo, Pedro Dimitrov, Paulo Roberto Teixeira, Antônio Carlos Braga, José Carlos de Andrade, José Miguel da Silva, Vitor Augusto Soares, Clóvis Eduardo Meirelles e Cláudio Luís de Tomaz Coelho. Eles permaneceram presos por vinte dias e não puderam votar, mas a Arena perdeu a eleição em Botucatu. Os dez obtiveram um alvará de soltura condicional, mas tiveram que se apresentar semanalmente na delegacia de Botucatu durante um longo período. Todos foram absolvidos na Auditoria Militar.

A partir de 1968, após a radicalização da ditadura com o AI-5, no intuito de melhorar a qualidade dos seus trabalhos, a Ação Popular lançou o processo de “Proletarização através da Integração na Produção”, que implicou a transferência de dezenas de quadros universitários e profissionais de classe média para o campo e para as fábricas. Assim, Botucatu foi um espaço privilegiado para a formação de uma visão crítica da realidade e de preparação de profissionais com visão política que se

inseriram de várias formas na luta contra a ditadura, em diversos níveis e situações, e em várias regiões do país.

Em novembro de 1970, a ditadura desenvolveu o Plano Tarrafa, que consistia em prender o maior número de suspeitos por lutarem pela democracia. Assim, no dia 3 de novembro, pela manhã, na enfermaria do Hospital das Clínicas, eu fui avisado pelo inspetor de alunos de que o vice-diretor da FCMBB, Armando Octávio Ramos, queria falar comigo. Ao chegar à diretoria, havia algumas pessoas na antessala; a secretária comunicou pelo interfone que eu havia chegado, Armando abriu a porta, olhou para mim e disse: “É este mesmo, pode levar”. Assim, fui sequestrado e levado junto a Milton Flávio Marques Lautenschlager e Lucinha, da Diretoria da Associação dos Funcionários, para o quartel 5º G Can 90AA, onde permaneci vários dias com dezenas de outros detidos até ser interrogado por um militar que gravou tudo. Fui dispensado sem nenhuma explicação.

Finalmente, em setembro de 1974, foram realizados vários sequestros pelo Doi/Codi/II Exército. Devancyr Aparecido Romão, agrônomo funcionário do Instituto de Economia Agrícola, que estava fazendo pós-graduação na Unicamp, foi sequestrado pela manhã e torturado com choques elétricos. Houve grande mobilização estudantil no câmpus e, por interferência do reitor Zeferino Vaz, o rapaz foi liberado de madrugada. Paulo Roberto Teixeira foi sequestrado e passou uma semana no Doi/Codi/II Exército. Eu fui sequestrado e barbaramente torturado com choques elétricos e pendurado no “pau de arara” por várias vezes durante dias, até perder os sentidos. Fui liberado sem nenhum processo em que eu pudesse, em juízo, denunciar o absurdo do ocorrido. Fiz o exame de corpo de delito por intervenção de Dom Paulo, e o resultado, que descrevia as lesões e as queimaduras, foi encaminhado para a Comissão de Justiça e Paz.

Em outubro de 1977, o ministro Sylvio Frota divulgou uma extensa lista de personalidades consideradas pelos órgãos de segurança como “comunistas” e fez pressão para que elas fossem afastadas dos cargos públicos. Essa ação fez parte da luta interna entre os militares e teve intensa repercussão. Atos de repressão como esse tiveram muitos impactos durante a vida dos envolvidos.

Norberto cumpriu pena de seis meses e perdeu um ano letivo. Maria Terezinha e Geraldo Nunes foram impedidos de serem professores na FCMBB. Eu fui impedido de ser professor na Faculdade de Saúde Pública da USP, e outros colegas tiveram dificuldades para fazer carreira universitária ou atuar nos serviços públicos. Felizmente, tive a oportunidade de conviver com verdadeiros democratas e, apenas seis meses após a tortura, fui convidado a participar como assessor de gabinete na Secretaria Estadual de Saúde pelo professor Walter

Leser, que me designou como representante da secretaria no convênio com a Faculdade de Saúde Pública para a formação de sanitaristas, onde participei da coordenação dos cursos e dei aulas por vários anos. Continuei no gabinete com o professor Adib Jatene, secretário da saúde de Paulo Maluf, que teve uma atitude altiva e digna ao me manter no cargo durante o episódio da “Lista de Comunistas na Administração” feita pelo general Frota; finalmente, permaneci no cargo com o professor João Yunes, secretário da saúde de Franco Montoro.

Essas são pessoas que devem ser lembradas com muito respeito pelas atitudes dignas e corajosas tomadas naqueles tempos sombrios, dos quais, apesar das prisões e torturas que sofri, tenho muito orgulho de ter vivenciado e participado, tanto do processo de construção dessa excelente faculdade e de ter combatido, de forma pacífica, a ditadura civil-militar.



Década de 1970: **alguns fatos**

Alexandre Nemes Filho¹⁴

¹⁴ Graduado em Medicina pela FCMBB (1976), possui mestrado em Saúde Pública pela USP (1992) e atualmente é docente no Departamento de Medicina Preventiva da mesma instituição.

O PERÍODO DE 1969-1976 teve traços cruéis na continuidade das ações da ditadura civil-militar instaurada em 1964. Denominados “anos de chumbo”, neles presenciamos a instauração da censura às atividades artísticas, aos jornais e aos demais meios de comunicação, além da presença de milícias paramilitares, o que consumou a repressão aos movimentos sociais, as prisões, a tortura e as mortes de lideranças de organizações de esquerda. Vários dos quadros da Ação Popular são presos, incluindo membros do movimento estudantil, o que ocasiona uma grande preocupação com a segurança e estabelece uma nova relação, menos orgânica, com militantes e simpatizantes mais recentes da organização.

Na faculdade, muitos dos estudantes dos anos setenta da Medicina, Veterinária, Agronomia e Biologia se incorporam às atividades do Centro Acadêmico Pirajá da Silva (Caps), fortalecendo sua atuação crítica no combate ao regime, na participação nas instâncias de gestão colegiada das faculdades e nas atividades esportivas, com destaque para a Intermed. Nessa competição, além dos jogos e atletas que se destacavam pela escola, a torcida de Botucatu fazia fama pelo “barulho” e na sua música lembrava que “*a Intermed nasceu lá na gloriosa, Botucatu, Botucatu, cidade maravilhosa!*”, “*a Intermed é nossa*”, e assim por diante.

Nesse momento, uma mudança nas regras do vestibular traz uma situação que em certa medida divide, ainda que por pouco tempo, as turmas de alunos: o vestibular, que até então englobava todas as escolas públicas de Medicina em São Paulo, passa a ser regionalizado, e a Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB) começa a ter um vestibular próprio, descolado das demais escolas médicas. Essa mudança seria responsável por induzir um processo de interiorização dos cursos de Medicina. O Caps faz um questionamento a essa mudança, pelo fato de o novo vestibular ser menos agregador que o anterior, e com o risco de produzir uma queda na qualidade da seleção. Disso decorre uma estranheza entre as turmas antigas e as novas. Logo, porém, essa diferença se esvai dada a grande procura pelo vestibular, e a questão passa a não ter mais tanto significado na vivência da comunidade acadêmica.

Porém, nesse contexto, surge outro fator de embate para os estudantes: a criação de um Diretório Acadêmico na faculdade, em oposição ao Centro Acadêmico, como forma de ataque pelo regime militar ao Movimento Estudantil nas escolas. A diretoria do Caps fez inúmeras críticas a essa situação junto à direção da faculdade, além de terem sido realizadas conversas entre os alunos para que se compreendesse melhor essa disputa. O reconhecimento da tradição e das posições do Caps no meio acadêmico fez com que este mantivesse sua legitimidade e presença preponderante na condução da política estudantil até o fim do período.

O controle do movimento estudantil pelo aparato do regime militar não dava trégua. Em 1975, a 9ª turma da Medicina fez uma greve de várias semanas contra uma medida estabelecida pela diretoria de reduzir o fornecimento de alimentação no restaurante da escola para os internos do 5º ano. Apenas aqueles que estivessem em plantão 24h teriam esse benefício. Até então, todos os internos do 5º, assim como os do 6º ano, tinham direito de fazer refeições no local, independentemente da sua atividade no dia, fosse plantão, fosse ambulatório, fosse enfermaria. Para coibir o movimento, o diretor Armando Octávio Ramos chamou agentes do Dops de São Paulo, que interrogaram vários estudantes da turma em Botucatu, causando medo e humilhação entre todos os envolvidos. Os pais de três deles também foram interrogados em SP, e eu estava entre eles. Nessa condição, a greve foi encerrada — porém, ainda com a perspectiva de revisão da medida.

Um tanto mais alegre, no plano cultural e, mais especificamente, musical, acontece o chamado Circuito Universitário, que integrou Botucatu na agenda dos músicos e compositores mais importantes do Brasil. Pudemos assistir a quase todos os nossos ídolos em apresentações incríveis e com rodas de conversa ao final dos shows, cuja infraestrutura estive aos cuidados do Caps. No Jornal da Unesp, há um artigo de José Paes de Almeida Nogueira Pinto a respeito disso, do qual trago alguns recortes, detalhando um pouco mais o acontecimento:

“O primeiro grande show aconteceu em maio de 1972, como parte das atividades da Semana da Agronomia: Vinicius de Moraes, Toquinho, Marília Medalha e Trio Mocotó. No Paratodos lotado, Vinicius sentado à frente de uma mesinha de metal, dessas que a gente aluga em depósitos de bebida, coberta com uma toalha branca, e sobre ela uma garrafa de whisky, um copo e um balde de gelo. Foi emocionante! Lembro-me deles cantando Canto de Ossanha, Berimbau, Samba em Prelúdio, Samba de Orly. Vinicius também declamou poemas, foi inesquecível! Ao final, foram todos aplaudidos em pé.

Soube que depois do show todos eles foram para uma chácara aqui nas redondezas de Botucatu. Numa determinada hora, Vinicius resolveu escrever alguns versos na parede da casa. Infelizmente, ficaram gravadas por lá somente algum tempo, pois o proprietário resolveu depois pintar novamente a residência. Que triste...

O segundo espetáculo trouxe para Botucatu Luiz Gonzaga, Quinteto Violado, Dominguinhas e um jovem desconhecido, ainda em início de carreira, Gonzaguinha. Dá para imaginar?

O terceiro, em setembro daquele ano, foi o de Chico Buarque e MPB4. Como a expectativa de público era imensa, o CAPS calculou que o Paratodos seria pequeno e o show foi realizado no ginásio de esportes do Botucatu Tênis Clube (BTC).”

O saldo político foi muito bom, e os artistas, que estavam vetados de apresentações televisivas, se aproximaram da população que lhes assistia e os apoiava com admiração.

Finalizando esse período, no campo educacional no estado de São Paulo, verifica-se um forte movimento de expansão de escolas públicas de nível superior por todo estado, e decorre daí uma incapacidade de gestão destas por parte da Secretaria Estadual da Educação, exigindo uma mudança necessária a fim de alterar isso. Foi criada, então, em 1976, a Unesp, englobando várias dessas instituições. Assim, a divisão da FCMBB em faculdades distintas divide o potencial de mobilização do corpo discente do câmpus, e o Caps começa a representar apenas a Faculdade de Medicina de Botucatu. Com isso, uma nova etapa passou a ser um desafio para os acadêmicos, e, felizmente, a vitória pelo retorno à vida democrática permitiu o avanço na qualidade do ensino, da pesquisa e da assistência da FMB.

Cinquenta anos depois desse momento, e sessenta desde a fundação desta universidade, a luta continua hoje tanto quanto antes!



Um pouco da história do curso médico da FMB:

visão de dois pioneiros, com ênfase nos primórdios

Francisco Humberto de Abreu Maffei¹⁵

Helga Verena Leoni Maffei¹⁶

¹⁵ Professor titular de Cirurgia Vascular e professor emérito da FMB.

¹⁶ Professora titular de Gastroenterologia Pediátrica e professora emérita da FMB.

TOMAMOS CONHECIMENTO DA criação da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB) como estudantes da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), por um colega de turma que era monitor do Departamento de Anatomia Patológica da FMUSP. Ele auxiliara o muito estimado professor desse mesmo departamento, Mário Rubens Guimarães Montenegro, na realização do primeiro vestibular da FCMBB, da qual era professor convidado de Patologia e atuava como vice-diretor.

Nosso colega falava do entusiasmo do professor Montenegro pela criação da nova instituição, que seria uma faculdade de ciências biológicas, com um curso básico comum e três cursos de aplicação: Medicina, Medicina Veterinária e Biologia, aos quais se juntou o curso de Agronomia em 1965 (com a criação da Unesp em 1976, esses cursos tornaram-se faculdades autônomas). Outras características da nova faculdade seriam a contratação de todo o corpo docente em regime de tempo integral e dedicação exclusiva ao ensino e pesquisa (RDIDP) e algumas propostas de mudanças no tipo de ensino.

A criação dessa faculdade nos interessou muito, pois a eficiência dos cursos de Medicina foi uma preocupação que tivemos desde a nossa época de estudantes. Em nosso curso, como nas demais faculdades na época, o ensino nas disciplinas clínicas e cirúrgicas era essencialmente teórico e as atividades práticas limitavam-se quase exclusivamente à observação do atendimento realizado pelos docentes a pacientes nas enfermarias e ambulatórios. Embora o internato no 6º ano, instituído poucos anos antes, suprisse satisfatoriamente as deficiências, em especial se complementado com a residência médica, os internos e os residentes se queixavam da presença dos docentes apenas no período matutino, tendo em vista que na sua quase totalidade eles exerciam o cargo em tempo parcial. Considerando todos esses problemas, participamos da “Comissão de Reestruturação do Ensino Médico”, criada pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz (Caoc), que levou sugestões ao corpo docente. Essas sugestões, entretanto, tiveram pouco resultado prático na época, o que muito nos frustrou.

Posteriormente, quando já éramos médicos-residentes do HC da FMUSP, ouvimos de novo falar da FCMBB, com o mesmo entusiasmo, por dois ex-residentes de cirurgia; eles haviam sido convidados pelo professor William Saad Hossne, também da FMUSP e na época diretor científico da Fapesp, para serem seus assistentes na FCMBB, para a qual fora convidado como professor de Cirurgia. Esses colegas, sabendo de nosso interesse pelo ensino e pesquisa, sugeriram que também fôssemos para Botucatu. Após conversar com o professor Saad, que também falou com entusiasmo das experiências pretendidas no ensino e na pesquisa, fomos, por recomendação dele, conhecer a faculdade em Botucatu.



Fomos ali recebidos pelo professor Montenegro, que, com sua simpatia e entusiasmo, nos mostrou todo o potencial de a FCMBB vir a ser uma grande instituição de ensino e pesquisa. Isso de fato se concretizou, e em um prédio quase vazio, do hoje Hospital das Clínicas, na época apenas com alguns laboratórios das cadeiras básicas e apartamentos para docentes visitantes. Tal prédio havia sido projetado para ser hospital para tuberculosos, tendo em vista Botucatu ser a “cidade dos bons ares”, mas fora desativado devido à nova orientação de tratamento ambulatorial desses pacientes.

Contagiados por esse entusiasmo visionário, com a perspectiva de ter uma faculdade com docentes em RDIDP e de poder tentar implantar novos métodos ao ensino, resolvemos abraçar esse projeto. Pouco depois, no segundo semestre de 1965 e início de 1966 (quando nos mudamos para Botucatu), participamos do primeiro curso de propedêutica, do então denominado “Curso de Aplicação em Medicina”.

O primeiro coordenador desse curso foi o professor José Eduardo Dutra de Oliveira, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, convidado para a Clínica Médica. Ele trouxe a proposta, aceita pelos demais docentes — e que para nós foi muito estimulante por ser similar a nossas propostas na FMUSP — de que o curso de Medicina fosse dado de modo formativo e não apenas informativo, isto é, haveria palestras teóricas convencionais, mas a parte mais importante seria a prática: realização da anamnese e do exame físico dos pacientes pelos alunos, sob supervisão docente. Algumas discussões em torno do curso continuavam mesmo durante as refeições no refeitório improvisado na copa do atual Departamento de Clínica Médica, no jocosamente intitulado “Instituto de Nutrição Aplicada”.

O curso de propedêutica foi dividido por aparelhos e ministrado pelos professores Dutra, Saad e, sob a orientação deles, pelos docentes contratados provisoriamente nos Departamentos de Clínica Médica (Augusto Cezar Montelli, Nelson de Sousa, Tiberê Alves Resende e José Luiz Moura, este falecido precocemente), de Cirurgia (José Carlos de Sousa Trindade, Jairo Gabriel e Francisco H. de A. Maffei) e na disciplina de Pediatria, então parte do Departamento de Clínica Médica (Helga Verena L. Maffei). O curso contou ainda com a participação de docentes de diferentes especialidades vindos de São Paulo e de Ribeirão Preto, alguns dos quais permaneceram como colaboradores por vários anos. Posteriormente, o professor Dutra retornou a Ribeirão Preto e foi substituído pelo professor Álvaro Oscar Campana, outro estimado professor nosso da FMUSP.

Esse método de ensino foi depois aplicado ao ensino da Fisiopatologia e Terapêutica em todas as disciplinas do curso, culminando com as de especialidade, ministradas na forma de internato a partir do quinto ano. No início da FCMBB, como nas outras faculdades, o internato era realizado apenas no sexto ano. A FMB foi pioneira, no país, nesse tipo de curso formativo e na realização do internato em dois anos a partir do quinto ano, iniciado em 1972. Sempre houve também muita interação entre as disciplinas clínicas e cirúrgicas com o curso básico, principalmente com o Departamento de Patologia.

Ademais, criou-se uma estrutura mais democrática do que a existente nas demais faculdades, por exemplo, a maior participação de todos os segmentos nos órgãos colegiados. Destacamos também a discussão, pela comunidade acadêmica, do Anteprojeto dos Estatutos da Unesp durante a fase preparatória, sendo o Estatuto implantado em 1989.

Não podemos deixar de referir que os primeiros anos do curso de Aplicação em Medicina não foram fáceis, tendo sido mesmo chamados de heroicos por um ex-professor da FMUSP. Mas foram enfrentados pelos docentes que acreditaram no potencial da FCMBB, lutaram por ela e ficaram em Botucatu.

Nessa época o prédio hospitalar ainda passava por reformas para se adequar às necessidades da FCMBB e do HC; portanto, no início, os cursos foram ministrados na Misericórdia Botucatuense, que cedeu seus leitos gratuitos, tanto de adultos como de crianças, para serem cuidados pelos docentes da FCMBB. Esse trabalho exigiu grande desprendimento dos poucos docentes que estavam em Botucatu inicialmente, incluindo plantões noturnos e fins de semana à distância, não remunerados. Aos poucos as enfermarias do HC foram sendo montadas, e, a partir do fim de 1967, os cursos e o atendimento aos pacientes passaram a ser feitos no HC.

Também eram poucos os exames subsidiários disponíveis inicialmente, o que dificultava a resolução de casos clínicos mais complexos, mas teve

o efeito colateral benéfico de aguçar o raciocínio clínico, revertendo-se na formação de ótimos clínicos, preparados para o atendimento de pacientes mesmo em cidades remotas e com poucos recursos, conforme depoimentos de muitos ex-alunos.

É preciso lembrar também que, nos primeiros anos, o HC tinha um número restrito de leitos, e parte dos alunos da primeira turma realizou o internato em hospitais da cidade de São Paulo.

Todas essas dificuldades ensejaram depois, pelos alunos, a Operação Andarilho, parcialmente vitoriosa. Lembramo-nos, por exemplo, da imensa alegria quando foram desempacotados os primeiros aparelhos de radiologia vindos da Alemanha. Novos departamentos foram sendo criados, outros se desmembraram dos iniciais. Destacamos abaixo os dois que ajudamos a criar.

EVOLUÇÃO DO CURSO MÉDICO NAS DISCIPLINAS CIRÚRGICAS

Nos primeiros anos da faculdade, o Departamento de Cirurgia incluía as disciplinas: Cirurgia Geral, Ortopedia e Traumatologia, Urologia, Oftalmologia, Otorrinolaringologia; posteriormente as três últimas se constituíram departamentos separados, e o Departamento de Cirurgia passou a se chamar Departamento de Cirurgia e Ortopedia.

A residência médica em Cirurgia Geral teve início em 1969, após a formatura da primeira turma de alunos, e os primeiros residentes, Artur Roquete Macedo e Elson Mendes, como muitos outros depois, foram contratados como docentes do departamento.

Com a evolução das especialidades do ponto de vista técnico e científico e com o aumento do número de pacientes com diferentes e mais complexas doenças, a disciplina de Cirurgia Geral foi dividida, em 1972, em Gastroenterologia Cirúrgica, Cirurgia Vascular, Cirurgia Cardíaca, Cirurgia Torácica, Cirurgia Infantil e Cirurgia Plástica, ministradas no quinto e no sexto ano, na forma de internato.

Cito como exemplo a disciplina de Cirurgia Vascular, pela qual eu passei a ser responsável e que no início contou também, como docentes, com os Drs. Sidnei Lastória e Luiz Carlos Lorenzi, nossos ex-residentes e assistentes da Cirurgia Geral.

Como nas demais disciplinas cirúrgicas, o enfoque para os alunos de graduação era e continua sendo o diagnóstico, a fisiopatologia e a terapêutica das doenças mais comuns, com vista à formação do clínico geral, enfatizando o atendimento e a conduta iniciais, e a eventual urgência de encaminhamento para o especialista. No internato, o aprendizado é essencialmente prático: os internos atendem os pacientes nos ambulatórios e na enfermaria e, após discussão com os residentes e docentes, fazem a prescrição médica. Assistem ou participam também de cirurgias e procedimentos diagnósticos e terapêuticos de seus pacientes.

A parte teórica é suprida por aulas sobre as principais patologias e pela participação em visitas clínicas e reuniões de discussão dos casos.

Os resultados desse tipo de ensino têm sido altamente positivos, o que pudemos comprovar pelo desempenho dos alunos como residentes na nossa e nas demais especialidades, e pelo retorno dado por professores e médicos de outros serviços, que têm elogiado o preparo e o conhecimento daqueles ex-alunos com os quais têm contato.

Com a evolução do tratamento das doenças vasculares e com o desenvolvimento dos procedimentos endovasculares, a disciplina passou a ser denominada Cirurgia Vascular e Endovascular. Seu corpo docente é constituído basicamente por ex-residentes da própria disciplina: professor titular Winston Bonetti Yoshida; professores adjuntos livre-docentes Hamilton Almeida Rollo, Marcone Lima Sobreira e Regina Moura; professor doutor Matheus Bertanha. Conta, ainda, com seis ex-residentes que atuam como médicos contratados.

Desde o início da faculdade, todos os docentes, além da parte didática, estiveram muito envolvidos em pesquisa experimental e clínica, frequentemente com a participação de alunos e residentes. Esse envolvimento facilitou a criação dos cursos de pós-graduação da faculdade. Em 1975, foi criado, por iniciativa do professor Saad, o curso de pós-graduação Bases Gerais da Cirurgia e Cirurgia Experimental, atualmente denominado curso de pós-graduação em Cirurgia e Medicina Translacional, no qual ministramos a disciplina Bases Gerais da Experimentação em Cirurgia Vascular. Nesse curso, o mais antigo da FMB, já se formaram mais de 500 mestres e doutores, oriundos da própria faculdade e de outras instituições.

Ao longo desses anos, essa experiência no ensino e na pesquisa da área de doenças vasculares resultou na publicação e na apresentação em congressos de inúmeros trabalhos, alguns dos quais interdisciplinares e/ou interinstitucionais. Esse feito culminou com a publicação do tratado Doenças Vasculares Periféricas, que contou também com a colaboração de especialistas de outras instituições, do qual estamos elaborando a sexta edição.

EVOLUÇÃO DO CURSO MÉDICO NAS DISCIPLINAS PEDIÁTRICAS

Inicialmente a Pediatria na FCMBB se intitulava Pediatria e Puericultura e estava anexada — como “cadeira” — ao Departamento de Medicina, tendo em vista que contava com apenas uma docente (auxiliar de ensino H. Verena), a qual, como referido, ministrou o primeiro curso de propedêutica no primeiro semestre de 1966, com a ajuda de dois professores convidados da USP de São Paulo e de Ribeirão Preto. Com a vinda das Dras. Cleide Enoir Petean Trindade no segundo semestre e Ercília Maria Carone Trezza após mais um ano, esses cursos — assim como os de Fisiopatologia Pediátrica — foram organizados e ministrados apenas por essas docentes, oriundas da FMUSP e egressas da residência havia pouco.

Antes do início das atividades no complexo hospitalar da FCMBB, os cursos de pediatria foram ministrados em um centro de saúde (atualmente Centro de Saúde Escola) e na Misericórdia Botucatuense. Ressalto dois aspectos desse período:

1. No centro de saúde, não havia, por vezes, crianças agendadas, e eu fazia, então, simultaneamente o papel fictício de mãe de criança a ser atendida e o de docente, para que os alunos pudessem fazer a anamnese.
2. A Misericórdia Botucatuense contava com cerca de 12 leitos gratuitos de pediatria sob nossos cuidados e uma atendente que, sozinha, exercia todas as funções, desde servente até enfermeira e lactarista (na mesma área física da enfermaria); sob minha orientação, ela incluiu também a feitura de mamadeira de carne, utilizada no manejo do grande contingente de crianças internadas com diarreia persistente, instrumento com o qual conseguimos melhorar a evolução clínica, diminuindo as altas taxas de mortalidade das crianças na época.



Tais exemplos demonstram que o entusiasmo por estar criando uma nova e promissora estrutura era capaz de otimizar os poucos recursos à disposição.

Em fins de 1966, iniciamos o planejamento do Berçário da FCMBB, e, um ano depois, começaram as atividades no complexo hospitalar da faculdade. Em junho de 1968, o professor Fernando José da Nóbrega, da Escola Paulista de Medicina (EPM), foi contratado como titular, trazendo consigo novos auxiliares de ensino (Antônio de Pádua Campana, Cláudio Rabelo Coelho e Herculano Dias Bastos, todos da EPM), e em agosto a Pediatria desligou-se do Departamento de Medicina. Estava criado, então, o Departamento de Pediatria da FCMBB. Em seguida vieram Águeda Beatriz Rizzato, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Fábio Ancona Lopes, da EPM, e a psicóloga Sônia Moraes Jaehn, elevando a dez os pioneiros da unidade.

Após o término da primeira turma de residentes na FCMBB, em dezembro de 1970, iniciou-se uma nova etapa, com a contratação de novos docentes, a grande maioria ex-alunos e/ou residentes da instituição.



As prioridades do departamento sempre foram o ensino e a assistência em relação à Pediatria Geral, mas, a partir de meados de 1970, foram se criando, aos poucos, as diversas especialidades pediátricas, a fim de atingir o aprofundamento clínico-científico necessário à vida universitária. Embora nada mudasse a meta de ensino de pediatria geral para os alunos de graduação, que faziam rodízios no ambulatório e na enfermaria gerais, na Triagem/Pronto-Socorro de Pediatria e nos centros de saúde (ou outros espaços “extramuros”), isso foi importante para os residentes, que passaram a atender as crianças das especialidades, tanto no ambulatório quanto nos leitos destinados a elas em 1988. Foi também criado, em 1987, um horário adicional, para a discussão dos casos ambulatoriais das especialidades antes do atendimento. No caso da Gastroenterologia, minha especialidade, foram aos poucos se incorporando residentes da Cirurgia Pediátrica e da Neuropediatria, o que gerava discussões extremamente proveitosas. Havia também reuniões muito estimulantes com o Departamento de Patologia.

Vale ressaltar que em praticamente todas disciplinas criadas havia, no início e por muitos anos, apenas um docente, que em sua grande maioria também acumulava as atividades em relação à Pediatria Geral e às demais questões inerentes à vida universitária: pesquisa e demais assuntos acadêmicos e administrativos.

A UTI Neonatal foi inaugurada em 1987 e a UTI Pediátrica em 1988. Nesta última, eram admitidos, na época, principalmente pacientes com diarreia persistente que tinham evoluído para gravíssimas septicemias e que felizmente são minoria hoje em dia.

De início, as atividades do departamento concentravam-se no ensino e na assistência. Dentro desse espírito, criou-se a apostila com as condutas em pediatria, que em 1993 tornou-se um livro, já na quarta edição. Progressivamente se desenvolveram as linhas de pesquisa, os docentes foram se titulando, e surgiu o novo desafio: a pós-graduação em Pediatria, criada em 1994. Mas as necessidades continuavam crescendo e a partir de 1997 iniciaram-se residências de terceiro ano em várias especialidades.

Todo esse esforço acadêmico redundou em muitas atividades extracurriculares nacionais e internacionais, entre as quais se incluíam aulas, conferências e apresentações de trabalhos em congressos, além de publicações em periódicos e capítulos de livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salientamos que, para o desenvolvimento da FMB, foi inestimável a colaboração dos membros dos serviços de Enfermagem e de Nutrição, do Laboratório Clínico, da Farmácia Hospitalar e dos demais setores da faculdade e do HC; dos biólogos e demais profissionais dos Laboratórios de Pesquisa de nossos e outros departamentos, e dos servidores técnico-administrativos, que, antes dos computadores pessoais, passavam horas e mais horas digitando — e digitando de novo — nossos trabalhos, relatórios, teses, etc., além das demais atividades.

Sentimos a FCMBB brotar do chão — literalmente —, pois, quando chovia forte nos tempos iniciais, era impossível chegar ao câmpus, o acesso virava um barro só... Éramos poucos, entre docentes, alunos e funcionários do setor técnico-administrativo, mas estávamos todos unidos nesse grande projeto, que resultou nas atuais e pujantes instituições de ensino que compõem a Unesp de Botucatu.

Os pioneiros aposentaram-se, alguns inclusive da vida. Passaram à frente o bastão, que a jovem guarda vem mantendo, aperfeiçoando e inovando. Muito nos orgulhamos de ter participado desse processo, acompanhado de tantos outros.





60 anos de evolução

Augusto Cezar Montelli¹⁷ – *in memoriam*

Paulo José Fortes Villas Boas¹⁸

Nota dos autores: *Nas pessoas dos professores José Carlos Peraçoli, Fernando Alberto Lecciolle, Mario Augusto Dallaqua e Marcos Antonio de Carvalho Arakaki, queremos agradecer a todos que colaboraram conosco neste trabalho.*

¹⁷ Professor titular voluntário do Departamento de Clínica Médica e professor emérito da FMB.

¹⁸ Professor associado do Departamento de Clínica Médica da FMB.

NO ÂMBITO UNIVERSITÁRIO brasileiro, havia muito se almejava uma profunda reformulação em nossas instituições de ensino e pesquisa. Ao longo do tempo, diversas tentativas foram desencadeadas nesse sentido, sem que esse objetivo se concretizasse.

Desse modo, foi mais do que compreensível que, em 1963, no processo de instalação da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB), se buscasse construir não mais uma escola, mas uma nova escola, que se caracterizasse por objetivos reformulados nas áreas médica e biológica; que se inspirasse em novas concepções, com um núcleo central de Ciências Básicas e quatro setores de aplicação: Agronomia, Ciências Biológicas, Medicina e Medicina Veterinária, adotando como filosofia educacional o binômio “formação e integração”, reunindo docentes de diferentes formações, mas com um desejo em comum: inovar as formas de ensino e aprendizagem.

Dessa maneira, a integração e a formação nortearam o início das atividades universitárias da instituição, tornando o aprendizado dos estudantes mais racional, consistente e duradouro. A integração horizontal entre as disciplinas (curso básico) e longitudinal (cursos profissionalizantes) procurou tornar mais fácil e consistente o entrosamento entre elas. Em relação ao aspecto didático, houve a adoção de princípios de curso formativo, estimulando os estudantes a atuarem como principais agentes de seu próprio aprendizado, o que proporcionou ganhos aos alunos, aos docentes e ao curso.

Em Medicina, pode se antever com facilidade a aceitação dessas ideias, sobretudo no ensino clínico, no qual a motivação do estudante se reforça pelo fato de entrar em contato com o paciente, no hospital ou nos serviços de saúde da comunidade. Nesse sentido, o Curso de Aplicação em Medicina se iniciou com uma “experiência educacional” — o Curso de Propedêutica Clínica, ministrado para os alunos do 3º ano do curso médico da FCMBB entre 1965 e 1966, estruturado sob uma concepção renovadora. Pretendeu-se que, ao final do curso, o estudante estivesse apto a examinar o indivíduo são ou doente, adulto ou criança, do gênero masculino ou feminino, bem como a analisar e interpretar os dados obtidos em direção ao raciocínio clínico. Ao seu término, em novembro de 1967, o curso foi avaliado e considerado excelente pelos estudantes e docentes dele participantes, sendo motivo da primeira publicação clínica de docentes da FCMBB.

Deve-se ressaltar que, no ano de 1976, o curso de graduação em Medicina finaliza a integração em seu núcleo de origem e passa a constituir uma das unidades da Unesp, separando-se dos cursos de Ciências Biológicas, Medicina Veterinária e Agronomia.

No sentido de conferir maior objetividade, nesta abordagem de 60 anos de evolução, optou-se por analisar as características do Curso de Graduação em Medicina da Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB/

Unesp) referentes ao corpo discente e docente, estrutura curricular, ações afirmativas e comentários gerais.

Em relação ao corpo discente, temos que, de 1968 a 2021, a FMB formou 5.367 graduados em Medicina, com variações de 73 a 103 estudantes por ano, a maioria sendo do sexo masculino. A partir de 1994, alguns anos tiveram o predomínio do sexo feminino, principalmente em 2015, 2017 e 2018. A taxa de evasão (suspensão ou cancelamento de matrícula) dos alunos da graduação no período 2005-2020 foi sempre baixa, no máximo de 0,5% dos estudantes matriculados, o que significa dizer que o maior corte foi feito no próprio vestibular. Esses dados expressam o nível de prestígio da FMB na comunidade do estado de São Paulo e do Brasil, provavelmente devido à qualidade de formação e ao êxito profissional alcançado pelos nossos egressos.

Por sua vez, o número de docentes do Curso de Aplicação em Medicina da FMB era de 48 no final de 1968, chegando a 229 em 1995. A partir dessa época, foi pequena a variação, registrando-se um máximo de 233 docentes em 2012. Porém, a partir desse período, houve redução do número dos docentes, decorrente sobretudo das aposentadorias sem reposição, totalizando 177 em 2021. Os departamentos de Clínica Médica e de Cirurgia são os que registraram, em 2021, o maior número de docentes e de contratados em RDIDP. Os departamentos de Clínica Médica e de Especialidades Cirúrgicas e Anestesiologia são os que têm o maior número de professores titulares. Ressalte-se que, desde o início de 2020, por conta da pandemia de covid-19, a universidade sustou a progressão na carreira universitária.

Pela distribuição e construção do currículo, observa-se um acréscimo de 100% no número de disciplinas, que constava 37 em 1968, ano de conclusão de curso da 1ª turma da FCMBB, para 74 disciplinas em 1978, que ocorreu principalmente no 4º e 5º anos do curso. De 1988 para 1996, o número de disciplinas mais que dobrou, passando de 77 para 150, como resultado da criação de numerosas disciplinas de especialidades e subespecialidades. A partir daí até 2010, o número de disciplinas oscilou em torno de 160. O currículo vigente, implantado em 2019 e ministrado com módulos, prevê 79 unidades curriculares.

A avaliação do desempenho dos estudantes ainda está basicamente calcada no modelo convencional, sendo privilegiados os aspectos cognitivos em detrimento das habilidades e atitudes da maioria das situações, porém com interessantes iniciativas dessa forma de avaliação, principalmente nas séries de internato. A partir da análise dos resultados das avaliações do aproveitamento de curso de graduação em Medicina e a comparação dos resultados desses períodos, permitimos concluir que houve aumento crescente dos índices implicados na aprovação dos estudantes, de 89% para 95%, com aumento das disciplinas que aprovaram todos os alunos por média, e, conseqüentemente, houve a

diminuição dos índices relacionados à reprovação, de 23,7% para 3,2%, em disciplinas que reprovaram pelo menos um aluno. No entanto, com o passar do tempo, a maior taxa de aprovação constatada na avaliação do aproveitamento não assegurou para a FMB melhor qualidade no ensino ou maior rendimento no aprendizado dos alunos.

No final de 2009, a comunidade acadêmica da FMB aprovou o processo de reestruturação do currículo do seu curso de graduação em Medicina. O processo, coordenado pelo professor titular José Carlos Peraçoli e assessorado pelo Núcleo de Apoio Pedagógico da FMB, foi desenvolvido e construído por toda comunidade acadêmica (docentes, alunos e servidores técnico-administrativos) das unidades da Unesp envolvidas: FMB e Instituto de Biociências de Botucatu (IBB). Foi estruturado em dez etapas com coordenação de profissionais externos à FMB com a devida qualificação para cada atividade. A proposta foi considerada inovadora, contextualizada com as necessidades de saúde da população brasileira e do Sistema Único de Saúde (SUS). O Projeto Político-Pedagógico (PPP) contempla as recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Medicina (Resolução CNE/CES nº 03/2014) nas três áreas formativas, Atenção à Saúde, Gestão em Saúde e Educação em Saúde, e tem como princípios: indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; interdisciplinaridade; aprendizagem colaborativa; integração ensino-serviços-comunidade; postura ativa do estudante na construção do conhecimento. Ao longo dessa formação, observamos importantes semelhanças com a proposta formulada pelo professor José Eduardo Dutra de Oliveira, descrita no documento “Plano de ensino Médico na Faculdade de Botucatu, em São Paulo, 1966”. Como pontos em comum, ressaltamos o objetivo das duas propostas: “O aluno, ao finalizar o curso de graduação, esteja apto a exercer suas atividades dentro dos recursos disponíveis na comunidade”.

O início da implantação desse currículo ocorreu em 2019 (turma 57) e traz inovações substanciais. O modelo curricular é composto por eixos e módulos fundamentados nas competências e habilidades para a formação do profissional médico. O modelo é constituído por módulos integrados, integradores e fundamentados na prática profissional, e não mais em disciplinas. O sistema de ciclos básico-aplicado-profissional (currículo 2-2-2) é substituído por duas fases: integração básico-clínica – pré-internato (1ª a 3ª séries), constituída por módulos morfofuncionais e fisiopatológicos, e internato (duração de três anos: da 4ª à 6ª séries).

Cenários de ensino e aprendizado: no currículo implantado em 2019, os módulos da fase pré-internato são ministrados no Instituto de Biociências de Botucatu (IBB) e na FMB. As atividades clínicas têm por finalidade propiciar cenários de atenção à saúde nos níveis primário, secundário e terciário. Dentre os cenários de ensino utilizados pelo curso de graduação, temos: Hospital das Clínicas (HCFMB), Hospital Estadual

de Botucatu (HEB), Centro de Saúde Escola, Hospital-Dia HIV/AIDS, Pronto-socorros Municipais (adulto e pediátrico), Hospital do Bairro e Unidades Básicas de Saúde e de Estratégia da Saúde da Família do Município de Botucatu (SP). Considerando-se que o uso do Laboratório de Habilidades (manequins) como apoio ao aprendizado da prática clínica é uma ferramenta fundamental, a FMB deve ter como meta dar um salto de qualidade investindo em um Laboratório de Simulação Realística.

Participação em Programas dos Ministérios da Saúde e Ministério da Educação: desde 2001, a FMB participa ativamente de programas dessas pastas voltados à educação médica, como o Programa de Incentivo às Mudanças Curriculares das Escolas Médicas (Promed), Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Prosaúde) e o Programa de Educação pelo Trabalho (PET Saúde). Esses programas objetivam fomentar a inovação no ensino médico, integrando-o ao desenvolvimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e promover mudanças nas práticas de formação com a integralidade da atenção à saúde da população e educação permanente de recursos humanos. Possibilita aos alunos o ensino mais próximo da realidade da população, além do contato precoce com a prática médica, da vivência da complexidade do atendimento médico nos diferentes níveis de atenção à saúde e dos diversos cenários de aprendizagem.

Em 2013, a Unesp iniciou a implantação de ações afirmativas com adoção de cotas no vestibular de ingresso, através do sistema de reserva de vagas destinadas a alunos oriundos de escolas públicas (SRVEBP) e autodeclarados negros, pardos ou indígenas (PPI), sendo a primeira das universidades públicas estaduais de São Paulo (Unesp, USP e Unicamp) a adotar esse sistema. No primeiro ano da implantação, em 2014, 15% das vagas do curso de graduação em Medicina foram destinadas às cotas, com progressão até o vestibular de 2018, quando 50% das vagas (45) foram voltadas para esses vestibulandos. Em 2019, portanto, a FMB formou sua primeira turma do curso de graduação em Medicina ingressante por esse sistema. Em estudo realizado pelo Conselho de Curso de Graduação em Medicina da FMB, pela análise do coeficiente de rendimento (CR) geral dos alunos, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os três grupos (universal, SRVEBP, PPI). Um dos fatores que pode explicar a semelhança do desempenho seria a elevada concorrência existente entre os candidatos no vestibular para ingresso.

Com a adoção do sistema de ações afirmativas para ingresso de alunos oriundos de escolas públicas e PPI, a Unesp mostrou compromisso com política de justiça social e racial, oportunizando acesso equitativo ao ensino superior de qualidade. Porém, é necessária a criação e a manutenção de condições que permitam que os alunos cursem e concluam a graduação, notadamente o curso de Medicina, o qual exige integral dedicação.

A FCMBB iniciou seu curso de aplicação em Medicina com uma experiência — o Curso Integrado de Semiologia, que, avaliada criteriosamente em seu término, mostrou aprendizado eficiente, sobretudo no sentido de motivar os estudantes a usar livro-texto, consultar fontes bibliográficas, discutir em grupo e, principalmente, assumir responsabilidade em sua formação.

No correr dos 60 anos do curso, várias inovações pedagógicas foram tentadas, processos de integração interdisciplinar experimentados e sistemas de avaliação do aproveitamento renovados e implementados. Muitas dessas experiências se perderam pelas dificuldades encontradas na sua implementação, outras se mantiveram e influenciaram a estruturação do atual curso de graduação em Medicina da FMB.

É necessário salientar, ainda, o acréscimo progressivo do número de candidatos por vaga no curso, alcançando 310,7 em 2021, o que confere à instituição alto nível de prestígio em nossa comunidade, face à qualidade de formação e ao êxito profissional alcançado por nossos egressos.

As atividades descritas mostram que a comunidade universitária da FMB sempre esteve envolvida em processos de melhoria da educação dos estudantes, objetivando que seus estudantes tenham sólida formação geral, ética, humanística, científica e técnica. Espera-se que o profissional formado nessa instituição se insira no SUS e seja capaz de prestar cuidado integral à saúde, na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação das doenças e agravos relacionados às maiores morbidades e mortalidades.

O rápido desenvolvimento da ciência, de um lado, e a necessidade de formação de médicos que realmente atendam às necessidades de saúde de nossa comunidade, de outro, colocam um desafio para a estruturação didático-pedagógica da instituição. Urge que decisões sejam tomadas no sentido de garantir a essa instituição um papel relevante na solução desse intrincado problema, estabelecendo um “processo de desenvolvimento curricular” dinâmico, autêntico e de atualização contínua.

Considerando-se o êxito do Curso de Graduação Aplicado em Medicina iniciado em 1965 como “Curso Experimental”, durante o período FCMBB, e o fato de que esse sucesso se manteve no período FMB, nossa instituição se caracterizou por estimular, nestes 60 anos, numerosos processos pedagógicos. Esse certo inconformismo com a realidade vigente foi sempre um “motor propulsor” de pesquisas nessa área, com consequentes conquistas e avanços.

Nesse contexto, nos últimos 10 anos nós nos dedicamos ao processo de “Reestruturação Curricular”, que originou a proposta que há três anos está em fase de implantação. Assim, a FCMBB/FMB se inscreve na área de graduação em Medicina em nosso país, como pioneira e, até aqui, como uma das mais propositoras de renovação no ensino médico.

Que continuemos assim!



Talentosa, inovadora, construtivista e disruptiva

10ª Turma de Medicina (1977)

Benedito Barraviera¹⁹

João Batista Ribeiro da Silva²⁰

Lis Aparecida Mezenga Haraguchi²¹

¹⁹ Graduado em Medicina pela FMB (1977) e especialista em Medicina Tropical pela USP (1979), é mestre (1984) e doutor (1986) em Medicina Interna pela FMB, onde atua como professor livre-docente (1993) e titular (1999) de Infectologia. É fundador e, por três gestões, foi diretor do Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos da Unesp (Cevap).

²⁰ Médico pela FMB (1977), foi diretor clínico do hospital Beneficência Portuguesa de Olímpia (1978 a 1988), possui pós-graduação pela Universidad Favaloro (Argentina, 2007), Master Universitario pela Universidad de Cádiz (Espanha, 2008) e hoje atua como médico do trabalho.

²¹ Graduada em Medicina pela FMB (1977), fez residência médica em Pediatria (1979) e se especializou em Psiquiatria Infantil pelo Departamento de Psiquiatria da USP.

A 10ª TURMA do curso de Medicina da saudosa Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB), hoje denominada Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FMB/Unesp), era constituída por 90 alunos, sendo apenas 10 do sexo feminino, e ficou conhecida como a “turma do Cescea”.

Isso se deu pelo fato de que, no final da década de 1960, os vestibulares do estado de São Paulo eram realizados por três instituições: Cescem, Cescea e Mapofei.

A primeira, chamada Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas, até 1971 realizava os vestibulares das escolas médicas, sendo no ano seguinte substituída pelo Centro de Seleção de Candidatos às Escolas de Administração. Ou seja, por razões que desconhecemos, em 1972 trocaram o Cescem pelo Cescea, que se tornou um vestibular voltado mais para as ciências humanas, haja vista que o Vestibular Unificado de Ciências Exatas e Engenharia (Mapofei) era voltado para a área de ciências exatas.

Assim, chegamos, em 1972, à inesquecível FCMBB, como a turma do Cescea que, para a maioria, significava “alunos despreparados para cursar Medicina”. Essa discriminação ocorreu já na matrícula, momento em que se raspava a cabeça dos calouros. Apesar de muito dolorosa nos primeiros anos, ela foi minimizada nos últimos.

No primeiro dia, carecas, de boina verde e com roupa surrada, tivemos uma aula de trote com o saudoso professor Antonio da Costa Richieri da Neurologia. Depois disso era tentar “descobrir” onde eram as aulas e “fugir” dos veteranos que estavam ávidos para dar trote na turma do Cescea.

Logo no primeiro ano, tivemos o “enfrentamento” do cadáver formolizado. Eram as temidas aulas de anatomia coordenadas pela equipe do professor Neivo Luiz Zorzetto. Os alunos foram divididos em grupos de seis, por ordem de chamada, e distribuídos em 15 mesas de aço inox com um cadáver fixado em formol para cada mesa de dissecação. Vale lembrar que todos os dias, quando chegávamos às oito horas da manhã e o laboratório de Anatomia Humana era aberto, o cheiro de formol era insuportável.

Na dissecação, que se iniciava pelos membros inferiores, pobre daquele que cortasse a veia safena magna, pois, além de virar chacota dos professores e demais colegas, seria lembrado para sempre. Para adentrar a esse laboratório, tínhamos que trajar roupa branca completa, incluindo o sapato. Tênis? Nem pensar! Era o início de uma jornada saudosista em que aprenderíamos a respeitar o cadáver e a iniciação à doutrina de Hipócrates.

No período da tarde, tínhamos mais disciplinas, tais como Biofísica, Bioquímica, Embriologia, Bioestatística, entre outras. Nesta última, as calculadoras eram manuais, e tínhamos a chamada “prova de máquina da marca Facit”: era a oportunidade de tirar nota 10, equilibrar a média e ser aprovado na disciplina que era considerada desafiadora.

Nessa iniciação, tivemos que “conhecer” o que era um Centro Acadêmico (que na época se denominava Pirajá da Silva) e o que era o Mocó.

Este funcionava às quintas-feiras e aos sábados e era localizado na Rua João Passos, local onde hoje é o Centro Brasil-Itália de Botucatu. Alguns colegas da turma trabalhavam como *barmen* para ganhar alguns trocados e pagar as despesas da república. As principais músicas internacionais da época eram de John Lennon, Gilbert O’Sullivan, Michael Jackson, Bee Gees, Beatles, Led Zeppelin e Rolling Stones. Do Brasil, Vinicius de Moraes e Toquinho, Elis Regina, Jair Rodrigues, Roberto Carlos, Chico Buarque, Erasmo Carlos, Caetano Veloso, Gal Costa, Clara Nunes, entre tantos outros. Tivemos também o enorme prazer de acolher dois colegas da Bolívia que vieram cursar Medicina por meio de intercâmbio entre os dois países, além de dois brasileiros que haviam adentrado por meio de intercâmbio na Universidade de Coimbra em Portugal, carinhosamente apelidados de “portugueses”.

No dia 8 de abril de 1972, tivemos o saudoso “Baile do Bicho” nas dependências do próprio centro acadêmico. Era o dia da libertação e com um detalhe interessante: traje passeio completo!

Ainda no primeiro semestre de 1972, mais especificamente no Dia das Mães, perdemos o colega Romulo Cechini Junior num acidente automobilístico. Naquele tempo, todos éramos muito pobres e não tínhamos nenhuma ajuda de custo a não ser a mesada da família. Assim, o colega, que no dia anterior trocou a viagem com outro da turma, que teria sido a vítima, rumou para visitar a mãe numa carona. Infelizmente perdeu a vida no percurso. Foi a primeira tragédia coletiva, um pesadelo, pois só íamos para casa visitar os familiares de carona, o que custava muito tempo, além de ser um risco, por não sabermos com quem estávamos viajando. Aproveitamos esse momento para referenciar a memória do saudoso colega.

No segundo semestre de 1972 (calouros ainda), participamos de algo inusitado: a tal Intermed, que foi realizada em Santos. Participavam várias escolas, entre elas as coirmãs Pinheiros e Paulista — denominação dada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e da Escola Paulista de Medicina. No dia agendado, embarcamos à meia-noite da estação ferroviária de Botucatu, no trem noturno da Sorocabana rumo a São Paulo. Detalhe: um vagão inteiro do trem era ocupado apenas pelos alunos da Medicina de Botucatu.

A bateria continuava bastante animada quando chegamos à Estação da Luz em São Paulo por volta de seis horas da manhã— exatamente na hora em que os denominados “trens subúrbios” também chegavam. Estávamos com fome e precisávamos de um café quente. Não tivemos dúvida: um dos colegas da turma, de posse de sua flauta mágica, sentou-se no chão frio da estação, colocou na sua frente uma caixa fechada com um chapeuzinho aberto em cima e começou a executar músicas de “encantar serpentes”. Um dos veteranos de posse do megafone anunciava a saída da cobra e pedia contribuições. Com essa coleta, conseguimos tomar café nos bares da estação. A seguir embarcamos num outro trem que desceria a Serra do Mar. O chefe de trem anunciou de antemão: a bateria não pode tocar na descida, pois o trajeto é muito perigoso. Mas pedir para estudante é coisa complicada, então a bateria desceu a serra tocando, e mais: de vez em quando algum gaiato gritava “abaixo a ditadura”. Não deu outra: chegamos a Santos presos! Os policiais armados já estavam nos esperando nas plataformas da estação. Como sempre, existia um “veterano” com habilidade política, que conversou longamente com o sargento da guarda e ao final conseguiu a liberação da turma. Mas isso foi transitório, haja vista que o mesmo gaiato gritou novamente: “Abaixo a ditadura”. E aí fomos presos novamente.

Depois de muita conversa, fomos liberados para ir até a ponta da praia, exatamente no canal 5, onde ficaríamos alojados no Colégio Escolástica Rosa. Ali, estavam disponíveis cerca de 60 colchonetes espalhados no chão por diversas salas de aula. Como não havia dinheiro para as refeições, os calouros se juntavam com os veteranos em dupla e visitavam na hora do almoço as mansões da redondeza pedindo refeição. Muitas vezes almoçamos juntos com as famílias, e rolavam histórias de estudantes dos próprios anfitriões. Um de nossos colegas da 10ª turma era atleta de natação e contribuiu muito para a FCMBB ganhar dez medalhas, sendo seis delas de ouro e quatro de prata.

Ainda no final de 1972, um grupo de “inquietos” e “necessitados” de sustentabilidade financeira ousou, todos em torno dos 20 anos, criar um cursinho denominado COC-Botu Med — COC vem de Curso Oswaldo Cruz, cuja sede ficava em Ribeirão Preto, e Botu Med é em homenagem à cidade e ao nosso curso de Medicina. Nessa época, não se sabia o que era franquias, e esse grupo de dez colegas ousou trazer para Botucatu o COC de Ribeirão Preto nesse modelo. Já no primeiro ano de funcionamento, ou seja, em 1973, aprovamos quatro alunos no curso de Medicina e dezenas de outros em Biologia, Veterinária e Agronomia. Foi a consagração do COC em Botucatu durante alguns anos. Essa iniciativa deu “emprego” a muitos colegas do curso médico. Em 1976, quando mostramos ao Curso Anglo Latino de São Paulo o “modelo de negócio” que havíamos implantado em Botucatu, os olhos

dos paulistanos brilharam. Coincidência ou não, hoje existe franquia do Curso Anglo Latino e COC em todo o Brasil, inclusive dois desses colégios estão funcionando em Botucatu.

Em 1973, no segundo ano do curso, ocorreram as temidas aulas de Fisiologia juntamente com os alunos da Medicina Veterinária e da Biologia bacharelado. O anfiteatro da Patologia lotava, todos interagiam e se respeitavam. As aulas práticas eram em cães — hoje seria considerado criminosos os erros que cometíamos, mas os tempos eram outros! Ainda tínhamos aulas de Genética, Imunologia, Microbiologia, Parasitologia e Patologia. As aulas de Parasitologia Prática eram cômicas: os próprios alunos levavam suas fezes para examinar. Os testes de muitas delas davam positivo para parasitas colocados pelos colegas, e a vítima acabava se tratando da verminose sem necessidade! As aulas de Patologia eram ministradas pelo professor Montenegro, que nos denominava de “geração sem palavras”. Com isso, ele criticava indiretamente o formato de seleção dos vestibulares, ou seja, fazer apenas “cruzinhas”, como eram chamados os testes de múltipla escolha. Não havia até então nem treinamento, nem prova escrita do tipo redação. Detalhe: no segundo ano, não era obrigatório o uso de roupa branca. Durante aquele período, conhecemos também o que era o “Circuito Universitário” iniciado na década de 1970. Os shows ocorriam no cinema do Paratodos, atual Teatro Municipal de Botucatu. A partir de 1973, com a instalação do COC no segundo andar do prédio do Paratodos, todas as vezes em que havia circuito universitário, as aulas eram suspensas, haja vista que ora os alunos queriam participar, ora o barulho e as manifestações da galera eram ensurdecedores.

Em 1974, voltamos a ser médicos, a usar roupa branca e a ser “iniciados” nas enfermarias, com as aulas de propedêutica. Éramos estimulados a abordar os doentes e “tirar história” deles. Nessa época, também foi constituída por um grupo de colegas a república denominada Asona, cuja moradia era vizinha de parede do Colégio Santa Marcelina. Apesar do muro alto, os colegas improvisavam uma escada e semanalmente “visitavam”, tarde da noite, a horta das freiras em busca de verduras e legumes. Os vegetais eram frescos, orgânicos e muito baratos. Esses colegas se penitenciam até hoje, louvando e pedindo a Deus perdão por tal delito. Nesse ano, no segundo semestre, ainda ocorreu na Associação Atlética de Botucatu o Baile do Havaí, que era tradicional na cidade e tinha por objetivo angariar fundos para a formatura. Como havia necessidade de “enfeitar o salão” e criar um ambiente havaiano, ou seja, com muitas folhagens, alguns colegas foram ao Posto Maristela, que tinha um parente na turma, para “emprestar” folhas de palmeiras e outros ornamentos.

Em 1975, no quarto ano, novamente as temidas aulas de patologia com o professor Montenegro. Por conta do afastamento de vários docentes para estágio no exterior, naquele ano ele estava ministrando o curso

sozinho. Um belo dia, ele se voltou para nós e disse: “Vocês não precisam mais fazer provas — estão todos aprovados”. E assim foi até o final do ano, aprovação por decreto! Até hoje não sabemos se ele nos aprovou por sermos “da turma do Cescea”, ou seja, muito “preparada e inteligente”, ou se realmente não tínhamos “capacidade para sermos aprovados em Patologia”. Esse segredo ele levou consigo para o túmulo...

Outra ocorrência hilária dessa época, haja vista que vivíamos o final do movimento hippie (o mais contestador e rebelde movimento da história segundo alguns autores), foi a “chispada” que ocorreu certa noite, a partir de uma das nossas repúblicas, que ficava localizada na rua Rodrigo do Lago, na região central de Botucatu. Alguns colegas prepararam uma festa regada a pouca comida, muita bebida, e lá pelas tantas resolveram inovar realizando uma “chispada”. Chispada significa sair de algum lugar rapidamente, partir repentinamente, vazar, correr em disparada. Na época, o termo significava também tirar toda a roupa e correr nu, em diáspora e sem rumo, pelas ruas da cidade. E foi isso que foi feito por um grupo de colegas, até que alguns deram de encontro com a polícia na atual Avenida Santana. Esses “sortudos” tomaram diversos golpes de cassetete na bunda. Outros se esconderam num galinheiro e tiveram que convencer o galo a se calar, pois ele insistia em cantar, denunciando os invasores. Nossa sala entrou para a história como “a turma do Cescea que inovou Botucatu com a primeira chispada!”. Detalhe importante é que muitas das meninas da turma estavam presentes, e em nenhum momento houve denúncia de assédio moral ou sexual por parte dos colegas, o que mostra que o acontecimento foi marcado pelo respeito a todo mundo envolvido.

Em 1976, nós nos tornamos internos de Medicina, o que significava dedicação integral ao curso. Como prêmio, nos eram oferecidas três refeições (café da manhã, almoço e jantar no refeitório do Hospital das Clínicas da agora FMB) e uma bolsa de estudos de um salário mínimo. No dia 30 de janeiro do mesmo ano, o governo do estado de São Paulo criava a terceira universidade pública denominada de Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, incorporando e desmembrando a antiga FCMBB em quatro subunidades, sendo uma delas a Faculdade de Medicina. Chegamos ao internato com intensas atividades e responsabilidades, além dos plantões ininterruptos nas enfermarias. Esses eram de verdade, apenas supervisionados pelo residente de primeiro ano (R1). Docentes nem pensar, eles ficavam em casa e seriam acionados se necessário e em último caso. Era uma mudança total de paradigma!

Diariamente, às oito horas em ponto, iniciava-se a evolução dos pacientes, e às dez havia a visita com todos os residentes e os docentes. É importante salientar que todos os professores se vestiam a caráter,

ou seja, se apresentavam nas enfermarias e ambulatórios vestidos de branco integral, inclusive os sapatos; eram pontuais, limpos, cheirosos, gentis, asseados, muito prestativos e educados. Era a forma de ensinar “mostrando na prática como se devia fazer”, isto é, com respeito integral ao paciente. Esse mostruário de mestres nos fez escolher o nosso “herói” do coração. Quero dizer que cada um seguiu o sonho, a dedicação e a orientação do seu mestre preferido.

Na Pediatria, por exemplo, o professor Pádua chegava às 7h30 e ficava esperando os internos na porta de entrada. Ai daquele que chegasse depois das 8h. Apanhava de verdade. Sério: ele ia dando tapas, literalmente batendo no interno da porta de entrada, por todo corredor da enfermaria, até a sala de prescrição! Detalhe: ninguém reclamava, e nunca o professor Pádua sequer foi questionado ou eventualmente “processado”. Ao contrário, foi várias vezes homenageado pelas turmas anteriores e posteriores à nossa. Era a regra: responsabilidade, respeito e dedicação integral ao curso e ao paciente. Um detalhe interessante: o grupo que não se dedicasse integralmente era denominado de “grupo quebra-mão”. Essa pecha era deletéria e fatal, haja vista que os docentes ficavam de olho nesses alunos, que seriam certamente desclassificados por ocasião da entrevista para o exame de residência.

Ao final daquele ano, dois colegas, a convite do professor Domingos Alves Meira, se aventuraram até Humaitá (AM), com o apoio do saudoso Projeto Rondon para implantar o Projeto de Estudo da Malária naquela região. O projeto do professor durou dez anos, rendeu dezenas de teses e dissertações, mas foi brutalmente encerrado em 1989²² pelos “políticos democráticos que assumiram o país”. Um desses alunos tornou-se professor da atual FMB. O outro é um respeitado obstetra da região de Botucatu.

Outros dois colegas fizeram iniciação científica sob a orientação da professora Dinah Borges de Almeida. Um deles, após terminar a residência médica em Nefrologia, foi estagiar na França, tornando-se um cientista de renome internacional. Atualmente ele dirige o Center de Recherche sur L’Inflammation em Paris, além de ser professor titular de Imunologia na Universidade de Paris Diderot.

Outro fato pitoresco que deve ser lembrado é a disciplina de Medicina do Trabalho, ministrada pelos saudosos professores Marco Segre e Lea Maria de Barbosa Mott Ancona Lopes. A professora dizia que precisaríamos conhecer na prática o que era o “chão de fábrica” de uma grande e renomada indústria. Para tanto, dividiu a turma em dois grupos de 45 alunos (lotação de um ônibus) e realizou uma visita agendada à

²² N.E.: Segundo página dedicada no site do Ministério da Defesa do governo federal, o projeto foi encerrado em 1989 e retomado em 2005, permanecendo atuante até os dias de hoje.

Cervejaria Brahma de Agudos, em dois turnos. O segundo grupo, com muito mais irritabilidade e iniciativa que o primeiro, causou espécie. A visita foi rápida, de aproximadamente 50 minutos, e depois dela foi gentilmente oferecida pela empresa a tal “degustação do produto”. O funcionário disse que havia um desafio a ser vencido, ou seja, tomar 17 chopes no tempo restante disponível para a visita. Alguns bateram o recorde, outros chegaram próximo, mas não é necessário dizer que todos ficamos embriagados, para não dizer literalmente bêbados. A primeira parada estratégica no retorno a Botucatu foi no Posto Chapadão, momento no qual, além de esvaziarmos a bexiga, alguns colegas aproveitaram para “emprestar sem retorno financeiro” alguns garrafões de vinho. Evidentemente o nível alcoólico aumentou sobremaneira com essa nova degustação. Ocorre que, no final da viagem, alguns “passageiros” se desentenderam, e o motorista teve que fazer uma parada estratégica para que os belicosos acertassem as contas fora do veículo, em cima do capim que ficava ao lado da pista de rolamento. Um detalhe interessante é que naquele momento as meninas aproveitaram para descer e fazer xixi no mato, haja vista que a bebida havia intensificado a diurese. Detalhe: um dos colegas “menos embriagado” deu respaldo e proteção às meninas. Depois de cerca de meia hora, os acertos foram feitos, socos foram trocados, e todos, muito exaustos, voltaram ao ônibus, e chegamos a Botucatu sãos e salvos. Segundo os professores responsáveis pela disciplina, foi a primeira e última visita de alunos da Medicina a uma cervejaria. Importante salientar que, apesar das divergências político-sociais existentes e comuns numa turma de 90 alunos, havia um espírito de solidariedade, respeito e irmandade muito intenso. Por fim, um fato inusitado para os dias de hoje é que, já a partir do 5º ano, os internos começavam a dar plantões nas cidades vizinhas de Botucatu. Muitos de nós demos plantões em Itatinga, Conchas, Avaré, entre tantas outras localidades.

Em 1977, o internato ficou mais “duro” que no 5º. Nessa época, além das refeições já oferecidas, acrescentava-se uma bolsa de estudos no valor aproximado de dois salários mínimos da época, além da possibilidade de ficar hospedado — quando houvesse vaga — junto à ala dos médicos-residentes. Alguns colegas aceitaram a oferta e moraram no local durante o último ano do internato. As atividades de enfermagem e de ambulatórios eram intensas, das 7h às 19h, pois íamos pela manhã e ficávamos até a noite, depois do jantar, e só então retornávamos para a república. Devem ser lembrados também os estágios de obstetrícia realizados no Hospital da Santa Casa de Araçatuba, com o professor Creso Machado Pinto, e o estágio de Pronto-Socorro no Hospital Municipal Tide Setúbal, em São Miguel Paulista. Neste último, o preceptor sugeria que não saíssemos do alojamento à noite, que ficava no próprio hospital, em decorrência dos perigos que correríamos tendo em vista a violência reinante na região.

Em Araçatuba, aprendemos a conduzir um parto normal, pois dezenas deles foram realizados. Em São Paulo, conhecemos um pronto-socorro de verdade e aprendemos a atender na prática uma emergência médica. Naquele ano, todos já consolidavam as especialidades que seguiriam, muitos já estavam casados e com filhos, e outros chegavam perto disso. Esse “rito de passagem” para o famigerado exame de residência médica ou, para alguns, para a vida profissional propriamente dita.

A colação de grau ocorreu em 19 de dezembro de 1977, nas dependências da atual Associação Atlética Botucatuense, e infelizmente não contou com a presença de cinco colegas: um que faleceu no acidente automobilístico e quatro que desistiram do curso. Deve ser salientado que os “portugueses” concluíram o curso com distinção e louvor, já totalmente irmanados com os demais colegas da turma. O baile dos formandos ocorreu no dia seguinte, nas dependências da antiga sede do Botucatu Tênis Clube na Rua João Passos, oportunidade em que todos trouxeram pais, irmãos, demais parentes e “linhas de frente”. Essa era a denominação dada às namoradas, em geral noivas, que a maioria mantinha “escondida” na cidade de origem. Nesse momento as “nativas”, como eram denominadas as namoradas de Botucatu, choravam e se descabelavam. O termo é tão arraigado e culturalmente incluso no vocabulário local que um restaurante famoso da cidade oferece no seu cardápio um delicioso risoto denominado “nativas”. Muitas confusões ocorriam durante as solenidades de formatura, e alguns casamentos não se consumaram por conta disso.

Em 1978, após a diáspora de alguns colegas, a maioria — cerca de 70% — tornou-se médico-residente na já gloriosa FMB da Unesp. Se o internato era duro, imagine a residência médica... As atividades eram intensas e incluíam agora orientação aos demais internos do 5º e do 6º ano, atendimento aos ambulatórios e aos doentes internados, discussão de todos os casos clínicos internados e nos ambulatórios — era necessário conhecer todos os casos profundamente e de cabeça, em especial os exames laboratoriais subsidiários, além dos famigerados plantões. Na época, plantão de R1 significava estetoscópio no pescoço e ficar a noite toda acordado, haja vista que as enfermeiras sempre estavam lotadas, com leitos extras, e a supervisão era limitada — ou seja, era necessário tomar decisões e sempre levar o “Tratado de Medicina” na bolsa do plantão para eventuais consultas.

Na época, o comportamento ímpar dos médicos-residentes do país — todos nós achávamos que deveríamos ser “assalariados e recolher os direitos trabalhistas” — movimentou a classe contra o tal arrocho salarial, além de reivindicarmos a aplicação da CLT na categoria.

Em 1980, a maioria já havia concluído a residência, pois na época a maioria delas era de dois anos. Era o momento das definições de

trajetória de vida. Grande parte optou pela vida profissional dentro da sua especialidade como profissional liberal, ou seja, muitos abriram consultório e trabalhavam também nos antigos postos de saúde e hospitais, que muitas vezes eram denominados santas casas. Seis deles se tornaram professores da FMB, um tornou-se pesquisador na França, alguns se tornaram pesquisadores das instituições estaduais ou federais de saúde, e todos os demais atuaram como professores, ora como colaboradores, ora como voluntários, em diversas instituições médicas do país. Cinco exerceram mandatos políticos, muitos se tornaram mestres e doutores, montaram serviços de referência em hospitais públicos e privados, três se tornaram também bacharéis em Direito e muitos foram gestores de hospitais públicos e privados.

Finalizando, a turma do Cescea tem uma diversidade incrível de talentos, com enorme capacidade construtivista — haja vista que vários construíram serviços de assistência e de pesquisa que são referência para o país — e disruptiva, ou seja, com enorme capacidade de romper e mudar os paradigmas para melhorar a qualidade de vida do povo brasileiro.

Lamentamos a perda, ao longo desta jornada, dos seguintes colegas e amigos: Wilson André Mendes Coutinho (Citosina), Antonio Carlos Putinatti (Rasputin), Aldo Francisco Schimidt (Aldão), Luiz Augusto Zanini (Baby), Brazil Gerson da Silva, Valter Pedro Bajo Checon, Samir Saab (Chuvisco), Makoto Sakate, José Felipe Gulo (Buzo), Eduardo Duarte Ribeiro (Caracu), e, na pandemia, José Rays (Sansão) e Domingos Sávio Duarte (Mineiro).

Nossa homenagem e nosso sentimento de saudade a todos eles.



A pesquisa na FMB: uma visão narrativa ao longo de 60 anos

Marilza Vieira Cunha Rudge²³

²³ Professora emérita da FMB e pesquisadora sênior da Unesp na área da Saúde.

A PESQUISA NA FCMBB e na FMB sempre foi impulsionada pela demanda por altos padrões na educação universitária. Gerar conhecimento novo, colocar na prática clínica e ensinar aos alunos é um caminho virtuoso. Relembrar as abordagens científicas adotadas na FCMBB e FMB ao longo dos seus 60 anos e os obstáculos superados faz rememorar as lições aprendidas, a nossa garra e a nossa determinação.

A concepção desse depoimento foi um exercício de memória de uma aluna da II Turma de Medicina da antiga FCMBB. Além de uma visão narrativa de lembranças de diferentes etapas da minha vida acadêmica na FCMBB-FMB da Unesp, foi também uma reflexão sobre a FCMBB e FMB como centro de pesquisa em saúde, construído “do zero” e progressivamente se tornando a referência que é hoje. Este depoimento mostra diferentes passagens do que foi feito pelos mestres pioneiros, até meu atual momento como professora emérita e como pesquisadora sênior da área da Saúde da Unesp.

Professores pioneiros trouxeram o conhecimento adquirido em suas instituições de origem e, como “sonhadores e empreendedores”, começaram a construção desse centro de pesquisa em saúde, que completa 60 anos. As gerações que se seguiram, no mesmo impulso, foram organizando estruturas que permitiam incrementar as atividades de pesquisa em diversas especialidades da saúde, ao mesmo tempo que as levavam para o ensino de graduação e para a prática médica. Acompanhando o que acontecia no mundo, as práticas de pesquisa na FMB também mudaram ao longo do tempo, especialmente devido à introdução de novas tecnologias. A pesquisa “solitária” foi substituída pelo trabalho em equipe e em grandes redes; os avanços tecnológicos do final do século XX facilitaram a comunicação da ciência, permitindo o contato rápido com pesquisadores dos mais distantes rincões, sendo fundamentais para a consolidação dos grupos de pesquisa da FMB.

VISÃO DA ALUNA DE GRADUAÇÃO DA FCMBB

Os primeiros mestres que vieram para Botucatu na década de 1960 trouxeram a visão da importância da pesquisa dentro da academia. Egressos da Universidade de São Paulo e da antiga Escola Paulista de Medicina traziam consigo a forte motivação para organizar laboratórios e obter equipamentos e material de consumo para pesquisa. Aqui, deixo minha homenagem aos mestres pioneiros, os professores Montenegro, Saad, Trindade, Maffei, Carlos Gomes, Tadeu, Marcelo e Walter Maurício Corrêa, bem como aos professores Dinah, Campana, Meira, Neuza e Edy, entre tantos outros. Eles tinham brilho nos olhos quando se referiam a pesquisa e nos mostraram que dotar futuros médicos de competências científicas é um dos importantes objetivos da educação médica. No entanto, eu, na minha impetuosidade juvenil, não conseguia ainda

entender e valorizar a importância da investigação experimental. Era especialmente motivada pela perspectiva da formação especializada na medicina propriamente dita.

VISÃO DA JOVEM DOCENTE NA TRANSIÇÃO FCMBB-FMB UNESP (DÉCADA DE 1970)

Durante minha residência médica em Ginecologia e Obstetrícia (GO) no Hospital do Servidor Público do Estado de São Paulo, fui instigada ao primeiro desafio em pesquisa: revisão de prontuários médicos comparando achados clínicos e anátomopatológicos. Esse estudo entusiasmou a então jovem docente recém-contratada na FCMBB para instituir o Departamento de GO (DGO). Juntamente com a professora Cleide Trindade, foi criado o primeiro “Banco de Dados Obstétrico e Neonatal” com os “livrões” que continham todas as altas de gestantes, recém-nascidos, partos e placentas. Ao mesmo tempo, o professor Laurival de Luca, recém-chegado de pós-doutorado nos EUA, trazia consigo a visão de que o Departamento de GO deveria ter um laboratório de pesquisa dentro da própria enfermaria de GO.

Na década de 1970, a pesquisa experimental florescia na FCMBB e no início da FMB. Inúmeras teses e dissertações foram realizadas nas diferentes áreas e várias foram premiadas pela Academia Brasileira de Ciências. Nessa ocasião, o professor de cirurgia Saad, ao chegar a Botucatu e se deparar com a ausência de um centro cirúrgico, iniciou a instalação da cirurgia experimental, iniciando, assim, um novo capítulo de pesquisa na FMB. Nosso Hospital de Clínicas (HC), que deveria ser nosso grande laboratório de pesquisa, era pequeno, com poucos leitos e poucos ambulatórios. A transferência do Laboratório Clínico, montado pelo professor Campana e com atuação significativa do professor Burini, de dentro do Departamento de Clínica Médica para o HC, foi outro aspecto relevante e facilitador para a pesquisa na FMB.



A grande parceria existente na FCMBB entre as áreas do conhecimento criou a base forte da interdisciplinaridade na pesquisa e fortaleceu uma visão voltada à internacionalização, com docentes recém-doutores saindo para fazer pós-doc no exterior. Eu me lembro de que as primeiras pesquisas sobre paracoccidiodomicose no Departamento de Patologia foram de caráter clínico-imunológico e desenvolvidas pelos professores Marcelo e Montenegro, em 1973. A primeira tese experimental de Pbmicosose foi da professora Kunie (1973), orientada pelo professor Montenegro. Esta deve ter sido a base do grande e inovador projeto interdisciplinar sobre Pbmicosose que durou vários anos e envolveu, além da Patologia, os Departamentos de Moléstias Infecciosas, Dermatologia e o de Imunologia do Instituto de Biociências (IBB). O grupo cresceu e se tornou mundialmente conhecido. Na realidade, foi a primeira internacionalização da pesquisa da FMB. Na mesma década, o Departamento de Pediatria estruturou uma linha de pesquisa relacionada à nutrição e desnutrição na infância, tendo o professor Nóbrega como líder e contando, também, com a participação de duas biólogas que trabalharam para o estabelecimento de modelos experimentais de desnutrição intrauterina e repercussões neonatais: a Suzana Tonete e a Eneida Sartor. Aqui também inúmeras teses foram desenvolvidas e premiadas.

Na criação da FMB/Unesp, a área de Patologia constituiu-se como departamento e trouxe avanço significativo para a pesquisa na FMB. Eu me lembro do papel fundamental do professor Montenegro, enviando artigos de revistas internacionais que ele próprio assinava para os docentes das áreas específicas. Isso trazia desafios novos a cada um de nós. Para serem confirmados no Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP), todos os docentes deveriam desenvolver um projeto de pesquisa. Meu projeto foi sobre “Diagnóstico e conduta nas vulvovaginites na infância”, com a contribuição do professor Laurival, e resultou em: i) montagem do Ambulatório de Ginecologia Infantopuberal; ii) desafio do professor Nóbrega da Pediatria para criar um método diagnóstico preciso de infecção vulvovaginal em crianças, similar ao de infecção urinária; iii) idealização de um coletor construído pelo professor Walter Maurício Corrêa da Veterinária e iv) ficha clínica e exames realizados pela disciplina de Microbiologia junto com a professora Teruê Sadatsune. Os dados clínicos e bacteriológicos foram analisados na Agronomia com a participação do professor Ricardo Arruda Veiga e da professora Maria Aparecida Mourão Brasil. Fica a minha lembrança carinhosa ao professor Ângelo Catâneo elaborando ficha de informática para análise dos dados.

Nas minhas reminiscências, tenho claro que a maioria dos jovens docentes/pesquisadores daquela época tem histórias próprias, mas todas direcionadas à criação de novas condições para pesquisa na FCMBB. Conforme citado anteriormente, nosso Hospital de Clínicas

era pequeno, os ambulatórios escassos e o financiamento de pesquisa exíguo. Assim, os modelos animais utilizados principalmente pelos Departamentos de Cirurgia, Anestesiologia, Patologia, Pediatria e Clínica Médica se consolidaram como opção e renderam muitos prêmios da Academia Brasileira de Ciência. Com os laboratórios experimentais criados, a maioria dos docentes desenvolveu suas teses em modelos animais. Como o DGO ainda não tinha modelos experimentais, fui aceita para o doutorado na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, no Departamento de Tocoginecologia, sob orientação do professor José Aristodemo Pinotti, e meu trabalho de pesquisa obviamente abordou as vulvovaginites na infância.

Uma dificuldade extra se impunha naqueles tempos sem computadores e sem internet, apenas com os grandes livros do Medline para fazer a busca das publicações sobre os temas das pesquisas. Nossa biblioteca tinha um acervo pequeno; semanalmente chegavam periódicos que eram expostos na segunda-feira e consultados pelos docentes e alunos. Se tivéssemos interesse, fazíamos a reserva do periódico com direito de consulta por apenas 7 dias. Caso houvesse necessidade de obter artigo completo e não tivesse no nosso acervo, a biblioteca do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) era a solução. Quantas viagens a São Paulo apenas para buscar esses artigos xerocados e trazidos em malas para Botucatu! E nada de Rodovia Castelo Branco inteira pronta... A Rondon com pista única era o caminho.

Hoje, olhando para trás, vejo que os esforços foram gigantescos para quem não tinha nenhuma formação em pesquisa. Muita ajuda, muita colaboração, parceria, cooperação mútua e interdisciplinaridade floresciam na FCMBB. Na minha memória, tive uma dificuldade extra: mulher fazendo pesquisa, defendendo seu doutorado e vivenciando um momento tão especial da vida feminina, a gravidez!

Essas memórias, contadas em detalhes, testemunham claramente as condições de pesquisa que tiveram que ser criadas pelos docentes. Essa é a minha história como docente jovem numa Instituição que era um Instituto Isolado do Estado de São Paulo e na transformação em Unesp, com todas as características de algo novo.

Lembro-me do orgulho que senti ao apresentar o resumo da minha tese na Jornada Científica da FCMBB e, posteriormente, no Congresso Brasileiro de GO. A publicação foi na Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia. Naquele momento, publicações internacionais estavam fora do escopo da grande maioria dos docentes da FCMBB-FMB e as Jornadas Científicas da FCMBB eram nosso objetivo maior. Essas jornadas, organizadas pela Associação dos Docentes, foram se desestruturando ao longo do tempo e, de alguma forma, transformadas nas atuais Jornadas de Iniciação Científica. A compreensão e o compromisso adquiridos

nessa fase da vida acadêmica e levados ao longo da vida foram a base para o trabalho de saúde global que prioriza a equidade entre o trabalho clínico e a pesquisa.

VISÃO DA PROFESSORA TITULAR DE OBSTETRÍCIA (DÉCADAS DE 1980 E 1990)

As décadas de 1980 e 1990 foram o período de grande consolidação da pesquisa na FMB. O primeiro projeto temático foi implementado nessa fase tendo o professor Tucci como pesquisador responsável. A cardiologia e a nefrologia experimentais se estruturaram nesse ínterim.

O professor Paulo Machado, líder do Hemocentro ligado à Hemorrede do Ministério da Saúde, criou laboratórios de pesquisa (Biologia Molecular, Citometria de Fluxo e Biologia/Engenharia Celular) capazes de executar grandes projetos em rede, com expressiva captação de recursos em agências de fomento. Recursos foram captados no Ministério da Saúde, visando a inovações que pudessem ser incorporadas pelo SUS e melhorando a qualidade do atendimento ao paciente. Foram consolidadas duas grandes linhas de pesquisa: “Bioprodutos e Bioprocessos” e “Inovação e Tecnologia em Saúde”.

Entretanto, a captação de recursos nas agências de fomento e na iniciativa privada não foi adequadamente realizada nos primeiros anos da FMB. As razões talvez decorram do fato de o financiamento da pesquisa clínica estar embutido no próprio financiamento do HC, seja pela Universidade, seja até mesmo pelo próprio SUS. Contudo, a área experimental tinha os projetos de pesquisa financiados. A Unipex foi o resultado desses financiamentos (especialmente da Finep) e do Programa de Pós-graduação em Bases Gerais da Cirurgia e Cirurgia Experimental que, há muitos anos, vem refletindo a enorme experiência em pesquisa experimental.

Após o doutorado, o caminho a ser trilhado pelo docente era e continua sendo a Livre-Docência. A parceria estabelecida desde o início da Obstetrícia-Neonatologia permitiu que tanto a professora Cleide Trindade como eu fizéssemos nossas livre-docências em poucos anos. Pesquisas e publicações conjuntas envolvendo o binômio mãe-recém-nascido foram a base das nossas teses. Nesse momento, iniciei a linha de pesquisa de “Diabete e Gravidez — um estudo clínico e experimental”, que venho desenvolvendo ao longo dos últimos 38 anos. Os grupos de Rudge e os modelos experimentais de diabete e prenhez têm respondido dúvidas clínicas e aprofundado o conhecimento sobre o “long-DMG”.

Os temas clínicos em diferentes áreas e departamentos se avolumaram ao longo dos anos. Nesse período, o HC já contava com financiamento do SUS para suas atividades assistenciais, e isso foi um facilitador para a implementação da pesquisa em saúde. Não há dúvida de que o

Departamento de Patologia teve um importante papel na consolidação da pesquisa dentro do HC por meio das análises anatomopatológicas. As reuniões anatomoclínicas das diferentes especialidades representavam a base da pesquisa em saúde na instituição. Os livros de biópsia da Patologia eram o grande acervo de ciência da Faculdade. Quanta coisa foi publicada, quantas teses defendidas, quantos prêmios recebidos. Homenagem aos pioneiros da Patologia na FMB: professor Montenegro, professor Marcelo, professora Kunie. Em 1995, o Departamento de Patologia foi responsável, também, por uma nova linha de pesquisa na FMB, a Patologia Toxicológica. Com a criação do Núcleo de Avaliação Genética e Cancerígena (Toxican) sob a coordenação do professor João Lauro, eram realizadas pesquisas sobre o potencial carcinogênico e o mecanismo de ação de compostos químicos. Na ocasião, além de grandes financiamentos das agências governamentais de fomento, o Núcleo fechou contratos com várias empresas do setor agroquímico para estudar o potencial carcinogênico de novos produtos que seriam lançados no mercado.

Ao mesmo tempo, no Brasil, com a Constituição de 1988 e a criação do SUS, a vinculação do nosso HC ao SUS, o desenvolvimento da ética na pesquisa com participação do professor Saad foram marcos externos que influenciaram muito a pesquisa na FMB. A Portaria nº 196/1996 do Ministério da Saúde aprovou as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Em 30/04/1997, o Conselho de Ética e Pesquisa (CEP) envolvendo seres humanos foi criado na FMB. A partir daí, todas as pesquisas desenvolvidas na instituição foram desenhadas e desenvolvidas de acordo com esses preceitos. A pesquisa translacional na associação das dúvidas clínicas com a montagem de modelos animais cada vez mais se consolidou com a criação dos laboratórios experimentais de cirurgia, clínica médica, cardiologia, pediatria, moléstias infecciosas, urologia, ginecologia e obstetrícia, entre tantos. O Laboratório de Pesquisa Experimental em Ginecologia e Obstetrícia (Lapgo) foi instalado em 1995 pela professora Maria Delgi Ramos. Também foi instituída a Comissão de Ética na Experimentação Animal (Ceea) que permitiu importante avanço estrutural na instituição.

Na evolução das condições destinadas ao desenvolvimento da pesquisa clínica, pesquisa experimental e pesquisa em saúde coletiva foram criadas as estruturas multiusuários: respectivamente, Upeclin, Unipex, Upesc.

O Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos (Cevap) foi criado em 1993 para “produzir medicamentos a partir das toxinas animais, particularmente serpentes, aranhas, escorpiões, abelhas e vespas”. Até 2009, as linhas de pesquisa do Cevap seguiam a tradição mundial, ou seja, “produzir ciência gerando conhecimento”. Houve mudança de paradigma para “pesquisadores geradores de tecnologias

e de soluções”, que culminou com o desenvolvimento de dois produtos estratégicos para o SUS denominados, respectivamente, selante de fibrina e soro antiapílico. Esses biofármacos estão na última etapa da fase clínica (fase III) para o registro junto à Anvisa e disponibilização na rede SUS. A última conquista foi o início da construção da Fábrica de Amostras de Biofármacos para Pesquisa Clínica para poder finalizar as fases III dos ensaios clínicos dentro das boas práticas laboratoriais (GMP) requeridas pelas agências regulatórias.

Na história da pesquisa da FCMBB e da FMB, fica evidenciado que a pesquisa em saúde e a pesquisa experimental seguida da translacional foram e continuam sendo a base das investigações na instituição. As novas instalações, novos equipamentos multiusuários e novos laboratórios da Unidade de Pesquisa Experimental permitiram desenvolvimento, ainda maior, das condições para a pesquisa experimental na FMB.

Mas a ciência avançava, e os conhecimentos da Medicina Baseada em Evidências (MBE) precisavam ser construídos na instituição. Uma parceria com a Cochrane do Brasil, com o curso de formação de docentes, residentes e pós-graduandos em MBE, possibilitou a realização de inúmeras revisões sistemáticas e meta-análises que foram posteriormente publicadas. Outro importante marco foi a criação da Unidade de Pesquisa Clínica (Upeclin), que permitiu a participação dos docentes em *trials* internacionais e nos ligados à indústria farmacêutica.

A necessidade de suporte ao docente na área de pesquisa levou a FMB, no início dos anos 2000, a instituir o Grupo de Apoio à Pesquisa (GAP) junto à Fapesp. Tinha como objetivo dar suporte aos docentes no que se refere à análise estatística, à versão de artigos científicos para o inglês, à metodologia de pesquisa e à captação de recursos em agências de fomento governamentais e com a iniciativa privada. Essas atividades executadas pelo GAP foram incorporadas, anos depois, pelos Escritórios de Auxílio à Pesquisa (EAP) criados pela Unesp em todas suas unidades para o gerenciamento da pesquisa.

VISÃO DA PROFESSORA EMÉRITA (2017-2022)

Após aposentadoria compulsória em 2015, tomei a decisão de continuar as pesquisas aprofundando o conhecimento na área de investigação que começou na Livre-Docência, em 1984. Submissão e aprovação de um Projeto Temático na Fapesp (como coordenadora), com parcerias envolvendo várias unidades da Unesp e instituições internacionais. Muita coisa aprendida, muitos desafios superados, inúmeras teses, dissertações, pós-docs, iniciação científica e duas patentes aprovadas.

Em resumo, a estrutura de pesquisa na FMB cresceu de forma exponencial. A Upeclin atuou fornecendo as condições para o

desenvolvimento de pesquisa clínica, a Unipex criou os laboratórios experimentais de alto nível e a Upesc colaborou com as pesquisas em Saúde Coletiva. Foram os currículos robustos de docentes eméritos e de docentes mais jovens, associados à elaboração de projetos de alta envergadura, que permitiram a obtenção de financiamentos em agências de fomento para criar tais estruturas.

VISÃO DA PESQUISADORA SÊNIOR (2022)

Trazer a pesquisa para dentro de uma escola médica é de fundamental importância. Os próprios estudantes reconhecem que a experiência de participar de pesquisas ajuda-os a desenvolver pensamento crítico e a melhorar a prática da medicina baseada em evidências. Parabéns a FMB pela inclusão da disciplina Raciocínio Científico nos três primeiros anos do curso de Medicina. Um avanço significativo!

Nos dias atuais, a maioria das pesquisas em saúde tem sido realizada dentro da pós-graduação. Integrar, num mesmo projeto de pesquisa, o docente com sua pergunta clínica, o aluno de pós-graduação com seu projeto e alunos de graduação em partes específicas cria, sem dúvida, uma estrutura virtuosa de pesquisa.

Embora os avanços tecnológicos do final do século XX tenham simplificado a comunicação científica, há, ainda, vários desafios a serem vencidos. Por exemplo, a imediata disponibilização dos conhecimentos gerados nos remete à necessidade de rápida atualização em tempos cada vez mais carregados de compromissos. O fortalecimento dos grupos de pesquisa, que passa pela implantação de redes nacionais e internacionais, exige pesquisadores cada vez mais comprometidos com a solução de problemas de maior abrangência, muitas vezes em detrimento de estudos com importante caráter regional.

Para finalizar, deixo uma mensagem especialmente voltada às pesquisadoras, às mulheres da área da saúde: embora enfrentemos algumas dificuldades, temos total competência para gerenciar nossas carreiras, em alto nível científico. Um pedido de desculpas aos meus lapsos de memória com a homenagem especial a todos que participaram desses 60 anos de pesquisa na FCMBB e na FMB. Deixo, também, meu agradecimento aos amigos e colegas que me ajudaram a reavivar a memória e a formatar este texto.



A Atlética da FMB

Renato Colenci²⁴

²⁴ Graduado em Odontologia pela Faculdade de Odontologia de Araçatuba da Unesp (2009) e em Medicina pela FMB (2020), onde também fez mestrado em Fisiopatologia em Clínica Médica (2021). Atualmente é médico-residente em Neurocirurgia no HCFMB.

NESTES 60 ANOS desde a arrojada e intrépida história da instalação do curso de Medicina na então pacata cidade de Botucatu, desdobra-se também a evolução de suas entidades estudantis, que igualmente são marcadas por muita garra e suor.

Sobre a representação esportiva acadêmica, seu início se deu oficialmente através da Associação Atlética Acadêmica Pirajá da Silva (Aaaps), que estava ligada ao Centro Acadêmico Pirajá da Silva (Caps) e teve como primeiro presidente o então acadêmico Joel Spadaro. A gestão pioneira de Joel foi a responsável pela organização da primeira edição do Intermed em 1967, que contou com seis faculdades participantes: FCMBB/Botucatu, USP/Pinheiros, Unifesp, Sorocaba, Santa Casa/SP e USP/Ribeirão, sendo que o troféu de primeiro campeão reluz até hoje em nossa sala de troféus no complexo desportivo da Associação Atlética Carlos Henrique Sampaio de Almeida (AAACHSA).

Abro parênteses aqui para falar um pouco mais sobre a Intermed, que é considerada a mais tradicional e uma das competições de mais elevado nível técnico dentre os torneios universitários da América Latina, sem, contudo, ter incentivo formal governamental ou das próprias universidades para que seja realizada. Ela é organizada pela Liga Esportiva das Atléticas de Medicina do Estado de São Paulo (Leamesp), com o objetivo de promover a prática esportiva entre os estudantes de Medicina. Com 53 edições já realizadas, teve sua continuidade quebrada apenas em decorrência da pandemia em 2020 e 2021.

No dia 19 de março de 1979, a Associação Atlética Acadêmica da Medicina (Aaam) foi fundada como entidade representativa desportiva independente do Caps e teve Emílio Carlos Curcelli como presidente. A atlética foi estruturada da forma como a conhecemos hoje em dia e tinha o objetivo primordial de promover e coordenar a prática de esportes entre os alunos da Medicina de Botucatu.

Muitas mudanças ocorreram nesse período: as cores, os nomes e os símbolos são as mais evidentes. Inicialmente, como o símbolo do Caps era um saci, por consequência, o da Aaaps também era. Por outro lado, com a criação da Aaam em 1979, as cores passaram a ser verde e branco, e o símbolo, uma águia. Em 1995, durante a gestão da XXXI turma, o nome passou a ser AAACHSA, em virtude da morte do maior atleta que vestiu nossa camisa, Carlos Henrique Sampaio de Almeida.

Carlão, como era mais conhecido, treinava voleibol, disputava provas de velocidade no atletismo, era goleiro do futebol de campo e conquistou diversos títulos. Durante seus anos de aluno, liderava as equipes das quais fazia parte e era muito querido por colegas e professores. Em 1995, Carlão faleceu em um triste acidente, deixando um enorme vazio. O nome e o exemplo dele foram eternizados em nossa instituição. O símbolo e as cores da AAACHSA (azul, vermelho e branco), que vemos

em nossos uniformes atualmente, foram mudados na gestão seguinte, em 1996. Todas as mudanças tiveram caráter democrático, isto é, foram decididas em assembleias deliberativas.

Em 2015, a AAACHSA sagrou-se vice-campeã da XLIX edição da Intermed, mesmo ano em que se deu a inauguração do Complexo Desportivo em um terreno com 3.750 m² adquirido às margens da Rodovia Gastão Dal Farra, na região do bairro Demétria, em Botucatu, por meio de doações de alunos formados pela FMB — muitos deles ex-membros da AAACHSA. O Complexo, que é também sede social, conta com uma quadra poliesportiva, piscina social, salão de eventos, área de lazer, sala de troféus, lojinha e estacionamento, sendo palco de treinos e confraternizações.

Hoje, a AAACHSA consagra-se como uma das mais tradicionais Atléticas de Medicina do estado. Sua diretoria é composta por alunos do terceiro ano da faculdade que trabalham sem fins lucrativos, apenas com o intuito de promover o esporte e sua cultura, garantindo condições de treino para os alunos na bateria e em 12 modalidades desportivas: natação, basquete, futebol de campo, futebol de salão, voleibol, handebol, xadrez, judô, atletismo, tênis de campo, tênis de mesa e beisebol.

Além da diretoria, parte fundamental da AAACHSA são os diretores de modalidade, cargos ocupados por alunos do segundo ano, cada um cuidando de uma modalidade esportiva. Logo na recepção dos calouros, a atlética compõe a comissão de recepção aos ingressantes para ajudar a integrar o novo estudante ao universo acadêmico e aos treinos, incentivando a incorporação da prática de esportes em sua rotina, ferramenta a ser estimulada e prescrita na profissão futura. Além disso, ao fazer parte de uma equipe, o aluno tem acesso a uma verdadeira família, composta por alunos de diversas turmas e diferentes cursos, estimulando de maneira intensa o trabalho em equipe, essencial na prática médica.

A AAACHSA também atua fora do câmpus, realizando projetos de extensão como *workshops*, simpósios e encontros de ex-alunos na cidade de Botucatu e região, promovendo o desenvolvimento do esporte como ferramenta de transformação social.



Nossa Biblio:

do local de consulta ao espaço de convivência

Sulamita Selma Clemente Colnago²⁵

²⁵ Possui graduação em Biblioteconomia pela Unesp (1986) e especialização em Bibliotecas Públicas e Escolares e em Biblioteconomia. Foi diretora da Divisão Técnica de Biblioteca e Documentação do campus de Botucatu da Unesp.

FALAR SOBRE A “Nossa Biblio” é sempre motivo de orgulho. Poder representá-la nesta obra comemorativa dos 60 anos da FMB é um verdadeiro presente, e sinto-me honrada pelo convite.

“Nossa Biblio”, como ficou carinhosamente conhecida, sempre teve um papel importante e de destaque pelos relevantes serviços prestados, sendo reconhecida por sua comunidade como um apoio essencial às atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no câmpus.

A biblioteca era procurada principalmente pelos docentes e alunos de pós-graduação para consulta e empréstimo das revistas científicas. Os mais antigos devem se lembrar das longas filas nas manhãs de segunda-feira para reservar as revistas da exposição semanal. Da mesma maneira, os livros didáticos eram disputados pelos alunos de graduação e residentes, pois não havia exemplares suficientes para atender à demanda.

A partir da disponibilização online das revistas e do acesso remoto às bases de dados, houve um declínio na frequência dos usuários, e a biblioteca precisou se adequar à necessidade da comunidade, assumindo o desafio de revitalizar e reconceituar seu espaço de acordo com as tendências contemporâneas.

Para tanto, três principais ações foram estabelecidas e colocadas em prática: busca e acolhimento dos usuários em potencial, ministração sistemática de cursos e remodelação do espaço físico.

A biblioteca solicitou seu ingresso na Comissão de Recepção Integrada para participar do planejamento da programação e fazer apresentação de sua equipe, espaço e serviços na cerimônia de recepção aos calouros. Durante toda a semana inicial das aulas, promoveu atividades direcionadas aos novos alunos, como sorteios, gincanas, oficinas, visitas monitoradas e apresentações artísticas.

Foi lançado o Programa de Capacitação e Treinamento em Comunicação Científica, oferecendo diversos cursos em fontes de informação. Dessa forma, foi possível ampliar a quantidade de pessoas atendidas, disponibilizando dias e horários alternativos para a modalidade presencial, além de ofertar o curso à distância.

Em relação à adequação do espaço físico, foi realizada uma mudança estratégica de acervos, móveis e equipamentos. Após criteriosa avaliação, houve um desbaste no acervo, permanecendo na coleção somente o material que atendia os critérios estabelecidos e aprovados pela Comissão de Biblioteca. Isso possibilitou o ganho de espaço para um acervo mais organizado, arejado e de fácil acesso, além de novas salas de estudo em grupo, cantinho da soneca com tatame, almofadas e pufes, áreas com redes, jogos de tabuleiro e máquina de bebidas quentes, copa para uso comunitário com micro-ondas, geladeira e pia, autosserviço de digitalização e fotocópias e cantinho das campanhas solidárias.

As mudanças desencadearam outras benfeitorias no prédio, como troca do telhado, pintura interna e externa, colocação do nome na fachada, substituição de toda a iluminação interna e construção da passarela no gramado externo, realizadas pela administração geral do câmpus.

Todas essas ações, combinadas com o comprometimento e a dedicação da equipe, transformaram a biblioteca em um local de convivência, de encontro, de estudo e de aprendizado variados, um espaço de cultura, enfim, um ambiente mais aconchegante e gostoso. Isso resultou em um significativo aumento da frequência, em especial dos alunos de graduação, passando de cerca de 700 para 1.200 pessoas diariamente.

Finalizo, com a certeza de que a “Nossa Biblio”:

- Tem cumprido, a cada dia, sua missão: “Promover o acesso à informação e a produção do conhecimento nas unidades do câmpus de Botucatu e na Unesp, entre todos os cidadãos”;



- Está cada vez mais perto da sua visão de futuro: “Ser reconhecida pela comunidade como uma instituição imprescindível na prestação de serviços de informação, como um agente de agregação entre as unidades e pessoas do câmpus e a cidade de Botucatu e como uma unidade produtora do conhecimento na área da Ciência da Informação”;
- Tem colocado em prática seus valores: “Atuar com ética consigo, com os colegas e com a comunidade; atender com simpatia; comprometer-se com a qualidade dos serviços; priorizar o bem-estar coletivo; respeitar e valorizar a diversidade; fazer o que é bom e não fazer o que é mau; solidarizar-se efetivamente com o próximo; aprender e ensinar para inovar: estimular as habilidades individuais; caminhar e fazer o melhor juntos.”

Uma curiosidade: o primeiro espaço ocupado pela biblioteca foi dentro do HC. Assim, penso que uma biblioteca que nasce dentro de um hospital só pode ter uma ótima saúde.





HC nas primeiras décadas

Sidnei Lastória²⁶

²⁶ Possui graduação em Medicina pela FCMBB (1969) e doutorado em Bases Gerais da Cirurgia (1978) pela FMB.

O HOSPITAL DAS Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu (HCFMB) é hoje autarquia do estado de São Paulo e está vinculado à Secretaria de Estado da Saúde e associado à FMB/Unesp em relação a ensino, pesquisa e extensão. É a maior instituição pública regional vinculada ao SUS, sendo referência para uma população estimada em 2 milhões de pessoas de 68 municípios. É uma realidade incontestável no cenário regional, estadual e municipal, com estrutura consolidada, oferecendo uma assistência de altíssimo nível à população. Vamos mentalizar e fixar essa imagem do complexo HC e atravessar a ponte temporal no sentido HC de 2022 para o HC de 1967, ano da sua efetiva instalação.

A criação do HC foi simultânea à da FCMBB, por intermédio da Lei nº 6.860, de 22/07/1962, sendo que o artigo 7º dessa lei explicita: “Fica criado o Hospital das Clínicas da FCMBB, que funcionará nos edifícios do hospital de Rubião Júnior devidamente adaptados para esse fim”. E aí começam a odisséia e os problemas, advindos dessa adaptação, que continuam até os dias atuais. Vamos agora respirar fundo, amassar o barro que fica após a chuva (chovia muito em Botucatu, nessa época, e desde sempre) e caminhar em direção à entrada principal do prédio destinado ao futuro HC.

Era inevitável que viesse à mente uma série de imagens de fatos e acontecimentos desses anos todos e principalmente o que essa escola e seu HC representam em termos de luta, sacrifícios e conquistas. Mas, entrando e caminhando pelos corredores desse prédio inacabado, era difícil identificar sinais de um hospital, pois esse prédio central abrigava os quatro cursos que formavam a FCMBB, salas de aulas, laboratórios, administração, departamentos, entre outros. De repente, encontramos uma pequena enfermaria de 14 leitos. Como imaginar que essa pequena enfermaria perdida num prédio inacabado evoluiria para o complexo hospitalar de hoje? A grande ponte ligando 1967 a 2022 foi construída aos poucos. Cada equipamento, cada edificação, cada serviço, cada especialidade têm atrás de si uma história de luta, onde se engajaram alunos, funcionários e professores. Posso dizer que a FMB e seu HC foram entrando devagarinho em nossas vidas, desde os tempos de quase faculdade, quase hospital. Quase porque faltava quase tudo, menos professores, funcionários e alunos lutando por um sonho!

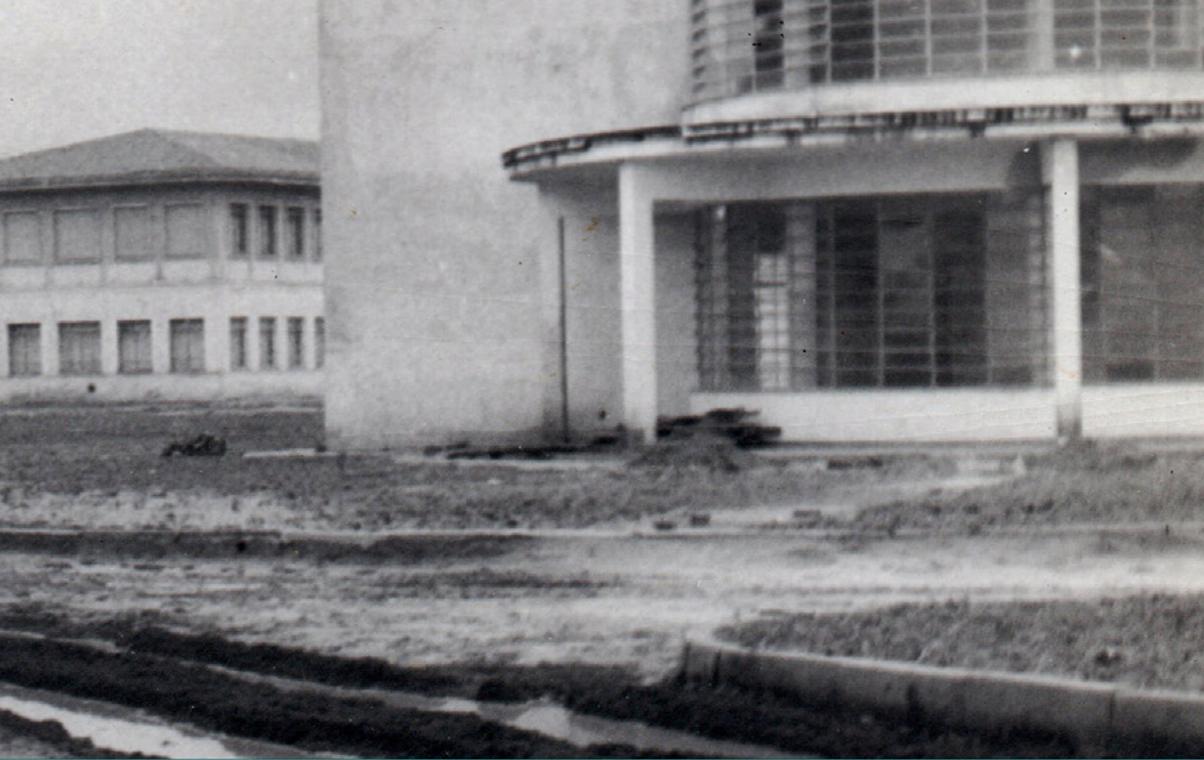
A FCMBB era emblemática na ideia de integração entre profissionais e especialidades que se estendiam ao HC, ainda embrionário, e que facilitou e alavancou a evolução do hospital, em ritmo constante de crescimento. Acredito que professores em tempo integral, presentes em todos os cenários de ensino, foram fundamentais para a boa formação dos profissionais e pelo excelente nível assistencial.



Ano interessante o de 1967, com todo seu agito. Foi o “pior e melhor dos tempos”, como alguém já assinalou. Desde seu início, a história do HC, paralela à da FMB, com intersecções, é uma sequência de crises que demandaram luta constante contra as condições precárias de suas instalações, além da falta de investimentos em recursos humanos, tecnologias e materiais e do subfinanciamento de sempre. Muitas greves e mesmo ameaças de encerramento das atividades eram frequentes.

Vem a Operação Andarilho, uma luta vitoriosa, um marco dos primeiros tempos da FCMBB e do HC, que viria a mudar a história até então, lembrando a participação importante das alunas das primeiras turmas dos diversos cursos nesse movimento. Também nesse contexto o Centro Acadêmico Pirajá da Silva, órgão representativo dos estudantes da FCMBB, é capítulo importante na história do HC, da FCMBB e do movimento estudantil brasileiro, por sua participação ativa, corajosa, ousada, em quase todos os aspectos da vida acadêmica.

Superada a crise de 1967, a FCMBB e o HC entraram num ciclo de rápida recuperação. O HC passou dos 14 leitos iniciais em 1967 para 354 em 1990, ocupando todo o prédio central, com praticamente todas as especialidades instaladas em suas enfermarias, e, via convênios, foi possível instalar equipamentos modernos. O esqueleto do HC foi ganhando massa muscular, muitos outros tecidos e um grande desenvolvimento do sistema nervoso que parecia sempre ter estado ali.



O HC foi mudando sua face, adaptando-se sempre que fatos relevantes se apresentavam como nos anos de 1976 (criação da Unesp), 1978 (Convênio Unesp/INPS), 1989 (criação do SUS), que culminou com o fim do hospital-escola e início como hospital universitário, sem, no entanto, deixar de evoluir e oferecer a melhor assistência possível à população.

Rejeição e resistência são inevitáveis quando se faz algo diferente ou especial como foi a criação da Famesp. Foi tão especial que na história da FMB e do HC existe o antes e o depois da Famesp. Greves, manifestações de alunos, docentes e funcionários, acontecimentos que ficaram na linha do tempo, restando apenas os benefícios muito bem conhecidos. Não estamos caracterizando um período, mas apenas pinçando alguns fatos dessa rica história do HC em suas primeiras décadas. O bom relacionamento entre alunos, professores e funcionários foi fundamental para a construção das bases de trabalho nas primeiras décadas e permitiu a união de forças para superar as enormes dificuldades do dia a dia. E juntos, com garra e muita luta, construíram alicerces sólidos, para que outros na sequência viessem a ter condições para erigir o núcleo universitário que tanto nos orgulha hoje.

Eu me lembro dos professores que não eram simplesmente professores, e sim mestres, e, como mestres, eram amigos, e, como amigos, nos incentivaram em nossos desejos de nos tornarmos bons profissionais e darmos continuidade a esse trabalho. Funcionários

dedicados, competentes, que vestiam a camisa da instituição, e que muito contribuíram. Alunos, residentes sempre ávidos de aprendizagem, completavam a receita desse sucesso. Em meio às dificuldades, havia sempre espaço para o bom humor, brincadeiras e mesmo molecagens.

Mas havia até um trem no caminho do HC! Isso mesmo. Em muitas ocasiões, ele literalmente atravessava o caminho do HC e com frequência em tempo suficiente para dificultar o acesso urgente ao HC. Dificuldades adicionais do período incluíam um prédio aberto, com livre acesso, queda frequente de energia, necessidade quase diária de encaminhamento de pacientes para outros centros de referência, elevadores antigos e pequenos, inflação corroendo as faturas e, ainda, um período de Aids. Cabe ainda uma lembrança da boa relação médico-paciente, mais estreita e muito humana, até pela ausência de tecnologia, diferentemente dos dias atuais, em que o grande desafio é fazer a interação inovação tecnológica e uma medicina humanizada.

Acredito que a geração atual, ao adentrar o mesmo corredor de 1967, deve-se perguntar como será isso num futuro próximo e mais longínquo. Será um hospital virtual? Deixo o questionamento, feliz e grato por ver um sonho realizado. Não é qualquer sonho, mas simplesmente a construção de uma Faculdade de Medicina e seu Hospital das Clínicas. Não é qualquer faculdade nem qualquer hospital das clínicas, e sim o HC da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu e hoje Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu (Unesp). Sinto orgulho por ter participado ativamente de todas as etapas dessa rica história.





Centro de Saúde Escola: **ensino, pesquisa, extensão e assistência** **na atenção primária à saúde**

Antonio de Padua Pithon Cyrino²⁷

²⁷ Possui graduação em Medicina pela Faculdade de Medicina de Jundiaí (1982), mestrado (1993) e doutorado (2005) em Medicina Preventiva pela USP e pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UnB (2014). É professor livre-docente da Unesp e foi diretor do Centro de Saúde Escola da FMB durante 12 anos.

O CENTRO DE Saúde Escola de Botucatu (CSE) é uma unidade auxiliar de saúde da Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (FMB/Unesp), responsável pelo desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa, extensão e assistência na Atenção Primária à Saúde (APS).

Sua criação foi fruto de um convite feito pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES) à então Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB), para o desenvolvimento de projeto docente-assistencial na atenção à saúde da população e “de investigações sobre modelos experimentais de organização de serviços de saúde”.

Em dezembro de 1972, a partir de um convênio entre SES e FCMBB, o CSE dá início a suas atividades, nas frentes de atuação acima citadas, que marcam os 50 anos de história na atenção primária à saúde. Em 2010, o CSE se transformou em Unidade Auxiliar da FMB.

O CSE integra o Sistema Único de Saúde (SUS) de Botucatu, atendendo cerca de 45.000 habitantes das áreas de abrangência das duas unidades que o compõem: a Unidade da Vila dos Lavradores (UVL) e a Unidade da Vila Ferroviária (UVF). Essas unidades realizam o cuidado integral à saúde orientado por princípios do SUS, o que envolve ações e atividades de atenção à demanda espontânea (para quadros agudos), com pronto-atendimento integrado às atividades de rotina (consultas agendadas), atuando na prevenção de doenças, na promoção à saúde, na detecção precoce, no rastreamento e tratamento de doenças, bem como na sua reabilitação. Em caráter complementar, o CSE presta atenção em Saúde Bucal, Saúde Mental, Nutrição, Geriatria, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Saúde Ocular e Serviço Social.

A Unidade da Vila dos Lavradores do CSE oferece a todo o município os serviços do Centro de Testagem e Aconselhamento em DST/Aids (CTA), as atividades de diagnóstico e tratamento das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), bem como o acesso aos Programas de Controle de Tuberculose e de assistência oftalmológica na Atenção à Saúde do Escolar.

Desde 2019, o CSE UVL vem realizando prontos-atendimentos de adultos e vacinações no período noturno, assim como outras unidades de saúde municipais, como parte do programa Poupatempo da Saúde, implantado pela Secretaria Municipal de Saúde de Botucatu (SMSB).

Por cumprir essa missão institucional junto ao SUS, o CSE vem contando com o apoio da Prefeitura Municipal de Botucatu, que, mediante convênio com a Unesp e interveniência da Fundação para o Desenvolvimento Médico-Hospitalar (Famesp), financia parte importante dos 105 trabalhadores de saúde que constituem suas equipes, com vínculo Unesp ou Famesp.

A direção do CSE tem buscado qualificar os processos de trabalho com maior incorporação de tecnologias, ações e atividades da Estratégia de Saúde da Família (ESF), bem como contratação de profissionais da área de Saúde da Família e Comunidade. Todavia, e a despeito do valor que dá ao trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde (Pacs), ainda não foi possível incorporar esses profissionais ao trabalho cotidiano de suas unidades, o que se espera que seja possível com o apoio da SMSB.

As atividades de ensino desenvolvidas pelo CSE, numa perspectiva de formação para trabalho no SUS, envolvem, em todas as áreas de atenção médico-sanitária, anualmente: 765 alunos de graduação dos cursos de Medicina e Enfermagem da FMB e de Nutrição do Instituto de Biociências de Botucatu; 115 médicos-residentes dos Programas de Medicina de Família e Comunidade, Geriatria, Neurologia Infantil, Pediatria e Pneumologia; 75 residentes de diferentes áreas profissionais na Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade, Saúde Mental, Saúde do Adulto e do Idoso e Enfermagem Obstétrica; 12 alunos do curso de especialização em Rede de Atenção no Sistema Único de Saúde nas áreas de Enfermagem, Nutrição, Serviço Social, Pedagogia e Psicologia, além de pós-graduandos *stricto sensu* e estagiários de outras escolas ou serviços.

É na Educação pelo Trabalho que temos a oportunidade de trabalhar em equipe, perceber a importância de cada profissional, aprender como as ações e práticas são realizadas e, assim, a partir da reflexão sobre o trabalho, contribuir para aprimorar os cuidados prestados, incluindo o paciente e sua família nas decisões.

O MOMENTO DA PANDEMIA DE COVID-19

A pandemia representou um grande desafio às instituições de saúde, e o CSE respondeu a esse momento readequando todo o seu processo de trabalho para garantir a devida atenção a seus usuários com síndrome respiratória aguda. Ao longo dos três anos de enfrentamento da pandemia, buscou acolher seus usuários com a segurança necessária, aplicando a mesma coisa a toda equipe de trabalhadores da saúde. Também enfrentou as inúmeras incertezas para dar continuidade ao trabalho de atenção àqueles que compõem os grupos de maior risco em relação à covid-19, mediante busca ativa que contou com apoio de alunos voluntários e residentes das diferentes áreas.

Hoje, após quase dois anos e meio de enorme aprendizagem, obtida por meio da realização de novos processos, da vacinação em massa realizada a partir de uma parceria entre SMSB e Unesp (que teve continuidade nas unidades de saúde), a realização dos testes diagnósticos de rotina, o cuidado aos pacientes com covid-19 aguda e aos acometidos pela longa, o CSE segue oferecendo uma atenção integral a todos.

A PARTICIPAÇÃO DO CSE NA FORMAÇÃO MÉDICA E A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO

Em 2022, com o início do quarto ano de execução da reforma curricular do curso de graduação em Medicina da FMB, novos estágios foram organizados para o internato do quarto ano médico na Atenção Primária à Saúde, com ampla participação do CSE e de seus trabalhadores. Também por orientação do Ministério da Educação (MEC), novos estágios na APS e no CSE foram organizados para médicos-residentes de Clínica Médica e de Ginecologia e Obstetrícia.

Ressaltamos que a curricularização da extensão na Unesp, a exemplo do que ocorre em todo o ensino superior no país, será uma oportunidade de maior integração do ensino com a realidade de nosso município e com a educação pelo trabalho na APS e no CSE, por meio da problematização da realidade vivenciada em cada território do município de Botucatu. Em uma atividade de extensão bem-sucedida, tanto a universidade quanto a comunidade aprendem, pois a interação incrementa o desenvolvimento de ambas. Todo o trabalho de reconhecimento da realidade e da possibilidade de intervenções em parceria com a comunidade local volta-se para a transformação da realidade e a busca de caminhos para qualificar o cuidado à saúde da população.

Durante a pandemia, e visando à realização de uma atividade comunitária participativa, sob a coordenação de um médico do CSE, na Unidade da Vila Ferroviária, foi implantada uma horta medicinal, que vem trazendo de forma exemplar a promoção da saúde, demonstrando que, na APS e no CSE, a saúde recebe amplos cuidados.

POR FIM...

Podemos afirmar que, ao longo dos 50 anos de existência, o CSE produziu muitas ações e atividades de ensino, assistência, extensão e pesquisa criativas, inovadoras, críticas, reflexivas. Todas elas têm o potencial de serem reproduzidas em larga escala e vêm contribuindo para qualificar o SUS e a formação profissional da área da saúde. Agradecemos aos profissionais do CSE e à população de Botucatu, que acolheu a ideia desse serviço-escola; agradecemos também aos professores, que, de forma primorosa, e muito à frente de seu tempo, iniciaram os trabalhos do CSE, seguidos, posteriormente, por aqueles que o integraram ao SUS e à rede de local de serviços, sob a coordenação da SMSB.

Em todos esses momentos, e mais ainda na crise sanitária que vivemos com a pandemia de covid-19, compreendemos que, em um mundo cada vez mais complexo e imprevisível, temos o desafio de pensar qual modelo social e qual modelo de atenção à saúde se deseja desenvolver para a proteção da vida de todos, com destaque àqueles mais vulneráveis. Cabe

bem aqui lembrar o que declarou uma equipe da OPAS, em 1979, em seminário realizado na Bahia: “O objetivo final do sistema de formação de recursos humanos para a saúde não é formar profissionais, mas melhorar a saúde da população”.





1º Regimento da FCMBB

Dinah Borges de Almeida²⁸

Nota editorial: *os depoimentos, relatos e demais textos deste livro foram todos enviados pelos seus autores, com exceção das duas entrevistas que o compõem. Nos dois casos, a preferência pela entrevista se deu a fim de proporcionar relatos mais espontâneos, ricos e diversificados.*

²⁸ Graduada em Medicina pela USP (1959), onde fez também Residência em Clínica Médica (1961). Atuou no Departamento de Clínica Médica da FMB de 1966 a 1993 e na pós-graduação até 1998. Tornou-se professora titular de Nefrologia em 1987 e professora emérita em 1997. Foi vice-diretora (1988-1989) e diretora da FMB (1989-1993).

Martha: Eu queria falar sobre a criação da faculdade. Teve uma lei de criação em 1962, e ela começou a funcionar em 1963. Comenta um pouquinho disso para nós...

Dinah: Espera, tem um fato anterior, porque ela foi criada primeiro pelo Jânio Quadros, em 1958. Essa lei criou uma Faculdade de Medicina, aprovada pelo legislativo e tudo mais, mas não foi efetivada. Aí veio o [governador de São Paulo] Carvalho Pinto, e o secretário de educação dele era o professor Ulhôa Cintra, que foi reitor da Universidade de São Paulo e estava promovendo a discussão de criar essa faculdade no interior, em uma cidade que estava sendo escolhida, então eles estavam visitando vários municípios. Eu era residente do professor Cintra, que, embora fosse, naquela época, reitor, ia toda semana, duas, três vezes, lá na faculdade, e eu tive bastante contato com ele. Ele falava: “Eu fui a tal cidade assim, falar sobre a faculdade”, pensando em uma faculdade de Medicina no interior que fosse mais moderninha, diferente das demais.

Aí passou um tempo, o Carvalho Pinto foi implantar isso, e não sei quem falou: “Faça diferente, faça uma faculdade única, com tais coisas”, então ela foi modificada, pois tinha sido criada como Faculdade de Medicina e, depois, transformada por ele em Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas, ideia influenciada por um pensamento que já estava presente. Eles estavam todos envolvidos no movimento universitário. Eu acho que isso foi um avanço fantástico, que produziu marcas até hoje. E isso foi culminar na Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB). Mas olha o que aconteceu: quando foram criar a Unesp depois, eles separaram os setores. Foi uma resolução, veio de cima, mas foi aplicada aqui, e o pessoal teve que separar.

Martha: Eu não sabia dessa influência que as discussões sobre reforma universitária e fim das cátedras tiveram nesse processo.

Dinah: Sim, todos os movimentos de reforma universitária influenciaram, e foi nesse contexto que nasceu a FCMBB.

Martha: Ela começou a funcionar sem regimento interno. Como foi o funcionamento dela sem isso, e quando vocês sentiram a necessidade de ter um regimento?

Dinah: O começo foi muito conturbado. O primeiro diretor foi o [João Alves] Meira, mas ele não ficava aqui, quem tocou mesmo foi o [Mário Rubens Guimarães] Montenegro. E isso foi uma grande vantagem, pois era um cara com uma cabeça ideológica, entendeu? Ele queria fazer as coisas. E tinha a ousadia de perceber que, do nada, podia sair coisa boa, sabe? E ele então foi procurar as pessoas. O Montenegro lutou pela estrutura toda e lutou pelo departamento dele, que ficou um dos maiores, talvez o mais amplo e avançado Departamento de Patologia do Brasil.

Ele foi fundamental, sabia trazer a pessoa adequada para cada coisa. Então esse começo foi muito tumultuado, tinha dificuldades de todas as ordens; você criava, mas não dava condição.

Martha: Mas, se a faculdade foi criada em 1963, por que só foram pensar no regimento em 1967?

Dinah: É que no começo teve uma mudança sucessiva de diretores. Até que veio o Leal Prado, exatamente no período que teve as grandes movimentações, porque se percebeu que a diretoria não estava conseguindo resolver. E o Leal Prado já tinha dito que a faculdade precisava de um regimento. Então foi ele quem começou isso, desde 1966. Eu fiquei muito envolvida na redação do primeiro regimento, mas, na determinação que seria feita, eu não tive, propriamente, nenhuma influência. Naquela época, teve vários diretores interinos, então resolveram que era uma necessidade e determinaram que deveria ser elaborado, no mesmo momento em que estava havendo uma proposta, apresentada no governo do estado, para fazer uma universidade estadual mais abrangente, que englobasse todos os institutos isolados para fazer uma universidade, que acabou vindo a ser a Unesp.

Martha: A senhora foi a única mulher que participou disso, ou tinha outras?



Dinah: Nos grupos tinha outras, por exemplo, tinha a Dértia Freire-Maia, que era a esposa do [Ademar] Freire-Maia, mas eram poucas mulheres.

Martha: Ao mesmo tempo em que vocês estavam elaborando o regimento, todo mundo dos institutos isolados se organizou, porque o governador pediu que se fizesse um plano para essa universidade, e aí ele mesmo não levou adiante. Vocês fizeram esse plano, e o governador também ignorou. Esse plano que vocês fizeram, em cima do qual trabalharam, afinal era parecido com o que aconteceu e depois virou Unesp ou era muito diferente? Porque, quando a Unesp foi criada, bastante gente foi resistente.

Dinah: Resistiram porque, na realidade, ele começou a mudar as estruturas dos vários institutos isolados. Por exemplo, existiam determinadas disciplinas que eram ministradas aqui e que foram transferidas para outra cidade, sem nenhuma contrapartida. Foi feito um rearranjo que nem sempre era favorável para o desenvolvimento dos cursos e instituições.

Martha: Nesse primeiro regimento em que vocês trabalharam, a senhora disse que dá para notar como vocês colocaram em prática os princípios,



vamos dizer assim, da reforma universitária que estava ocorrendo naquele momento. O que foi essa reforma universitária? O que ela queria mudar, o que aconteceu?

Dinah: A primeira coisa que ela queria era acabar com a cátedra.

Martha: O que é isso?

Dinah: O professor titular, o poderoso absoluto. Vou dar um exemplo muito claro: eu estudei na USP, a Faculdade de Medicina era ótima, considerada uma das melhores da América Latina. Os professores eram maravilhosos, os titulares eram maravilhosos, mas cada um tinha o seu feudo dentro dos departamentos, então havia dois departamentos de Cirurgia, dois de Clínica Médica, dois de quase tudo, e eles não conversavam entre si para elaborar os conteúdos, existia repetição de assuntos. Então os cursos eram iguais. Em todo lugar era assim. O catedrático, que era um top, já tinha feito todo o percurso, ele que mandava, só ele podia ser diretor da faculdade, só ele podia exercer determinados cargos e, quando entrava em um departamento, ele era o chefe absoluto. Os outros docentes, em geral, tinham boa relação com eles, mas era aquilo, se o catedrático definia, acabou.

Martha: Então não tinha participação de outros membros em decisões? Funcionários, alunos...

Dinah: Não, nada, muito menos de alunos. Até por isso que eles, os alunos, estavam fazendo toda uma revolução dentro da universidade, da USP, sem qualquer apoio dos funcionários. Então, a primeira questão da reforma era a questão da autonomia, tanto em relação ao poder exterior à universidade quanto à autonomia financeira. O regimento traria a primeira e uma participação no ICMS, a segunda. Foi quando os alunos e os residentes fizeram juntos uma proposta e apresentaram na congregação, mas não ia pra frente de jeito nenhum.

Era uma época em que as aulas teóricas não eram obrigatórias, você podia ir ou não. Você precisava ir à aula prática, mas podia deixar as teóricas de lado. Mas tinha um professor, o Pedro de Alcântara, um pediatra e professor maravilhoso, que durante as aulas falava muita coisa que não tinha a ver com o curso, na aula dele só faltava ter gente dependurada nas coisas. E nós fomos atrás dele e recebemos uma resposta interessantíssima. Ele falava: “Mas por que vocês não estudam, não veem e não aproveitam a força dos estudantes? Vocês sabem aqueles caminhões enormes que têm uma pedra atrás? Já pensaram o porquê daquela pedra?”. Todo mundo ficou espantado, e ele falou: “É para não desequilibrar o processo”. Quer dizer, você dar muito poder para os alunos poderia desequilibrar o conjunto. É por isso que, em resumo, a congregação estava sendo a pedra.

Martha: Então a gente pode considerar que o primeiro regimento da FCMBB estava de acordo com os princípios da reforma universitária?

Dinah: Sim. E tinha esse negócio que estava acontecendo na França. Era 1968, tinha os movimentos todos que haviam saído de dentro das universidades, que também pensavam em reforma universitária, então existia todo esse movimento... quando o governo tentou juntar todas as universidades, essas coisas foram discutidas em fóruns que se processaram nas sedes, então, além de discutir a questão de juntar os institutos, nós acabamos discutindo a reforma universitária, o que era interessante, o que não era, porque agora a gente estava debatendo uma futura universidade.

Martha: Essa proposta de aglutinar várias ciências em uma faculdade foi algo inovador, né? De onde veio isso? Tem a ver com a reforma universitária? Porque, pelo que eu entendi, antes era assim: Medicina separado, Biologia separado, etc., e foi só ali na FCMBB que surgiu essa ideia de juntar várias ciências.

Dinah: Sim, mas isso já estava sendo conversado anos antes. Começou a nascer, dentro da USP, um grupo que queria instalar uma Faculdade de Medicina no interior, aí o Carvalho Pinto transformou a Faculdade de Medicina em Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas.

Baga: Nesse momento só existia a Faculdade de Medicina?

Dinah: Não existia ainda, ela foi fundada só no papel, e não se concretizou. Aí, em 1962, teve uma segunda lei que já juntava todo mundo, começou tudo ao mesmo tempo. Só a Agronomia que chegou um pouco depois, em 1965, mas depois tudo se alinhou.

Martha: A senhora acha que o fato de a FCMBB ter tido essa característica de várias ciências aglutinadas, de um ciclo básico compartilhado por cursos distintos, diferencia o ensino da Medicina de Botucatu de outras faculdades? O que essa variedade de ciências sendo ensinadas juntas muda no ensino? Isso traz uma característica diferente? Isso forma o aluno de um jeito diferente?

Dinah: O que acontece é o seguinte: isso cria uma corrente de compartilhamento de projetos.

Baga: Então é correto afirmar que essa ideia de ser interdisciplinar, de dar aula junto, tem a ver com essa influência da reforma?

Dinah: Isso. De criar o curso junto, entendeu? Tudo isso nasceu de lá, fazer pesquisa junto, ter matérias compartilhadas, aquela coisa de Botucatu que aconteceu desde o começo. Vou dar um exemplo atual, porque naquele tempo acontecia o seguinte: na minha tese de doutorado, eu fazia uma coisa experimental, precisava de laboratório, tive que

fazer alguns cursos em outros lugares para aprender determinadas técnicas, mas usei os laboratórios de todo mundo, das outras áreas. Eu usei laboratório da Física, da Pneumologia, usei os equipamentos laboratoriais — quer dizer, os laboratórios eram unificados, então todo mundo fazia tese experimental no mesmo espaço. Entendeu?

Baga: Um compartilhamento tanto do conhecimento quanto da estrutura.

Dinah: Isso. Era feito o compartilhamento da infraestrutura de uma forma que você pudesse avançar naquilo que estava sendo proposto. Então, isso acontecia desde o começo, esse compartilhamento inicial foi imenso. Até hoje acontece isso. Por exemplo, a criação da diálise experimental acabou também tendo colaboração com a Veterinária, coisas dessa natureza. Ninguém salienta muito isso, mas eu sinto que foi bastante produtivo.

Martha: E os exemplos de hoje, que a senhora falou que ia dar?

Dinah: O que aconteceu em Botucatu no começo da pandemia de covid-19? Conseguiram fazer o sequenciamento do vírus, que ninguém ainda sequenciava no Brasil. Quem fez? O laboratório do Hospital das Clínicas, a Imunologia da FMB, a Imunologia do IBB, quer dizer, eu não sei detalhes, mas até gente da FCA veio trabalhar aqui, juntando os conhecimentos. Então, de forma conjunta, numa fração de tempo em relação ao resto do Brasil, conseguiram sequenciar o vírus, com a união desses diversos conhecimentos, ou seja, é consequência desse compartilhamento inicial.

Martha: Agora, voltando ao começo, vou perguntar de novo: por que demoraram três anos para fazer o regimento? Os primeiros esboços foram em 1967, e só saiu em 1969...

Dinah: Teve um intervalo por conta dessa questão dos institutos isolados. E houve as operações Andarilho e Denúncia. Então o regimento começou a ser feito em 1967, mas pararam sua redação porque tinham outras demandas. No fundo, ele acabou de ser escrito só depois dos institutos isolados, tendo sido aprovado em 15 de maio de 1969. Toda a comunidade da FCMBB acatou, começou a funcionar conforme o regimento, mas ainda faltava dinheiro.

Martha: E aí?

Dinah: Aí teve a Operação Denúncia, porque não só faltava dinheiro, mas também não tinha sido cumprido o prometido. E isso que é bonito, porque a participação dos alunos foi fundamental, a Operação Andarilho foi fundamental, então isso teve uma coisa que eu só descobri recentemente, querem ver?

Martha: O que é?

Dinah: É um texto, vou ler para vocês. Não, você lê. Todo ele é interessante, mas estes dois parágrafos e isto aqui são mais.

Martha: *“Acabamos de conseguir, com o apoio recebido de vários âmbitos, inclusive dos alunos da FCMBB, que de longa data vêm lutando tenazmente a seu favor, um importante reforço financeiro para o orçamento de 1968, isto é, está assegurada a destinação de quase três milhões de cruzeiros novos para essa faculdade, para a qual o senhor secretário do planejamento já autorizou a administração a ir, inclusive, tomando os passos iniciais para usar os novos fundos. Não podendo enumerar no momento todos os fatos e pessoas que contribuíram para o feliz êxito das nossas negociações com o governo do estado, desejo, entretanto, destacar a posição de apoio dos estudantes nesse movimento.”*

Dinah: Quer dizer, não falam de mais ninguém, só citam os alunos.

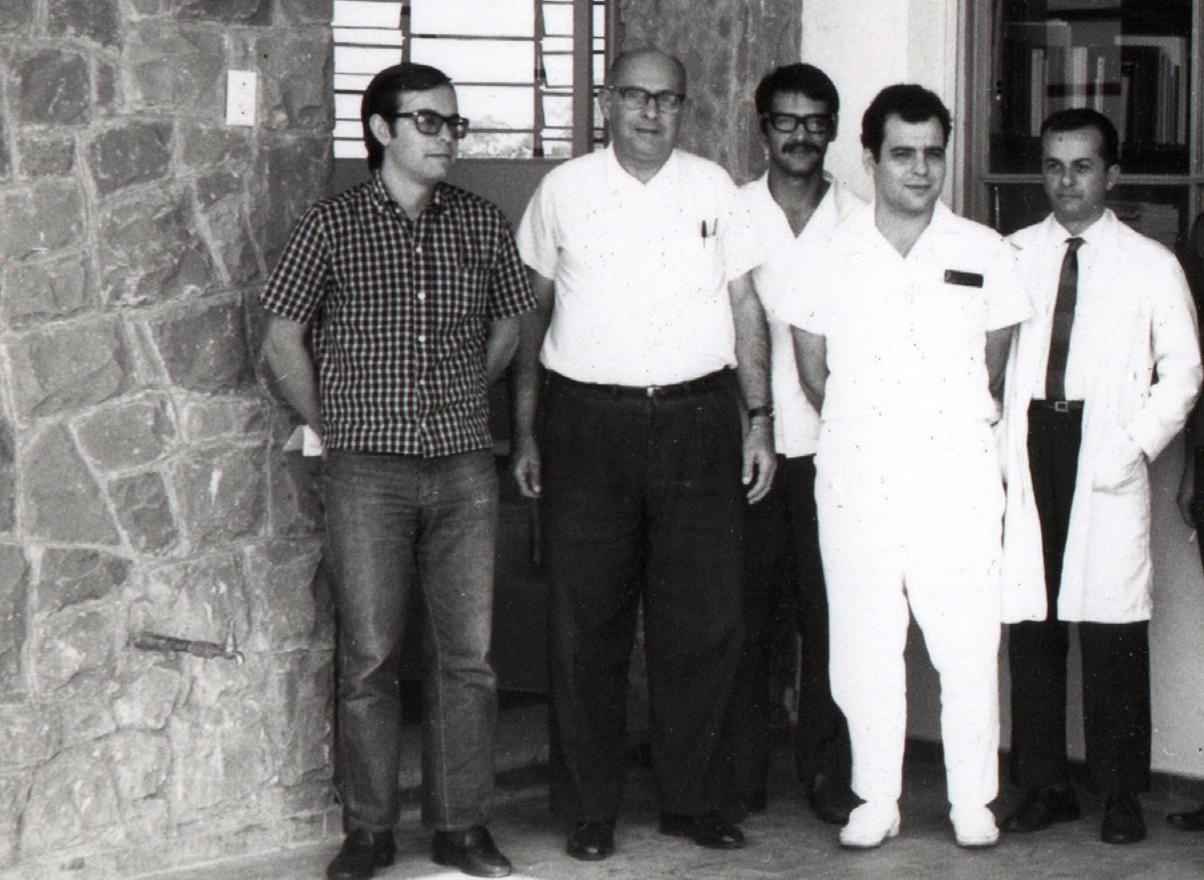
Martha: *“Como cidadão, discordo de muitas ações e pontos de vista da atual classe dominante do país, se bem que, como a maioria dos senhores, sou eu também filho dessa mesma classe. Como diretor da FCMBB, entretanto, devo tomar conta do barco a cujo leme me puseram, na forma já mencionada aos senhores. Convoco, pois, os senhores alunos e os professores desta casa, para que reiniciemos o nosso segundo período letivo. Será no nosso trabalho, nos nossos problemas, que iremos encontrar o necessário estímulo para continuar singrando nosso pequeno mar com nosso frágil barco. A administração da FCMBB acredita que os senhores alunos poderão desde já levantar a ocupação da faculdade, porque foi afastado um dos principais motivos que o levaram a tal atitude. Com a faculdade ocupada, a diretoria executiva não pode prever as consequências que ocorrerão; ao contrário, a volta à normalidade da vida escolar facilitaria sobremaneira o trabalho intenso que a administração terá para conseguir usar a todo vapor os recursos que já estão à nossa disposição. FCMBB, 9 de agosto de 1968, José Leal Prado de Carvalho, diretor-executivo.”*

Dinah: É lindo isso, maravilhoso.

Martha: Demais. Então, era muito claro que aluno, professor e funcionário, estava todo mundo no mesmo barco, você não tinha coisa de professor...

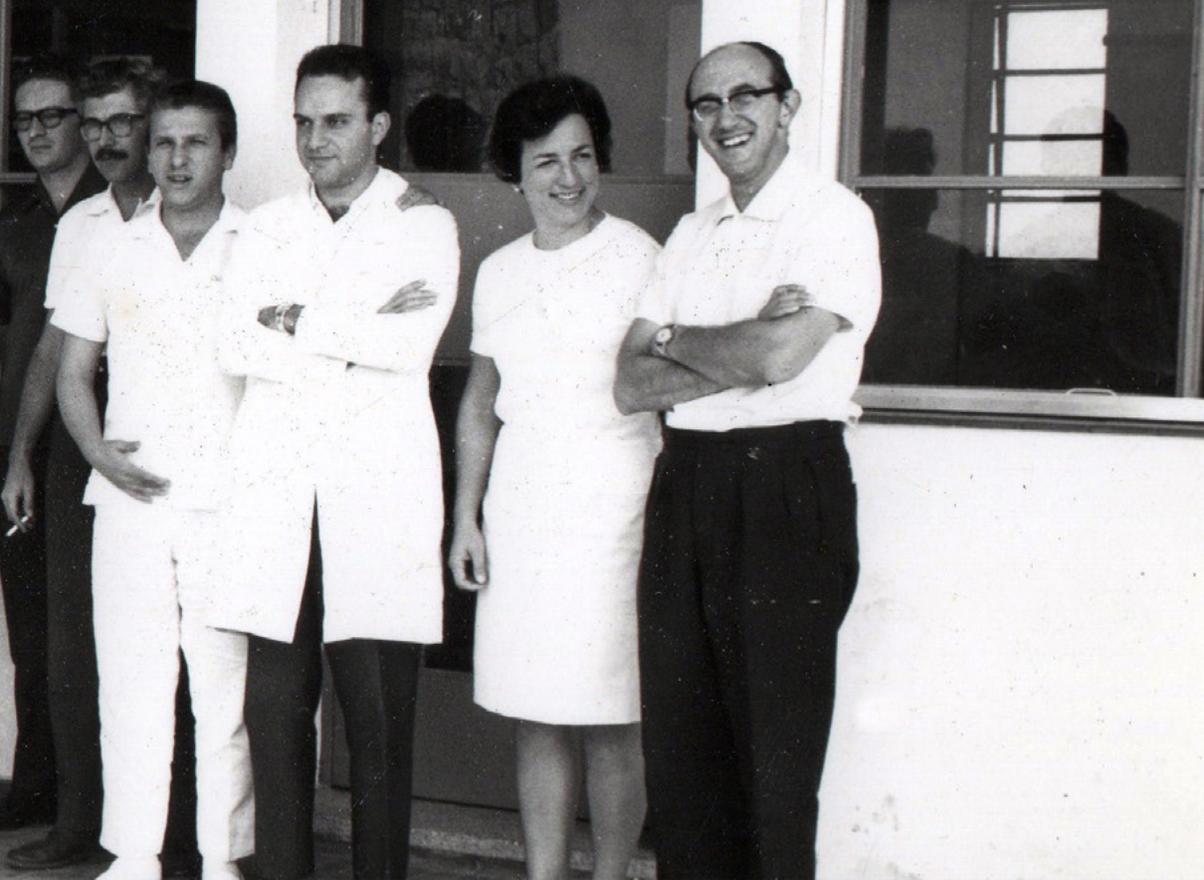
Dinah: Não, aluno lutando contra o professor, é lógico, existia marginalmente, mas não como espírito conjunto.

Baga: Mas, retornando ao regimento, para situar melhor: foram três anos até ele sair?



Dinah: Isso. Teve uma primeira fase, que começou em agosto de 1967. Em novembro, a secretaria-geral encaminhou a cópia do projeto de regimento, um documento-base aprovado pelo conselho deliberativo, mas era uma norma provisória. Por que aconteceu isso? Porque, na realidade, durante aquele tempo, a faculdade estava envolvida com os movimentos, Operação Andarilho, Operação Denúncia... e, ao mesmo tempo, uma delegação de docentes da faculdade estava participando do projeto do governo do estado de juntar todas as universidades do interior de São Paulo para fazer uma única universidade. E isso foi em 1968, por isso que teve esse hiato.

Quando surgiu essa ideia de unificar, o regimento ficou parado, esperando o que iria acontecer, então deu essa parada. Aí, no dia 9 de maio de 1969, eles convocaram todo o corpo docente, representantes do corpo discente e representantes dos funcionários para a assembleia, para voltarem a discutir o assunto; isso dura uns dois ou três dias e, assim, em 15 de maio de 1969, na gestão do professor Fernando Mota de Azevedo Correia, seis anos após o início das atividades da faculdade, o primeiro regimento da FCMBB foi aprovado em assembleia da faculdade.



Martha: Avançando um pouco: mudou muito quando virou Unesp? Para docentes, funcionários, alunos?

Dinah: Que eu me lembre, não mudou grande coisa. Não teve muita repercussão no dia a dia, exceto para quem era professor aqui e foi transferido não sei para onde... mas, para quem permaneceu, o dia a dia não foi impactado.

Martha: A senhora foi vice-diretora e depois diretora, quando foi?

Dinah: Fui vice-diretora do Arthur Roquete. Depois ele foi para a reitoria, para ser vice, e eu fiquei um período, até o fim do mandato dele, como diretora. Aí, no ano seguinte, em 1989, fui eleita diretora.

Martha: E como foi ser diretora, mudar da sala de aula para a parte administrativa?

Dinah: Foi pesado. Pesado, e, às vezes, a gente tem uma sensação de impotência. Eu peguei algumas buchas complicadas, por exemplo, peguei a época do Collor. Ele só não fez um desgaste terrível nas universidades do estado de São Paulo porque elas já tinham conquistado autonomia econômica. A autonomia administrativa e didática nós já tínhamos, a

autonomia financeira — que é fundamental — foi dada pelo Quércia enquanto governador, quando uma parte do ICMS foi direcionada para as universidades; e a Fapesp [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo], duas coisas fundamentais surgidas no governo dele. Então, quando o Collor tirou todo o dinheiro da Fapesp, a gente continuou trabalhando. Como parte da diretoria, você pega coisas assim. Um equipamento, que tinha sofrido tanto para chegar, estava guardado porque o prédio onde ele ia ser instalado não estava pronto. Teve essas coisas, mas faz parte do percurso, não tem como.

Martha: E, apesar de difícil, a senhora gostou de estar na direção, foi uma boa missão?

Dinah: Foi, foi, sim, eu gostei.

Martha: E a senhora se aposentou quando?

Dinah: Eu me aposentei em 1993, mas fiquei ligada à faculdade oficialmente, nas atividades gerais e na pós-graduação, até 1998, depois fiquei como voluntária.

Martha: Para encerrar, olhando para trás e fazendo um resumo, como a senhora acha que foi o seu percurso?

Dinah: Foi uma felicidade para mim. Felicidade completa. Apesar do impacto inicial com a cidade, depois foi tudo maravilhoso. Difícil? Completamente difícil para todo mundo, não foi fácil para ninguém. Em geral foi muito bom, muito bom desde o começo.



PROJETO DE REGIMENTO
=====

DA
==

FACULDADE DE CIÊNCIAS
=====

MÉDICAS E BIOLÓGICAS
=====

DE
==

BOTUCATU
=====

Secretaria Geral
6/11/67



Transformações na FCMBB para integrar-se à Unesp

José Carlos Souza Trindade²⁹

²⁹ Professor emérito da Faculdade de Medicina de Botucatu e ex-reitor da Unesp.

QUANDO A UNIVERSIDADE Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) foi fundada, em 30 de janeiro de 1976, pela Lei estadual nº 952, durante o governo de Paulo Egydio Martins, o panorama do ensino superior no estado de São Paulo era constituído por duas universidades públicas (USP e Unicamp) e 14 institutos isolados, então coordenados pela Coordenadoria do Ensino Superior do Estado de São Paulo (Cesesp), órgão da Secretaria da Educação, criado pelo Decreto nº 51.319, em 27 de janeiro de 1969. Seu coordenador era o professor Dr. Luiz Ferreira Martins, médico-veterinário e professor titular de Histologia da Faculdade de Odontologia de Bauru, da USP.

A Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB) era um desses institutos isolados. Foi criado pela Lei estadual nº 6.860, em 22 de julho de 1962, com implantação no ano de 1963 e o primeiro exame vestibular realizado em 27 de fevereiro do mesmo ano. A aula inaugural do curso de Medicina foi proferida no dia 26 de abril.

No ano da fundação da Unesp (1976), a FCMBB oferecia os cursos de Medicina, Medicina Veterinária, Biologia e Agronomia, tendo sua estrutura administrativa constituída por um diretor, um vice-diretor, uma congregação e cinco setores (básico, biológico, médico, médico-veterinário e agrônômico), os quais eram dirigidos por um supervisor de setor.

Nessa ocasião, o diretor da FCMBB era o professor Dr. Armando Otávio Ramos, professor titular de Farmacologia, pertencente ao setor biológico, e seu vice-diretor era o professor Dr. Paulo Mattos, pertencente ao setor agrônômico.

A primeira reunião do Conselho Universitário Provisório da Unesp realizou-se em fevereiro de 1976, dirigido pelo presidente do Conselho Estadual de Educação, quando ocorreu a eleição da lista tríplice para a escolha do seu primeiro reitor, que recaiu no professor Luiz Ferreira Martins, com mandato de quatro anos.

O Conselho Universitário Provisório (CUP) era dirigido pelo reitor e constituído pelos diretores dos 14 institutos isolados já existentes, acrescido do diretor da Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira (criada juntamente com a Unesp) e pela representação estudantil.

O professor Armando Otavio Ramos foi eleito vice-reitor em março de 1976 e acumulou as funções de diretor da FCMBB e de vice-reitor da Unesp até o dia 6 de julho daquele ano, quando solicitou demissão do primeiro cargo.

No dia 7 de julho de 1976, o reitor nomeou a mim, José Carlos Souza Trindade, diretor da FCMBB. Nessa ocasião, eu era professor assistente Dr. de Urologia, membro e chefe do Departamento de Cirurgia do Setor Médico e responsável pela disciplina de Urologia.

Fui o último diretor da FCMBB e o primeiro da Faculdade de Medicina de Botucatu da Unesp, criada após a aprovação, pelo CUP, do seu

primeiro estatuto, cuja publicação ocorreu no Diário Oficial em 27 de janeiro de 1977.

A data de 27 de janeiro representa formalmente o encerramento das atividades acadêmicas e da congregação da FCMBB e o nascimento de quatro novas unidades universitárias no câmpus de Botucatu da Unesp, assim denominadas: Faculdade de Medicina (FMB); Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ); Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA); e o Instituto Básico de Biologia Médica e Agrícola (IBBMA), depois denominado Instituto de Biociências (IBB).

Como diretor da FCMBB, passei a participar imediatamente do Conselho Universitário provisório, que já vinha discutindo, havia alguns meses, uma proposta de Estatuto e Regimento Geral para a Unesp. A proposta original baseava-se em criar, no estado, cinco distritos universitários onde se localizavam os antigos institutos isolados, a saber: Distrito Leste, englobando as cidades de São Paulo, São José dos Campos e Guaratinguetá; Distrito Oeste, abrangendo Marília, Assis e Presidente Prudente; Distrito Norte, com as cidades de Araraquara, Rio Claro, Jaboticabal e Franca; Distrito Sul, abrangendo unicamente a cidade de Botucatu; e o Distrito Noroeste, envolvendo as cidades de São José do Rio Preto, Araçatuba e Ilha Solteira.

Por proposta do reitor, a nova universidade deveria atender dois princípios fundamentais: 1) em cada distrito, não deveria haver superposição de cursos da mesma área de conhecimento; 2) quando houvesse superposição, esses cursos deveriam ser reestruturados, visando à criação de um único Centro de Excelência Acadêmica naquela área de conhecimento, pertencente ao respectivo distrito.

Nas faculdades ditas tecnológicas, não havia problemas de superposição, entretanto, nas áreas humanas, a situação era grave e complexa. A adoção dessa proposta implicava a remoção e a transferência de professores, alunos e funcionários entre as cidades do distrito. Além disso, algumas cidades perderiam cursos, o que teria repercussão na economia e no orçamento dos municípios mais afetados, além dos transtornos pessoais e familiares entre os envolvidos nessas mudanças. Houve revolta geral na maioria das unidades universitárias, envolvendo também as “Forças Vivas” dessas cidades, além de prefeitos, vereadores e deputados.

A proposta, embora atendesse alguns princípios de excelência acadêmica, era extremamente radical e não prosperou na íntegra. O reitor recuou da proposta original, fez algumas concessões, criou novos cursos nas cidades mais afetadas pela reforma, e, após muita discussão e desgaste entre as áreas de ciências humanas e tecnológicas, o Estatuto finalmente foi aprovado e a Unesp adquiriu nova estrutura e distribuição de cursos.

Para Botucatu, a proposta original previa a criação de três novas unidades universitárias: um Instituto Básico de Biologia Médica e

Agrícola, uma Faculdade de Medicina e uma Faculdade de Ciências Agrárias, envolvendo as áreas de Agronomia e Medicina Veterinária.

Na última reunião do Conselho Universitário provisório para a aprovação definitiva do primeiro Estatuto da Unesp, num intervalo das discussões, consegui convencer o reitor a separar a Faculdade de Ciências Agrárias em duas novas unidades universitárias: a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia e a Faculdade de Ciências Agrônomicas. O reitor considerou que, após tanta discussão e desgaste, ele não poderia apresentar ao CUP, de última hora, essa emenda aos estatutos.

Entretanto, sugeriu que eu, como diretor da FCMBB, fizesse a proposta com boa argumentação e, na sequência, ele a apoiaria. Dessa forma, conseguimos aprová-la e, como consequência, a FCMBB deu origem às atuais quatro novas unidades universitárias.

Com o surgimento delas, o câmpus de Botucatu parecia não ser grande o suficiente para abrigá-las, pois alguns departamentos da área biológica, tais como os de Genética, Zoologia e Botânica, ainda estavam instalados nas enfermarias do HC, e o espaço físico da área administrativa da antiga FCMBB foi repartido e ocupado pelas diretorias das quatro novas faculdades.

Ainda restava, contudo, uma área comum de serviços de apoio ao câmpus, como garagem, limpeza, seção de obras, oficinas, almoxarifado, biblioteca, jardinagem, salas de aula, etc.

Optou-se, então, pela criação do Grupo Administrativo do Câmpus (GAC) para administrar essas áreas comuns. No início, as novas unidades assumiram apenas o comando dos respectivos assuntos acadêmicos, a seção de alunos foi imediatamente dividida pelos cursos e cada diretor assumiu especificamente o comando correspondente dessas áreas. Em março de 1977, os quatro diretores aprovaram o Regimento do GAC, e eu fui eleito o primeiro presidente, em rodízio anual entre as demais unidades do câmpus. Ao GAC foram atribuídas todas as funções administrativas, exceto os assuntos estritamente acadêmicos.

Para criar-se um espaço físico próprio para cada unidade, o reitor Luiz Ferreira Martins conseguiu um empréstimo de um banco internacional, a fundo perdido — financiamento não reembolsável, retornado como benefícios para a sociedade, de forma indireta — ligado à ONU, de cerca de 60 milhões pela moeda do Brasil da época. Esse valor foi distribuído igualmente para as quatro unidades universitárias.

A ideia inicial era Agronomia e a Medicina Veterinária transferirem-se para as Fazendas Lageado e Edgárdia, enquanto no câmpus de Rubião Júnior ficariam a Faculdade de Medicina e o atual Instituto de Biociências. Com isso, a Medicina ocuparia o espaço físico do setor veterinário, compraria as instalações dessa faculdade e transformaria a área já construída do Hospital Veterinário em laboratórios experimentais.

Ainda no fim da minha gestão como diretor da FCMBB, em 1976, já estavam em fase final de construção dois prédios: um destinado para a Central de Salas de Aula e outro para os Departamentos de Botânica e Zoologia. Entretanto, os conselhos desses departamentos recusaram-se a se mudar para os locais, alegando que a trepidação dos trens da ferrovia iria comprometer a sensibilidade e a precisão dos equipamentos de pesquisa. Como consequência, a Medicina ocupou esse bloco para ser o Ambulatório Provisório do HC, e esses departamentos, mais a Genética, continuaram a ocupar, por mais alguns anos, o prédio do Hospital das Clínicas. Quando a Agronomia transferiu-se definitivamente para a Fazenda Lageado, as instalações do curso foram provisoriamente ocupadas pelos Departamentos de Botânica e Zootecnia, que desocuparam, dessa forma, as alas das Enfermarias do Hospital das Clínicas, as quais, uma vez reformadas, atingiram seus destinos próprios.

Esses espaços, ainda hoje ocupados pelos atuais Departamentos de Botânica e Zoologia, constituem um verdadeiro enclave do Instituto de Biociências na área geográfica, então originalmente destinada à Faculdade de Medicina. Quarenta anos depois, com a construção do novo prédio do Ambulatório do HC, a FMB devolveu, em simpática solenidade (da qual participei), esses quatro blocos para o IBB.

Tendo participado, como diretor da Medicina, desse acordo inicial de divisão de áreas no câmpus de Rubião Júnior, presidido pelo reitor da Unesp antes de ele afastar-se da reitoria para assumir a Secretaria da Educação do governo Paulo Maluf, fico na expectativa de que, algum dia, no futuro, a direção do Instituto de Biociências tome atitude semelhante e devolva esses prédios para a Faculdade de Medicina.

Infelizmente, a Congregação da Veterinária optou por não se instalar no Lageado, contrariando inclusive o voto do diretor, de modo que apenas a Zootecnia mudou-se para a Fazenda Edgárdia. Assim, a Agronomia ocupou, imediata e totalmente, a área nobre da Fazenda Lageado com suas instalações. Dessa forma, o câmpus de Rubião Júnior continuou abrigando três unidades universitárias.

Como diretor da Faculdade de Medicina, decidi construir os atuais prédios dos laboratórios experimentais, que foram posteriormente ampliados. Além disso, por transferência de verba, adquirei do IBBMA as áreas da Parasitologia e da Microbiologia para a instalação do Laboratório Clínico, da Hemoterapia e da Endoscopia do HC. O Departamento de Patologia, com a Divisão da FCMBB, decidiu transferir-se do setor biológico para a Faculdade de Medicina e continuou a ocupar a área onde já estava instalado.

A primeira Congregação da Faculdade de Medicina foi instituída pela Portaria do Diretor nº 55, no dia 6 de dezembro de 1977, completando-se, assim, a institucionalização dessa unidade universitária.

Quando encerrei meu mandato como diretor da Faculdade de Medicina, em 6 de julho de 1980, essa unidade universitária era formada por treze Departamentos de Especialidades Clínicas e Cirúrgicas. Havia quatro blocos de laboratórios experimentais que atendiam a todos os departamentos, bem como salas individuais para seus docentes.

Com a mudança das diretorias das outras três unidades universitárias do câmpus, a área administrativa foi reformada e atendia, na ocasião, às necessidades tanto da diretoria da Faculdade de Medicina, como da congregação e da supervisão do Hospital Universitário (HC).

Assim, até o final do meu mandato, completei o ciclo de instalação da Faculdade de Medicina da Unesp.

As administrações que já me sucederam contribuíram, de forma significativa, para o engrandecimento dessa obra monumental que é a Faculdade de Medicina de Botucatu da Unesp e seu hospital de ensino.

Durante minha gestão de quatro anos, como reitor da Unesp, de janeiro de 2001 a 2005, ocorreu o 3º Ciclo de Expansão dessa universidade. Nesse período, foram implantados oito novos câmpus em regiões do estado que não possuíam universidades públicas (São Vicente, Sorocaba, Registro, Itapeva, Ourinhos, Tupã, Dracena e Rosana, no Pontal do Paranapanema). Dessa forma, houve uma significativa expansão da área física da Unesp, que passou a abranger 23 cidades, distribuídas em todas as regiões do estado de São Paulo.

O número de vagas no vestibular ampliou-se, passando de 5.085 (no ano de 2000) para 7.015 no vestibular de 2004, com acréscimo de 1.930 novas vagas, decorrentes da criação de 42 novos cursos de graduação, oferecidas em dois vestibulares ao ano, nos meses de julho e dezembro.

Além da ampliação de vagas dos cursos regulares, foram criados dois programas de formação superior de professores em Pedagogia. O primeiro programa foi denominado “PEC – Formação Universitária”, em convênio com a Secretaria Estadual de Educação, oferecido aos professores da rede estadual de ensino, com 3.456 vagas, cuja formatura ocorreu no 2º semestre de 2002. O segundo programa, apenas da Unesp, denominado “Pedagogia Cidadã”, ofereceu inicialmente 5.142 vagas para professores das redes municipais de ensino de aproximadamente 50 cidades. A formatura da turma desse programa ocorreu no ano de 2005.

Nessa ocasião, a Unesp contava com 3.200 professores contratados e formou, em 2002, 1.790 pós-graduandos, sendo 1.250 mestres e 540 doutores. Naquele momento, estavam matriculados 12.000 alunos de pós-graduação e 45.000, de graduação.

Esses números, referidos ao longo dos primeiros 30 anos da Unesp, oferecem ao leitor um panorama do crescimento dessa universidade não só em valores quantitativos: esses dados foram acompanhados por um significativo aprimoramento de qualidade, que a situava, na época, entre as quatro universidades brasileiras com maior produção científica.



Greve geral de 1984, ocupação da reitoria e democratização da FMB

Gilberto Moreira Mello³⁰

³⁰ Graduado em Medicina pela FMB (1987), foi residente no HC da USP (1990), estudou no Instituto Nacional de Tumor (Itália, 1992) e na Universidade de Laval (Canadá, 1994). Atualmente é mastologista na Prefeitura Municipal de Santos e atende em consultório privado.

O QUE SE passa na cabeça de um jovem de 20 anos que sai de sua cidade para estudar Medicina em Botucatu?

Qual é a relação da reconstrução mamária, mastectomia masculinizadora e parto humanizado com a campanha para eleição de William Saad Hossne como reitor e a própria invasão da reitoria da Unesp — a primeira universidade do país a promover uma eleição direta para reitor — em 1984?

Para mim, teve tudo a ver!

Nestas seis décadas da nossa querida faculdade, após 35 anos de formado, compartilho com vocês esta reflexiva memória.

Tudo se iniciou em 1983. Foram cinco anos no curso de Medicina. Sim, cinco anos, por ter sido aprovado via concurso de transferência já para o segundo ano. E aí começa a história.

Eu, que vinha de uma faculdade particular em outro estado, já pude constatar o impacto de uma instituição pública e sua seriedade. Me falavam o quanto as provas de transferências eram desonestas e como eram mal recepcionados os transferidos na sua chegada. Aqui, foi tudo ao contrário!

Passei honestamente, em primeiro lugar. Eu e todos os outros sete aprovados daquele ano (quatro para o segundo e quatro para o quinto ano) fomos calorosamente acolhidos. Lembro bem quando o Jairo e a Zoé, da secretaria, confirmaram minha aprovação. Nem acreditei! Sem contar as recepções nas repúblicas...

A admiração continuava ao ver toda a dedicação de funcionários e professores. Até o meu primeiro ano na outra faculdade, eu sempre havia estudado em escolas públicas. Retomar esse contato com uma instituição pública foi marcante. Até encerrar a conta em um banco privado e abrir no posto bancário do então Banespa (banco estadual depois vendido para o espanhol Santander) fez parte dessa mudança.

Aqui percebi um movimento estudantil bem mais ativo, além de toda aglutinação que o Centro Acadêmico Pirajá da Silva (Caps) gerava, inclusive pelo Mocó, nosso espaço de festas e reuniões. Era o início do governo Montoro (MDB), e o confronto com a estrutura de poder das universidades públicas não demoraria.

Para os jovens (também completei 60 anos!), contextualizo: era o primeiro ano do governo estadual eleito após a ditadura civil-militar, quando, em 1966, o presidente Castello Branco (sim, o mesmo da nossa conhecida rodovia) destituiu o governador Adhemar de Barros do cargo. O último indicado pelo governo militar foi Paulo Maluf, que dois anos antes, em 1981, reprimiu manifestação dos estudantes em sua visita ao nosso câmpus.

Agora era tempo de democracia e abertura política com ares de liberdade e contestação. Naquele ano de 1983, iniciou-se a campanha das Diretas Já, pois o último presidente eleito pelo voto havia sido Jânio Quadros, em 1960, e quem estava no poder ainda era o general Figueiredo, o último da ditadura civil-militar, iniciada com o golpe de 1964. A estrutura de poder nas universidades públicas era arcaica, com eleições indiretas e ainda impregnada pelos 19 anos de ditadura até então. Um poder viciado e atrelado ao governador escolhido pelo presidente militar.

De que forma funcionava esse poder?

Os diretores das faculdades eram escolhidos pelo reitor. Eles integravam o Conselho Universitário, o qual, por sua vez, além de toda a aprovação dos atos da reitoria, faziam a eleição interna do próximo reitor em lista tríplice, a partir da qual o governador escolhia o preferido. Dessa forma, o reitor escolhia quem escolheria seu substituto. Não havia nenhuma participação do corpo docente e dos funcionários, somente uma participação muito indireta dos docentes, pela escolha do chefe de departamento, nomeados pelo diretor também a partir de lista tríplice feita pelos integrantes dos departamentos.

Portanto, transparência zero para a comunidade universitária nas decisões administrativas e nos gastos. Além disso, suas reivindicações e necessidades eram constantemente ignoradas. Nesse contexto, o movimento estudantil talvez tenha sido a centelha para, junto ao movimento de docentes e funcionários, passar a reivindicar maior participação para serem ouvidos nas suas demandas salariais, condições de trabalho e assistência aos pacientes.

Lembro que, com permissão e apoio dos professores, íamos de classe em classe apresentar para os estudantes as atividades do centro acadêmico e nossas reivindicações.

Com certeza o momento que o país vivia, de redemocratização, influenciava o clima de contestação e participação; assim, surgiram as primeiras assembleias. E só agora me dou conta de quanto eram impactantes as assembleias lotadas, com participação conjunta de alunos, funcionários, docentes e residentes.

Ouvir as falas do professor Maffei, com sua seriedade e serenidade, era um balizador do bom senso e do ponto de vista, compreendido até pelos extremos de opinião. Mas não haveria uma forma eficaz de participação naquela estrutura de poder, até então vigente, para que a comunidade universitária fosse ouvida e respeitada, se a própria estrutura não fosse mudada. Restava promover, então, uma eleição direta para reitor e quebrar o ciclo vicioso de poder das eleições indiretas. Começava, pela comunidade universitária, a organização de um processo eleitoral próprio.

William Saad Hossne, professor titular de Cirurgia, surgiu como forte candidato, corajosamente se envolvendo e dedicando-se à causa. Assim, percorremos diversos câmpus em campanha não só pela sua eleição, mas principalmente pela defesa do processo eleitoral em si e pelo quanto ele nos parecia transformador. Saímos de Botucatu ainda de madrugada e viajamos até Presidente Prudente, passando por Marília e, na volta, por Assis. Em outra viagem, fomos até a Unicamp, pois lá também começava o mesmo questionamento.

Foi uma eleição à revelia, extraoficial, para apresentar ao governador um nome da comunidade. A eleição foi tripartite — alunos, docentes e funcionários votaram com o mesmo peso.

Veio a apuração, e o professor Saad foi eleito com 2/3 dos votos da comunidade unespiana. O Conselho Universitário — aquele formado por diretores escolhidos pelo reitor — não incluiu o nome de Saad na lista sêxtupla encaminhada ao governador, que faria a escolha. Sendo assim, o governador Montoro, sensível às reivindicações e interessado também na mudança, ficou de mãos atadas.

O impasse estava instalado, e, como forma de pressão, veio então a greve geral. Hoje vejo que docentes se articulavam com o governo e, de certa forma, apoiariam até mesmo uma invasão da reitoria como uma solução extrema.

Sim, a invasão não seria apenas uma forma de protesto tresloucada, mas um meio de criar as condições para certa intervenção nesse processo de eleição indireta, pois, em prol da autonomia universitária, o governador não poderia interferir sem um forte motivo.

A invasão... quem a faria? Os estudantes, é claro!

Ninguém ali havia invadido nada na vida, e não havia qualquer auxílio de partido ou organização política. Era pura energia, com irreverência própria e necessária para o momento.

Após intensa discussão e mobilização, nos preparamos e, no dia combinado, nos reunimos na Fatec Tiradentes. Em tempos pré-invenção do celular, uma equipe de três estudantes foi de metrô até a praça da Sé, então sede da reitoria, para avaliar as condições de invasão.

Ligaram de um telefone público para a sede do centro acadêmico para informar que sabiam da provável invasão, já estavam com as portas semicerradas e com seguranças a postos. Éramos cerca de 100 alunos de vários câmpus e, com aquela informação, combinamos de nos dividir em duplas e trios para, de forma dissimulada, nos aproximar da sede. E assim seguimos, todos de metrô, de forma escalonada.

Eu e o Tércio (então residente da Psiquiatria) ficamos bem na esquina diante da porta principal, mas escondidos por uma guarita de ponto de ônibus. Quando vimos que havia duplas e trios suficientes por perto,

esperamos o melhor momento para acessar a porta. Um entregador chegou com uma encomenda, e, na hora que ele ia entrar, fomos juntos para forçar a passagem.

O porteiro, junto aos seguranças, forçou a pesada porta de ferro para fechá-la, mas eu já estava lá dentro, com o corpo prensado contra o vidro da porta, que se quebrou. O barulho assustou a todos e fez com que relaxassem a força interna; os de fora empurravam mais forte, e conseguimos entrar entoando o emocionante refrão “Unesp unida jamais será vencida!”.

Foi uma invasão organizada e ordeira. As TVs sempre mostravam como uma balbúrdia para desqualificá-la, mas, sabendo disso — e ainda em tempos de ditadura —, tomamos todo o cuidado.

Fomos pedindo que os funcionários desocupassem o prédio, o que foi prontamente atendido e facilitou a ocupação. Uma dupla foi para a central de telefonia, telefax e rádio. E um jornalista, não me lembro quem, nos ensinou a usar o telefax por meio de mensagem no próprio aparelho.

(Minha mãe, aflita e me advertindo, dizia que eu devia largar logo a faculdade, pois ia ser preso mesmo assim; fico imaginando agora como os pais de cada um reagiram...).

Nos dividimos em equipes de acordo com os nossos cursos e aptidões. Assim, o pessoal do Instituto de Artes do Planalto (IAP) se encarregou da parte cultural nesses quatro ou cinco dias (não me lembro exatamente) de ocupação. Também montamos equipes de engenharia e de segurança. Não era permitido álcool ou qualquer tipo de droga. Todos que entravam ou saíam eram controlados. Até identificamos um infiltrado, que foi expulso.

Em um livro de visita, registrávamos as personalidades que visitavam a ocupação e conferiam a ordem e o cuidado que tínhamos com o prédio, seus móveis e objetos. Estiveram ali artistas e políticos, incluindo o vice-governador Orestes Quêrcia, que sinalizava o apoio extraoficial do governo.

Já era esperado que este pedisse judicialmente a desocupação, pois era um bem público que estava sendo invadido. Para contestar a ordem judicial, tivemos o apoio do Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito da USP, nosso vizinho ali do largo de São Francisco, na pessoa de seu presidente, Eugênio Bucci. Mas perdemos a ação, e veio a ordem de desocupação com prazo a ser cumprido; se isso não fosse feito no tempo estipulado, haveria intervenção das forças policiais.

O fato é que havíamos conseguido repercussão na sociedade com a divulgação da ocupação, bem como a exposição dos motivos e reivindicações dela, o que colocava em discussão as estruturas de poder das universidades, além de criar esse “caos” dentro da Unesp, com sua reitoria invadida por alguns dias e em greve geral.

A visita mais aguardada antes da polícia e seus cassetetes foi a do então secretário de segurança Michel Temer, que se reuniu com todos os estudantes da invasão para pedir a desocupação pacífica do prédio, já que a ordem judicial de reintegração de posse tinha que ser efetivada. Na sequência, em assembleia, as propostas foram debatidas e votadas.

Coube a mim a defesa pela saída. Fiz isso por considerar exitosa a nossa ocupação, e sairíamos dali para ocupar as diretorias dos câmpus, como forma de interiorizar o movimento e não interromper a pressão sobre o governo. Por 54 a 52 votos, venceu nossa defesa de desocupação. A outra proposta era deixar a polícia vir e resistir à saída para desmascarar o governo neoliberal de Montoro, assim considerado por parte dos estudantes.

Desocupamos pacificamente e com certa tristeza, vista até na foto publicada nos jornais de nossa colega de classe Eleni, em que descíamos as escadas. Foram bons momentos que vivenciamos lá em comunidade, mas, certos da decisão correta, ficou apenas o incômodo do piscar de olhos e do sinal positivo do assessor do Temer para mim, pois nossa saída pacífica foi um trunfo político para ele não precisar macular o governo com o uso da força policial.

Depois aconteceram diversas invasões de diretorias, em vários câmpus, inclusive o de Botucatu, por pouco tempo, mas o suficiente para o governador encontrar uma saída diante do impasse causado: a escolha de um reitor “pro tempore” fora daquela lista sêxtupla, para promover a mudança do estatuto da Universidade e permitir a eleição direta. Escolhido, o professor Jorge Nagle, do câmpus de Araraquara, tomou posse em 1º de agosto daquele ano de 1984.

O momento aqui narrado exigiu tanta energia e dedicação de muitos estudantes que, como muitas vezes acontece na História — que não é uma crescente linear —, seguiu-se um período de desmotivação, culminando na perda da sede do Caps em 1985, com o apoio do professor Joel Spadaro, vice-prefeito, o qual cedeu um caminhão da prefeitura para desocuparmos o prédio da sede por solicitação do proprietário.

Mas afinal, o que tem tudo isso a ver com a formação de um futuro médico e sua atuação profissional?

Como disse, viver essa atmosfera sempre teve importância para mim. Não saberia quantificar o quanto isso era nato, ou o quanto foi o meio universitário em que vivi. Mas tenho certeza de que muito contribuiu para eu questionar condutas médicas até então aprendidas como as corretas e verdadeiras. Claro que não só o movimento estudantil, mas, principalmente, a forma humana, dedicada e mesmo questionadora da maioria dos docentes me mostrou o caminho a seguir.

Ver a professora Dinah trazer uma bolacha *wafer* de sua casa para colocar um comprimido que uma paciente se recusava a tomar (nefropatia e psicose lúpica) marca a vida de qualquer aluno. Apenas um dos muitos bons exemplos que poderia descrever de tantos outros docentes.

Então, questionar no HC-SP, onde eu fazia residência, a não realização de uma técnica simples de laqueadura via vaginal que aprendi na semana em que iniciei na Unicamp, ou mesmo colocar em questão a prática rotineira de episiotomias tão amplas e mutiladoras, além de toda a forma até então desumana de acolher o nascimento, era para mim natural.

Da mesma forma, saí da mastologia em 1990 sem ver uma única quadrantectomia, quando em 1985 ela já era realizada em outros países. Foi só em 1992, num estágio em Milão, que fui aprender isso. Assim, abracei a reconstrução mamária, tão importante para as mulheres, mas não só, já que hoje realizo mastectomias masculinizadoras para homens transexuais — prática vista com surpresa por alguns colegas médicos. Em 1993, atendi meu primeiro parto domiciliar, sabendo dos riscos, mas do grande benefício diante de uma estrutura e prática hospitalar inadequada na época.

A história aqui relatada do movimento estudantil e a reflexão que fiz do impacto que ele teve na minha vida profissional, espero que seja, além de uma contribuição para a nossa memória, um alerta para a importância do ambiente de liberdade e de questionamento que deve imperar em uma universidade.

É triste ver colegas formados nesta mesma instituição que hoje contradizem a ciência e, inclusive, participam da difusão de desinformações sobre tratamento precoce e vacinas contra a covid-19.

Ao final, a pergunta sempre deverá ser: o que fazemos com nossos jovens que chegam à universidade? Quais médicos queremos formar? Que venham novos tempos e amplos avanços!



Democratização na FMB

Reinaldo Ayer de Oliveira³¹

Antonio Luiz Caldas Junior³²

³¹ Graduado em Medicina Humana pela FCMBB (1971), com mestrado em Bases Gerais da Cirurgia e Cirurgia Experimental (1977) e doutorado em Patologia (1998), ambos pela Unesp, sendo este último reconhecido pela USP. É professor sênior de Bioética do Departamento de Medicina Legal, Bioética, Medicina do Trabalho e Medicina Física e Reabilitação da Faculdade de Medicina USP.

³² Graduado em Medicina pela Escola Paulista de Medicina (1975), com mestrado (1980) e doutorado (1987) em Medicina Preventiva pela USP. Atualmente é professor assistente doutor do Departamento de Saúde Pública da FMB. Foi diretor regional, secretário municipal de saúde, vereador, vice-prefeito e secretário municipal de cultura de Botucatu.

EM MEADOS DOS anos 1980, a Faculdade de Medicina foi envolvida pelos ventos da democracia. Iniciava-se no país o movimento por liberdades democráticas, eleições diretas para presidente e convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. Não por acaso, para se contrapor ao falacioso processo sucessório do reitor da Unesp, surgiu um movimento que se expandiu por toda a instituição, também ali clamando por eleições diretas.

Na ocasião, a oposição ao regime de exceção conquistara a maioria dos governos estaduais. Em São Paulo, o PMDB elegeu Franco Montoro, que de pronto deu início à reforma administrativa, com foco na descentralização, na participação e na democratização. Em meio a esse cenário, a Unesp constituía um dos baluartes da estertorosa ditadura, onde as expressões extremas do obscurantismo e do conservadorismo ainda se manifestavam no dia a dia.

Com protagonismo representativo, as entidades de docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes convocaram uma eleição direta para reitor, fato pioneiro no país. Dois candidatos emergiram do seio da comunidade acadêmica: o professor William Saad Hossne, de Botucatu, e o professor Nilo Odália, de Araraquara, que percorreram toda a diversa e dispersa universidade com a mensagem de democratização, representada pela eleição, por mudanças nas estruturas de poder e pela maior participação da comunidade na gestão universitária.

O resultado do processo eleitoral livre, realizado no final de 1983, deu ampla vitória ao professor Saad. A reitoria da Unesp, porém, não aceitou esse resultado e convocou uma consulta por meio de resolução do Conselho Universitário, na qual o veredito foi o mesmo: ampla vitória do professor Saad diante de uma chapa de candidatos forjada pela reitoria.

Em uma manobra interna, o mesmo conselho elaborou uma lista sêxtupla, à época vigente, na qual não constavam os nomes dos dois professores que obtiveram a maioria dos votos na eleição livre e na própria consulta oficial. Ou seja, em seis rodadas de votação, os membros do conselho universitário não se dignaram a incluir o nome do professor Saad, aquele que vencera a consulta que eles próprios haviam instituído. Na lista, apenas apareciam os nomes dos candidatos “chapa branca”. Assim, criou-se um impasse.

O movimento pela democratização da universidade, em Botucatu, teve alguns antecedentes exemplares, envolvendo, de um lado, docentes, estudantes e funcionários e, de outro, em contrapartida, os prepostos da ditadura, dentro e fora do meio universitário.

O primeiro foi quando da criação da Unesp, em 1976, em pleno regime militar, ficando “sensivelmente marcada pelas condições de sua origem”. A nova universidade paulista foi resultado da incorporação dos institutos

isolados de ensino superior, até então dispersos em municípios pelos quatro cantos do estado. Sendo alguns criados na primeira metade do século XX, a maioria estabelecida nas décadas de 1950 e 1960, acabaram por se constituir, em tempos de ditadura, no destino de muitos professores perseguidos ou segregados — política e profissionalmente — em suas tradicionais e conservadoras instituições universitárias de origem.

Esse fato fez disseminar, pelo interior do estado, focos de “agitação política” que efervesciam as comunidades locais e em nada agradava ao regime. Era necessário dar-lhes uma direção mais dura, em conformidade com o espírito arbitrário da política vigente. A lei estadual que criou a Unesp, em 1976, era, pois, a expressão clara do regime ditatorial reinante na Educação. Imperava uma estrutura centralizada e distante da comunidade, com decisões de “cima para baixo”. Embora “dentro do institucionalizado”, as ações da reitoria eram impositivas e obscuras, seguindo o modelo da indicação de governadores pelos militares após o golpe de 1964. Visando a perenizar o caráter autoritário da instituição e a perpetuação dos grupos de poder, os dirigentes eram nomeados diretamente pelo reitor. Os concursos e as representações nos colegiados eram feitos pelo reitor. Havia apenas um representante, um docente eleito pelos professores no Conselho Universitário original. As outras representações eram ocupadas por “gente” do reitor.

Em Botucatu, o descontentamento e o desânimo, particularmente dentre os docentes, estimularam maior participação em torno da Associação dos Docentes de Botucatu, nos protestos contra a implantação de uma universidade sem a participação efetiva da comunidade. Em diferentes câmpus, o remanejamento de docentes, inclusive para cidades distantes, bem como as extinções de disciplinas, departamentos, cursos, e, sobretudo, as perseguições pessoais marcaram esse nebuloso período da Unesp. Tudo isso era referendado por alianças entre agrupamentos de poder locais e os novos dirigentes da reitoria, tendo à frente o professor Luiz Ferreira Martins. Um sinergismo de perfis autoritários e, sobretudo, de pequenos interesses pessoais e de grupos.

O segundo fato antecedente foi a exibição prática do primeiro, quando, ainda no ano de 1977, a reitoria da Unesp resolveu usar a Faculdade de Medicina de Botucatu para demonstrar exemplarmente seu *modus operandi* na administração de conflitos. Uma disputa entre os estudantes e a direção da unidade em torno de um modesto espaço que fazia as vezes de sala de vivência e biblioteca estudantil, perfeitamente resolvível pelas instâncias locais, mobilizou o vice-reitor, o professor Armando Octávio Ramos, que fora diretor da antiga FCMBB (instituto isolado que deu origem à FMB). A pedido deste, tropas da Polícia Militar foram deslocadas a Botucatu e orientadas a desocupar o tal espaço. Tragédia maior não ocorreu pela tenacidade e sensatez de professores e alunos,

negociando e resistindo, diante do uso desmedido de força repressiva, que explicitava o novo “feitio de gestão” no engatinhar da Unesp. O espaço em si era pequeno, mas a necessidade de demonstrar quem mandava era imensa!

O terceiro antecedente se deu na greve por “70% + 2.000”, em 1979. Paulo Maluf era o governador quando eclodiu um amplo movimento dos funcionários públicos do estado de São Paulo, em particular das Secretarias de Saúde e Educação, fermentada pelos professores e servidores da Unesp, USP e Unicamp diante da falta de uma política de reajuste salarial. A greve durou mais de 60 dias — a primeira desde o golpe de 1964, no âmbito da administração pública. A polícia de Maluf foi protagonista de várias repressões e agressões aos grevistas e estudantes que apoiavam o movimento. Botucatu foi palco de lamentáveis ações policiais de repressão às manifestações estudantis contra o malufismo. A Unesp, que fora criada para conter as “influências negativas” dos acadêmicos nas comunidades locais, serviu paradoxalmente como catalisador do movimento nos centros regionais de todo o estado.

Atos de violência policial foram protagonizados pelo governo do estado em unidades da Unesp, merecendo destacar aquelas ocorridas aqui e em Assis, de grande repercussão na imprensa nacional, já que tais atos andavam “meio fora de moda” no ambiente universitário nacional. Em Botucatu, diante de uma descontraída manifestação de estudantes, com músicas e palavras de ordem, durante uma visita de Maluf, um grupo de seus guarda-costas, uma espécie de guarda pessoal formada de paramilitares infiltrados, espancou os manifestantes, sob os olhos das “altas autoridades” da universidade. Pouco tempo antes, algo semelhante havia ocorrido no bairro da Freguesia do Ó, em São Paulo, reiterando o caráter daquele que o regime apresentava como potencial sucessor à presidência da ditadura civil-militar.

Esses antecedentes demonstram, na prática, que a Faculdade de Medicina sempre teve importante papel no cenário de contenda entre movimentos autoritários e de democratização da Unesp, bem como no próprio patamar nacional. Essa relevância e protagonismo se expressam na escolha de membros da antiga FCMBB e da Faculdade de Medicina na Unesp à condição de reitores. Pelas mãos da ditadura, Armando Octávio Ramos. Por meio do voto, Willian Saad Hossne (o eleito que nunca foi empossado), Arthur Roquete de Macedo, José Carlos Souza Trindade, Marilza Vieira Cunha Rudge (vice-reitora por longo tempo no exercício da função de reitora) e o atual reitor Pasqual Barretti. Ou seja, em parte significativa de sua existência, a Unesp foi dirigida por professores oriundos da Faculdade de Medicina de Botucatu.

Voltando aos idos de 1984, era incontestemente o resultado da consulta oficial promovida pela reitoria, na qual se podia sufragar até seis nomes: o professor Saad venceu pelo dobro de votos seu principal adversário, que era o próprio reitor, o professor Armando Ramos.



A despeito disso, como mencionamos, o Conselho Universitário, em manobra espúria, elaborou uma lista sem o nome do professor Saad ou do professor Nilo Odália, que teve expressiva votação na consulta. Na ocasião, o governador Franco Montoro recusou a lista, e mais, afirmou: “Se não tiver o nome do professor Saad, eu não aceito a lista”. Outra longa greve aconteceu, incluindo a invasão do prédio da reitoria. Por fim, um grande acordo foi costurado politicamente: o professor Jorge Nagle, do câmpus de Araraquara, assumiu como reitor “pro tempore” e, mais tarde, figurando em lista sêxtupla, foi nomeado reitor no ano de 1985. Nessa condição, convocou uma “constituente” para discussão e elaboração de um novo estatuto para a Unesp. A partir desse novo estatuto, a Universidade passou a promover consultas à comunidade e elaboração de listas para indicação de seus dirigentes, sendo pioneira no país na eleição livre para reitor, realizada em 1983.

Nos estertores da ditadura civil-militar brasileira, os dirigentes da Unesp prestaram-se a engendrar ações tragicamente bizarras, como se intencionassem estabelecer entre nós um enclave extemporâneo do regime autoritário. Para nosso particular orgulho, a Faculdade de Medicina de Botucatu, irmanada às demais unidades do nosso e de outros câmpus da Unesp, foi tenaz em dar um basta a essa farsa obscura. Seria muito difícil e prolongado citar todas as pessoas envolvidas nesta breve história, seja por ação, seja por omissão. De todo modo, é gratificante reter na memória os braços igualmente erguidos da docente, do estudante, da cozinheira e do trabalhador braçal para a aprovação de uma proposta nas Assembleias Universitárias em tempos de democratização da Universidade e do Brasil.



Nossos anos brilhantes

20ª Turma de Medicina (1987)

Claudia Batocchio Pinto Flausino³³

³³ Graduada em Medicina pela FMB (1987), especializou-se em Saúde Pública pela USP (2000). É médica aposentada da Prefeitura Municipal de São Sebastião, onde foi diretora municipal de saúde (1989-1992), secretária de saúde (2001-2002), vice-prefeita e prefeita (2001-2004).

BOTUCATU FOI O melhor dos tempos, e o pior também, parafraseando Dickens...

Nos idos de 1982, chegamos à faculdade de Medicina — falo no plural, pois plurais eram nossas expectativas. Nós, da vigésima turma, tínhamos características idênticas e distintas de todas as anteriores.

Fomos a primeira turma a ter 35 mulheres dentre 90 alunos. Algo a se comemorar, porém absolutamente estranho àquele universo. Em que pese uma expressiva participação de mulheres na docência em nossa universidade, fomos o começo de uma realidade que se estabeleceu. À época, ouvíamos blagues do tipo: “Quando uma carreira deixa de ser atraente financeiramente, é isso o que acontece...”.

Fomos a geração de transição do modelo educacional republicano, no qual a educação era dada a uma parcela restrita da população e garantia privilégios, para o modelo neoliberal, no qual a educação foi massificada a fim de garantir mão de obra barata, com um porém: a universidade permanecia acessível para poucos; aos demais, restavam os cursos técnicos. O viés que nos interessa aqui é a do desvio padrão dessa curva.

Nossa geração, fruto direto da reforma de ensino de 1971, deu espaço para as mulheres; as conquistas e mudanças a partir dali definem o universo em que nos inserimos nesse contexto. Não foi de graça, nem sem perdas, que essa relação se deu.

A vigésima turma de Botucatu tinha esta peculiaridade: mais mulheres, mais questionamentos; ao mesmo tempo, o país sangrava e tentava se redefinir, mas a maioria de nós, mulheres e homens, estávamos alienados desse processo. Chegamos todos com a faca no meio da boca, feito piratas — só queríamos ser médicos.

Absurdados, ouvíamos discursos para o bem e para o mal; a perspectiva de reconstrução do Brasil soava estranha à maioria. Afinal, para qualquer análise, mesmo com a ruptura de barreiras, o que qualquer aluno recém-chegado a uma faculdade de Medicina quer é se conformar, no sentido de aceitação e inclusão.

Assim, logo fomos expostos às discussões sobre nossa realidade. A cada assembleia, a cada proposição de questionamento, a revolta. Onde queríamos paz e educação de qualidade, nos apresentavam caos e falta de recursos.

Aqui, passo para o singular.

Eu, vinda da militância desde a adolescência, me tornei um ponto desagradável na curva. Imbuída de minha sanha de justiça social, toda trabalhada na vaidade pessoal, olhava com desprezo meus colegas que não compreendiam esses conceitos.

A voracidade com que eu defendia meus pontos de vista naquele cenário, e uma malsucedida incursão capilar (vulgo “permanente”), me angariou, dentre meus amigos próximos, o apelido de *Titã* — Glauco, a culpa é toda sua.

Minha pequena e pouco eficaz militância só fez de mim uma *outsider*. Em minha defesa, admito que, para além de minhas convicções, sempre fui fascinada pelo ser humano. E, quando penso no que vivemos naquele período, me recorro de nosso primeiro ano, situação na qual um professor chocou nossa turma...

Decidimos fazer uma Festa Junina, momento de conagração de todos; eu, a rebelde com causa, convidado — para espanto dos meus colegas — um professor e alguns alunos de turmas seguintes. Do nada, aquela figura arquetípica propõe que toquemos Blitz, um sucesso da época. Enquanto meus colegas de turma estavam obnubilados com minha proximidade com gente com quem eles nem cogitavam confraternizar, acontece o inesperado: ao som de *Você não soube me amar*, cantada por Evandro Mesquita e sua trupe, o professor — já bem para lá de Marrakesh e acompanhado por nossos veteranos — faz um *striptease*.

Choro, espanto e confusão! Eu, muito moderna, fingi costume, mas, no fundo, estava envergonhadíssima. Ali, comecei a entender a minha carece e o quanto eu era mais parecida com meus colegas de turma e menos moderna do que eu julgava.

O episódio, risível hoje, me humanizou — quem era eu para olhar meus colegas com superioridade? Éramos todos impúberes e, cada um a seu modo, idealistas, sem nenhuma noção do tempo que vivíamos, mas muito curiosos.

E essa curiosidade sobre outras formas de pensar me deu presentes. Mais que isso, aqueles tempos forjaram, ao mesmo tempo, uma humildade sobre minhas convicções, e o respeito sobre outras formas de manifestar sua visão de mundo. Botucatu e a vigésima turma da FMB me educaram para a vida.

Volto ao plural.

Convivemos com diferenças no pensar; para nós, tão jovens, tudo era espanto. Vivemos um momento crucial de reformas no país, como a campanha das “Diretas Já”. Em todo o nosso desespero e desesperança, não víamos país nenhum.

Naquela cegueira, por diversas vezes brigamos entre nós. O país e a Medicina que desejávamos não era tão distinta assim, mas algumas personas se destacavam em nosso convívio. Na época, não tínhamos a real clareza e grandeza para compreender, mas, feito cegos conduzindo cegos, algo nos parecia verdadeiro.

Tivemos jornadas pessoais muito diferentes. Sofremos baixas, amigos queridos e amorosos que se foram ao longo da jornada. Decepções afetivas, decepções políticas. Mas existia algo que talvez nos unisse à época: havia uma mudança em curso, e faríamos parte dela.

Continuamos nossas sagas pessoais. Alguns só queriam realizar seus projetos individuais, outros queriam transformar a realidade; todos nós só queríamos ser o melhor médico, a melhor pessoa; nossos desejos nunca foram tão conflitantes assim.

Entre o desejo de alcançar o sucesso profissional e concretizar seus afetos, as mulheres daquela turma lutaram bravamente, tendo uma nebulosa, porém certa, certeza de que faríamos História. Por isso, não há como falar da vigésima turma sem observar a trajetória dessas mulheres. Nós sobrevivemos ao preconceito, aos nossos provincianismos.

De longe, acompanhei colegas da nossa turma se impondo: desconstruindo o modelo asilar na Psiquiatria, Kika, hoje diretora de nossa faculdade, estava lá; Chia Huan construiu um hospital, o Sino Brasileiro, em Osasco; Izildinha Maestá tornou-se uma acadêmica que participa de grupos de estudos em Harvard; Eliane Lima Guerra é docente em Psiquiatria e precursora de estudos sobre o canabidiol. E esses são apenas alguns exemplos.

Nós todos, homens e mulheres, fizemos o melhor que pudemos com a formação que recebemos. Em todas as áreas, temos grandes profissionais. Novamente, apenas à guisa de exemplo: Eduardo Costa, cardiologista, mesmo sem uma faculdade de Medicina no município onde atua, São José dos Campos, é um acadêmico renomado; Edmilson Longui é urologista e oncologista com uma clínica de ponta em Presidente Prudente; André Balbi é o atual superintendente do HC de Botucatu.

Mais uma vez, retomo o singular.

Fui a ovelha negra da turma. Durante a minha formação, tive dois filhos — “produções independentes”, como dizíamos à época. Completei minha graduação no tempo regulamentar graças ao esforço pessoal e ao apoio de amigos-irmãos; muito obrigada, Jonas Consorte. Renunciei à residência por sobrevivência; mesmo assim, acolhida por um veterano de nossa faculdade, vim parar em São Sebastião, litoral norte de São Paulo.

Aqui, menos de dois meses depois de formada, assumi a chefia do serviço de urgência e, em menos de um ano, tornei-me gestora do serviço público de saúde, e devo isso ao que aprendi na faculdade.

Com o tempo, quitei o débito com minhas deficiências acadêmicas: me especializei em Saúde Pública pela USP, com foco em Psicologia Analítica, Psiquiatria e Dependência Química — mas o que me moveu na vida profissional foi o legado de minha formação inicial.

Nessa trajetória, reencontrei amigos e docentes. Cito uma em especial: Cecília Magaldi, docente da disciplina de Saúde Pública. Em minha colação de grau, compartilhando um cigarro, conversamos brevemente. Ela, sábia e acolhedora, não se conformava com minha decisão de não cursar residência naquele momento.

Dois anos depois, estando ambas gestoras do Sistema Único de Saúde (naquele momento, em construção em nossos municípios), nos reencontramos em um evento de uma associação de gestores municipais de saúde da qual fazíamos parte. E agora quem estava inconformada era eu, por ela não ter sido convidada para a gestão estadual.

Dividindo novamente um cigarro e um café (hábito pernicioso e comum à época), ela confessa: “Talvez eu devesse ter feito a escolha que você fez.” Discordei: “Cecília, se você não tivesse se imposto, quando era uma das quatro alunas de sua turma, eu e muitas outras não estaríamos aqui.”

Botucatu me legou a certeza da decisão de lutar pela construção de um sistema de saúde mais justo e equânime. Minha vida profissional foi e é pautada nesses princípios; entre erros e acertos, há a certeza de não ter subvertido esses ideais e o orgulho de ser parte de uma turma de Titãs. Digo isso no singular, mas, observando a trajetória de meus colegas, sei que essa é uma constatação plural.



Notas sobre a Famesp

Antonio Rugolo Jr.³⁴

³⁴ Possui graduação em Medicina pela FMB (1982), mestrado em Pediatria e Ciências Aplicadas à Pediatria pela Unifesp (1990) e doutorado em Pediatria pela FMB (2001). Atualmente é professor assistente doutor no Departamento de Pediatria da FMB, além de diretor presidente da Famesp.

A FUNDAÇÃO PARA o Desenvolvimento Médico e Hospitalar (Famesp) é uma entidade jurídica de direito criada em 1981, cuja origem em um câmpus universitário vocacionado para a saúde influenciou significativamente a sua trajetória.

A Famesp começou as atividades como uma fundação de apoio, atuando na gestão de recursos financeiros do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu (HCFMB). Essa parceria com o Hospital e a Faculdade de Medicina (FMB) perdura até hoje e constitui a base sólida da atuação da Famesp e de toda sua experiência acumulada na área da saúde.

A seriedade e a disciplina do meio acadêmico, a preocupação com indicadores de qualidade, a crítica científica e a postura ética encontradas no berço da universidade permitiram aos gestores da Famesp uma experiência ímpar e abriram portas para o trabalho que começou a se desenhar em 2002, quando a entidade se tornou interveniente no convênio firmado entre a Unesp e a Secretaria de Estado da Saúde/SES-SP para a administração do Hospital Estadual de Bauru (HEB).

Fora de Botucatu, essa foi a primeira experiência da Famesp na administração de um hospital regional com mais de 300 leitos e 1.500 funcionários.

Em setembro de 2004, foi fundado o Serviço de Ambulatórios Especializados de Infectologia “Domingos Alves Meira” (Saei-DAM), unidade hospitalar sediada em Botucatu e serviço próprio da Famesp que presta assistência a pessoas que vivem com HIV/Aids, hepatites crônicas, vírus linfotrópico para célula T humana e pessoas picadas por animais peçonhentos. O serviço funciona numa parceria estreita com o HC, a FMB e o município de Botucatu.

Desde 2011, referida fundação é qualificada como Organização Social de Saúde (OSS), o que lhe possibilitou ampliar sua atuação na gestão de ambulatórios médicos de especialidades sediados nas cidades de Bauru, Tupã e Itapetininga, onde até então era administradora interveniente.

Atualmente a Famesp é a gestora direta de sete serviços estaduais de saúde por meio de convênio e/ou contrato de gestão com a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, dentre eles o Hospital Estadual de Bauru, Hospital de Base de Bauru, Maternidade Santa Isabel, Serviço de Reabilitação Lucy Montoro de Botucatu, Ambulatórios Médicos de Especialidades de Bauru, Tupã e Itapetininga. É responsável pelo emprego de mais de seis mil trabalhadores, das áreas operacionais aos cargos de nível superior, atendendo uma população que ultrapassa a marca de dois milhões de pessoas.

A Famesp também mantém parceria e apoio ao complexo HCFMB, composto pelo próprio Hospital das Clínicas da FMB, pelo Hospital

Estadual Botucatu, pelos Prontos-Socorros Adulto e Pediátrico e pelo Serviço de Atenção e Referência em Álcool e Drogas (Sarad).

A organização participa, ainda, como interveniente na gestão do Centro de Saúde Escola Achilles Luciano Dellevedove (CSE), unidade auxiliar da FMB que realiza atividades de ensino, assistência, pesquisa e extensão no campo da atenção primária em saúde. O CSE está integrado ao Sistema Municipal de Saúde, sendo responsável por uma área de abrangência correspondente a aproximadamente a 30% da população municipal de Botucatu.

Além de gerir serviços de saúde, também atua nas áreas de ensino e pesquisa e, desde 2014, mantém, com o credenciamento de Programas de Residência Médica próprio, residentes nas áreas de Clínica Médica, Cirurgia Geral, Pediatria e Anestesiologia. Em parceria com a Faculdade de Odontologia de Bauru, mantém a residência em Otorrinolaringologia. Por fim, ainda é campo de estágio para cursos técnicos e de graduação em diversas especialidades, incluindo Medicina da USP Bauru e da Uninove.

Para alcançar seu objetivo de estimular e apoiar pesquisas em saúde, a Famesp tem, na composição de sua estrutura administrativa, uma Diretoria Científica, que, entre outras atividades, atua, junto à Unidade de Pesquisa Clínica da Faculdade de Medicina de Botucatu (Upeclin), em projetos de pesquisa clínica desenvolvidos no Brasil. Nesse sentido, acaba desempenhando papel relevante no processo administrativo desses projetos, administra financeiramente os projetos aprovados dentro das exigências de cada órgão de fomento, faz aquisições, elabora relatórios de prestação de contas, orienta o preenchimento de planilhas online na captação de recursos e prestação de contas e facilita o inter-relacionamento de pesquisadores de diversas áreas envolvidos em projeto multidisciplinar e/ou multicêntrico.

Hoje, 40 anos após seu trabalho inicial junto ao HCFMB, a Famesp confirma a própria vocação ao extrapolar os muros da Universidade e se consolidar como gestora de saúde de visão plural, com foco na profissionalização de seu corpo técnico e no incremento de áreas-chave como ensino e pesquisa, sem deixar de lado a humanização nos serviços prestados e no relacionamento com colaboradores e parceiros.



A contribuição do Departamento de Enfermagem aos 60 anos da FMB

Carmen Maria Casquel Monti Juliani³⁵

³⁵ Primeira professora emérita do Departamento de Enfermagem.

A PERSPECTIVA AQUI apresentada é de uma docente que atuou no curso de graduação em Enfermagem desde a primeira turma, iniciada em 1989, e que formou seus primeiros egressos em 1992; uma tarefa honrosa e agradável, dado que, nesses quase 33 anos de caminhada na Faculdade de Medicina, as contribuições do Departamento de Enfermagem são diversas e relevantes.

O curso de graduação em Enfermagem tem sido historicamente bem avaliado e, desde o início do Enade (antigo Provão), obtém nota máxima no exame. Nossos egressos colocam-se facilmente no mercado, em instituições públicas (destacando-se em processos seletivos e concursos) e em particulares, ou até mesmo empreendendo em empresas próprias. Há ex-alunos que exercem a docência e atuam em importantes posições tanto em nosso Hospital das Clínicas (HCFMB) quanto no Sistema Único de Saúde (SUS) Brasil afora, o que denota a qualidade da formação oferecida.

O crescimento do curso de graduação em Enfermagem — que avançou, após muitas lutas, com a criação do Departamento de Enfermagem a partir de 1999 — foi, paradoxalmente, gradativo e rápido. Gradativo em variedade de ações; rápido, tanto numericamente quanto em prontidão para responder às necessidades que surgiam ano a ano. Assim, percorreu caminhos que colocaram em evidência sua robusta vocação de formação para a saúde, em particular para o SUS, passando pela graduação em Enfermagem e posteriormente contribuindo com a graduação em Medicina, alcançando a formação interprofissional, hoje realizada em algumas ações formativas nos currículos da FMB.

Esse desenvolvimento ganhou corpo na pós-graduação *lato sensu* (em cursos de aprimoramento, especialização, tanto em modalidades presenciais como grades curriculares a distância, além dos programas de residência uni e multiprofissional), em cursos de pós-graduação *stricto sensu* iniciados em 2006 (atualmente, o departamento possui dois programas de pós-graduação, sendo um profissional e outro acadêmico, ambos com cursos de mestrado e doutorado; além disso, registra-se a participação de seus professores em outros programas de pós-graduação da FMB). Ao mesmo tempo, houve grande crescimento nas atividades de extensão e, adicionalmente, contribuições importantes na área de gestão.

A inserção na pós-graduação, aliada ao espírito científico dos docentes do Departamento de Enfermagem, permitiu grande crescimento na área da pesquisa, com avanço relevante na produção do conhecimento e nas oportunidades aos estudantes de formação científica baseada em evidências. Consolidou-se, nesses anos, um evento científico, a Bienal de Enfermagem, iniciada em 1999, que chegou à 12^a edição e atualmente agrega um evento internacional de grande sucesso.

Tais contribuições levaram ao reconhecimento local e regional do Departamento de Enfermagem por parte dos serviços de saúde, dada a nossa participação em atividades diversificadas, desde o planejamento estratégico em muitos projetos, até a elaboração e implantação de protocolos que trouxeram contribuição aos serviços, passando por diferentes ações educativas e o desenvolvimento de recursos tecnológicos que, em última análise, geraram melhorias na atenção à saúde e aos cidadãos usuários do SUS. Essa realidade promoveu parcerias mais intensas local e regionalmente, mas, extrapolando a região, contemplou projetos na esfera estadual, com a Secretaria de Estado da Saúde; em âmbito nacional, com os Ministérios da Saúde e da Educação, e firmou até mesmo convênios internacionais.

Esse reconhecimento permitiu que hoje tenhamos uma docente, a professora titular Cristina Maria Garcia de Lima Parada, desde 2018, como coordenadora da área de Enfermagem na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Outra importante representação alcançada foi no Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo (Coren-SP) com a atuação da professora associada Wilza Carla Spiri como conselheira efetiva na gestão 2021–2023.

Na gestão interna da FMB e da Unesp, representantes do Departamento de Enfermagem historicamente têm participado de importantes comissões administrativas ou relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão, bem como no desenvolvimento de Núcleos de Ensino e do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP), de maneira proativa em ações conjuntas nas diferentes iniciativas de integração entre cursos, no desenvolvimento da docência e no aprimoramento dos currículos. De modo similar, essa participação acontece de forma significativa também no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu (HCFMB), na Fundação para o Desenvolvimento Médico e Hospitalar (Famesp), no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e no Centro de Saúde Escola (CSE).

Em ações assistenciais e de extensão, o Departamento de Enfermagem tem se destacado historicamente com projetos que alcançam não apenas os serviços de saúde, como os Hospitais e Unidades da Rede Básica de Saúde, mas ainda escolas da rede pública, asilos, indústrias, os câmpus da própria universidade, dentre outros, abrangendo diferentes municípios e a comunidade em geral, de modo que seria difícil enumerá-los neste breve relato. As ações educativas extrapolam as ações presenciais e se revelam ainda em muitos materiais educativos produzidos e disponibilizados em meios digitais, de fácil acesso a diferentes públicos, mostrando o engajamento da Enfermagem aliado ao crescimento tecnológico via Internet. A contribuição em desenvolvimento de programas informatizados e aplicativos para os serviços de saúde se faz igualmente presente.

Nossa luta tem sido grande, afinal somos apenas um departamento a nos responsabilizar por cursos inteiros e projetos grandiosos, mas a beleza está em persistir sempre, apesar do relativo espaço decisório. Com uma equipe pequena, porém unida, que busca a arte de articular ensino, pesquisa, extensão, assistência e gestão, o Departamento de Enfermagem vem cumprindo a missão de formar profissionais-cidadãos conscientes de sua responsabilidade social e comprometidos com a qualidade da atenção ao público que financia a Universidade que defendemos — pública, gratuita e de qualidade!

Privilegiando a construção participativa e a aprendizagem significativa, nosso currículo de graduação em Enfermagem tem passado por constantes transformações para que o egresso atue de forma profissional e ética, com base na ciência, orientado pela Lei de Exercício Profissional, pelo Código de Ética Profissional e pelas demais legislações pertinentes ao SUS e ao seu trabalho, com capacidade de atuar e de se aprimorar profissionalmente, bem como de colaborar com o trabalho interprofissional para transformar e melhorar a realidade onde atua.

“A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.” (Guimarães Rosa)

Coragem nunca faltou ao Departamento de Enfermagem, cuja estrutura parece insuficiente dado o tamanho de seu crescimento: desde seu surgimento em 1989, se somados os principais cursos de graduação, especialização (presencial e EaD), aprimoramento, residência e pós-graduação (mestrado e doutorado), são mais de 2.500 egressos.

Neste momento de júbilo, fica o registro da gratidão pela oportunidade de participar dessa história de luta, repleta de significados. É uma grande honra e privilégio contribuir com essa história, fazer parte dessa instituição e poder comemorar os 60 anos da querida e gloriosa Faculdade de Medicina de Botucatu, que tanta diferença faz em nossa comunidade!



Um passado de memórias e um futuro de histórias:

**a visão de uma servidora
técnico-administrativa da FMB**

Edna Maria de Souza Carvalho³⁶

³⁶ Graduada em Enfermagem pela USC-Bauru (1978), especializou-se em Administração de Serviços Públicos em Saúde e em Enfermagem do Trabalho. Dedicou-se por 33 anos ao Serviço de Enfermagem no HCFMB, onde foi diretora das Unidades de Internação e da Divisão de Enfermagem.

DURANTE AS TRÊS décadas em que trabalhei como enfermeira/servidora técnico-administrativa no Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB), minha visão sobre a universidade e sobre o meu local de trabalho foi se modificando frente ao contexto político, econômico e social do país, o qual se refletia nas unidades universitárias.

No início dos anos de 1980, a FMB ainda mantinha uma gestão fechada, de certo modo autoritária, que se reproduzia em relações verticais nas práticas e relações de trabalho, inclusive no HC. As dificuldades eram muitas, desde a escassez de profissionais em quantidade e qualificação, especialmente para a assistência de Enfermagem, até dificuldades relacionadas à aquisição de materiais e equipamentos, além da falta de leitos hospitalares.

Na segunda metade daquela década e nos primeiros anos da seguinte, a democratização do Brasil se fez presente na universidade, e na Unesp não foi diferente. O antigo Estatuto dos Servidores Técnico-Administrativos da Unesp foi reformulado, e passamos a ter nossos direitos reconhecidos. As relações de trabalho tornaram-se mais horizontais, com maior representatividade dos servidores nos órgãos colegiados. Foi um tempo de efervescência que contagiou a todos nós, tendo sido muito importante para o aprendizado do convívio democrático.

Os diretores da FMB e do HC passaram a ser eleitos democraticamente, e os funcionários técnico-administrativos conquistaram o acesso mais fácil às instâncias de direção para apontar problemas, sugerir soluções e, quando fosse o caso, questionar condutas técnicas e/ou administrativas. Foi um período pródigo na unidade, de contratação substancial de servidores, qualificação de pessoal, criação de novos cursos e aquisição de equipamentos.

O curso de Auxiliar de Enfermagem profissionalizou os servidores que atuavam na área, promovendo os atendentes que, até então, constituíam a grande força de trabalho na assistência, mas não tinham uma formação sistematizada. Intensificou-se, também, a aquisição de equipamentos necessários a essa área, inclusive os importados, o que propiciou maior desenvolvimento tecnológico da FMB e do HC. Unidades importantes foram criadas e equipadas, como as Unidades de Terapia Intensiva, Hemodiálise e Ambulatórios. Criou-se, ainda, o Centro de Diagnóstico por Imagem.

O Serviço de Enfermagem foi reorganizado e estruturado como Divisão Técnica de Enfermagem do HC, passando a atuar de forma mais eficiente, com base em padrões administrativos, técnico-científicos, éticos e de desenvolvimento humano.

A década de 2000 apresentou grandes avanços tecnológicos, com inovações importantes nas áreas de tratamento, reabilitação e diagnósticos por exame de imagem e de laboratório. Ressalto a importância da Famesp como suporte para o HC, no que se refere ao provimento de recursos materiais e humanos, bem como à pesquisa e à produção de conhecimento.

A criação do curso de Enfermagem representou outra conquista relevante para o aprimoramento e a qualificação dos profissionais da área, oferecendo aos enfermeiros do HC a oportunidade de realização de cursos de especialização, mestrado profissional, mestrado acadêmico e doutorado. Adicionalmente, foram criadas as Comissões de Ética Médica e de Ética de Enfermagem, com especial ênfase ao desenvolvimento da consciência ética dos profissionais dessas áreas.

O convívio entre estudantes de Medicina, de Enfermagem e de outros cursos sempre foi tranquilo, marcado pela grande disposição de ajuda mútua. Aprendi muito com estudantes e médicos-residentes, muitos dos quais deixaram marcas e saudades. Certamente, eles também guardam boas lembranças do nosso convívio e dos bons exemplos.

Destaco, ainda, na minha trajetória no câmpus de Botucatu, a cooperação, a solidariedade, o companheirismo e as boas relações que sempre estiveram presentes entre os servidores das diferentes áreas do HC e os da FMB.

Refletindo um pouco sobre todos os anos de trabalho intenso, reconheço que avanços e dificuldades ocorreram em diversos momentos e de maneiras diversas; vivenciei períodos de algum retrocesso, com menor participação da comunidade, outros de importantes avanços e maior participação, evidenciando o processo evolutivo nas áreas científica, tecnológica e de relações de trabalho.

Revendo, nas minhas memórias, as três décadas de atividades bem-sucedidas, as quais desenvolvi com muito empenho e satisfação, reafirmo que minha escolha da Enfermagem como profissão foi acertada e reconheço todas as oportunidades de crescimento profissional e desenvolvimento pessoal que o trabalho na Unesp possibilitou. Sou grata pelos vínculos formados ao longo dessa caminhada na FMB, pelos parceiros do dia a dia que se tornaram meus amigos, de ombros disponíveis e mãos estendidas, vínculos que não se desfizeram com a distância ou o tempo. E sou profundamente agradecida aos profissionais comprometidos com o crescimento da nossa unidade universitária, com quem dividi responsabilidades e aprendi muito sobre assistência, gestão, ética e política universitária.

Afirmo com respeito que fomos corajosos e pacientes, desafiadores e incentivadores, exigentes e ternos, inspiradores e motivadores; temos um passado de memórias e um futuro de histórias. Nas palavras de Guimarães Rosa:

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta, esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito – por coragem.



Enfermagem FMB: **três décadas de qualificação profissional**

Cristina Maria Garcia de Lima Parada³⁷

Marli Teresinha Cassamassimo Duarte³⁸

Vera Lúcia Pamplona Tonete³⁹

³⁷ Formada em Enfermagem e Obstetrícia pela USP (1985), com mestrado (1991) e doutorado (1997) em Enfermagem pela mesma instituição. Atualmente é professora titular na FMB e coordena o grupo de pesquisa Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente (Samuca).

³⁸ Formada em Enfermagem e Obstetrícia pela UFSCar (1984), mestrado em Saúde Pública (2001) e doutorado em Doenças Tropicais (2012) pela FMB, onde atualmente é professora assistente. É membro do grupo de pesquisa Samuca.

³⁹ Formada em Enfermagem (1985), possui mestrado em Enfermagem em Saúde Pública (1995) e doutorado em Enfermagem (2000), todos pela USP, e livre-docência em Enfermagem Pediátrica pela FMB (2020). Atualmente é professora associada do Departamento de Enfermagem, docente permanente e orientadora junto ao Programa de Pós-graduação da FMB e membro do Samuca.

A IDEIA INICIAL da criação do atual curso de graduação em Enfermagem da Faculdade de Medicina de Botucatu (CGE/FMB) surgiu ainda no início das atividades da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB) e do Hospital das Clínicas (HC).

No início da década de 1980, por iniciativa do então diretor da Faculdade de Medicina, o professor emérito Domingos Alves Meira (1980-1984), docentes médicos da FCMBB e enfermeiras contratadas para atuarem no HC começaram os primeiros estudos para viabilização do curso. Nesse período, em que a FCMBB se integrou à recém-criada Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) e se consolidou como FMB, houve avanço na discussão de criação de “cursos novos” a serem agregados a essa unidade universitária. Na área de Enfermagem, os estudos foram coordenados pela enfermeira do HC, a professora Dra. Heloisa Wey Berti, e pelo professor Dr. Carlos Gomes Araújo. Esse trabalho inicial culminou na proposição de um currículo discutido com enfermeiros atuantes em diferentes áreas e instituições de ensino e assistência do estado de São Paulo, além dos professores do Instituto de Biociências de Botucatu (IBB).

No contexto da discussão sobre novos cursos, sob a gestão do professor emérito William Saad Hossne (1984-1988), a FMB priorizou a criação do curso de graduação em Enfermagem, dando continuidade à elaboração da proposta curricular, contando com a assessoria das professoras Dras. Maguida Costa Stefanelli, Rosa Áurea Quintella Fernandes e Maria Belén Salazar Posso, ligadas à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EE-USP).

O CGE-FMB iniciou suas atividades acadêmicas em 1989, formando sua primeira turma de egressos em 1992 e sendo reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) por meio da Portaria nº 253, de 17 de fevereiro de 1994. Nesse mesmo ano, o Centro Acadêmico de Enfermagem provisório (Pró-Caenf) foi instituído e, na sequência, tornou-se o Centro Acadêmico XII de Maio.

Em 1999, foi criado o Departamento de Enfermagem na FMB, que passou a se responsabilizar pelas disciplinas profissionais do CGE-FMB, o qual aumentou suas vagas anuais para 30, mantidas até a atualidade.

Com o compromisso constante de avaliar e qualificar a formação oferecida, em 2000 o CGE-FMB iniciou processo de reestruturação curricular, acelerado em 2001 pela publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Enfermagem (DCN/ENF) de 7 de novembro de 2001. Essa reestruturação foi concluída em 2003, estabelecendo o atual Projeto Político Pedagógico (PPP) do CGE-FMB, sendo suas principais alterações: a introdução do Estágio Curricular Supervisionado, a instituição do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e a criação do acompanhamento e avaliação da formação na perspectiva dos alunos,

egressos e docentes. Destaca-se que, nessa mesma ocasião, foi criado o Núcleo de Apoio Pedagógico da Enfermagem (Napenf), que, em 2019, passou a integrar um único NAP-FMB.

No decorrer de sua História, o CGE-FMB vem se pautando pela formação interprofissional, iniciada em 2008 com a disciplina Interação Universidade Serviços – Comunidade I (IUSC – I) e, no ano seguinte, com a IUSC – II, integrando os cursos de Enfermagem, Medicina e, mais recentemente, Nutrição. Além disso, tem sido viabilizada a formação prática em toda a rede de serviços de saúde de Botucatu e municípios da região do Departamento Regional de Saúde VI-Bauru, incluindo o Complexo HC-FMB e Centro de Saúde Escola da FMB. Ressalta-se também a possibilidade de os estudantes participarem, com graduandos de outros cursos e profissionais da rede, de vários Programas de Educação para o Trabalho (PET), que vêm oportunizando vivência de trabalho em equipe, interprofissional e voltada para necessidades de saúde individuais e coletivas em âmbito municipal e regional, assim priorizando a formação para o Sistema Único de Saúde (SUS).

Concomitante à implementação do PPP, vigente desde 2006, o CGE – FMB – Unesp vem realizando uma avaliação interna contínua de suas atividades, com a participação ativa da comunidade acadêmica. Sob o ponto de avaliação externa, periodicamente, avaliadores advindos de instituições consideradas de excelência na área são convidados pela FMB para, *in loco*, procederem a suas avaliações sobre vários de seus aspectos. Nas avaliações divulgadas pelo Sinaes/Enade, o CGE – FMB obteve por repetidas vezes nota máxima, como também avaliações cinco estrelas no Guia do Estudante da Editora Abril, sendo classificado como o quinto melhor curso de Enfermagem do Brasil no Ranking Universitário da Folha, nos anos de 2017 e 2018. Em 2021, na avaliação realizada pelo Jornal Estado de São Paulo – Quero Educação, publicação Guia da Faculdade, o CGE – FMB obteve a nota máxima 5.

Até 2021, 723 enfermeiros foram formados pelo curso, e os egressos têm rapidamente se colocado no mercado de trabalho ou ingressado em cursos de pós-graduação *lato* ou *stricto sensu* em renomadas instituições de ensino nacionais e do exterior.

Buscando sempre o aprimoramento de seu PPP, mantendo a perspectiva de formação de profissionais crítico-reflexivos e preparados para o cuidado de excelência, atualmente o CGE-FMB está em processo de reestruturação curricular, apontando para a adoção de um modelo integrado de ensino, que visa à formação interprofissional por competência. A proposta, a ser submetida às instâncias universitárias em 2022, contempla quatro áreas de competência: Cuidado Individual, Cuidado Coletivo, Educação e Pesquisa e Gestão e Gerenciamento.

Desde 2005, os docentes do curso de graduação em Enfermagem, além da formação de enfermeiros, vêm contribuindo para o aprimoramento desses e de outros profissionais da área da saúde, como educador físico, psicólogo, odontólogo, assistente social, nutricionista, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional e farmacêutico, por meio do Programa de Residência em Área Profissional da Saúde, modalidades uni e multiprofissional, nos seguintes programas: Residência Multiprofissional em Saúde da Família, Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso, Residência em Enfermagem Obstétrica, Residência Multiprofissional em Saúde Mental na Atenção Primária e Residência em Enfermagem em Cuidados Críticos. O conjunto dos programas soma 92 vagas com bolsa de estudos do Ministério da Saúde, e, até 2021, foram formados 212 residentes.

A formação *lato sensu* também ocorreu por meio de cursos de aprimoramento profissional, oferecidos até 2019, contribuindo para a



formação de mais de 1.500 profissionais, e de cursos de especialização, em diferentes áreas. Desde 2020, são oferecidas 16 vagas de especialização em Sistematização da Assistência de Enfermagem, com bolsa de estudos da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (unidade federativa).

Merecem ser destacadas, ainda, as parcerias do Departamento de Enfermagem com os Ministérios da Saúde e da Educação no projeto de Profissionalização dos Profissionais da Área de Enfermagem (Profiae), que resultou na formação de 407 técnicos e 251 auxiliares de Enfermagem, além de ter promovido, entre outras especializações, a formação de 897 especialistas na área de formação pedagógica, de 59 médicos e enfermeiros especialistas na área de saúde da família e de 323 profissionais da saúde na área de gestão em saúde em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB).



Outro destaque a ser realizado é relativo aos dois programas de pós-graduação em Enfermagem da FMB: em 2006, iniciou-se o programa profissional de pós-graduação em Enfermagem, com o curso de mestrado e, em 2019, com o curso de doutorado; em 2013, o programa acadêmico de pós-graduação em Enfermagem, com os cursos de mestrado e doutorado. O impacto positivo desses programas pode ser comprovado tanto pela qualidade da formação e da produção científica e tecnológica de seus egressos quanto pelas avaliações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), respectivamente notas 5 e 4, na última avaliação realizada. Até 2021, os dois programas formaram 341 pós-graduandos no total, sendo 207 egressos do mestrado profissional, 73 do mestrado acadêmico e 61 do doutorado acadêmico.

Considerando-se o terceiro tripé da universidade, o CGE – FMB tem atuado em vários cursos e projetos de extensão, aproximando estudantes, docentes e comunidade, bem como implementando ações extensionistas em serviços de saúde, instituições de ensino e organizações não governamentais.

Dessa forma, fruto da ousadia de seus idealizadores e da competência, comprometimento e espírito de luta de seus docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes, o departamento e o CGE-FMB completam três décadas escrevendo uma história de sucesso no ensino, pesquisa e extensão.

Os desafios se constituem em manter a formação de profissionais competentes para desenvolverem atividades inerentes às funções que lhes são conferidas pela Lei do Exercício Profissional (Lei nº 7.498/1986) e demais correlatas, de forma autônoma, consciente, crítica e responsável, como sujeitos e agentes de transformações, no sentido de melhoria das condições de trabalho, saúde e vida na sociedade a que pertence, a fim de avançar ainda mais na pesquisa e na extensão, comprometidos com as necessidades e anseios da sociedade e com a defesa do SUS.



A arte de cuidar

1ª Turma de Enfermagem (1992)

Valeria Palhares⁴⁰

⁴⁰ Graduada em Letras com Licenciatura Plena pela Associação de Ensino de Botucatu (1985) e em Enfermagem pela FMB (1992), possui mestrado profissional pelo Departamento de Enfermagem e doutorado em Clínica Médica (2012) pela mesma instituição, onde atualmente é enfermeira neste departamento e professora colaboradora nas disciplinas de Fundamentos de Enfermagem e de Saúde do Adulto.

ERA 1989, e tinha início o curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Botucatu. A graduação começou com 20 vagas, minha primeira opção no vestibular foi Enfermagem e fui chamada na primeira lista. Os dois primeiros anos são formados principalmente pelo curso básico, disciplinas ministradas pelos docentes do Instituto de Biociências (Anatomia, Fisiologia, Farmacologia, etc.). Tudo novo para nós e para os docentes, que tiveram que se adaptar com conteúdo e carga horária específicos para o curso de Enfermagem.

O curso básico, ministrado em período integral, exigia muito estudo, e logo percebi que precisaria de muita dedicação para acompanhar. Muitos alunos caem de turma nesses dois primeiros anos, e foi assim que, ao longo dos anos, a primeira turma da Enfermagem foi reduzida a somente 10 alunos. No segundo ano, começamos, com as atividades assistenciais de ensino, o primeiro contato com pacientes e com professores que também eram enfermeiros na prática. O dia de vestir a roupa branca foi um marco para a entrada nas atividades profissionais.

Por se tratar da primeira turma, esse corpo docente ainda estava se formando, não conhecíamos nossos professores e em algumas situações pudemos acompanhar o processo seletivo para o nosso futuro docente, sendo esse o nosso primeiro contato e nossa primeira impressão. Nossos docentes eram, em maioria, enfermeiros jovens que vinham do Hospital das Clínicas de Botucatu, e em algumas situações chegava a hora de iniciar a disciplina sem que o processo de contratação estivesse terminado. Tínhamos uma professora que iniciava praticamente todas as disciplinas até a chegada efetiva do novo docente daquela cadeira.

Os dois últimos anos foram mais específicos, e cada vez mais estávamos dentro dos estabelecimentos de saúde. Em 1992, formamos em 10 alunos e tivemos uma colação de grau em conjunto com a da turma da Medicina.

Muitas coisas mudaram de lá pra cá, e a colação de grau realizada em cerimônia exclusiva é somente uma das conquistas.

Mesmo sendo um curso novo, com muitas dificuldades de autonomia e com corpo docente em formação, muitas conquistas foram alcançadas, graças ao comprometimento da Faculdade de Medicina e do corpo docente da Enfermagem. A experiência e o amadurecimento profissional que teve seu início na formação acadêmica logo foram intensificados pelo ingresso em cursos de especialização e pela contratação dos alunos da primeira turma em diversos aparelhos de saúde, entre os quais o HCFMB.

Já formada, fui aprovada no Aprimoramento em Saúde Coletiva, estava cursando o início do aprimoramento quando foi aberto pelo Hospital das Clínicas um processo seletivo para contratação de enfermeiros. Prestei, passei e me tornei enfermeira do Hospital das Clínicas.

Após seis meses trabalhando como enfermeira, fui convidada a integrar a equipe de Enfermagem do pronto-socorro, que estava ampliando e mudando

de área física. Ali, encontrei uma grande escola, que transformou minha vida profissional. Pude colocar em prática o conhecimento adquirido na graduação e ampliá-los com a prática diária e com muitos cursos de urgência e emergência que tive o privilégio de fazer. No pronto-socorro, fui supervisora de seção e responsável pela enfermaria e pela Unidade de Terapia Intensiva. Nessa época, eu e alguns colegas, com apoio e incentivo da diretoria médica do pronto-socorro, montamos um curso de urgência e emergência que pudemos ministrar para enfermeiros da região de Botucatu e Bauru e para os alunos do curso de graduação em Enfermagem.

Enquanto eu atuava no PS, a Enfermagem foi se desenvolvendo e crescendo tanto em número de docentes como em prestígio, o que levou à ampliação da oferta de cursos de pós-graduação e, entre eles, o programa de mestrado profissional.

Foi com esse programa que recebi o título de mestre, participando de um processo seletivo que disponibilizou 20 vagas e teve mais de 100 candidatos e em que fui a primeira aluna a defender a dissertação de mestrado no departamento.

A titulação abriu a possibilidade de prestar um concurso para professor substituto no Departamento de Enfermagem, e a aprovação representou um novo desafio e despertou em mim meu lado professora. Nesse período, já tinha dado início ao meu doutorado junto ao Departamento de Clínica Médica.

Uma nova mudança na administração do pronto-socorro permitiu que eu passasse a trabalhar como enfermeira no Departamento de Enfermagem. Minhas atividades no departamento foram semelhantes às de docentes, ministrando aulas teóricas e práticas, orientando trabalhos de conclusão de curso, desenvolvendo projetos de extensão, etc. Após concluir o meu doutorado, outro leque de atividades aparece na minha vida profissional, com a participação em aulas e em bancas da pós-graduação.

A convivência com alunos e professores do Departamento de Enfermagem foi enriquecedora. Nos 10 anos em que ali permaneci, pude contribuir para a formação dos futuros enfermeiros, fui enfermeira homenageada por todas as turmas com quem tive o prazer de trabalhar e, inclusive, fui nome de turma.

Concluo que, em minha trajetória profissional, o curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Botucatu tem um papel de fundamental importância. Como aluna da primeira turma, recebi uma formação excepcional tanto na graduação como na pós-graduação, o que me permitiu desfrutar de um desenvolvimento na carreira como profissional da Enfermagem e como enfermeira vinculada ao ensino. O tempo que pude desfrutar como profissional do departamento da faculdade permitiu o desenvolvimento de competências e habilidades profissionais em áreas de assistência e de educação em saúde, bem como em pesquisa, além de me proporcionar experiências diretas com alunos da graduação possibilitando a discussão da “arte de cuidar” de indivíduos sadios e doentes e da contextualização do papel do enfermeiro na equipe de saúde e na sociedade.



Uma “enfermeire” da faculdade e para a faculdade

Meire Cristina Novelli e Castro⁴¹

⁴¹ Graduada em Enfermagem pela FMB (1993), especialista em Enfermagem em UTI pela Unicamp, em Enfermagem em Cardiologia pela FMB, além de mestre e doutora em Enfermagem pela mesma instituição. Atualmente trabalha no Departamento de Enfermagem da FMB como enfermeira, em atividades de ensino, pesquisa e tutoria.

DESDE 1990, minha história se une à da Faculdade de Medicina de Botucatu a partir do meu ingresso no curso de graduação em Enfermagem.

Considerando a vida antes da academia, posso dizer que minha história na faculdade começa ainda na infância, quando fiz tratamento ortopédico e reproduzia, de forma lúdica, os mesmos cuidados aos quais fui submetida. Por volta dos 9 anos, minha mãe teve um quadro grave de infecção generalizada e ficou 40 dias internada, e, nesse período, não pude vê-la, o que me causava medo e curiosidade. Eu corria pelo gramado onde hoje fica o prédio da FMB, queria visitá-la e saber o que estava acontecendo. Em um dia chuvoso, alguém de branco me deixou entrar e, depois de abraçar longamente minha mãe, tentei espiar o que havia por baixo do espartilho que segurava a barriga dela e vi um curativo que, de tão grande, desenhava todo o seu abdômen!

Terminando o ensino médio, todos os testes vocacionais indicavam a profissão do cuidado, a Enfermagem; em 1989, em meio à perda precoce de meu pai, no dia do sepultamento, iniciava a inscrição para o vestibular da Unesp. Uma querida amiga reuniu meus documentos e efetivou a inscrição. A escolha profissional tão precoce, aos 17 anos, tinha um misto de curiosidade e força, para superar o medo e a perda.

Hoje vejo quanto a história de vida influencia nossas escolhas e reflito sobre isso com os graduandos, pois cada um traz a própria trajetória, e esta não pode ser esquecida, nem desconsiderada, afinal, sustenta nossas escolhas. Eu ainda não sabia o que era Enfermagem, mas deixei-me arrebatar.

Cursei a graduação entre 1990 e 1993, tendo à frente o saudoso professor Dr. William Saad Hossne, grande entusiasta reconhecido como “guardião da bioética” no Brasil. As disciplinas do chamado “ciclo básico”, ministradas pelo Instituto de Biociências, foram um período de intenso estudo, o que me garantiu propriedade como enfermeira pelo conhecimento das ciências que subsidiam o cuidado. Sou da segunda turma do curso e vi os primeiros professores chegando à faculdade; a primeira mestra e inspiração foi a professora Maria José dos Reis Lima, enfermeira que ensinou os conceitos, as primeiras práticas, e mostrou que a Enfermagem tem um corpo de conhecimento baseado em ciência.

Com a chegada de mais professores ao curso, comecei a verdadeiramente desvelar quem é o enfermeiro e qual papel esse profissional exerce no sistema de saúde. Começava uma tomada de consciência de que o cuidado é uma ciência humana que se baseia em melhores práticas e produz evidências. A compreensão de que a Enfermagem envolve o cuidado individual, o cuidado do núcleo familiar e da comunidade à qual a pessoa pertence foi obtida a partir das Teorias de Enfermagem, que consideram a multidimensionalidade da pessoa, não apenas seu corpo biológico.

Que incrível é reviver esse processo a cada nova turma de Enfermagem! Vivo e revivo essa descoberta anualmente, o que me traz encantamento. A cada grupo de graduandos que inicia as disciplinas nas quais atuo, sinto que tenho um novo desafio e, ao final, uma renovação. É uma mágica relação, em que fico admirando o nascimento de um profissional!

A celebração da formatura na FMB é um momento excelso e foi um dos mais importantes da minha vida, cheio de emoção. Nesta faculdade me graduei, fiz especialização, mestrado, doutorado, recebi uma menção honrosa pelo desenvolvimento acadêmico que promovi. Para mim, é um privilégio poder trabalhar ao lado daqueles que me ensinam até hoje.

Durante minha trajetória como enfermeira, tive a oportunidade de trabalhar cerca de uma década na assistência a pacientes graves, em importantes hospitais da capital paulista, e sempre fui identificada como “a enfermeira da Unesp”, sendo isso um diferencial. Retornei a Botucatu, onde trabalhei também cerca de uma década no gerenciamento de unidades críticas no Hospital das Clínicas e participei ativamente da formação de estudantes nos estágios curriculares. Nesta terceira década de trabalho, dedico-me à formação de futuros profissionais. Nem todos os momentos foram fáceis, mas aprendi que momentos críticos são realmente uma oportunidade de crescimento e que as mentes mais criativas desabrocham em meio à crise.

Atualmente, pertenço ao corpo técnico e administrativo da Faculdade, como enfermeira do Departamento de Enfermagem, e todos os anos participo da formação de enfermeiros com competências gerenciais, assistenciais, científicas e de pesquisa. Isso é garantido e construído nesse espaço de formação. Ao mesmo tempo, são formados enfermeiros com habilidades afetivas: pessoas que acolhem, refletem uma crítica e repensam suas ações, pessoas comprometidas com a vida. Nesse processo, aprendem a cuidar de si, de suas famílias e dos próprios colegas. O cuidado não é apenas uma disciplina, ele permeia toda a nossa vida. Somos especialistas em cuidar.

Sinto-me privilegiada por integrar esses processos de trabalho nestes anos de profissão. Sou carinhosamente chamada de “Enfermeire” por colegas e alunos e percebo o quanto este caminho trilhado compôs minha vida, através de pessoas imprescindíveis, como minha família, meus professores da FMB, meus colegas de profissão, meus alunos e, especialmente, os pacientes que me constituíram enfermeira.

Certa vez li uma frase que dizia que, quando exercemos verdadeiramente a nossa vocação, metade da vida fica resolvida. Escrevo este relato com emoção e expressando a verdade de uma vida agraciada pelo ensino público, comprometido com a sociedade. O Departamento de Enfermagem e a Faculdade de Medicina de Botucatu foram o celeiro da minha formação profissional, portanto tenho muito a celebrar por estes 60 anos e me reconheço como uma enfermeira da faculdade e para a faculdade.



Nead.TIS FMB/Unesp: tudo não passa de um sonho

Carlos Antonio Caramori⁴²

⁴² Professor titular do Departamento de Clínica Médica da FMB, ministra matérias na graduação, nas especializações e na residência médica, além de Pesquisa Clínica na pós-graduação profissional da mesma instituição, onde criou e implantou o Núcleo de Educação a Distância e Tecnologias de Informação em Saúde (Nead.Tis), a Unidade de Pesquisa Clínica (Upeclin) e a Comissão de Boas Práticas Científicas em Pesquisa (CBPC).

AS MODIFICAÇÕES NA instituição ocorrem por ideias baseadas em um sonho ou na visão de algo não necessariamente relacionado às finalidades da organização. Muitas vezes, as ideias são geradas na vivência em um mundo complexo, multidisciplinar, multidimensional, não atrelado a nada preconcebido, e sim como fruto de demandas para suprir uma necessidade, resolver um problema, achar uma alternativa ou facilitar a vida das pessoas.

Nos anos 1990, as inovações em Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no Brasil eram poucas. Os celulares eram raros e serviam apenas para comunicação telefônica. O mercado era morosamente abastecido com poucos equipamentos, e o desenvolvimento das TIC era necessário para o avanço em todos os setores.

Em outubro de 1991, foi sancionada a Lei nº 8.248/1991, a chamada Lei da Informática, que concedeu benefícios temporários — isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) — sobre equipamentos de informática e automação produzidos no país.

Em setembro de 2000, o Ministério da Ciência e Tecnologia publicou *Sociedade da informação no Brasil: Livro Verde*, obra que ressalta a informação como riqueza para o país e como as TICs impulsionavam o desenvolvimento nacional. Essa ideia era construída sobre três pilares: 1) os conteúdos digitais; 2) a infraestrutura de computação (*hardware* e *software*); 3) as vias de comunicação (redes).

Com o incremento das TICs na saúde, o Ministério da Saúde e a Fundação Nacional da Saúde (Funasa) propuseram programas para formação de recursos humanos, entre eles a Educação a Distância (EaD). Em 24 de novembro de 2000, a Unesp manifestou interesse ao ministério nessa modalidade por meio de uma carta de intenções emitida pelo reitor, na época o professor Dr. José Carlos Souza Trindade. Em 27 de abril de 2001, a Funasa acenou positivamente para a apresentação de propostas.

Em julho de 2021, uma comissão da FMB, constituída pelos professores Marilza Vieira Cunha Rudge (diretora), Joel Spadaro (vice-diretor), Carlos Antonio Caramori (coordenador), Carlos Macharelli, Fernando Rocha, Carmem Juliani, Ilda de Godoy e os técnicos Sandro Coquemala, Marcelo Martins e Rivânia Castilho, desenvolveu o projeto EaD Pró-Saúde (Educação a Distância e Continuada para Aprimoramento e Atualização de Recursos Humanos para Programas de Saúde na Comunidade). Desejava-se que o Complexo FMB, o HCFMB e a Rede de Saúde das regiões utilizassem as TICs para educação e suporte dos profissionais da assistência em saúde, integrando EaD e Telemedicina. O valor do investimento era de 6,2 milhões de reais.

Ao mesmo tempo, a Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex) da Unesp, na época conduzida pelo professor Benedito Barraviera, organizou um Programa de Capacitação e Formação de Tutores para EaD que formou inclusive professores da FMB para atuarem na modalidade. Nesse cenário, a mesma equipe do projeto EaD Pró-Saúde propôs, em 15 de outubro de 2001, a criação do Núcleo de Educação a Distância (Nead) da FMB, aprovado na Congregação (Portaria DFM nº 197, de 23 de outubro de 2001).

O projeto para a Funasa não evoluiu. Entrementes, os investimentos da Lei da Informática existiam, e a chamada “Fomento à Pesquisa/Chamada CNPq nº 9/2001 – ProTeM/Socinfo nº 1/2001 – Tecnologias para Desenvolvimento e Pesquisa em Conteúdos Digitais” possibilitou que déssemos andamento ao sonho inicial. O projeto EaD Pró-Saúde foi adaptado e submetido em 17 de novembro de 2001, sendo selecionado e depois relatado como caso de sucesso pelo Ministério da Ciência e Tecnologia nos Resultados da Lei da Informática devido às modificações induzidas na instituição.

O Nead FMB, depois Núcleo de Educação a Distância e Tecnologias de Informação em Saúde (Nead.TIS), foi implantado graças a esse financiamento. A FMB/Unesp mudou seu paradigma na educação e na assistência à saúde. Os conteúdos digitais foram disponibilizados para o público, tratados e certificados (HONcode – *Health on the Net Foundation*).

Foi criado o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da FMB, a “Escola Médica Virtual (EMV)”. Idealizado e conceituado pela Dra. Denise Zornoff, a EMV (hoje SETe – Saúde, Educação e Tecnologia) ajudou o corpo docente na disponibilização de materiais didáticos e de conhecimento.

Fruto disso, tivemos, ainda, dois importantes projetos associados ao Nead.TIS. Em 2002, o Pedagogia Cidadã da Unesp, induzido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), exigia a formação de nível superior (em Pedagogia) de professores até 2007. O projeto, com metodologia de ensino híbrido, utilizou o suporte do Nead/TIS. Participaram 140 municípios do estado de São Paulo, com formação de quase 40.000 professoras em Pedagogia. Em 2003, o Projeto Formação e Educação Permanente de Recursos Humanos para o SUS, promovido pelo Ministério da Saúde, criou o Polo Sudoeste Paulista com a equipe do Nead.TIS. A macrorregião compreendia Botucatu, Bauru, Registro, Sorocaba, Lins e Vale do Ribeira, com população composta por mais de quatro milhões de pessoas.

O Nead.TIS manteve seu crescimento, oferecendo apoio constante nas TICs relacionadas ao Ensino, Pesquisa e Extensão da FMB e da Unesp.

A humanidade está numa intensa fase de transição. Por conta de uma pandemia, a experiência do ensino remoto, dos estudos e dos trabalhos online foi vivida em carne e osso por grande parte das pessoas; degustamos a evolução das TICs no amparo ao ensino, mas permeado pelas necessidades do mundo real, carente de calor humano e da agregação de mais elementos ao crescimento das pessoas.

Estamos bombardeados por dúvidas e mentiras e aprendemos que “informação” nem sempre é “verdade, cultura ou conhecimento” e também que o trabalho de educar é grandioso e árduo: requer esforço, dedicação e entendimento, uma doação que vai além das TICs.

Talvez agora possamos entender que conhecimento, mais que informação, é a maior riqueza do povo de uma nação. Portanto, precisamos ensinar.

Ensinar algo, e assim aprender; ensinar alguém, e assim permanecer...



A cultura no processo de ensino da FMB

Edson Capone⁴³

⁴³ Possui graduação em Medicina pela FMB, residência médica em Psiquiatria e mestrado em Saúde Coletiva na mesma instituição, onde atualmente desenvolve atividades de assistência, ensino (graduação e pós-graduação), pesquisa e extensão universitária junto às disciplinas de Psiquiatria e IUSC (Interação Universidade Serviço – Comunidade), além de atendimentos psiquiátricos de médicos-residentes.

A CULTURA APARECEU com destaque no processo de ensino da FMB através dos festivais de artes, surgidos na história da nossa escola em 1996. Como estreia, tivemos o Caps Acústico, evento que, por duas noites seguidas, contava com apresentações musicais dos alunos, professores e funcionários de todo o câmpus da Unesp de Botucatu, e que durante muitos anos foi realizado no Centro Brasil-Itália.

Naquele mesmo ano, aconteceu a primeira edição do Festival Universitário de Artes (Feunart), o qual, além da música, contava com exposições de esculturas, artesanato, vídeo, pintura, fotografia, poesia, prosa e dança. Havia uma competição, no geral bastante amistosa e saudável, em cada uma dessas modalidades artísticas. Como as produções musicais eram muito numerosas, chegando a mais de uma centena, eram divididas em várias categorias, por estilo: MPB, Rock/Pop, Clássica, Blues/Jazz, Regional, Instrumental e Original (autoria própria), todas com premiações. Eram quatro dias de festival, começando na segunda-feira, geralmente com a apresentação do coral da Unesp, e finalizando com uma grande festa no último dia, após o anúncio dos vencedores e entrega dos prêmios. Várias edições foram realizadas na sede social do Botucatu Tênis Clube.

Ambos eventos eram promovidos pelo Centro Acadêmico Pirajá da Silva (Caps), sempre contando com grande dedicação dos alunos que faziam parte do departamento cultural. Além de “darem o sangue” durante o período dos festivais, os estudantes passavam o ano todo preparando sua organização.

Espectadores e participantes esperavam com afincos a chegada dos festivais, que ocorriam todos os anos, sendo o Caps Acústico no primeiro semestre e o Feunart, no segundo. Os alunos dos outros cursos (Agronomia, Engenharia Florestal, Veterinária, Zootecnia, Biologia e Biomedicina) estiveram presentes em todas as edições prestigiando, integrando e enriquecendo mais ainda as expressões culturais típicas de nossa comunidade universitária. Artistas e músicos da cidade participavam de vários modos também, principalmente como jurados nas competições.

Comecei a frequentar os dois eventos no meu segundo ano de faculdade (1999) e estive em todos por mais de 15 anos, ou seja, durante a graduação, a residência e parte da minha vida profissional, como médico contratado pela faculdade.

Lembro que, quando chegavam a Botucatu, os “bixos” eram questionados pelo pessoal da Atlética sobre suas habilidades e vontades de praticar esportes pela faculdade. No meu caso e no caso de outros músicos, queríamos saber se eles tocavam algum instrumento, ficando bastante entusiasmados com a possibilidade de mais alunos participarem de nossas bandas. Aliás, é interessante citar que a maior parte dos

conjuntos musicais eram diversificados a cada música, misturando as formações e favorecendo tanto o lado artístico como o social. Posso dizer que foram raríssimas as vezes em que toquei só com o pessoal da Medicina, pois sempre havia amigos dos outros cursos.

Também aconteciam disputas (saudáveis) para contar com aqueles exímios tocadores e cantores, além de alguns praticantes de instrumentos como bateria, flauta, violino, saxofone, trompete, entre outros. Naquela época sem WhatsApp, íamos às repúblicas para fazer convites e convencimentos, pois sempre tinha aqueles que, apesar de todo o talento, não queriam participar por causa dos estudos — compreensível, pois eram vários dias de ensaios e noites de apresentação que acabavam sempre de madrugada e, muitas vezes, infelizmente, coincidiam com períodos de provas ou plantões. Felizmente, ciente da importância disso, eu conseguia, na maioria das vezes, contagiar os outros, pois sabia como isso seria especial para aquele momento e como isso geraria ótimas lembranças, que carregamos até hoje.

Os ensaios ocorriam nas noites após as aulas ou na hora do almoço, mas os melhores eram aos domingos que antecediam a semana do festival, com as repúblicas repletas de amigos de todos os lados, de ensaios o dia todo e de comes e bebes à vontade. Eu me lembro de um dia especial, em que preparamos uma feijoada e recebemos até outros grupos, que aproveitavam a “balada” para tocar com a gente.



Dava tempo até para estudar um pouco para as provas, fosse do ciclo básico, fosse do internato (ou, ainda, de Rubião ou do Lageado). Uma verdadeira integração. Essas talvez sejam as melhores lembranças, pois, diferentemente das apresentações, ficávamos mais soltos, rindo, improvisando e nos conhecendo mais e melhor. Dizíamos que o festival era só uma desculpa para os ensaios!

Chico Buarque, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Noel Rosa, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Aldir Blanc eram nossos preferidos, e, no nosso caso, tentávamos reproduzir suas obras com bastante fidelidade ao arranjo original. Por isso, precisamos buscar vários instrumentistas de sopro, cordas, percussão, entre outros, fazendo apresentações com muitas pessoas no palco, marca registrada do nosso grupo. Nas noites das apresentações, tínhamos oportunidade também de conhecer as pessoas das outras formações, além das obras de outros autores, dos mais diversos estilos musicais.

Outra grande marca do Feunart era o dia da dança, muito esperado pela beleza da arte cênica, bem como pelo fenômeno de ver tanta gente da universidade nos mesmos movimentos rítmicos e com grandes plateias. Nesses dias, muitas alunas (as mulheres eram maioria) já não participavam das aulas à tarde para a preparação, que, além do ensaio, incluía maquiagem e figurino.

Artes plásticas, literárias, artesanato e fotografia ficavam em destaque, mesmo fora dos palcos, a partir de molduras e alegorias de fundo desenvolvidas pelo pessoal da organização. Também eram muito disputadas, e eu me lembro de algumas que me impressionam até hoje; pena que naquela época não tínhamos câmeras boas no celular, para registro. Era comum trazer os familiares, namorados e namoradas, mesmo de outras cidades, para curtir as noites artísticas, aumentando a integração.

Aliás, acho que a integração dessa comunidade de músicos e outros artistas, criada a partir dos festivais, foi uma grande conquista que permanece bastante sólida até hoje, tanto nas lembranças e registros da época como nas amizades que fizemos. Destaco as relações entre alunos de anos ou cursos diferentes, além dos funcionários e professores fora da sala de aula ou do hospital. Isso, somado ao aspecto puramente de criação artística, enriqueceu bastante toda a atmosfera de ensino e vivência universitária, que não se restringe ao conteúdo de informações transmitidos nas aulas e estágios. É importante não perdermos de vista toda essa pluralidade cultural que enriquece ainda mais o processo de aprendizagem dos alunos da FMB.



Minha escola, minha casa

30ª Turma de Medicina (1997)

Cláudia Garcia Magalhães⁴⁴

⁴⁴ Possui graduação em Medicina pela FMB (1997), onde também fez mestrado (2004) e doutorado (2008) pelo Programa de Pós-graduação em Ginecologia, Obstetrícia e Mastologia. Atualmente atua na instituição junto a gestantes de alto risco e trabalha ativamente com a humanização do parto.

NO DIA 15 de novembro de 2022, a 30^a turma de Medicina da Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB) completou 25 anos de formada. Escrever sobre o que vivi desde o dia em que passei a fazer parte da história da FMB não é fácil, mas relembra como tudo começou e como a minha história se entrelaça com a história da FMB é um bom exercício para entender o porquê do meu amor por essa casa, em tempos de tentativas de desmonte das universidades públicas e do SUS.

Nosso primeiro ano foi 1992. Enquanto Legião Urbana cantava *O mundo anda tão complicado*, nós dávamos nossos primeiros passos em direção à autonomia tão desejada, mas ao mesmo tempo tão assustadora. Se, por um lado, comemorávamos alguma independência, por outro a saúde da família era uma constante. Em época na qual, para conversar com os nossos, era necessário ir até a central da Telefônica e fazer um interurbano, o contato diário com nosso porto seguro já não era tão fácil. Nossas famílias estavam lá para quando precisássemos, mas uma nova família se formava nessa cidade que nos acolheu. Os primeiros amigos, as primeiras repúblicas e os primeiros professores nos davam a sensação de que não estávamos sozinhos.

Eu me lembro claramente de ter sido advertida sobre como sexo e drogas seriam rotina dentro do câmpus, algo muito parecido com a tal “balbúrdia”. Vejam só, *fake news* não é privilégio do século XXI. Mas o que eu encontrei foram os lindos ipês que florescem em frente à biblioteca do câmpus, assim como os imponentes flamboyants. Também vi gente. Gente de todo o tipo, de todos os lugares, de todos os sotaques. Quase não vi pessoas negras naquele espaço e não me lembro de ter conhecido um único aluno indígena, o que aponta a falta histórica do acesso à educação superior por pessoas racializadas. Apesar de ainda haver muito a se fazer, fico feliz de ver que tivemos avanços desde então e que, a partir da implementação do sistema de cotas, a Faculdade vem ficando cada vez mais compatível com o perfil populacional do Brasil.

Confesso que, após passar pelos primeiros dois anos, a fé em que um dia tudo o que foi decorado para passar no “ciclo básico” faria sentido foi o que me moveu para chegar até o terceiro ano, quando o curso parecia de fato começar. Enfim, entramos no hospital! Enfim, começamos a conversar com pacientes sobre suas histórias e a realizar exames físicos. Hoje há uma preocupação maior com a integração entre o “básico” e a prática. Um viva para todos aqueles que trabalharam na evolução do currículo!

O terceiro ano foi o meu ano mais querido, não somente pela inserção na prática médica, mas também porque a trigésima turma tornou-se responsável pela Atlética. Era um grupo de pessoas sem qualquer noção de administração cuidando da representação da FMB no setor dos esportes. O que nos faltava em experiência nos sobrava em seriedade. Aгуаí foi

a cidade-sede da nossa gestão. O alojamento era um supermercado desativado e, apesar de noites maldormidas e dos banhos maltomados, tudo foi feito com muita paixão.

Nunca participei do Centro Acadêmico (infelizmente me faltava maturidade para entender a importância de estar ali), mas a trigésima turma teve papel fundamental na conquista de uma sede definitiva dentro do câmpus, e me orgulho dos colegas que lutaram ativamente para isso.

Passei pelo internato com certa tranquilidade. Entre amores e ódios, a depender do estágio em curso, tudo era aprendido. Não falo apenas de aprender sobre os processos de adoecimento e cura. Aprendi sobre relações interpessoais, relações médico-paciente, relações entre colegas e relações entre médicos e outros membros da equipe de saúde. Foi no internato e na residência médica que tive meus maiores exemplos da médica que eu queria ser, e devo confessar que também tive os exemplos que sabia que jamais seguiria. Ao entrar na faculdade, imaginava que encontraria as mentes mais abertas ao diálogo, um ambiente democrático e relações horizontalizadas. Definitivamente não foi assim e ainda não é, apesar dos avanços inegáveis.

A residência médica trouxe com ela ainda mais responsabilidade. Lembro-me claramente de ter me preparado para viver “os piores anos da formação médica”, mas foram anos incríveis. Como foi bom aprender fazendo e saber que sempre haveria alguém a quem eu poderia recorrer quando meu conhecimento e habilidade técnica não fossem capazes de resolver um problema. O Departamento de Ginecologia e Obstetrícia sempre teve pessoas comprometidas com o bem-estar das mulheres, e essas pessoas me inspiraram a permanecer dentro da FMB, mesmo após o término da residência médica. Essas mesmas pessoas me ensinaram muito sobre educação e sobre humanização da assistência, hoje meu tema favorito.

A semente da humanização foi plantada durante a residência, e, com o passar dos anos, entendi mais sobre a necessidade do respeito à autonomia da pessoa que gesta, assim como a necessidade do respeito ao trabalhador da área de saúde. Um não existe sem o outro.

E assim eu sigo, contratada desde fevereiro de 2002. Dentro dessa escola eu venho aprendendo, e o que me mantém aqui é saber que ainda aprenderei muito mais, inclusive com aqueles que um dia aprenderam comigo. Prestar assistência ao parto de mulheres que me ensinaram primeiro ou de suas filhas me faz pensar na responsabilidade em formar gente que um dia atenderá “um dos meus”.

Muita história não foi escrita aqui, mas o que não foi escrito eu vivo intensamente dentro da querida Faculdade de Medicina de Botucatu, minha escola, que também é a minha casa.



Portas abertas para o cuidado

Ana Teresa de Abreu Ramos Cerqueira⁴⁵

⁴⁵ Psicóloga, docente aposentada e voluntária junto ao Departamento de Neurologia, Psicologia e Psiquiatria e ao programa de pós-graduação em Saúde Coletiva da FMB.

DESDE MINHA VINDA, em 1970, para a então Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB), hoje Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (FMB/Unesp), contratada para a disciplina de Psicologia Médica do então Departamento de Neurologia, sempre me chamou a atenção o relacionamento próximo entre estudantes, docentes e funcionários. Conhecia-se cada estudante, seu nome, suas dificuldades acadêmicas, familiares, econômicas, bem como suas metas e desejos. Essa proximidade permitia que eles procurassem os professores para compartilhar problemas, dúvidas e dificuldades de adaptação na faculdade e na cidade. Botucatu, à época, oferecia aos estudantes poucas alternativas de moradia, alimentação e lazer. Assim, os discentes organizavam-se nas “repúblicas”, espaços de convivência compartilhada, parcerias para estudos e construção de amizades, fundamentais para a sobrevivência dos alunos, garantindo apoio acadêmico, social e afetivo.

Essa grande integração entre os alunos, docentes e funcionários, ao longo desses primeiros anos da faculdade, não só favoreceu a percepção de dificuldades e necessidades, como também possibilitou a oportunidade de oferecer apoio, orientação, integração e ainda permitiu que, gradativamente, fossem pensadas formas de institucionalizar esse cuidado.

A faculdade, o câmpus e a cidade cresceram, e a natural relação de proximidade entre os estudantes e docentes foi se tornando mais difícil. No entanto, as necessidades de apoio e cuidado para com nossos estudantes em situação de sofrimento psicológico, social e acadêmico também se ampliaram e exigiam atitudes mais efetivas e institucionalizadas.

A constatação dessas demandas pelo corpo docente e pela diretora da Faculdade à época, a professora Dinah Borges de Almeida, estimulou ações que visavam oferecer apoio aos estudantes por caminhos institucionais. Acolhiam-se queixas, ouviam-se as dificuldades, e, se necessário, esses estudantes eram encaminhados para cuidados especializados, muitas vezes com os próprios professores e profissionais da área de saúde mental. No entanto, ainda era necessário fazer mais.

À época, outras faculdades de Medicina já haviam desenvolvido ações institucionais para oferecer apoio psicológico aos estudantes. Essas ações tiveram início após a ocorrência de situações dolorosas e significativas, como morte de alunos, desistências do curso e dificuldades no desempenho acadêmico por questões emocionais.

Na FMB, fatos semelhantes estimularam a criação de grupos de discussão com participação de docentes e estudantes de diferentes anos, promovendo a troca de experiências e construindo espaços para estimular e promover maior integração. Os docentes também se mobilizavam, preocupados em oferecer apoio aos estudantes, momento em que foi criada pela diretoria da faculdade a Comissão de Assuntos Estudantis

(CAE), até hoje em atividade e considerada fundamental para os nossos estudantes.

A CAE teve o início de suas atividades no final da década de 1980 e é hoje coordenada pela médica Vanessa dos Santos Silva, grande referência profissional e pessoal para nossos alunos. Nas suas quatro décadas de atividades, docentes bastante envolvidos com o ensino e preocupados em acolher e orientar os estudantes, bem como oferecer cuidados a eles, integraram a CAE: Sílvio de Alencar Marques, Luiz Carlos Giarola, Sérgio Müller, Mauro Volpi, Flávio Moreira, Lino Lemônica, Maria Cristina Pereira Lima, assim como a assistente social Maria Odete Simão e, mais tarde, também docentes do curso de Enfermagem: Jairo Ayres, Maria Virgínia e Vânia Moreno. A criação da CAE marcou o início do cuidado institucional oferecido aos estudantes, sempre contando com o apoio da direção da faculdade.

No entanto, essa iniciativa revelou que seria preciso mais. Docentes que atuavam na CAE, e outros também bastante envolvidos com as dificuldades dos alunos, atendendo eles próprios essas necessidades, constataram que a demanda por atendimento psicológico, psicoterápico e psiquiátrico era crescente. Esses professores eram, principalmente, das disciplinas de Psicologia (Ana Teresa de A. Ramos Cerqueira, Gimol B. Perosa, Sueli T. Ferrero Martin, José Roberto Tozoni Reis, já aposentados, e Elenice B. Consoni, Flávia H. Padovani e Cristiane L. M. Chiloff) e de Psiquiatria (Florence Kerr Corrêa, já aposentada, Albina R. Torres, Sumaia I. Smaira e Maria Cristina P. Lima). As portas abertas para o cuidado existiam, mas precisavam ser ampliadas e profissionalizadas. Conheciam-se as dificuldades acadêmicas, as incertezas em relação à escolha profissional, ao afastamento de suas famílias, além dos problemas financeiros e relacionais. Enfim, percebia-se a presença constante de sofrimento psíquico, indicando a necessidade de um apoio mais sistemático. Era preciso oferecer um acolhimento efetivo, especializado e acessível a esses estudantes.

Os passos para essa iniciativa, fortalecidos pela direção da Faculdade e pela sensibilidade de professores para a importância de se profissionalizar o cuidado necessário para nossos alunos, foram se encaminhando para a criação do Serviço de Apoio Psicológico ao Estudante (Seapes). Em 1991, foi contratado o psicólogo Miguel A. Y. Perosa, docente da PUC de São Paulo, com experiência no atendimento de adolescentes, num regime de 12 horas semanais.

Esse primeiro movimento foi fundamental e muito contribuiu para responder à necessidade de oferecer essa assistência aos alunos. No entanto, houve uma interrupção desse projeto pela impossibilidade de o psicólogo contratado permanecer em Botucatu. A direção da faculdade, os docentes da CAE, os estudantes e as demais pessoas comprometidas com

o bem-estar dos alunos estavam convencidos da necessidade de garantir a continuidade do Seapes. Assim, em 1993, foi contratada para assumir as atividades de atendimento psicológico no programa a psicóloga Neuza Maria Vilela Fonseca, com aprimoramento em Psicologia da Saúde pela FMB e especialização em Psicodinâmica pelo Instituto Sedes Sapientia. Neuza assumiu o Seapes e deu prosseguimento ao atendimento de sete alunos, concluindo seu primeiro ano de trabalho com 30 estudantes em tratamento.

O Seapes é responsável pela avaliação e tratamento psicológico e psiquiátrico dos estudantes dos cursos de Medicina e Enfermagem, bem como pela orientação psicológica oferecida aos pais dos estudantes e aos docentes da FMB. Durante a gestão do professor Sérgio Müller, o Seapes foi alocado para um prédio próprio dentro do nosso câmpus.

O Seapes cresceu e hoje, além de Neuza, presente e atuante desde o início, conta com mais dois psicólogos (Antônio Henrique Ruiz Nakashima e Eloísa da Fonseca Domingues) e uma psiquiatra (Dárida M. Carvalho Angulski). Por vários anos, as psicólogas Janice L. Megid e Letícia Simione também foram membros da equipe.

A atual coordenadora do Seapes é a professora Flávia H. Pereira Padovani, docente da disciplina de Psicologia Médica. O programa já foi coordenado também pela docente da disciplina de Psiquiatria, a professora Sumaia Inaty Smaira, ambas integrantes do Departamento de Neurologia, Psicologia e Psiquiatria.

O Seapes é a grande referência na atenção e no cuidado à saúde mental oferecidos aos nossos alunos. Os profissionais do programa responsabilizam-se e garantem aos nossos estudantes os cuidados necessários, e isso, com certeza, tem sido essencial para eles enfrentarem e superarem as dificuldades acadêmicas, pessoais e familiares.

CUIDADOS OFERECIDOS DURANTE A PANDEMIA

Com a pandemia da covid-19, tempos difíceis têm sido enfrentados desde 2020. Esses momentos trouxeram a todos — estudantes, docentes e funcionários, muitos na linha de frente do combate à pandemia — perdas, insegurança, incertezas e muito medo. Nesse novo contexto, a FMB procurou dar continuidade aos cuidados oferecidos aos estudantes e buscou ampliá-los, garantindo atendimentos de forma remota.

Com a participação das professoras Albina Rodrigues Torres, Elenice B. Consoni e Flávia H. Pereira Padovani, do Departamento de Neurologia, Psicologia e Psiquiatria; da professora Vanessa dos Santos Silva, médica nefrologista e coordenadora da CAE, e da psicóloga Neuza Maria Vilela Fonseca, coordenadora do Seapes, ainda mais frentes de cuidados foram abertas, de forma remota, como o curso extracurricular “Espaço Nosso:

Conexão, Compaixão e Saúde”, visando prevenir o adoecimento dos discentes. Tal curso foi realizado em dez encontros semanais, nos quais foram apresentados e discutidos diversos temas relacionados ao estresse, tais como suas origens e mecanismos neurofisiológicos, especialmente no contexto da formação na área da saúde.

Desde 2021, uma disciplina eletiva de 60 horas chamada “A Saúde Mental do Estudante de Medicina: Desafios e Estratégias de Promoção” vem sendo oferecida pelas professoras Albina e Elenice para alunos de diferentes séries do novo currículo. Essas ações institucionais dirigidas aos estudantes da FMB em tempos de pandemia revelam a marca de acolhimento e cuidado dos profissionais da instituição.

Finalizando, é relevante citar que a pesquisa também esteve presente na trajetória de cuidado oferecida pela FMB. Docentes das disciplinas de Psicologia e Psiquiatria vêm desenvolvendo estudos para avaliar a saúde mental dos estudantes e suas necessidades, com investigações sobre a identidade do estudante de Medicina, suas características, diferentes manifestações de sofrimento psíquico e fatores a elas associados. Foi também criada, em 2004, e coordenada, por 15 anos, pela professora Albina Rodrigues Torres, a Liga de Saúde Mental (LISM), que se mantém ativa com o objetivo de estimular e apoiar os estudantes no desenvolvimento de ações na área de saúde mental e na prevenção do sofrimento psíquico.

São muitos os desafios que se impõem a uma instituição que acredita que todos nós precisamos dar e receber cuidados. Com esse breve histórico, é possível perceber que nossa faculdade está no caminho certo.



Programa de Aprimoramento Profissional

Maria Odete Simão⁴⁶

⁴⁶ Formada em Serviço Social pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Botucatu (1988), com especialização em Serviço Social em Psiquiatria (1991) pela FMB, mestrado (1999) e doutorado (2006) em Ciências Médicas (Saúde Mental) pela USP. Atua como assistente social do Departamento de Neurologia, Psicologia e Psiquiatria da FMB e coordenadora dos Programas de Aprimoramento Profissional da Secretaria de Estado da Saúde (PAP) e do Curso de Especialização em Ciências da Saúde junto à FMB.

O QUE VIVEMOS hoje é, sem dúvida nenhuma, o resultado do que foi feito no passado, e contar essa história é uma forma de reconhecer a contribuição de todos que dela participaram.

O Programa de Aprimoramento Profissional da Faculdade de Medicina de Botucatu (PAP-FMB) iniciou-se em 1979, com o Decreto Estadual nº 13.919, que criava, no âmbito do estado de São Paulo, uma modalidade de ensino de pós-graduação *lato sensu*, com bolsa destinada aos profissionais não médicos de nível universitário e recém-formados, aos moldes do que era a Residência Médica. O objetivo do PAP era promover o aperfeiçoamento teórico-prático, com ênfase no treinamento em serviço, sob orientação e supervisão de profissionais especializados nas diversas áreas da saúde, em instituições vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS) credenciadas pela Fundação para o Desenvolvimento Administrativo (Fundap) da Secretaria de Gestão Pública.

O programa tinha a duração de um ou dois anos, dependendo da especialidade, com carga horária semanal de 40 horas, 80% das quais em atividades práticas e 20% teóricas, perfazendo uma carga horária total anual de, no mínimo, 1.760 horas.

Os principais cenários de ensino eram o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu (HCFMB) — na ocasião, uma unidade auxiliar da FMB e, desde 2010, uma autarquia do estado de São Paulo —, o Centro de Saúde Escola (CSE) e outros serviços de saúde do município, onde o PAP-FMB era oferecido em 25 diferentes áreas, distribuídas em 53 programas.

Vinculado à programação do PAP, anualmente era realizada a Jornada dos Programas de Aprimoramento Profissional (Japa), evento científico cujo objetivo era propiciar um espaço de troca e divulgação da produção científica de cada área ou subprograma.

Um dos problemas enfrentados pelos egressos do programa era o fato de ele não ser reconhecido fora do estado de São Paulo como uma modalidade de especialização, mesmo tendo carga horária superior a 360 horas. Uma alternativa para os programas vinculados à Unesp era transformá-los em programas de especialização reconhecidos e certificados pela universidade. Em 2016, após alguns anos de discussões, o PAP é finalmente reconhecido como especialização junto a essa instituição, e os alunos passam, então, a receber a dupla certificação e ter o reconhecimento da sua capacitação em todo o território nacional. Assim, surge a Especialização em Ciências da Saúde da FMB.

Desde a sua criação, o PAP-FMB formou mais de 1.500 novos profissionais, que ingressaram no mercado de trabalho tanto no setor público, como no privado, ou deram seguimento à sua formação em cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

Em dezembro de 2018, os Programas de Aprimoramento Profissional do Estado de São Paulo foram extintos e substituídos por cursos de especialização com as mesmas diretrizes, objetivos e características do PAP. Dessa vez, o credenciamento para o oferecimento dos cursos passou a ser de uma unidade de saúde própria ou vinculada à Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, e a coordenação dos programas da FMB passa a ter gestão compartilhada com o HCFMB.

Desde sua implantação, o PAP-FMB representou uma importante estratégia de formação de profissionais capazes de atender, com competência e com base em evidências científicas, às necessidades de saúde da população.

Foi uma honra poder compor e fazer parte dessa história como aprimoranda, supervisora de programa e, no final, coordenadora dos Programas de Aprimoramento Profissional e da Especialização em Ciências da Saúde da FMB.



Internacionalização na FMB

Silke Anna Theresa Weber⁴⁷

Karina Luiz Chamma⁴⁸

⁴⁷ Médica otorrinolaringologista e especialista em Medicina do Sono, graduou-se em Medicina pela FMB (1991), com mestrado em Medicina Tropical (2002) e doutorado em Bases Gerais da Cirurgia (2006), ambos pela FMB. Desde 1997, é professora no Departamento de Oftalmologia, Otorrinolaringologia e Cirurgia de Cabeça e Pescoço da mesma instituição, onde também atua como docente permanente do programa de pós-graduação e coordena o escritório de internacionalização local da FMB desde 2009, com ênfase em mobilidade estudantil, saúde global e sustentabilidade.

⁴⁸ Graduada em Ciências Biológicas pelo IBB/Unesp (2001) e em Letras Português-Inglês pelas Faculdades Integradas de Botucatu (2005), possui especialização em Administração e Negócios Internacionais pela Uninter (2013) e atualmente trabalha como assistente técnico-administrativo no Escritório de Relações Internacionais da FMB.

A INTERNACIONALIZAÇÃO TEVE seu início na Unesp, em 1992, com a criação da Assessoria de Relações Externas (Arex). Na Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB), as ações de internacionalização foram formalizadas em 2006 com a nomeação da Comissão Assessora Permanente de Relações Internacionais. A estrutura recebeu ampliação em 2010, passando a funcionar como Escritório de Relações Internacionais (ERI) da FMB a partir da publicação da Portaria Unesp nº 669, de 23 de outubro de 2009, com o objetivo de ser o elo entre a Arex e a comunidade acadêmica das unidades. Desde então, o ERI facilita a organização de fluxo de estágios mediados pela Arex e pela Coordenação Local de Estágios e Vivências (Clev) do Centro Acadêmico da Medicina e se tornou um ponto de apoio tanto para alunos estrangeiros como para alunos FMB que realizam atividade no exterior.

Em 2016, foi criado o Comitê Local de Internacionalização (CLI), de acordo com a Resolução Unesp nº 17/2016 para, entre outros objetivos, promover a disseminação de uma cultura de internacionalização no câmpus, ganhando transversalidade nas suas ações para graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão.

O processo da internacionalização visa à promoção da colaboração global entre instituições de ensino e estimula toda a comunidade acadêmica (docentes, discentes, técnico-administrativos) a constituir intercâmbios técnico-científicos e/ou culturais para o desenvolvimento institucional e regional. Esse processo amplia os ambientes de educação e pesquisa, reforça a formação cidadão e democrática e incentiva a diversidade e a tolerância, o pensamento inovador e as novas associações de conhecimentos, além de promover a visibilidade e o reconhecimento da instituição pelos seus pares.

A globalização na saúde impacta a necessidade de formar “novos profissionais”, com *expertise* e percepção da saúde global, com maior consciência e compreensão do impacto da contextualização e de outros fatores sobre a percepção individual de saúde e doença, considerando a cultura local, políticas de saúde locais, sistemas de saúde, entre outros.

Assim, a FMB tem incentivado e promovido diversas ações para a internacionalização e a formação “global” dos seus alunos, sendo hoje reconhecida como uma das faculdades de Medicina com mais ações consolidadas entre mobilidade e internacionalização em casa.

Ainda em 2010, o estágio optativo do 5º ano em universidades no exterior foi reconhecido como curricular pelo Conselho de Curso de Graduação em Medicina. Tal fato abriu as portas para que, anualmente, mais de um terço dos alunos do 5º ano de Medicina realize um estágio internacional, muitos dos quais nas mesmas instituições parceiras em programas de longa duração, alcançado pela elaboração, discussão dos objetivos e adaptação contínua do programa em parceria bilateral, em

alinhamento com a missão institucional de ambos, além de garantir conhecimentos de idioma suficientes para os alunos participarem do programa. De 2011 a 2020, por exemplo, tivemos 249 *outgoings* (alunos enviados) e 436 *incomings* (alunos recebidos).

A mobilidade de alunos da graduação tem se intensificado com instituições estrangeiras parceiras e programas como Ciências sem Fronteiras (participação de 12 alunos da Medicina e 7 da Enfermagem de 2012 a 2016), Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e Programa de Incentivo à Formação Científica de alunos da Angola e Moçambique (Capes).

Com o aumento da visibilidade da FMB pelas instituições parceiras, foi criado, em 2015, o Winterschool in Tropical Diseases, um curso fechado de três semanas sobre doenças tropicais, idealizado pelo ERI e ministrado pelos docentes do Departamento de Doenças Tropicais da FMB a alunos do mundo todo. O Winterschool já finalizou cinco edições, tendo sido interrompido pela pandemia em 2020 e 2021, com a sua reabertura planejada para um evento virtual em 2022.

O curso, além de aulas, atividades ambulatoriais e de enfermagem, também oferece visita guiada à Cuesta Botucatu, ao Museu do Café na Fazenda Lageado e ao Cevap, bem como viagem às Cataratas de Foz de Iguaçu, ocasião em que o aluno tem a oportunidade de conhecer a região de Botucatu e vários pontos turísticos do Brasil. Outra atividade que reforça a troca intercultural é a International Party, festa que acompanha o Winterschool e reúne alunos internacionais das quatro unidades de Botucatu com pratos típicos de cada país participante. A abertura sempre traz um tema cultural típico do Brasil, como o samba, a festa junina, os tropeiros, entre outros.

Um dos desafios da internacionalização é o seu financiamento. O fim do programa Ciências sem Fronteiras e a crise econômica mundial dificultaram o fluxo da mobilidade em 2017. A FMB ampliou as suas ações de internacionalização em casa, seguindo o plano estratégico de internacionalização da Unesp 2018-2021. Oportunidades de intercâmbio virtual passaram a ser oferecidas aos alunos FMB em parceria com a Keele University, no Reino Unido, a partir de 2018, e com a Universidad CEU Cardenal Herrera, na Espanha, a partir de 2020. O Brazilian Virtual Exchange (BRaVE), na Unesp, possibilitou o reconhecimento de três cursos virtuais como créditos em eletivos para os 1º e 2º anos da Medicina (Global Health). Atividades virtuais são oferecidas em parceria com a Weill Cornell Medical College, nos Estados Unidos, desde 2011: Virtual Global Climate Change Seminar Series e Evidence-based Clinical Decision Making.

Tais iniciativas resultaram em dois capítulos do livro *Perspectivas de internacionalização em casa (BRaVE)*, organizado por Ana Cristina Biondo

Salomão e José Celso Freire Junior, em um resumo publicado pela Association of Academic Health Centers International (AAHCI), além de apresentação de sessão na International Virtual Exchange Conference (Ivec) e três rodadas de conversas promovidas pela De Paul University, nos Estados Unidos, sobre temas globais a alunos do mundo todo (Global Conversations).

Outro grande desafio no processo da internacionalização é o conhecimento de um segundo idioma, particularmente do inglês. O ensino de língua estrangeira tem sido promovido, especialmente a partir de 2013, com a criação do Centro de Línguas (CEL) do câmpus de Botucatu (a FMB participou da elaboração do regimento e coordenou as ações iniciais de CEL sem a Faculdade de Letras). A estrutura do CEL não permaneceu em Botucatu, mas, ainda assim, a FMB mantém o seu compromisso com o ensino e o aprendizado de idiomas, e a comunidade FMB tem acesso a aulas de mandarim; a aulas de idiomas pelo projeto Lablin; ao Projeto Let's Go; ao programa de redação científica em inglês para pós-graduação (transversal a todos os cursos e câmpus); ao curso de inglês básico e inglês médico para funcionários e docentes em parceria com a escola Cupcake e a aplicação de testes TOEFL. Além dessas ações, a FMB tem investido e valorizado cursos oferecidos em inglês tanto na graduação como na pós-graduação, com participação de professores estrangeiros, ou pelo programa de professor visitante, como também nas parcerias virtuais que evoluíram muito durante a pandemia.

Na esfera da pós-graduação e pesquisa, a inserção em redes internacionais é fundamental para a excelência. A FMB tem vários grupos de pesquisa com parcerias internacionais, com publicações conjuntas, mobilidade de alunos e professores e programas de cotutela. Todas essas ações foram importantes para a participação da FMB no projeto Print-Unesp da Capes em diversas modalidades, que permitiu a ampliação e a consolidação de linhas de pesquisa em parceria.

A FMB, reconhecida pelas suas ações de ponta na internacionalização, sempre compartilhou e discutiu as suas experiências com a implementação da internacionalização com outras instituições, tendo realizado *workshops* de formação de técnico-administrativo de escritório de internacionalização e de planejamento de internacionalização das universidades paulistas. Também integrou o grupo da AAHCI de 2019 a 2021, além de participar nos eventos da Arex, na Conferência NAFSA: Association of International Educators, apresentando as estratégias desenvolvidas na FMB no Colloquium on Internationalizing Schools of Medicine and Public Health, como também nos da Faubai, no Cobem e no Cpem.

A internacionalização da FMB segue avançando com o seu processo, com os velhos e novos desafios; a vida com a pandemia e depois dela deu

pesos diferentes para a mobilidade, deixou o mundo menor, e sentimos cada um o impacto do mundo globalizado com a transmissão rápida de cada variante nova do coronavírus. As ferramentas de comunicação ganharam imensa inserção no ensino, eliminando as distâncias entre os continentes. E, apesar de uma nova estrutura curricular, a flexibilização de créditos, o reconhecimento de conteúdo de disciplinas inteiramente realizadas em instituições estrangeiras ainda não são uma rotina, inserir aulas em inglês ou oferecer um curso completo em inglês ainda é um desafio. A transversalidade da internacionalização almejada pelas universidades ainda está se formando. Mas cada vez mais estão presentes as discussões da saúde global, das políticas de saúde, dos impactos das mudanças climáticas e da importância da sustentabilidade na saúde.



A educação mudou a minha história e me salva todos os dias

10ª Turma de Enfermagem (2001)

Fabiana Faleiros Castro⁴⁹

⁴⁹ Graduada em Enfermagem pela FMB, mestre em Saúde e Enfermagem pela UFMG, doutora em Ciências da Reabilitação pela Universidade de Dortmund (Alemanha) e pós-doutorado em Reabilitação pela Universidade de Michigan (EUA). Atualmente é professora associada na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP.

A ELABORAÇÃO DESTE depoimento, desde o seu convite, permitiu-me reflexões e recordações sobre as trajetórias mistas da minha vida e carreira. “Quando crescer, quero ser cientista!” — essa é a frase que relembro quando procuro no passado a razão pela qual escolhi minha profissão e busco, ainda hoje, o delineamento da minha carreira.

Nasci em Franca e cresci em Patrocínio Paulista, em uma família simples e unida do interior de São Paulo. Meu pai e minha mãe tiveram suas origens em famílias numerosas, de agricultores, com poucas oportunidades de estudo, mas tinham como meta terem os três filhos formados. Assim, posso dizer que nunca me faltaram aplausos e incentivo a cada etapa que fui vencendo na vida acadêmica.

Lembro-me da minha primeira Medalha de Honra ao Mérito na pré-escola e dos meus pais orgulhosos na solenidade de entrega. Eles sempre diziam: “Minha filha, busque a sua independência como mulher, sendo uma boa profissional, em qualquer carreira que você escolha; para ser alguém na vida, é preciso estudar muito!”. Meus pais, em especial minha mãe, Rita, possuem um papel fundamental no meu mérito acadêmico, pois até hoje estão presentes, me apoiando diariamente, para que eu possa trilhar a minha carreira de acordo com os meus sonhos.

A maior parte da minha formação foi realizada em instituições públicas; estudei durante somente três anos em um colégio particular preparatório para o vestibular. Prezo a universidade pública e o ensino gratuito de qualidade, pois foi por meio da educação que consegui obter tudo o que possuo hoje.

O ambiente hospitalar sempre fascinou os meus sentidos, em especial o olfato. Influenciada por esse fascínio, escolhi minha profissão sem ao menos conhecer uma enfermeira. Aos 18 anos, fui aprovada no vestibular para graduação em Enfermagem na 10^a Turma no Departamento de Enfermagem da Faculdade de Medicina de Botucatu da Unesp. Durante a graduação, o cuidado com o ser humano e o relacionamento enfermeiro-paciente tornaram-se uma paixão, fomentada pelas excelentes professoras que tive, em especial as professoras Maria Lúcia Sadala e Lin Chau Jong.

O interesse pela pesquisa, que outrora se constituía uma brincadeira de criança, começou a tomar forma com a iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), sob a orientação dos professores do Departamento de Saúde Pública (professor Dr. Carlos Alberto Macharelli) e Urologia (professor Dr. João Luiz Amaro). Além dela, tive a oportunidade de participar de vários projetos de pesquisa, grupos de estudo e extensão universitária, sendo a experiência da Universidade Solidária um marco importante nessa época, assim como a participação na equipe de cirurgia plástica e transplante capilar do cirurgião Teilhard Barros. Esse foi o primeiro trabalho na Enfermagem

que, juntamente da bolsa de iniciação científica, ajudou a custear minha estadia em Botucatu.

Logo após minha formatura, fui aprovada no concurso para enfermeiro da Rede SARAH de Hospitais de Reabilitação. Enquanto aguardava a convocação, me dediquei a serviços voluntários, como enfermeira na Santa Casa de Misericórdia de Patrocínio Paulista. Esse período de voluntariado foi marcante na minha carreira; até hoje o cito em minhas aulas e o considero minha primeira experiência profissional. Em fevereiro de 2002, iniciei minha carreira remunerada, como enfermeira de reabilitação no Hospital SARAH de Belo Horizonte e Macapá.

Sempre consegui uma remuneração satisfatória com a minha profissão, o que me permitiu ajudar financeiramente a minha família e custear os estudos dos meus dois irmãos mais novos. Hoje tenho orgulho em dizer que tenho um irmão doutor em Zootecnia pela Unesp de Jaboticabal e outro engenheiro civil pela mesma universidade, no câmpus de Franca.

Ainda trabalhando no Hospital SARAH, nunca perdi o foco da pesquisa, pois sempre acreditei no estreitamento dos laços entre a ciência e a prática do cuidado. Nessa direção, em 2007, procurei a Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para iniciar o mestrado. Logo após concluí-lo, em 2010, fui convidada por um professor alemão, o Dr. Christoph K ppler, para realizar o doutorado na Faculdade de Ciências da Reabilita o da Universidade de Dortmund, na Alemanha. Com o apoio da minha família e dos meus amigos, aceitei o desafio de ingressar em um novo país, com uma cultura totalmente diferente. A convivência com pesquisadores do mundo todo e a oportunidade de conhecer novos serviços de saúde ampliaram os meus horizontes, principalmente com o auxílio do Serviço Acadêmico Católico para Estrangeiros (Kaad), institui o que fomentou o meu estudo.

Aprender um novo idioma, elaborar uma tese para os rígidos padrões alemães e defendê-la em alemão foi, sem dúvida, um dos maiores desafios da minha carreira profissional. A aprova o nessa etapa foi uma felicidade inenarrável, pois eu estava, realmente, me tornando uma cientista!

Ao retornar para o Brasil, em 2012, retomei as minhas atividades no Hospital SARAH. No entanto, a experiência internacional havia ampliado os horizontes e a minha forma de pensar sobre assistência, pesquisa e reabilita o das pessoas com deficiência. Assim, após uma reflexão crucial sobre minha carreira, decidi buscar a vida acadêmica e ficar mais próxima da minha família no interior de São Paulo. Em 2013, fui aprovada no concurso para professor doutor da área de Fundamentos de Enfermagem na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Reconheço que a minha aprovação foi um grande orgulho e surpresa, sentimentos associados ao senso de responsabilidade, por me tornar professora universitária. Naquele momento, eu assumi um compromisso comigo, com os profissionais que me precederam e com a sociedade. Desde então, me dedico todos os dias, realizando o meu trabalho com o máximo da minha capacidade intelectual e humana.

Em 2015, almejando o aprimoramento profissional, realizei o pós-doutorado, no Department of Physical Medicine and Rehabilitation da Universidade de Michigan, em Ann Arbor, nos Estados Unidos, com financiamento da Fapesp.

A dedicação à profissão e à carreira acadêmica fez com que a maternidade esperasse um pouco mais. Em 2016, após um extenso tratamento e um aborto espontâneo prévio, recebi a bênção de ser mãe de gêmeos, prematuros, Clarice e Estevão. Meus filhos são uma válvula motivadora tanto para a minha vida pessoal como para a profissional. Diariamente vamos trabalhar juntos, pois eles frequentam a Creche Carochinha da USP, explico a eles que trabalho para formar pessoas que cuidam de outras pessoas e para melhorar a vida de pessoas que possuem alguma deficiência. Aos 5 anos de idade, não sei ao certo o que eles conseguem compreender, mas sinto orgulho em dizer isso a eles. A mãe deles está tentando contribuir para que o mundo fique melhor, e isso enche o meu coração de alegria e satisfação.

Hoje, como livre-docente (professora associada) e cientista com bolsa de produtividade em pesquisa pelo CNPq, posso afirmar o quanto foi primorosa, personalizada e humana a minha formação como enfermeira no Departamento de Enfermagem da FMB. Tive muitas oportunidades de aprendizado teórico-prático no HC, assim como a participação em pesquisas e projetos de extensão. Mantenho laços afetivos dessa época, tanto com minhas colegas, quanto com minhas professoras e funcionários da Unesp de Botucatu.

Quero registrar, muito emocionada, que sempre me senti uma aluna vista como um ser humano único, reflexivo e especial. Isso fez enorme diferença na minha formação, me trouxe segurança e ainda influencia a profissional que sou hoje. Atualmente, mantenho meu compromisso com a universidade pública, formando profissionais e pesquisadores, críticos, reflexivos, para mudarem os rumos da nossa profissão e avancarem com a enfermagem na direção necessária para o desenvolvimento da sociedade que nos sustenta.

Considero que minha trajetória está em andamento, com muito a aprender e a colaborar. Apesar disso, admito que redigir este depoimento me causou satisfação, gratidão e orgulho do itinerário percorrido até aqui. Continuo em desenvolvimento para elevar o pico dessa montanha, a fim de que os próximos e próximas possam estar e ver muito além do que eu.



Nossa experiência no PET

Eliana Goldfarb Cyrino⁵⁰

Em coautoria com:

*André Gasparini Spadaro, Alice Yamashita Prearo,
Carolina Siqueira Mendonça, Estela Maria Barim, Karina Pavão Patrício,
Luciana Parenti, Paula de Oliveira Montandon Hokama,
Regina Celia Popin e Renata Leite Alves de Oliveira.*

⁵⁰ Graduada em Medicina pela Faculdade de Medicina de Jundiaí (1982), fez residência em Medicina Preventiva e Social na FMB. É mestre nessa mesma área pela USP e em Educação para Profissionais de Saúde na University of Illinois, Chicago (EUA). Possui doutorado em Pediatria pela FMB, onde atua como professora associada no Departamento de Saúde Pública.

A PARTIR DA Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, o Ministério da Saúde (MS) assume a responsabilidade de desenvolver políticas e programas que avancem na consolidação da integração ensino-serviço-comunidade e na educação pelo trabalho. Frente aos princípios e às diretrizes que embasam o Sistema Único de Saúde (SUS) e a grande expansão de cobertura assistencial da Atenção Básica à Saúde (ABS), produzida em sua progressiva implantação, torna-se necessário propor estratégias de provimento e de fixação de profissionais de saúde e investir no processo de mudança na formação das graduações na saúde e na educação permanente dos trabalhadores do SUS.

Nesse caminho, em 2003, o MS instituiu a Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (SGTES), assumindo a responsabilidade de formular políticas públicas orientadoras da gestão, da formação e da qualificação dos trabalhadores, bem como da regulação profissional na área da saúde no Brasil. Com a criação dessa secretaria, propôs-se atuar na resolução de questões complexas, como a percepção da escassez de algumas categorias profissionais no SUS, a extrema desigualdade na distribuição de profissionais de saúde nas diversas regiões do país e a necessidade de formação de profissionais para o SUS.

Diversas políticas públicas e programas na saúde e na educação foram criadas e implementadas para qualificar e mudar a situação com foco na integralidade do cuidado e na formação socialmente comprometida, como, entre outros, o Pró-Saúde, o Ensina-SUS e o PET-Saúde.

Lançado em 2008, o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), inicialmente como PET-Saúde da Família, tem como fio condutor a integração ensino-serviço-comunidade e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Tem sido realizado como uma parceria entre a SGTES, a Secretaria de Atenção à Saúde (SAS), a Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do MS, a Secretaria de Educação Superior (Sesu) do Ministério da Educação e a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad/GSI/PR).

O PET-Saúde da Família teve como princípios orientadores a integralidade e a humanização do cuidado na Atenção Primária à Saúde (APS), no trabalho articulado com a Estratégia de Saúde da Família. De 2009 até 2012, foram apoiados 334 projetos nas áreas da Estratégia Saúde da Família, Vigilância em Saúde e Saúde Mental. Entre 2008 e 2022, ocorreram dez edições do Pet-Saúde.

O PET-Saúde é uma inovação pedagógica que agrega os cursos de graduação da área da saúde e fortalece a prática acadêmica que integra a universidade, em atividades de ensino, pesquisa e extensão, com demandas sociais de forma compartilhada, e o papel formador do SUS. Realiza-se como educação interprofissional, na qual estudantes de diferentes formações, em diversos períodos de suas graduações, mediados

por professores de diversas formações em saúde e profissionais dos serviços de APS, aprendem e interagem em conjunto visando à melhoria da qualidade no cuidado à saúde das pessoas, famílias e comunidades. Valoriza o trabalho em equipe, a integração e as especificidades de cada profissão.

O PET-SAÚDE NA FMB/UNESP

A Faculdade de Medicina de Botucatu tem assumido o compromisso da integração ensino-serviço-comunidade, valorizado o ensino na Atenção Primária à Saúde desde sua fundação. A FMB está envolvida no movimento de mudanças curriculares dos cursos de graduação da saúde, adequando-se às Diretrizes Curriculares Nacionais, visando a uma formação orgânica e engajada no desenvolvimento do SUS e nas necessidades de saúde das populações, bem como na ampliação das Redes de Atenção à Saúde no SUS.

Nesse sentido, a FMB tem participado dos diferentes editais do Ministério da Saúde em parceria com o Ministério da Educação. A proposta é mobilizar mudanças nas graduações, como o Pet-Saúde. Professores da FMB integram, desde 2015, a Rede Brasileira de Educação e Trabalho Interprofissional em Saúde, participando desse movimento para que mudanças ocorram nas instituições de ensino e, mais especificamente, na área da saúde.

Na FMB, a Interação Universidade Serviço – Comunidade (IUSC) iniciou as atividades em 2003, como um Programa de Extensão Universitária na graduação médica. Em 2008, mobilizado por políticas públicas do MS em parceria com o MEC, a graduação em Enfermagem passou a integrar o IUSC, conformando-se num espaço de educação interdisciplinar e interprofissional e trabalhando-se competências comuns a essas profissões. Alunos de Medicina e Enfermagem passaram a vivenciar uma prática conjunta de ensino na APS, em atividades em pequenos grupos, com professores dos cursos de graduação e profissionais de saúde de diferentes formações que atuam na APS do município, em disciplinas curriculares obrigatórias.

A IUSC tem como uma de suas dimensões político-pedagógicas a educação interprofissional, mediada por professores e profissionais de diferentes formações que aprendem e interagem em conjunto, visando a qualificar o cuidado à saúde de sujeitos, famílias, comunidade e participação social na APS, na perspectiva do encontro entre estudantes de diferentes profissões.

A IUSC tem como eixos norteadores, nos três primeiros anos de graduação: a integralidade e a humanização do cuidado. Foram estruturados objetivando desenvolver nos estudantes maior compreensão

do conceito ampliado de saúde, tendo como cenário privilegiado de ensino-aprendizagem na APS: o território, seus equipamentos sociais e a vivência com profissionais dos serviços, com usuários e comunidade na educação pelo trabalho em equipe das unidades de saúde, ESF e territórios.

A partir do primeiro edital do Pet-Saúde, a FMB o compreendeu como uma grande oportunidade de ampliar a IUSC visando à formação profissional nas graduações, à formação de professores e à educação permanente dos profissionais de saúde. Promover isso tem como objetivo reorientar a formação profissional de modo a assegurar uma abordagem integral do processo saúde-doença, com ênfase na APS em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de Botucatu.

A partir de 2012, a graduação em nutrição da Unesp de Botucatu integrou-se ao IUSC e ao Pet-Saúde como atividade de extensão. Atualmente, com carga horária de um período por semana, durante todo o ano, a IUSC atua do primeiro ao terceiro ano de graduação. A presença de docentes do Departamento de Enfermagem como tutores da IUSC e de profissionais da APS de diferentes profissões na saúde, corroborou para que ocorresse a integração, a educação e o trabalho em equipe. De 2016 a 2018, a IUSC e o Pet-Saúde contaram também com a participação do curso de Medicina Veterinária da Unesp.

Ressaltamos a importância da incorporação dos temas abordados nos grupos Pet-Saúde nas graduações, como atividades para todos os estudantes. Esse é o caso do ambulatório pedagógico de matriciamento, inicialmente um projeto e, desde 2015, uma atividade de rotina. Trata-se de uma estratégia pedagógica, na qual, por meio de consulta compartilhada entre o estudante de medicina, os residentes multiprofissionais, o profissional da saúde e o paciente, ocorre uma discussão interprofissional, com abordagem integradora para a construção do projeto terapêutico singular, sempre respeitando a autonomia do paciente e construindo isso com ele. Em 2016, esse trabalho recebeu o Prêmio InovaSUS – Gestão da Educação na Saúde (MS – Opas/OMS).

Em 2016, o projeto *Plantando saúde colhendo felicidade* começa a ser germinado no quintal da unidade de saúde de um bairro vulnerável de Botucatu, com objetivo de resgatar e valorizar o uso de plantas medicinais e plantas alimentícias não convencionais. Em 2019, o projeto se fortalece e consegue ter vários produtos com o PET interprofissionalidade, trazendo estudantes bolsistas e voluntários de várias áreas e realizando muitas intervenções junto à comunidade, já colhendo os seus frutos.

Compreendemos que todos esses anos no Pet-Saúde nos têm permitido avançar na formação interprofissional, com a possibilidade de investimento na formação de professores e de profissionais da rede, subsidiando a construção de práticas interdisciplinares e interprofissionais

do início ao fim das graduações, em campos distintos que se cruzam e com abordagens ampliadas do cuidado à saúde em rede, além da maior aproximação das graduações com as residências multiprofissionais e médicas e maior diálogo com práticas intersetoriais nos territórios.

Com esse movimento, busca-se superar modelos dominantes de educação e prática uniprofissional, que não respondem aos desafios e à complexidade das necessidades de saúde.

Comprometidos com o desenvolvimento do ensino nas profissões da saúde na perspectiva da pesquisa participante, que estuda necessidades sociais na saúde, professores, profissionais de saúde e estudantes têm produzido ricas contribuições nos programas de ensino, nos projetos de pesquisa acadêmica e nas publicações no âmbito da iniciação científica, da pós-graduação e da ação social, para ampliar o conhecimento e o debate sobre a interação entre universidade-serviço-comunidade. Trata-se de um desafio ético, de uma experiência de formação no território vivo, fora da sala de aula, de uma oportunidade de, ao vivenciar processos formativos na APS com compromisso social com o SUS, refletir, discutir e divulgar em textos acadêmicos uma experiência de integração entre extensão universitária, ensino de graduação e pesquisa acadêmica vivenciada no Pet-Saúde e na IUSC da FMB.

Como nos apresenta Sarti⁵¹, frente à pandemia e a este momento que vivemos nos últimos anos:

“Em um mundo cada vez mais complexo e imprevisível, apresenta-se o desafio de pensar qual modelo social e sistema de saúde se almeja para a proteção da vida, sobretudo a dos mais vulneráveis”.

⁵¹ SARTI, T. D. et al. Qual o papel da Atenção Primária à Saúde diante da pandemia provocada pela covid-19?. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 29, n. 2, 2020.



NAP: **inovação em prol do ensino dos futuros profissionais da saúde**

Renata Maria Zanardo Romanholi⁵²

*Em coautoria com:
Denise de Cássia Moreira Zornoff, Marcelo Henrique
do Carmo Balestrin e Sumaia Inaty Smaira.*

⁵² Graduada em Pedagogia, é mestre e doutora em Saúde Coletiva pela FMB, onde é pedagoga do Núcleo de Apoio Pedagógico e atua no ensino de Medicina e Enfermagem.

O NÚCLEO DE Apoio Pedagógico surgiu como resposta aos desafios encontrados na implantação do novo currículo do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Botucatu, sendo implantado em outubro de 2001 e regulamentado em 21 de fevereiro de 2002 pela portaria da Diretoria da Faculdade de Medicina de Botucatu/Unesp (FMB/Unesp), como órgão assessor ao Conselho de Curso.

Seu objetivo central foi a elaboração de uma proposta de avaliação contínua do ensino médico da instituição e de apoio às necessárias mudanças para a melhoria do ensino, incluindo a capacitação docente no aprendizado de inovações metodológicas, o desenvolvimento de pesquisas em educação médica e a ampliação dos espaços de ensino no Sistema Único de Saúde (SUS).

Em 2006, a direção da FMB formaliza a criação de novo núcleo especialmente dedicado ao assessoramento do curso de Enfermagem, denominado NAP-Enf, e, em 2017, como desdobramento do Plano de Desenvolvimento da Unidade da FMB, houve a fusão dos Núcleos de Apoio Pedagógicos dos Cursos de Medicina e Enfermagem.

Com sua missão de assessorar a comunidade acadêmica na compreensão das diversas concepções pedagógicas e políticas durante o ensino em saúde, o Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP) da Faculdade de Medicina de Botucatu se configurou como uma unidade pioneira na assessoria a diferentes ações ligadas à graduação da FMB e inspirou o surgimento de outras iniciativas similares em outras escolas de saúde.

Atualmente o NAP está organizado em cinco frentes: Organização e Acompanhamento da Estrutura Curricular; Avaliação de Programa e do Estudante; Desenvolvimento da Docência e da Inovação do Ensino; Integração do Ensino na Rede de Atenção à Saúde e Pesquisa no Ensino na Saúde. Todas as frentes são constituídas por docentes, discentes e profissionais da FMB que compartilham o propósito de valorizar a educação dos futuros profissionais da saúde.

Vale destacar que, além de suas ações locais, o NAP assume um papel protagonista na concretização de políticas públicas do Ministério da Saúde, captando recursos e promovendo o desenvolvimento profissional pela participação em uma série de projetos nacionais, tais como:

Projeto Promed (2002): a FMB foi uma das vinte escolas médicas do Brasil selecionadas para investimento financeiro com objetivo de implantar e se adequar às novas Diretrizes Curriculares dos cursos de graduação em Medicina do Ministério da Educação.

Pró-Saúde I (2006) e Pró-Saúde II (2008): voltados à continuidade da reforma educacional da FMB, buscando a melhoria da qualidade do ensino e a formação comprometida com as necessidades de saúde da população e com o SUS. Os projetos envolveram um conjunto de ações relacionadas aos cursos de Medicina de Enfermagem da FMB, Secretaria Municipal de Saúde de Botucatu (SMSB) e de sua rede de serviços (SUS).

PET-Saúde (2008): potencializou o trabalho em parceria entre docentes, profissionais de saúde e estudantes dos cursos de Medicina e Enfermagem, oferecendo à instituição ampliação da vivência em parceria com a SMSB, articulando-se à ESF. Vale ressaltar que a FMB, com o apoio do NAP, participou de todas as seis edições do PET-Saúde.

Adicionalmente, o NAP apoia o desenvolvimento de atividades-fim, com destaque ao seu papel a coordenação, a organização das disciplinas Interação Universidade Serviço – Comunidade (IUSC) e Prática Interprofissional Universidade Serviço – Comunidade (PIUSC), que realizam atividades com a comunidade, proporcionando vivenciar necessidades de saúde da população, o saber da comunidade e o processo de trabalho profissional. Tal iniciativa valoriza a prática interprofissional desde as séries iniciais dos cursos de Medicina e Enfermagem.

Na perspectiva de aperfeiçoamento do trabalho docente, o NAP é uma referência na oferta de cursos que discutem a importância da reflexão sobre a complexidade do trabalho do professor. O programa assume, assim, que “ensino e aprendizagem são passos dialéticos e inseparáveis, integrantes de um processo único em permanente movimento”⁵³.

Dessa forma, o NAP reconhece que a necessidade do desenvolvimento docente está além da discussão de novos métodos didáticos e de avaliação da aprendizagem. A importância de construir um perfil docente comprometido com o processo de ensinar e aprender segue como a base das ações executadas pela unidade.

A notoriedade adquirida pelo NAP a partir da participação ativa de seus membros docentes e da equipe técnica no longo processo de reestruturação curricular do curso de Medicina ganhou destaque nacional nos congressos de educação médica e da própria Unesp, levando-o a assumir várias discussões de mudanças pedagógicas dos cursos de ensino superior na área da saúde.

Hoje em dia, o NAP está ativamente presente na condução da nova proposta curricular do curso de graduação em Enfermagem, que busca inovar ainda mais no desenvolvimento do seu processo de formação. O novo currículo está organizado em caráter integrado e interdisciplinar e é composto por unidades curriculares (conjunto de disciplinas). A proposta prevê a formação baseada em competências profissionais e está subdividida em quatro áreas: Cuidado Individual em Saúde; Cuidado Coletivo em Saúde; Gestão e Gerenciamento e Educação e Pesquisa.

Inúmeros desafios ainda se apresentam para os trabalhos futuros do NAP, onde se destacam a implantação, o acompanhamento e a avaliação dos dois currículos dos cursos de graduação da FMB, bem como o contínuo desenvolvimento docente e o fomento à pesquisa nas diversas áreas da educação voltada ao profissional da saúde.

⁵³ BLEGER, J. *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



Inspiração pra vida toda

40ª Turma de Medicina (2007)

Mariana Arantes Nasser⁵⁴

⁵⁴ Graduada em Medicina pela FMB, especialista em Medicina Preventiva e doutora em Ciências pela USP. É professora do Departamento de Medicina Preventiva (Unifesp) e médica do Centro de Saúde Escola Butantã (USP).

“AO SUS!”, SAUDARAM-ME os colegas da 40ª turma quando chamaram meu nome, no dia de nossa colação de grau na FMB. Enquanto eu percorria o tablado para receber o canudo das mãos da professora Joelma, esse som ecoava, carregado de histórias da nascente trajetória e de sonhos do porvir.

O dia da matrícula, minha primeira memória na faculdade, foi de êxtase. Meus pais, minha irmã e eu viajamos de carro de São Paulo a Botucatu. No salão nobre, fui apelidada de Chuck pelos veteranos, e a professora Kika ofereceu orientações carinhosas sobre os primeiros passos. Depois, o professor Toninho apresentou o câmpus para mim e minha família. Na véspera do início do curso, a professora Elen me hospedou em sua casa, e, à noite, projetamos o começo da Liga de Saúde Sexual e Reprodutiva, a Sasere.

No primeiro dia, cantamos o hino nacional, momento simbólico do compromisso do curso com a população. Seguiram-se as apresentações dos colegas e professores. As aulas inaugurais, com os professores Valdemar e Arion, foram lições de empatia e humanização. A leitura do livro *O médico*, de Rubem Alves, me acompanhou nessa fase. Conhecemos o Centro Acadêmico Pirajá da Silva (Caps) e a Associação Atlética Carlos Henrique Sampaio de Almeida (AACHSA). Fomos batizados e, em festas memoráveis, aprendemos que *“bixo é sempre bixo!”*. Participamos de ações de extensão universitária e competições esportivas. Fizemos grandes amizades. Adorei ser bixete em Botucatu!

Estudar e morar nessa cidade significou muito para a construção de minha identidade na juventude, sendo marcante, por exemplo, nossa vida compartilhada na república *Carpe Diem*. Sede de aprendizagens, amizades e afetos, Botucatu possibilitou conhecer um pouco do interior paulista, com suas cuevas, cachoeiras, noites estreladas, sabores, sons e, principalmente, pessoas.

Durante os primeiros anos, a rotina no Instituto de Biociências era interessante, mas minha motivação principal eram as ações de contato com as pessoas e a comunidade e voltadas à prática de serviços e do sistema de saúde. Lembro-me da emoção de assistir ao primeiro parto, das felicitações à mulher, dos vivas ao bebê e da admiração pela equipe. Recordo vividamente a atividade sobre verminose com crianças de uma escola que incluiu orientação sobre o exame, análise do material e teatro de educação em saúde. Aliás, durante a graduação, tive a oportunidade de iniciar reflexões sobre a formação médica, em oficinas conduzidas pela professora Eliana. Nesse sentido, ressalto os ensinamentos da clínica, pois o modo de conhecer as histórias das pessoas representou para mim *a paixão transformada*, de que fala Moacyr Scliar; desde então, venho experimentando a grande honra de conhecer muitos sujeitos que nos confiam suas vidas e esperanças.

A Sasere me possibilitou atuar junto a colegas de outros cursos, profissionais de saúde, intersetoriais, membros da comunidade e integrantes de movimentos sociais. Fizemos muitas ações, como o projeto Sexo Cabeça com alunos do ensino médio; campanhas na cidade no Dia Mundial de Luta contra a Aids e no Dia dos Namorados; pesquisas sobre metodologias de educação em saúde sexual e reprodutiva em uma escola e sobre a violência contra a mulher, a partir das representações e ações de usuárias e profissionais de saúde em uma Unidade de Saúde da Família (USF).

O internato marcou minha formação. Nosso grupo F, composto por Eumeto, Fest, Kuki, K, Neca, Skó, Val e eu, teve como características a amizade e a sede de aprendizagens de todas as áreas. Ganhamos em responsabilidade e experiência ao atender nos diferentes ambulatórios, fazer as evoluções nas enfermarias e participar de cirurgias do Hospital das Clínicas e de partos, tanto lá como no Hospital Sorocabana. Tivemos a experiência de ter o contato com a atenção primária à saúde no CSE Botucatu e na USF Jardim Peabiru.

Guardo na memória também duas excursões para estudo: uma interiorana, sobre o caso de um paciente com nódulo do ordenhador, curioso pela relação com a história das vacinas, incluindo visita à sua família e à USF de Piramboia, junto ao professor Vidal; e outra, internacional, no sistema de saúde cubano, a partir de parceria com a Universidade de Vila Clara, mediada pelo professor Caldas.

Por tudo isso, a FMB é a base da minha vida profissional: possibilitou que a minha escolha pela Medicina, motivada pelo intuito de contribuir para a transformação social, ganhasse asas. Este depoimento traz a minha vivência na faculdade, mas estou certa de que meus colegas da 40^a e de outras turmas tiveram experiências e aprendizagens que ensejam seus voos por diferentes rumos. Assim, esta narrativa traz uma perspectiva da FMB, e imagino que, somada a outras histórias de vida, possamos ter retratos para comemorar os seus 60 anos.



Sobre sementes, árvores, flores e frutos

20ª Turma de Enfermagem (2011)

Claudia Costa Braga⁵⁵

⁵⁵ Graduada em Enfermagem pela FMB (2011), destacando-se em primeiro lugar em desempenho acadêmico. Possui mestrado em Enfermagem (2016) e atualmente cursa o doutorado profissional na mesma área, ambos pela FMB.

EM NOVEMBRO DE 2011, durante a celebração da formatura da XX Turma de Enfermagem da Unesp de Botucatu, foi plantada uma muda de cerejeira no gramado da Biblioteca da FMB.

Contudo, a semente dessa árvore foi plantada quatro anos antes, no dia do nosso ingresso no curso de Enfermagem...

Logo no primeiro ano, a turma teve um ótimo acolhimento dos docentes e funcionários do Departamento de Enfermagem, porém a maioria das experiências iniciais de aulas ocorreram junto aos professores do Instituto de Biociências (IB). O acolhimento e o carinho oferecidos pelos profissionais de lá não foram diferentes. A combinação de docentes extremamente competentes, disponíveis e didáticos com alunos muito dedicados nos permitiu concluir com sucesso as disciplinas que serviram como base para o curso de Enfermagem.

No departamento, pudemos aprender o significado de excelência em Enfermagem com aulas teóricas e práticas. Tivemos todo o suporte científico, técnico e psicológico por parte dos professores e colaboradores; construímos laços profundos de amizade entre colegas, docentes e equipe. Lá compreendi o que é ensinar com amor.

Apesar de uma rotina nem sempre fácil, preenchida com aulas, estágios, atividades extracurriculares e provas, foi possível superar tudo com dedicação e satisfação.

Ao longo do curso, a turma passou por vários campos de estágio, em Unidades Básicas de Saúde, enfermarias, centros cirúrgicos e UTIs, que nos proporcionaram uma formação completa.

Após a faculdade, tive a oportunidade de atuar em todas essas áreas da Enfermagem e posso afirmar que a base consistente me preparou para muitos desafios da profissão.

A oportunidade de experiências em atividades extracurriculares me permitiu participar da Liga de Implantes e da Liga de Saúde Sexual e Reprodutiva, nas quais pude contribuir para as discussões em grupo, apresentações, organização de eventos e atividades voltadas à população, que forneceram aprofundamentos sobre esses temas e diversas boas lembranças junto aos colegas. Durante o curso, a faculdade oferecia Ligas Acadêmicas voltadas a vários outros assuntos; além disso, havia a possibilidade de ingresso tanto por alunos do curso da Enfermagem quanto pelos estudantes da Medicina.

Também tivemos a oportunidade de participar de projetos de pesquisa e extensão. Desde o segundo ano, adquiri auxílios financeiros, o que me ajudou durante esses programas e me incentivou na execução de tais atividades.

Nossa turma tinha disponível, semanalmente, um treinador de esportes, que nos preparava para competições internas da universidade e para o InterEnf, gerando união entre as “bixetes” e as veteranas da XX Turma.

No último ano, para concluir a formação em Enfermagem e desenvolver o TCC, os discentes realizaram o estágio curricular supervisionado. Certo dia, nós nos reunimos para a escolha do local de estágio; havia vagas disponíveis em vários campos.

Escolhi estagiar na Unidade de Tratamento de Queimaduras do Hospital Estadual de Bauru, onde fiquei por três meses. Durante o período de estágio, a Universidade me disponibilizou alojamento e alimentação; tive também todo o suporte e apoio de minha orientadora. Foram experiências enriquecedoras tanto para a prática de Enfermagem quanto para a pesquisa, imprescindíveis em minha formação.

Em nossa colação de grau, tive a oportunidade de ser a juramentista, momento em que todos juraram dedicar sua vida profissional a serviço da humanidade, com a ética e a responsabilidade aprendidas no decorrer do curso. Naquele dia, a árvore já estava em terra fértil, com raízes firmes e tronco nutrido, pronta para crescer, florescer e gerar frutos.

A árvore escolhida foi a cerejeira, definindo características marcantes de nossa turma, na qual se formaram, em totalidade, mulheres e quase um terço de descendentes de japoneses. O significado daquela árvore é a beleza feminina, e ela simboliza o amor, a felicidade, a renovação e a esperança, sentimentos que estiveram sempre presentes em nossa formação e, creio eu, presentes até hoje na vida profissional de muitas de nós.

Posso afirmar que colhi muitos relacionamentos floridos e doces frutos durante a minha passagem pela XX Turma de Enfermagem, com a formação que a FMB me proporcionou.



Autarquização do HCFMB

Pasqual Barretti⁵⁶

⁵⁶ Graduado em Medicina pela FMB (1981), onde também fez residência na especialidade de Nefrologia (1984), além de mestrado (1990) e doutorado (1997) no curso de Fisiopatologia em Clínica Médica. Professor Titular do Departamento de Clínica Médica, foi presidente da Famesp (2005-2015), diretor da FMB (2015-2019) e atualmente é reitor da Unesp, gestão 2021-2024.

ESCREVER SOBRE AUTARQUIZAÇÃO do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu-Unesp (HCFMB) torna necessária a contextualização histórica do que se deu antes do que eu considero o maior divisor de águas na vida e funcionamento desse hospital. Projetado para ser um sanatório a tuberculosos, cujo contrato de construção foi assinado em 1950, tornou-se obra inacabada, com o advento da quimioterapia ambulatorial para tratamento da tuberculose. Esse prédio não utilizado instou a força e o idealismo de jovens botucatuenses, cujo expoente foi José Amaro Faraldo, iniciando a luta pela implantação de uma Faculdade de Medicina em Botucatu, a hoje FMB, cujas atividades acadêmicas se iniciaram em 1963, ocorrendo um lapso de quatro anos até o início de funcionamento do HCFMB, em 1967.

Neste texto, vou me abster de abordar a magnífica história da FMB, mas desde sempre as dificuldades de gerenciamento de um hospital de ensino, pelas suas características próprias, ficavam claras para a instituição universitária. Não foi por menos que os primórdios da FMB se caracterizaram por intensas lutas e movimentos por verbas, para os quais a tenacidade dos estudantes e docentes foi fundamental, destacando-se a Operação Andarilho em 1967 e enfatizando-se que o país vivia tempos de ditadura e supressão de direitos individuais.

Durante os anos de 1976 a 1984, fui aluno e residente da FMB, e muitos se lembram do convívio com crises periódicas envolvendo falta de materiais hospitalares e greves sucessivas. Não foram poucas as estratégias pensadas para manter um hospital financiado pela universidade nesse período, como o convênio Inamps em 1978, a criação da fundação para o Desenvolvimento Médico e Hospitalar (Famesp) em 1981, o convênio Iamspe em 2000, a obtenção do título de entidade beneficente pela Famesp em 2003, sendo que pouco a pouco todas se mostraram insuficientes para a manutenção do HCFMB.

Em 2001, quando assumi o cargo de superintendente do HCFMB, me convenci claramente, com apoio irrestrito da diretora da FMB, Marilza Rudge, que dentro da Unesp não havia espaço orçamentário suficiente para o pleno funcionamento de um hospital de ensino. Devo destacar que, pelos ditames da Constituição de 1988, os hospitais universitários faziam parte do Sistema Único de Saúde (SUS) e que, em que pesem as dificuldades, isso se deu em Botucatu, e o HCFMB já prestava relevantes serviços ao SUS e já havia crescido 10 vezes em número e leitos em relação a 1967. Nada seria possível sem a dedicação e a coragem dos dirigentes do HCFMB e da FMB, em conjunto com toda a comunidade dessas instituições.

Importante lembrar que todas as estratégias supramencionadas sofreram forte resistência da comunidade interna, todas conseqüentes à pouca confiança em nossos governantes, mas também porque nós universitários somos quase sempre vanguardeiros, como conta nossa história, mas algumas vezes conservadores em seu sentido mais amplo.



Entre 2001 e 2005, tive a honra de dirigir o HCFMB, de obter várias conquistas que nos trouxe a plena integração com o SUS, ao lado da frustração de ver como o HCFMB era tratado no conjunto da universidade, um verdadeiro conto de horrores nos colegiados da Unesp, narrado por autointitulados progressistas, que nos impunham restrições constantes e nos obrigavam a ser cada vez mais médicos e menos professores, captar recursos de convênios médicos e multiplicar contratações de funcionários fundacionais, verdadeira terceirização interna.

Nesse contexto, Marilza e eu pusemo-nos na luta pela autarquização, tendo sofrido duas derrotas dentro da FMB em 2003 e 2004, prevalecendo a visão conservadora. Era trágico ouvir que perderíamos a condição de hospital para ensino e seríamos um hospital de assistência, como se houvesse possibilidade de um hospital não assistir prioritariamente e como se houvesse espaço para o período pré-cidadania, quando os pacientes eram classificados como indigentes ou de interesse científico. Ressalto que os Hospitais das Clínicas de Ribeirão Preto e de São Paulo, USP, sempre foram exemplos de assistência de excelência e palcos de ensino de elevada qualidade. Desde sua criação, foram autarquias independentes financeiramente da USP.



Em 2005, obtivemos a conquista da contratualização com o Ministério da Saúde, processo que reconheceu nosso hospital como hospital de ensino e o valorizava financeiramente, o que também não foi suficiente para impedir a situação pré-autarquização que relato a seguir.

Entre 2005 a 2009, assistimos à derrocada completa do modelo de financiamento do HCFMB pela Unesp. Em 2009, ano anterior à autarquização, de um subquadro na Unesp de 1.539 trabalhadores, apenas 1.184 atuavam no hospital; triplicaram em quatro anos as contratações pela Famesp, corroendo os recursos do SUS; o custeio no orçamento da universidade era de exatos 40 milhões de reais, o que fazia frente a cerca de 30% das necessidades do HCFMB. Era desconcertante o sucateamento tecnológico, nossa ressonância magnética já tinha 25 anos de uso. Felizmente, nesse período, a postura vanguardeira venceu, mudou-se a posição interna contrária e tivemos apoio da gestão reitoral, do diretor da FMB Sergio Müller e do inesquecível secretário da saúde Dr. Barradas, e o processo de autarquização foi retomado. Em 01/07/2010, descerramos a placa alusiva à criação da autarquia HCFMB.

Os primeiros anos foram muito difíceis, e aqui rendo tributo ao primeiro superintendente da autarquia, Emílio Curcelli. O HCFMB passou a conviver com nova estrutura organizacional, novos sistemas, e quase tudo havia para ser construído. Nossa autarquização era um processo inédito de mudança de modelo de gestão, com dificuldades internas de entendimento e mesmo da Secretaria de Estado da Saúde.

Porém, os resultados falam por si. Após 10 anos, o custeio do HC havia triplicado e hoje está quadruplicado em relação a 2009; mais de 130 milhões de investimentos foram alocados, novas estruturas como o Hospital Estadual de Botucatu, Serviço de Atenção e Referência em Álcool e Drogas, mais dois Pronto-socorros, estando hoje esse incrível complexo preparado para suas missões de assistência, ensino e pesquisa.

Entre 2010 e 2020, a produção geral de assistência no HCFMB duplicou, o número de cirurgias cresceu cerca de 50%, novos procedimentos foram incorporados e estimulados, como a unidade completa de intervenção e tratamento de acidentados vasculares cerebrais e os transplantes de órgãos (rim, coração, fígado, medula e córnea), destacando-se o HC na liderança em número de transplantes renais do interior de São Paulo e hoje um dos líderes em transplantes cardíacos.

Os anos de 2020 e 2021 desafiaram a jovem autarquia no enfrentamento da maior crise sanitária das últimas décadas, a devastadora pandemia da covid-19. E nesse cenário se apresenta um exército de profissionais de saúde liderados por André Balbi, exército esse que se tornou o inimigo número um do SARS-Cov-2. Em tempo recorde, a assistência se adaptou, a biossegurança se tornou prioritária, 40 leitos de Terapia Intensiva foram destinados ao paciente com covid e mais 40 de enfermaria enquanto o lema “Sem Luta Não Há Vitória” enchia todos de força para vencer o inimigo. O HCFMB obteve índices notáveis em baixa proporção de óbitos, o trabalho foi incansável, muitos adoeceram em campo, mas a vitória é incontestável.

Imagino tudo isso dentro de um hospital tecnologicamente sucateado e financiado com recursos da educação, com número escasso de trabalhadores. Certamente mais vidas teriam sido perdidas, cidadãos menos capacitados teriam sido formados. Certamente não tinham razão os que disseram há dois anos que não havia o que comemorar em 10 anos de autarquia. Certamente, se pudessem prever o futuro, alguns conservadores do passado teriam sido vanguardeiros.

A autarquização desfez o receio de outrora e garantiu o pujante futuro que espera o HCFMB.



A pesquisa na FMB

Patricia Pintor dos Reis⁵⁷

⁵⁷ Docente, pesquisadora e professora associada do Departamento de Cirurgia e Ortopedia da FMB.

FUI ADMITIDA EM concurso público para contratação de docente na FMB em abril de 2011. Proveniente de um dos maiores e mais importantes institutos de pesquisa sobre o câncer no mundo, o Princess Margaret Cancer Centre, em Toronto, Canadá, minhas expectativas de desenvolvimento de pesquisas na fronteira do conhecimento eram enormes.

Quando iniciei minhas atividades como professora assistente, assumi um universo muito mais amplo de atividades e diferente do que estava acostumada. A partir de agora, teria responsabilidades de ensino, pesquisa e extensão — o tripé da Unesp. Foi uma experiência renovadora, pois consegui muitos avanços em minhas capacidades profissionais e obtive o título de livre-docente em 2019.

Sobre a pesquisa, não foram poucas as dificuldades encontradas, devido a limitações de recursos financeiros para desenvolvimento de projetos científicos, especialmente por eu ter chegado de um instituto com recursos praticamente ilimitados e muitas oportunidades de financiamento, embora extremamente competitivo. Mas encontrei um ambiente favorável e apoio de outros docentes do Departamento de Cirurgia e Ortopedia, os quais estabeleceram colaborações de pesquisa com meu grupo, ainda em formação, e em pouco tempo obtive auxílios de agências de fomento, inicialmente da Fapesp, conseguindo alunos para desenvolver projetos de pesquisa, sendo eles vinculados ao atual Programa de Pós-Graduação (PPG) em Cirurgia e Medicina Translacional da FMB.

Iniciei minhas atividades na Unidade de Pesquisa Experimental (Unipex) da FMB. Em 2011, ela estava em plena estruturação, o que durou alguns anos, culminando com a inauguração do novo prédio, o Bloco V. Os professores Célia Regina Nogueira de Camargo e Antônio Carlos Cicogna, com apoio da diretoria da FMB (gestão 2011–2015, professores Silvana Artioli Schellini, diretora, e José Carlos Peraçoli, vice-diretor), foram os idealizadores e responsáveis pelo início da reestruturação da Unipex em uma unidade multiusuária de pesquisa na FMB.

Em 2014, ocorreu processo seletivo de docentes mais produtivos para o início da ocupação dos laboratórios do Bloco V, no ano seguinte. A consolidação da Unipex como unidade multiusuária de pesquisa científica, com obtenção de laboratórios mais avançados, como a incorporação da Unidade de Pesquisa em Experimentação Animal (Upea), também foi obtida graças ao trabalho dos professores supracitados, com o apoio da diretoria 2015–2019, na gestão dos professores Pasqual Barretti, diretor, e Maria Cristina Pereira Lima, vice-diretora. Tive a oportunidade de participar da vice-coordenação da Unipex com a professora Célia como coordenadora e atualmente exerço a função de coordenadora dessa unidade de pesquisa.

Não posso deixar de ressaltar que o trabalho incansável dos professores e o apoio constante de todas as diretorias da FMB, desde a de 2011 até a

atual (as professoras Maria Cristina Pereira Lima, diretora, e Jacqueline Teixeira Caramori, vice-diretora), que foram e têm sido fundamentais para alcançarmos um ambiente de pesquisa avançado e com excelência científica. Costumo dizer que não há nenhum projeto ou metodologia científica básica e aplicada em desenvolvimento no exterior que não possa ser desenvolvido, pelo menos em parte ou em sua totalidade, na Unipex. Contando com a possibilidade de pagamento de serviços em “*facilities*”, temos capacidade de desenvolver integralmente pesquisas na fronteira do conhecimento. Possuímos infraestrutura laboratorial e parque de equipamentos modernos com logística de gestão que permitem acesso amplo de alunos, pesquisadores e docentes da Unesp. Outra característica importante é a presença de servidores técnico-administrativos, cuja função é auxiliar no desenvolvimento dos projetos de pesquisa. A FMB também conta com a Unidade de Pesquisa em Saúde Coletiva (Upesc) e a Unidade de Pesquisa Clínica (Upeclin), tendo esta última sido habilitada em 2011 como uma Organização Representativa de Pesquisa Clínica pelo CNPq.

Dentre as metas da Rede Nacional de Pesquisa Clínica, as prioridades são a pesquisa clínica voltada especialmente para o SUS, demandas públicas, áreas estratégicas, populações vulneráveis, doenças negligenciadas e avaliação de novas tecnologias, inovações, produtos e processos aplicados em saúde. Todas essas aplicações prioritárias estão estrategicamente organizadas na Upeclin, a qual constitui hoje uma unidade consolidada da FMB, voltada à realização de testes clínicos de produtos e processos de inovação desenvolvidos nas mais diferentes áreas do conhecimento.

A Upesc foi implementada em 2013, para o desenvolvimento de pesquisas em Saúde Coletiva, com o objetivo de fornecer subsídios operacionais e apoio metodológico para atividades de pesquisa em Saúde Coletiva, contribuindo para a produção científica qualificada nessa área. Constitui-se por quatro Núcleos Temáticos: I – Pesquisa em Política, Planejamento, Avaliação e Gestão em Saúde; II – Núcleo de Pesquisa Epidemiológica; III – Núcleo de Pesquisa Qualitativa; IV – Núcleo de Metodologias Emergentes. A Upesc exerce atividades de apoio metodológico e operacional à pesquisa em saúde coletiva, em suas vertentes qualitativas e quantitativas, e desenvolve ações e eventos de capacitação voltados ao emprego de metodologias dos Núcleos Temáticos.

As unidades multiusuárias da FMB colaboram no desenvolvimento de inúmeros projetos científicos com aplicação em saúde, com disponibilidade de infraestrutura das três unidades de pesquisa. Destaco que foram e estão sendo desenvolvidos diversos projetos de pesquisa de nossos docentes e alunos, para o enfrentamento da pandemia da covid-19. As pesquisas desenvolvidas na FMB contribuem para melhorar a qualidade de vida e a sociedade.



Residência Médica na FMB: origem e história

Lenice do Rosário de Souza⁵⁸

⁵⁸ Graduada em Medicina Humana pela Ufes (1983), com mestrado (1993) e doutorado (1998) em Doenças Infecciosas e Parasitárias, ambos pela Unifesp. É livre-docente em Moléstias Infecciosas e Parasitárias pela FMB (2013), onde atualmente é professora associada.

A LEI Nº 6.932, de 07 de julho de 1981, que dispõe sobre as atividades do médico-residente e dá outras providências, foi sancionada nessa data pelo Presidente da República João Figueiredo e define no artigo 1º que “A Residência Médica constitui modalidade de ensino de pós-graduação, destinada a médicos, sob a forma de cursos de especialização, caracterizada por treinamento em serviço, funcionando sob a responsabilidade de instituições de saúde, universitárias ou não, sob a orientação de profissionais médicos de elevada qualificação ética e profissional”.

Antes disso, em 1977, a residência médica foi instituída pelo Decreto nº 80.281, como modalidade de ensino de pós-graduação destinada a médicos e, quando cumprida integralmente, dentro de determinada especialidade, confere ao médico-residente o título de especialista. Foi considerada a forma de especialização médica mais eficiente do Brasil.

A expressão “residência médica” só pode ser empregada em programas que sejam credenciados pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), com aprovação em processo seletivo estabelecido pelo programa. As certificações de especialidades médicas concedidas pelos Programas de Residência Médica ou pelas associações médicas submetem-se às necessidades do Sistema Único de Saúde (SUS). Desde sua implantação, várias outras leis deram conta de atualizações dos Programas de Residência Médica no Brasil.

A contribuição dos Programas de Residência Médica na formação de profissionais altamente qualificados para o mercado de trabalho, sem dúvida, constitui uma das atividades mais importantes realizadas pela Faculdade de Medicina de Botucatu.

A Residência Médica teve seu início, em Botucatu, no ano de 1969, ainda na Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB), com oito médicos-residentes, quando foram oferecidos Programas nas áreas de Cirurgia Geral, Clínica Médica, Pediatria e Dermatologia.

Com o passar do tempo, muitos outros programas vêm sendo implantados na instituição, de modo que, atualmente, são 64 credenciados pela CNRM, em 41 especialidades, além de 23 áreas de atuação. Os programas incluem aqueles de acesso direto e de especialidades clínicas e cirúrgicas com exigência de pré-requisito.

Os médicos ingressantes a cada ano têm o perfil de formação médica geral e são provenientes das diversas escolas médicas do país. O ingresso dos médicos-residentes ocorre após processo seletivo específico, que pode constar atualmente de prova escrita de múltipla escolha, obrigatória, a prova prática de habilidades e comportamentos, opcional, além da análise e arguição de *curriculum*, conforme a resolução da CNRM nº 008/2004. A partir de 2007, a Faculdade de Medicina de Botucatu passou

a incluir a prova prática nos processos seletivos para residência médica, com necessidade de apoio de grande número de pessoas colaboradoras, dentre fiscais e avaliadores médicos.

Os Programas de Residência Médica são organizados pelos diversos departamentos que compõem a Faculdade de Medicina, sendo supervisionados pelo Conselho de Residência Médica (Coreme), órgão assessor da congregação cuja função é manter os regulamentos próprios, planejamento, coordenação e supervisão de todas as atividades médicas exercidas pelos médicos-residentes, de acordo com as resoluções da CNRM.

A Residência Médica desenvolve-se, desde sua implantação na Faculdade de Medicina de Botucatu, dentro do Complexo Hospital das Clínicas, no Centro de Saúde Escola da Faculdade de Medicina de Botucatu e no Serviço de Ambulatórios Especializados de Infectologia Domingos Alves Meira, ligado diretamente à Fundação para o Desenvolvimento Médico e Hospitalar (Famesp), especialmente para os residentes do Programa de Infectologia. Além disso, de forma complementar, os médicos-residentes podem ser treinados em serviços de saúde do município ou do estado, além de outras instituições de ensino superior no país.

Há alguns anos, a Residência Médica da Faculdade de Medicina de Botucatu está inserida na Pró-Reitoria de Pós-graduação da Unesp. As bolsas de estudos dos médicos-residentes são mantidas pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES) e o auxílio-moradia, pela Reitoria da Unesp.

Atualmente, a instituição conta com 655 vagas credenciadas pela CNRM, e pelo menos 4.359 médicos concluíram a Residência Médica. Os médicos-residentes formados têm se distribuído não só pelo interior do estado de São Paulo, mas também por todo o Brasil, exercendo sua atividade profissional especializada das mais variadas formas, como autônomos, funcionários de serviços privados ou prestadores de serviço ao SUS.

A integração dos Programas de Residência Médica com a Graduação ocorre durante as atividades diárias do treinamento em serviço dos médicos-residentes, em conjunto com os alunos dos dois últimos anos da graduação, o que corresponde ao internato em seus diversos cenários de aprendizado, tais como Unidades de Internação, Ambulatórios e Centros de Saúde.

A Residência Médica na Faculdade de Medicina de Botucatu tem como meta oferecer ensino de pós-graduação *lato sensu* de forma a transferir aos médicos recém-formados as competências mínimas para o adequado desenvolvimento de suas atividades profissionais nas especialidades, com base em conhecimentos das esferas cognitiva, psicomotora e afetiva.



Residência Médica na FMB: circunstância atual e perspectivas futuras

Catia Regina Branco da Fonseca⁵⁹

Pedro Luiz Toledo de Arruda Lourenção⁶⁰

⁵⁹ Graduada em Medicina pela FMB (1995), com Residência Médica em Pediatria e Pediatria Social 1996-1999) e mestrado em Pediatria pela mesma instituição. Doutora em Ciências Aplicadas à Pediatria pela Unifesp e livre-docente em Pediatria Social pela FMB (2022). Atualmente é professora associada do Departamento de Pediatria dessa instituição e atua como preceptora no Programa de Residência Médica nessa área.

⁶⁰ Graduado em Medicina pela FMB (2006), onde também concluiu residências médicas em Cirurgia Geral (2009) e Cirurgia Pediátrica (2012). Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Patologia (2012) e livre-docente em Cirurgia Pediátrica (2019). Ocupa o cargo de professor associado no Departamento de Cirurgia e Ortopedia na FMB, onde também atua como orientador do Programa de Mestrado Profissional Associado à Residência Médica (Meparem).

A RESIDÊNCIA MÉDICA (RM) constitui modalidade de ensino de pós-graduação, destinada a médicos e caracterizada por treinamento em serviço, sob a orientação de profissionais de elevada qualificação ética e profissional, com carga horária de 60 horas semanais e subsidiada por recebimento de bolsa de estudos financiadas pela Secretaria do Estado da Saúde de São Paulo (SES-SP) e pelo Ministério da Saúde (Pró-Residência). Esse é, sem dúvida, o programa mais bem-sucedido de aperfeiçoamento e especialização em Medicina. Essa modalidade de ensino permite a ampliação e a melhora da qualidade do atendimento à população, ao mesmo tempo que proporciona ao médico em treinamento uma oportunidade ímpar de se exercitar sob supervisão.

Na Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB), as atividades da RM se iniciaram em 1969, com oito médicos-residentes nos programas de Cirurgia Geral, Clínica Médica, Pediatria e Dermatologia. Desde então, ao menos 4.359 médicos concluíram a RM, nos atuais 64 programas, em 41 especialidades e 23 áreas de atuação. Há atualmente 655 vagas credenciadas pela Comissão Nacional de Residência Médica do Ministério da Educação (CNRM-MEC), e formamos cerca de 200 médicos ao ano, nos diferentes programas da RM, que objetivam a formação de profissionais altamente qualificados.

Desde sua criação, a RM é priorizada entre as atividades de ensino e de assistência junto à FMB, sendo reconhecida, desde 2014, como modalidade de pós-graduação *lato sensu* pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Unesp, por meio da Comissão de Residência Médica da Unesp (Coreme-Unesp). No âmbito local, a RM é normatizada e supervisionada pelo Conselho de Residência Médica (Coreme/FMB), órgão assessor da Congregação da Faculdade de Medicina que, com regulamento próprio, planeja, coordena e supervisiona suas atividades.

As atividades práticas da RM são totalmente desenvolvidas em Unidades do Sistema Único de Saúde (SUS), no complexo do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu (HCFMB), no Centro de Saúde Escola (CSE), em Unidades da Estratégia de Saúde da Família e em Unidades Básicas de Saúde, além de em outros serviços de saúde no município ou no estado. Os preceptores, responsáveis pela supervisão das atividades práticas e pelo ensino teórico, são, em sua maioria, professores da FMB e médicos contratados pela Unesp, pela Secretaria do Estado da Saúde de São Paulo (SES-SP) e pela Fundação para o Desenvolvimento Médico e Hospitalar (Famesp). Desde 2015, um dos diferenciais da RM da FMB é a oportunidade de o médico-residente cursar o mestrado profissional em Medicina simultaneamente às atividades da residência. A pesquisa e a extensão universitária são, portanto, pilares dessa instituição também na RM.



O processo seletivo para o acesso à RM na FMB é um dos mais concorridos do país, consta de prova objetiva, prova prática e arguição de currículo. O número de inscrições cresce a cada ano, com candidatos provenientes de diferentes escolas e regiões do país e do exterior, o que nos enche de orgulho e reflete a qualidade do ensino oferecido, bem como a idoneidade e lisura da seleção pública.

O compromisso com a qualidade da formação profissional e a ética do médico-residente capaz de atuar no SUS é ponto central da instituição, que tem investido na formação permanente dos preceptores e na adequação e ampliação dos palcos de ensino, propiciando também a implantação do sistema de informações para o registro regular dessa atividade tão importante para os nossos professores e alunos.

A perspectiva futura é de crescimento do número de vagas, tanto pelo aumento do tempo de duração dos programas, de acordo com novas matrizes de competências estabelecidas pela CNRM-MEC, quanto por novas oportunidades de financiamento de bolsas, ampliando assim nossa capacidade de formação de profissionais capacitados a melhorar a qualidade da assistência, da organização de serviços e do acolhimento integral às pessoas em nosso país, bem como a lutar pelo fortalecimento do SUS como profissionais ou como gestores de saúde.

Nosso desafio é manter a qualidade da assistência, da formação ofertada aos alunos, a formação permanente em educação na saúde, bem como integrar a extensão a essa formação, voltando para a comunidade todo o nosso trabalho, a fim de exercer a missão da FMB e da Unesp, grande motivo de orgulho e o principal objetivo de todos que trabalham nas atividades relacionadas à residência médica na Faculdade de Medicina de Botucatu.



Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Silvia Cristina Mangini Bocchi⁶¹

⁶¹ Graduada em Enfermagem pela Universidade do Sagrado Coração (1985), possui mestrado em Enfermagem Fundamental (1994) e doutorado em Enfermagem, ambos obtidos na USP, além de pós-doutoramento na The University of British Columbia School of Nursing (Canadá, 2011). É professora associada e foi coordenadora do PPGEnf-Acadêmico da FMB, de 2013 a 2020.

A PROPOSTA DO Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Acadêmico (PPGENf-Acadêmico), Cursos de Mestrado e Doutorado, da Faculdade de Medicina de Botucatu/Unesp, partiu de grupo de professores permanentes do Mestrado Profissional em Enfermagem, em funcionamento desde 2006.

Em 01/03/2013, o PPGENf-Acadêmico iniciou suas atividades, após reconhecimento do MEC/Capes, por Portaria nº 11 de 04/01/2013, publicada no Diário Oficial da União de 08/01/2013.

Sua missão fundamenta-se na formação de pesquisadores e docentes críticos na área da Enfermagem e da Saúde, balizados na interdisciplinaridade e na inovação, em consonância com as prioridades delineadas pela Política Nacional de Ciência e Tecnologia, assim como pela Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde voltadas para o Sistema Único de Saúde (SUS). Essa formação se dá por competência para o exercício da docência e da pesquisa, de forma que os discentes e os futuros egressos sejam capazes de: produzir, comunicar e consumir conhecimentos inovadores e fundamentados nas boas práticas técnico-científicas; orientar projetos de pesquisa e buscar parceiros em rede e financiamentos, junto a órgãos fomentadores nacionais e internacionais.

O programa tem como objetivo geral formar pesquisadores com domínio do estado da arte, acerca de seu objeto de investigação, com capacidade de diálogo nos âmbitos nacional e internacional, argumentação na sustentação de ideias perante seus pares, para a inserção e a construção de parcerias ou redes de produção e divulgação de conhecimento.

Conta com área de concentração (AC) única “Cuidado em Saúde e Gestão de Sistemas”, com duas Linhas de Pesquisa (LP): 1) Processo de Cuidar em Saúde e Enfermagem; 2) Tecnologia, Inovação, Educação, Gestão e Gerenciamento em Enfermagem e Saúde. A essas LPs associam-se 76 projetos “guarda-chuvas”, sendo 84,2% a proporção de Docentes Permanentes (DP) com projetos financiados no quadriênio 2017-2020.

A estrutura curricular é disciplinar e está organizada em três eixos: 1) Fundamentação teórico-metodológica, assim como da bioética em pesquisa em saúde e enfermagem (8 disciplinas); 2) Formação didático-pedagógica (4 disciplinas); 3) Outras disciplinas para sustentação às LPs (9 disciplinas), distribuídas entre 25 DPs.

A partir de 05/08/2020, com a aprovação do novo Regulamento, o programa passou a titular mestres e doutores em Ciências, nas áreas da Ciências da Saúde, Enfermagem, Nutrição, Medicina, Odontologia, Farmácia, Saúde Coletiva, Educação Física, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Ciências Sociais Aplicadas ou Ciências Humanas, ou seja, a área passou a se dar de acordo com o objeto de pesquisa da dissertação/tese desenvolvida. Ademais, para integralizar ambos os

cursos, são necessários: 68 créditos na elaboração da dissertação ou tese; 18 créditos em disciplinas do programa, de outros programas da Unesp e de instituições brasileiras ou estrangeiras; 10 créditos em atividades complementares, previstas em instrução normativa do Conselho do Programa.

Concluiu-se que o PPGEnf-Acadêmico, no seu segundo quadriênio de avaliação (2017 a 2020), vem persistindo em trajetória sólida, alinhado à AC e às duas LPs. Todos os Docentes Permanentes (DPs) têm Projetos de Pesquisa (PP) com configuração “guarda-chuva”, reunindo seus subprojetos aderentes à AC e a uma LP do PPG. Sua estrutura física é de excelência, com estrutura curricular organizada por competências para a formação de pesquisadores, assim como para o exercício da docência. Apresenta-se com gestão subsidiada em Planejamento Estratégico (PE), desde 2013, retroalimentado periodicamente, por resultados de avaliações internas e externas, ao qual vem se submetendo.

Da análise desses processos por avaliador “ad hoc”, denotou PPG cumpridor de seus objetivos e, portanto, de sua missão, alcançando a maioria das ações previstas no seu PE. Alavancou quantitativa e qualitativamente sua produção intelectual e técnica, a obtenção de fomento para as suas pesquisas, assim como de docentes com bolsa produtividade e com supervisões de pós-doutorandos. Passou a privilegiar suas publicações em periódicos de circulação internacional, ou seja, indexados nas bases de dados SCOPUS e/ou Web of Science (WoS). Da análise da produção intelectual do PPG, de 2017 a 2020, observou-se ascensão quantitativa e qualitativa, prevalecendo artigos publicados em periódicos de circulação internacional. Esse fato foi presumido no relatório de 2013-2017, uma vez que publicações decorrentes, principalmente, de doutorandos egressos das primeira e segunda turmas, em fevereiro de 2017 e fevereiro de 2018, ocorreram no quadriênio. Contexto promissor para que 96% dos DPs elevassem seus h-index WoS e 84% o h-index SCOPUS, perfazendo 84% do corpo docente permanente, em 2020, com h-index SCOPUS ≥ 4 , quando comparado aos 68% em 2017.

Ademais há de se destacar a projeção local, nacional e agora com foco na internacionalização. O programa conta com professor visitante da MacMaster University – Canadá como coorientador e oferecendo disciplinas em inglês e no triênio 2021-2014 apresentará o seu primeiro PCI com rede de instituições de países de Língua Portuguesa, contudo já conta com alunos estrangeiros de países da América do Sul e da África. Por fim, há ainda a se destacar os resultados da avaliação de egressos, conduzida no final de dezembro de 2020 e início de janeiro de 2021, com cobertura de 99,1% (112) da totalidade dos egressos formados, desde seu início, pelo PPG (113). Na opinião deles, os cursos de Mestrado e Doutorado Acadêmico ofereceram conteúdo didático abrangente,

instrumentos à busca de literatura especializada e oportunidades de internacionalização. Reconhecem que o Trabalho de Conclusão de Curso defendido (dissertação/tese) gerou alguma produção bibliográfica e que o curso feito contribuiu positivamente na vida profissional e possibilitou mudanças no processo de trabalho, apontando vários alunos com inserções de destaque na área de Enfermagem e da Saúde de modo geral, atuando na assistência, na gestão e no ensino. A contento, concluiu-se que o PPGEnf-Acadêmico vem coadunando com sua missão, objetivos, estrutura curricular e, por fim, com a gestão estabelecida.



Aprender e ensinar são faces da mesma moeda:

**relato de uma médica
não docente na FMB**

Vanessa dos Santos Silva⁶²

⁶² Graduada em Medicina pela FMB (1999), com residência e especialização em Nefrologia (2003), e doutorado em Fisiopatologia em Clínica Médica pela mesma instituição, onde atualmente é médica contratada e professora substituta, além de coordenar a Comissão de Assuntos Estudantis (CAE) e o Programa de Mentoria da mesma instituição.

NÃO SERIA VERDADE se eu dissesse que meu sonho sempre foi estudar Medicina na Faculdade de Medicina de Botucatu, na Unesp. Terminado o colegial, confesso que não sabia ao certo o que queria fazer. Entre muitas possibilidades, acabei prestando Medicina, talvez por ser boa aluna e ouvir dos professores que seria uma boa opção, talvez por já ter ouvido do meu pai que ele queria ser médico, mas não teve condições, talvez por gostar muito das pessoas e gostar de conversar e de ouvir. E, dentro de tantos “talvez”, Botucatu não estava nas minhas prioridades, eu nem sabia onde ficava no mapa. Ao ver meu nome na lista de espera, vim com meu pai, quase forçada, conhecer a cidade alguns dias antes da matrícula e não gostei. Pouco verde, câmpus em reforma, estrada ruim. Decidida a não vir, fui novamente convencida pelo meu pai a declarar interesse pela vaga e aqui cheguei. Foi quando tudo mudou. Meus olhos transbordam só de lembrar da festa que havia no *hall* onde hoje fica a entrada para a superintendência do Hospital das Clínicas, os veteranos “batizando os bixos”, acolhimento pra lá de caloroso, bateria tocando, era claro o interesse de todos em nós, “bixos” de 1994. Naquele momento em que eu recebia um novo nome, conhecia uma nova cidade e tantas novas pessoas, senti uma certeza em meu coração: eu tinha chegado ao lugar do qual não sairia mais, ao lugar onde viveria minha vida. E assim tem sido, desde então.

Parece até “conversa pra boi dormir”, como diria minha avó, mas a sensação de pertencimento era real e foi crescendo. As festas, os novos amigos, a vida em república foram pontos fortes, mas admito que a falta de humanidades e do contato com gente, com pacientes e com o sistema de saúde nos primeiros anos da faculdade me fez pensar em desistir algumas vezes. Foi aí que anjos em forma de gente apareceram no meu caminho. Eu me envolvi com o centro acadêmico, convidada por veteranos que eu admirava, inicialmente nas atividades culturais, e depois me aprofundando nas reflexões sobre educação médica. Comecei a perceber que estudar Medicina poderia ser diferente, que não era apenas uma frustração minha, mas existia um movimento muito maior que eu, discutindo novas formas de formar médicos. Mas não posso deixar de trazer os exemplos incríveis do corpo docente, como o professor Roberto Sogayar, egresso da primeira turma da FMB, que, no ensino, na extensão ou na pesquisa de iniciação científica, por exemplo, me fez lembrar que nossa profissão faz sentido quando servimos com competência e amor a quem precisa de nós. Meu desejo de estar aqui e contribuir só crescia.

Hoje vejo que, naquele momento, talvez no terceiro ano da faculdade, renovei meu comprometimento com a FMB e com a Educação Médica e fui criando minhas raízes nessa instituição. Esse era mesmo o meu lugar, para a tristeza da minha mãe, que guardou por muito tempo a esperança de eu voltar para Ribeirão Preto. E, se era assim, eu faria o

que estivesse ao meu alcance para que fosse o melhor lugar para mim e para todos nós, alunos da FMB. Representante em reuniões de reforma curricular, Comissões, Movimento Estudantil, Direção Executiva Nacional de Estudantes de Medicina (Denem) e Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico (Cinaem), fui me envolvendo mais, aprendendo muito, conhecendo outras muitas pessoas incríveis e, quando acabei a graduação, não me via em outro lugar. Aprendi a ser médica aqui na FMB, a cuidar dos meus pacientes, a buscar a excelência na ciência, sem esquecer a importância crucial do interesse profundo em ajudar, em estar atenta à perspectiva e às necessidades do paciente.

Acabada a graduação, dúvidas: qual residência fazer e onde? Escolhi Nefrologia, em Botucatu. Nefrologia, inspirada por mestres que me ensinaram a ver muito além da doença, a olhar o ser humano incrível que cada um é, na sua história pessoal de superação e desafios, como a professora Dinah Borges de Almeida, o professor Vítor Soares, o professor Pasqual Barretti e outros médicos professores, na época, que passaram a ser ídolos e exemplos, como a professora e amiga Jacqueline Caramori, o professor Luis Cuadrado e o professor André Balbi, que guiavam nossas mãos, nossos corações e nossos pensamentos na aventura árdua de descobrir como ser nefrologista. Nessa fase, eu já tinha outro motivo para ir ou ficar. Conheci aqui meu marido, no início da graduação, e estar com ele era tão importante como estar na FMB, de maneira que alinhar essas duas prioridades não era fácil, mas muito importante. Durante a residência, tive meu primeiro filho e, no final desta, estava grávida da minha segunda filha. Botucatu me trouxe tanto! E estar em Botucatu e na FMB para mim também é isto: estar num lugar que possibilita valorizar a vida pessoal tanto quanto a profissional.

Decidir permanecer em Botucatu depois da residência foi resultado de uma complexa reflexão que incluía sentimentos e pensamentos como estes: “Esta é minha escola, que me trouxe tanto... e pela qual sou grata e tenho prazer em contribuir”; “nesta cidade quero criar meus filhos”; “ser nefrologista e educadora é meu caminho de vida”, “tenho tantas ideias que gostaria de ver concretizadas aqui, para as turmas que ainda chegarão”. Ao mesmo tempo, com o falecimento do professor Vítor Soares, chefe da Nefrologia Clínica, durante o meu segundo ano de residência, havia uma lacuna a ser preenchida. Ao terminar a residência, fui contratada como médica em contrato temporário, pela Famesp, até que uma vaga de médico da Unesp fosse liberada para concurso.

Já como médica, quase que num *continuum*, fui convidada pelas colegas da disciplina para assumir um grupo de internato. Hoje penso: que loucura dos meus chefes, deixarem um grupo de alunos de quinto ano nas minhas mãos tão inexperientes. Nunca estudei tanto, nunca me dediquei tanto... Tive dúvidas, procurei respostas em mim mesma,

nos livros, e pedi ajuda. Eu nunca me senti sozinha! E acho que essa confiança que depositaram em mim me fez querer crescer! Querer ser melhor! Me fez sentir a responsabilidade de estar aqui, nesta instituição que tanto admiro, e me sentir honrada por isso. Meus colegas de trabalho tinham sua experiência e, sem impor suas ideias, me deixavam livre para escolher a minha forma de ensinar e aprender. Sempre deixaram claro que estavam ali, caso eu precisasse, e muitas vezes precisei. Ser médica na FMB também é isto: ocupar os espaços onde podemos contribuir, com coragem e intencionalidade, mas sentindo que fazemos parte de algo maior que nós mesmos!

Na época em que estava, em meados dos anos 2000, muitos médicos eram contratados com a promessa ou a esperança de se tornarem docentes. Éramos estimulados a percorrer o caminho acadêmico de formação, incluindo pós-graduação *stricto sensu*, como um preparo para assumirmos as vagas de docentes que viriam com o futuro. Mesmo sendo médica e não docente e mesmo sendo recém-contratada, percebia que não havia empecilhos ou impedimentos para ampliar a minha atuação assistencial para a área acadêmica, no ensino e na pesquisa. Mas a instituição demoraria muito para reconhecer formalmente as atividades que realizei e que, muitos de nós, médicos contratados, realizamos junto aos alunos de graduação, residência médica, extensão universitária ou pesquisa. Imagino que esse fato possa ter contribuído para que muitos médicos optassem por se desligar da FMB, descontentes com a baixa remuneração frente ao mercado de trabalho e com o não reconhecimento ou valorização das atividades do nosso dia a dia. Eu me envolvi com a Associação de Médicos Contratados, e juntos buscamos caminhos para a maior valorização e melhor remuneração das atividades que fazíamos no Hospital das Clínicas e na FMB. Tivemos desentendimentos, conflitos. Eu percebi que, em cada serviço ou departamento, a postura dos docentes frente aos médicos era diferente. Sim, existia assimetria, hierarquia, assédio, e as dificuldades que outros colegas enfrentavam me entristecia pela falta de oportunidades e valorização. Naquela época nos unimos mais na luta por melhores condições de trabalho, dignidade e valorização e conseguimos avançar, na velocidade que era possível.

Confesso que as formalidades do reconhecimento oficial não eram tão importantes para mim. Na minha realidade, eu recebia estímulos para contribuir com a qualidade na assistência, para transformar nossa assistência em pesquisa de qualidade, para perseguir a qualidade no ensino da Medicina e da Nefrologia, e eu gostava muito do que fazia. Para além dos muros da FMB, era necessário mediar e construir junto aos serviços de saúde do município e região os fluxogramas que facilitassem o acesso dos pacientes e a qualidade do nosso trabalho. Isso tudo era muito importante para mim naquele momento. Era suficiente.

Em nível nacional, eram tempos de novas Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Medicina, resultado de um longo trabalho do qual me sentia parte. Na FMB, já vínhamos introduzindo, aos poucos e com muita resistência e luta, iniciativas que aproximavam nossos estudantes da Atenção Primária e da Prática Médica desde o primeiro ano de graduação, sob a liderança dos professores Antonio Cyrino e Eliana Goldfarb Cyrino, do Departamento de Saúde Pública. Pude ser tutora da disciplina Interação Universidade Serviço – Comunidade, o IUSC, desde a sua primeira versão, o que me deu a oportunidade de, mesmo sendo uma especialista em Nefrologia, atuar com alunos de terceiro ano na Atenção Primária como médica nas modalidades de Clínica Geral e Medicina de Família, realizando um sonho antigo de ex-aluna. E novamente vejo aqui umas das características da FMB que mais me encantam: a instituição reconhece médicos especialistas e médicos e demais profissionais de saúde atuantes na Atenção Primária em Unidades Básicas ou Saúde da Família como formadores, como participantes do processo de ensino aprendizagem do nosso corpo discente. Tive assim a oportunidade de ampliar o meu olhar sobre a saúde, de contribuir para um ensino conectado com a prática nos diferentes cenários do SUS e de conhecer as limitações da atuação dos diferentes profissionais em cada âmbito: nas Unidades de Saúde, nos ambulatórios especializados e no Hospital das Clínicas. Novamente a FMB me estimulou a crescer para além dos muros e me ensinou que, para podermos mais, precisamos estar conectados.

Em meados de 2010, a FMB entrou em um novo processo de reforma curricular, do qual nós, médicos, participamos ativamente. Vi muitas comissões terem os médicos contratados como protagonistas das discussões e proposições, atuando em colaboração com docentes das mais diferentes áreas. A FMB já carregava em si muita história, tradição e um “nome a zelar”, e foi necessário tempo, muitas mãos e muito estudo para construirmos coletivamente um novo currículo. Certamente construir junto significava um trabalho muito maior, mais moroso, cheio de idas e vindas, mas muito mais rico, mais realista, reconhecedor da complexidade que somos como pessoas, grupos e instituições.

No Hospital das Clínicas, vivíamos em 2010 o processo de autarquização, e a instituição deixou de ser financiada pela Unesp, passando a ser custeada pela Secretaria Estadual de Saúde e pelo SUS e compondo mais fortemente ainda a rede de serviços do SUS da nossa região. Contratos de médicos via autarquia ampliaram o corpo clínico do Hospital, e muitos colegas novos chegaram para o crescimento dos diferentes grupos, da instituição e fortalecimento do SUS na nossa região. Fomos crescendo, nos ajustando e crescendo mais um pouco, apesar dos enormes desafios de financiamento, salários muito diferentes do mercado de trabalho

local ou regional, tentando não perder de vista a qualidade dos serviços prestados a nossos pacientes e alunos. Fomos percebendo, com clareza cada vez maior, que a qualidade da assistência em saúde no nosso HC impactava diretamente a qualidade do ensino na FMB e vice-versa. E só poderíamos sobreviver com excelência se caminhássemos juntos: HC e FMB. Nessa união, nós, médicos contratados, tínhamos um papel importante na interface das duas instituições.

Hoje vivemos um momento de muitos desafios: em plena implantação de um novo currículo, fomos surpreendidos pela pandemia da covid-19, e os serviços de saúde foram tensionados ao limite. Foi necessário adequar atividades didáticas para um formato remoto e ajustar o nosso trabalho assistencial, antes tão segmentado em áreas, para assistir uma demanda de saúde que não tinha fronteiras, num serviço de referência em assistência a pacientes com covid-19, além de contribuir para a produção de conhecimento nessa nova área. Acredito que nós, médicos contratados da Unesp, da Famesp ou da autarquia, nos colocamos à disposição, oferecendo o que tínhamos de melhor. Estivemos na prática quando muitos estavam em trabalho *home office*, e assim pudemos contribuir com a qualidade na assistência, pesquisa e ensino em tempos difíceis. Tive medo, sim! Mas acima de tudo tive orgulho dos meus colegas, dos nossos gestores, dos nossos alunos, pela dedicação desmedida em passarmos pelos desafios sem “ninguém largar a mão de ninguém”. Tivemos perdas tristes demais, mas tentamos, a cada perda, encontrar caminhos mais adequados às necessidades da nossa comunidade e dos nossos pacientes. Se conseguimos caminhar na direção certa, saberemos no futuro próximo, mas tenho a certeza de que não deixamos de tentar, em momento algum.

Enfim, ser médica não docente na FMB me ensinou que aprender e ensinar são faces da mesma moeda, que os espaços de atuação são do tamanho da nossa vontade de ajudar e que o esforço em trabalhar em equipe, em rede pode ser desafiador, mas muito engrandecedor, tanto em nível pessoal quanto no profissional.



Inclusão e acessibilidade: de paciente a servidor

Paulo Fernando Jacintho Souza⁶³

⁶³ Graduado em História pela Faculdades Integradas de Botucatu (1997), possui especialização em Organização de Arquivos pela USP (1998) e também em Administração Pública e Gerência de Cidades. Atualmente é diretor da Divisão Técnica de Administração da FMB.

MINHA HISTÓRIA COM a Faculdade de Medicina de Botucatu começou em 1969.

Nasci em outubro de 1968, no Hospital Sorocabana, conhecido como o Hospital do Bairro. Acometido por uma infecção, fui internado no hospital da então Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB) no 1º trimestre de 1969. E lá fiquei internado por meses, entre a vida e a morte.

Superada essa fase, em casa, e na época que a criança começa a andar, minha mãe notou algo que chamou a atenção dela: eu não andava. E lá vamos nós, ela comigo nos braços, à FCMBB. Resumindo, o parto a fórceps resultou numa paralisia cerebral por hipóxia (falta de oxigenação no cérebro). Inicia-se uma etapa de anos de acompanhamento pela pediatria da Faculdade.

Demorei, mas andei. Com uma pequena diferença dos demais quanto à marcha, mas andando. Aqui peço licença aos pioneiros do Departamento de Pediatria, para mencionar o Dr. Antônio de Pádua Campana devido a uma situação que serviu de norte à minha vida. Quando ia adentrar ao então pré-primário, em uma consulta com o Dr. Campana, minha mãe externou a sua preocupação de machucar-me em alguma brincadeira com as outras crianças, como correr ou jogar bola, etc.

Então ele disse: “Mãe, deixe o Paulo se virar. Deixa ele brincar, jogar bola, andar de bicicleta. Ele vai cair, mas vai se levantar. Vai se machucar? Vai. Você, mãe, tem que dar liberdade ao seu filho. Senão ele nunca vai crescer. E você vai continuar sendo uma ótima mãe. Não se preocupe.”

É claro que eu não me recordo disso. Contudo, inúmeras vezes minha mãe repetia isso. Especialmente quando eu me “arrebentava”.

Cresci sendo acompanhado pelos médicos, médicas, professores, professoras e demais profissionais da FCMBB. Quando criança, era um evento ir à “faculdade”. Passávamos o dia pelos corredores, pelas salas, pelo gramado em torno do ponto de espera do ônibus. E foi numa espera de ônibus, em um final de tarde típico de Rubião Júnior, com poucas pessoas no ponto, já adolescente, olhei para a minha mãe e perguntei se tinha acontecido algo, pois ela estava apreensiva. Respondeu que na “chapa” (raio-x) da cabeça dela tinha aparecido uma mancha. Ela olhava em direção ao poente. Não disse mais nada. Na verdade, ela nunca mais falou sobre isso.

Anos depois, tal lembrança desse fato me veio bem nítida quando fui ao Departamento de Patologia saber que ela falecera por causa de um tumor no cérebro. E a vida seguiu seu curso. Em 2007, entrei na Unesp, na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), atuando na Seção Técnica de Materiais, que trata de licitações e contratos. Em 2011,

passsei a trabalhar na FMB, na Seção de Graduação. Mas minha área era a administração, e em 2012, fui atuar na Seção de Materiais.

Nunca tinha imaginado que um dia iria trabalhar nesta faculdade que tanto significa para mim. Foi e continua sendo um orgulho trabalhar nessa instituição, a despeito das dificuldades inerentes à área e ao setor público. E agora, como diretor da Divisão Técnica de Administração, sinto-me honrado em exercer essa função de grande responsabilidade, mesmo que temporariamente. Nesse quesito, a FMB se distingue mais uma vez, posto que sou a primeira pessoa com deficiência a exercer um cargo de relevância administrativa.

O pioneirismo, a vanguarda, o protagonismo fazem da FMB uma faculdade que a distingue na Unesp, no estado e no país. Sinto orgulho por fazer parte dessa história. Orgulho por ter a FMB como parte da minha história.



Nos bastidores do corpo docente: a visão de um servidor técnico-administrativo da FMB

Paulo Henrique dos Santos⁶⁴

⁶⁴ Servidor da Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (Staepe) da FMB. Técnico especializado em audiovisual, responsável pela Central de Aulas da unidade.

MEU NOME É Paulo Henrique dos Santos, conhecido por todos na FMB como “Paulinho”. Sou nascido e criado em Botucatu, e iniciei as minhas atividades na FMB desde muito cedo — estou aqui há quase 30 anos.

Para ser exato, comecei no dia 1º de junho de 1994. Prestei concurso na Famesp e comecei a trabalhar operando uma máquina fotocopadora (xerox) na Diretoria da Faculdade de Medicina. Em seguida, fui convidado para trabalhar como auxiliar de escritório na Diretoria Técnica Acadêmica. Assim seguiu minha carreira, em constante projeção, contínua até a presente data. Minha função hoje é gerenciar toda a logística que envolve o agendamento das salas de aulas para os professores, organizá-las, deixar a infraestrutura necessária para aulas ou eventos e resolver eventuais problemas técnicos que possam ocorrer.

Como atuo nos bastidores do corpo docente, tenho bastante contato com os alunos da graduação e da pós-graduação e com os professores. Além de oferecer todo o apoio operacional, a assessoria prestada compreende também orientar os muitos usuários da Central de Aulas da FMB, assim como os novos alunos que não sabem o local da sua aula ou evento.

Desde que comecei a trabalhar na Central de Aulas da FMB, em janeiro de 2010, sou o funcionário homenageado nas formaturas das turmas de Medicina e Enfermagem; isso é o reconhecimento do meu trabalho, realizado com muito carinho, dedicação e esforço. Não tem preço.

Nestes 29 anos de FMB, aprendi muito com as diversas pessoas com quem tive o prazer de conviver. Algumas estão presentes até hoje no meu ambiente de trabalho, outras cumpriram a sua missão no serviço e, merecidamente, já se aposentaram. Há ainda aquelas que não estão mais entre nós e partiram para outro plano, algumas das quais sinto muito falta.

O lado bom — e desafiador — de trabalhar com muitas pessoas é que todas possuem personalidades distintas. Hoje estou lotado na Staepe, que possui uma equipe bem flexível e compreensível que me ajuda nas diversas situações inusitadas do dia a dia.

Resumindo, a FMB tem um papel muito importante, fundamental, na minha vida. Comecei a trabalhar com 19 anos, ainda um “moleque”, e aqui aprendi e cresci com pessoas que moldaram a minha postura e o meu caráter. Tudo o que conquistei devo à FMB, e é por isso que tento, no meu dia a dia, retribuir com carinho e dedicação a oportunidade de trabalhar numa das maiores faculdades de Medicina do país. Sinto enorme orgulho de fazer parte desse time.

“Na construção de uma peça teatral, a presença de todos é imprescindível. Não existirá um cenário se não houver quem o construa. Por detrás dos bastidores estão os grandes responsáveis pela realização da peça”.

É exatamente assim, como nessa citação de autoria desconhecida, que me sinto. Por isso, literalmente, visto a camisa e sinto grande orgulho e gratidão por fazer parte da história da Faculdade de Medicina de Botucatu.



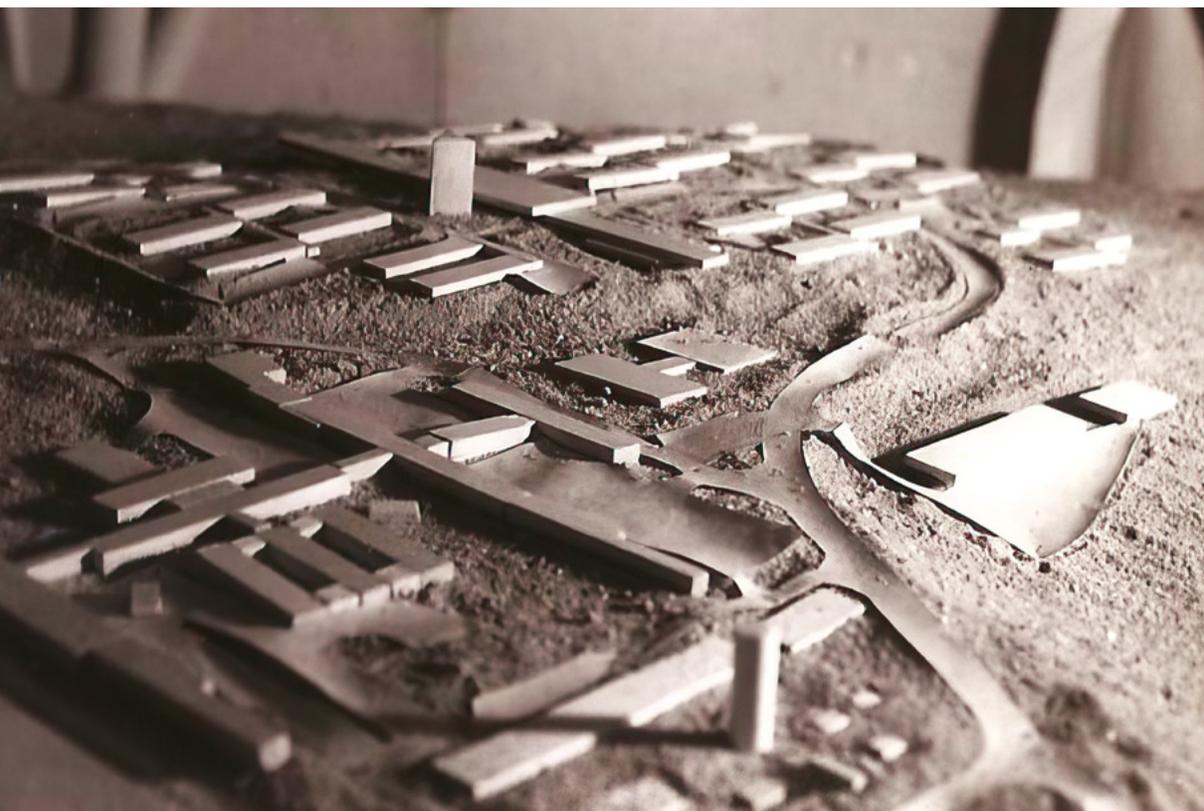
Jorge Caron e a FMB: **arquitetura modernista no** **câmpus de Botucatu**

Anna Carolina Arruda Nogueira César⁶⁵

⁶⁵ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela FAAC/Unesp, teve a análise da arquitetura moderna de Botucatu como um dos focos de sua iniciação científica. Atualmente trabalha como arquiteta na cidade de São Paulo.

AO LONGO DE minha vida acadêmica como estudante de Arquitetura na Unesp de Bauru, tive a oportunidade de conhecer a Faculdade de Medicina de Botucatu, antiga FCMBB, através de um projeto de Iniciação Científica financiado pela Fapesp. Hoje, arquiteta recém-formada, venho compartilhar um pouco do que foi esse processo extremamente engrandecedor desenvolvido em conjunto com o exímio professor Dr. Paulo Roberto Masseran e com minha querida amiga e colega de sala, Beatriz Camargo Obici, num processo que durou dois anos.

Intitulado “Modernismo paulista: a arquitetura moderna produzida no interior do estado de São Paulo e sua difusão”, o objetivo da pesquisa foi realizar uma investigação conjuntural da arquitetura modernista produzida no interior paulista no espaço temporal compreendido entre os anos de 1940 a 1970 e o redimensionamento historiográfico de sua importância atestada por sua difusão na imprensa especializada da época. Em outras palavras, nosso trabalho consistiu em uma possibilidade de verificar algo diferente da historiografia corrente sobre o movimento modernista no Brasil, que sempre parte do foco centrado nas capitais do sudeste brasileiro, principalmente Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, e entende as obras construídas nos territórios interiores como uma manifestação secundária e tributária das obras centrais, edificadas nas grandes cidades.





A partir do início da investigação, tendo como fontes as revistas de arquitetura, polos difusores das concepções arquitetônicas e objetivando a compreensão da produção realizada nas cidades do interior do estado de São Paulo, foi-se revelando um quadro que antepara a historiografia do modernismo das grandes cidades a uma vasta produção levada a cabo nas cidades médias e pequenas; tão interessante dos pontos de vista estético e construtivo quanto a arquitetura metropolitana e, talvez, mais numerosa em números totais.

O mapeamento da pesquisa sobre os projetos publicados revelou algumas regiões do estado de São Paulo, onde houve a maior profusão de obras de cunho modernizante. Dentre elas destacam-se as cidades que hoje compreendem a região metropolitana de São Paulo; o litoral paulista com Santos, São Vicente, Itanhaém, Praia Grande e Guarujá; o Vale do Paraíba; as regiões de Campinas, Sorocaba, Itu e Piracicaba; as regiões periféricas de Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e a macrorregião de Bauru expandida a Botucatu, Araraquara e Marília. Partindo dessas conclusões fornecidas pelo mapa, fomos investigar mais a fundo a produção arquitetônica moderna nos arquivos locais, onde eu fiquei responsável pela cidade de Botucatu, enquanto Beatriz ficou com Araraquara.

A Faculdade de Medicina de Botucatu aparece na Revista Acrópole nº 385, do ano de 1971, em uma matéria de doze páginas com detalhes sobre o Plano-Piloto de Jorge Caron para o novo câmpus da FCMBB, bem como com descrições sobre algumas das construções que o compõem, a exemplo dos edifícios modulares, da biblioteca e do auditório.

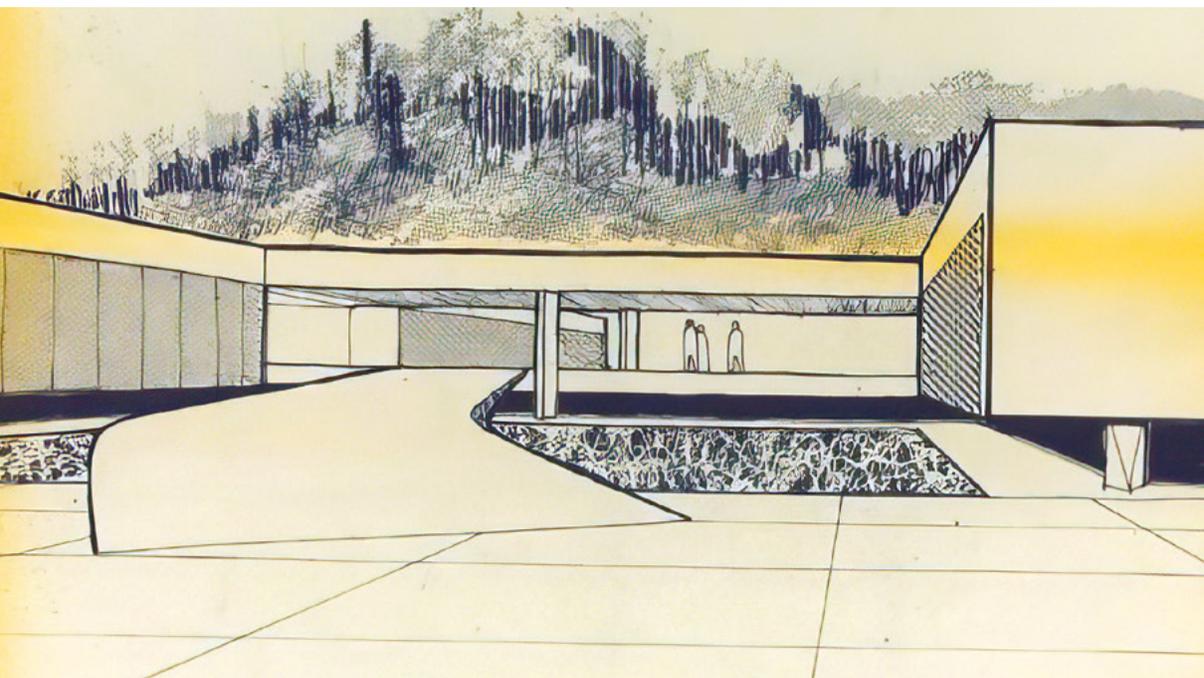
Em busca de mais informações sobre esse incrível projeto, como desenhos técnicos, documentos e materiais que pudessem ser de relevância para a pesquisa, transitei por vários lugares, desde o Arquivo Municipal de Botucatu até o Setor de Projetos e a Assessoria de Projetos e Orçamentos (Aplo) da Unesp de Bauru, sem sucesso, até finalmente entrar em contato com instituições e pessoas que foram as peças-chave do processo, aos quais gostaria de agradecer imensamente pelo auxílio:

À Martha Martins de Moraes, responsável pelo Centro de Memória da atual Faculdade de Medicina de Botucatu, que gentilmente forneceu vários materiais excelentes para compor meu relatório, além de me acompanhar ao Arquivo da Faculdade de Medicina de Botucatu, onde pude encontrar os desenhos técnicos de arquiteturas componentes do câmpus.

Ao Silvio Geraldo dos Santos, carinhosamente conhecido como Dindo, um dos engenheiros responsáveis pelo acompanhamento da obra para concretizar o Plano-Piloto de Jorge Caron e que apresentou inúmeras histórias sobre os detalhes da construção, além de me guiar por uma visita enriquecedora pelas construções do câmpus e me acompanhar ao Setor de Fotografias da Administração Geral da Unesp de Botucatu.

Aos responsáveis pela administração da Biblioteca do câmpus da Unesp de Botucatu, que respeitosamente me deram permissão para ver e fotografar os desenhos técnicos originais, ainda em papel vegetal, da Biblioteca e do Auditório, num momento que, para mim, foi de grande emoção e o ápice de minha pesquisa, do ponto de vista da raridade do material que estava em minha frente.

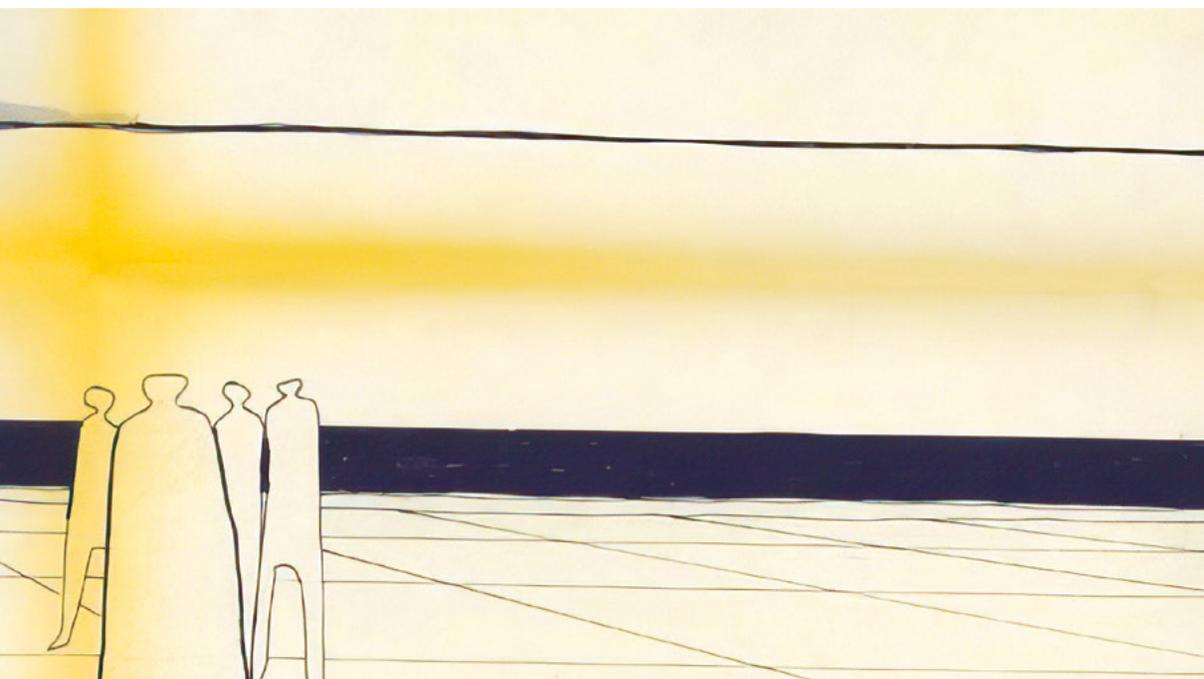
As propostas do Plano-Piloto de 1969 foram responsáveis por fornecer muito da feição que o câmpus da Unesp de Botucatu apresenta atualmente.



Modificações ocorreram ao longo do tempo, com a construção de novas edificações recentes com linguagem individual e destoante do conjunto inicial proposto. Mesmo assim, é possível identificar elementos do planejamento proposto em 1969, como as edificações modulares, o traçado viário e a proposta de integração das construções com áreas verdes e de convívio.

Ainda que nem tudo o que foi planejado para a FCMBB tenha sido fielmente executado, a riqueza dos projetos arquitetônicos de Jorge Caron para a instituição deriva justamente da racionalização, da modularidade e da opção por materiais pré-fabricados para os elementos construtivos, visando à rapidez na execução das edificações para atender às demandas urgentes por novas salas de aula e infraestruturas, sem perder, em nenhum momento, o compromisso com a extrema qualidade arquitetônica, funcional e estética. Além disso, o plano diretor desenvolvido para o câmpus foi urbanisticamente estruturado para atender da melhor forma possível às necessidades do ambiente acadêmico da época, ao mesmo tempo que oferece espaços de lazer, esporte e cultura.

Ao sair das revistas e ir a campo, nas cidades, nos arquivos locais e nas ruas, foi possível encontrar ainda maior número de obras que trazem os caracteres e a essência do modernismo brasileiro, algumas vezes acomodando-se às peculiaridades locais, e outras, tornando-se objetos de estímulo à transformação regional. A análise do projeto de Jorge Caron de 1969-1971 para a FCMBB, atual Faculdade de Medicina, Faculdade de Veterinária e Zootecnia e Instituto de Biologia da Unesp de Botucatu, demonstra um dos belos exemplos de uma consagrada produção arquitetônica modernista no interior do estado de São Paulo, durante o período analisado.





Uma experiência transformadora

50ª Turma de Medicina (2017)

Jessica Karen Yeh⁶⁶

⁶⁶ Graduada em Medicina pela FMB (2017), atualmente é diretora administrativa no Hospital YES.

QUANDO ME LEMBRO dos anos em que estive em Botucatu como aluna da 50ª turma do curso de Medicina da FMB, sentimentos de afeto, nostalgia e orgulho logo vêm à tona. A entrada na faculdade foi um marco para um mundo repleto de oportunidades e desafios, parte importante da minha formação não só acadêmica, mas principalmente pessoal.

A primeira vez que cheguei à cidade foi no dia da matrícula. Fiquei impressionada com a beleza do câmpus e a recepção dos veteranos bastante calorosa com a nova turma de *bixos* e *bixetes*, como são chamados os calouros. Conheci tanta gente e fui tão bem acolhida que já saí de lá “adotada”, isto é, abrigada em um lar antes de ter onde morar, prática comum do interior. Para os que ainda tinham dúvidas, havia inclusive um manual informativo feito pelos próprios estudantes, numa época em que as redes sociais ainda não haviam se popularizado.

Em pouco tempo, tive minhas impressões sobre a vida unespiana: morar em república (e visitar várias outras, cada qual com regras e estilos únicos), pegar carona com colegas, chamar uns aos outros por apelidos esdrúxulos, ir a festas de bata e chinelo, conhecer as canções e os hinos universitários, participar de esportes promovidos pela atlética e de eventos do Centro Acadêmico, além de conciliar aulas o dia todo com uma gama de atividades extracurriculares, entre ligas acadêmicas, iniciações científicas, comissões, congressos e outros cursos extras.

A cidade dos bons ares tinha um misto de vida pacata com agitação universitária e trazia tantas possibilidades que a vontade era de aproveitar ao máximo tudo o que esse ambiente tinha a oferecer. A proximidade dos locais era uma vantagem do interior, e talvez justamente por isso fosse tão tentador ir para as festas universitárias e desfrutar das lindas paisagens da região, do rústico, como o bairro Demétria e as cachoeiras, aos cartões postais que incluem a igreja de Rubião Júnior, o Lageado e a famosa vista para o Gigante Adormecido, mesmo com aulas e provas durante a semana.

Até meados do curso, havia um ideal criado sobre o que significava ser médica, uma visão mais teórica e técnica da Medicina que vinha de livros e palavras de mestres. Eu fazia anotações em sala, desde as aulas de genética às discussões de casos clínicos, exatamente como eram expostas, e passava pelo estresse das provas, como era comum a todos os colegas. Difícil mesmo era integrar as diferentes disciplinas dentro de determinado contexto, e cabia ao aluno essa árdua tarefa de ligar os pontos. Afinal, há nuances da Medicina não escritas nos livros que só o tempo e a prática nos ensinam.

A percepção sobre o curso mudava ano após ano, à medida que vivenciava diferentes estágios e atendia pacientes de diversos setores do hospital. Do ciclo básico ao internato, cada etapa foi uma provação, principalmente nos últimos anos, quando juntaram plantões e a

preocupação com a carreira médica. Para além da universidade, o senso crítico acerca da saúde no país e no exterior tomava forma; questões como o contraste entre os vários sistemas de saúde, a visão de mercado, o funcionamento da saúde na vida real e os dilemas sociais, a exemplo da lei de cotas e das discussões sobre o aborto, mostravam a complexidade da conjuntura em que os médicos estavam inseridos e contribuíram muito para formação da minha opinião crítica.

Particularmente, foi através da natação que me desenvolvi fora do meio acadêmico. Os treinos eram um compromisso diário que exigia esforço e disciplina para comparecer no horário e equilibrar com o restante da rotina, entre estudos, alimentação, sono e lazer. Nos dias mais cansativos, o que tornava a atividade mais leve eram os momentos de descontração, a união e os incentivos entre os integrantes da equipe, com os quais formei ótimas amizades e de quem guardo as melhores lembranças, dentro e fora da piscina.

Embora a competição fosse o foco, o verdadeiro ensinamento consistia na maneira de encarar as dificuldades, buscando a autossuperação e a resiliência diante das frustrações. Braçada a braçada, a repetição aparentemente monótona fazia parte da construção para se chegar até um propósito final. Tinha mais a ver com o processo do que com o resultado em si.

Do mesmo modo, a trajetória profissional dizia muito mais respeito a uma jornada de descoberta e introspecção, em busca daquilo que a Medicina de fato representava para mim. Certa vez, quando eu estava em dúvida sobre qual rumo seguir, me perguntaram: “Assim como o amor que fica depois que a paixão se esvai, o que ficou da Medicina?”

O entendimento veio depois de formada, quando comecei a trabalhar, e durante algumas visitas à cidade, ao notar mudanças no local. No início, tudo era muito familiar e o vínculo com as turmas era maior. Conforme o tempo passava, os rostos já não eram conhecidos, as principais avenidas estavam tomadas por novos empreendimentos, fachadas de lojas e restaurantes, e as festas tradicionais já não tinham o mesmo sentimento de outrora.

Botucatu não era mais a mesma, e eu também não. Era uma sensação estranha de não pertencer mais àquele lugar e, ao mesmo tempo, levar tanto da história da Unesp em mim. A faculdade é uma parte da identidade que carrego e que me permitiu trilhar caminhos nunca antes imagináveis. A memória que fica é de gratidão pelas experiências acumuladas, carinho pelas pessoas que me inspiraram e muita saudade de tudo o que foi vivido.



Trote e recepção de calouros em três atos

Maria Cristina Pereira Lima⁶⁷

⁶⁷ Graduada em Medicina pela FMB, onde também concluiu residência em Psiquiatria. Possui mestrado em Ciências Médicas pela Unicamp, doutorado em Medicina Preventiva pela USP e pós-doutorado pelo Centre for Addiction and Mental Health, na Toronto University (Canadá). Professora titular (2023) de Psiquiatria na FMB, foi vice-diretora (2015-2019) e atualmente é diretora da instituição (2019-2023).

Trote: *s. m. atitude, manifestação ou tentativa de ridicularização; troça, zombaria.*

Ainda que a definição de trote seja facilmente encontrada nos dicionários, poucas palavras conseguem ser tão polissêmicas e polêmicas quanto essa. Parte dessa condição pode ser atribuída ao fato de que as pessoas tendem a ter a si próprias como régua e compasso para olhar o mundo e, no que diz respeito ao trote, para analisá-lo fundamentalmente a partir de sua própria experiência. Como essas vivências são distintas, haverá uma infinidade de sentimentos e conceitos relacionados ao trote. Não fugirei a essa regra que acabei de enunciar.

Tive oportunidade de vivenciar diferentes lados da experiência. A primeira delas, como esperado, foi na condição de aluna. Cheguei a Botucatu em 1982. Primeira pessoa da família a entrar no curso de Medicina e uma das poucas que frequentou a universidade, se incluímos primos e agregados. Estava encantada com o meio acadêmico e embriagada com a liberdade adquirida ao sair da casa dos meus pais, ainda que as dificuldades financeiras representassem um tipo de freio. Para aproveitar tudo que o pacote oferecia, não perdia a oportunidade de acompanhar as aulas, as atividades programadas pelo Centro Acadêmico, as festas e as confraternizações que cabiam no meu orçamento. Sentia-me tão empoderada — termo inexistente na época, é bom deixar claro — que na primeira semana enganei um veterano. Ele me perguntou qual era o apelido que havia sido dado a mim no ato da matrícula, pois não se lembrava. Vi ali uma oportunidade de atribuir a mim mesma o apelido de casa e não tive dúvida em falar: “Kika”. Quando ele escreveu as quatro letras na minha testa com a caneta hidrocor, eu sabia que havia ganho aquela batalha. Tudo isso, na cabeça de uma adolescente de 19 anos, propiciava uma intensa sensação de poder e uma ideia de que nada de ruim poderia acontecer.

De fato, não posso dizer que tenha acontecido algo grave. Porém, em uma festa na casa de moças e rapazes que eram alunos de outro curso, aconteceu algo que me marcou profundamente. Eu estava na cozinha, ajudando a preparar a comida, posto que, na condição de caloura, era esperado que eu ajudasse, o que realmente não era um problema. O que eu não esperava é que um cachorro enorme e muito bravo entrasse na cozinha e viesse direto em minha direção, latindo muito e mostrando os dentes. Ele notou o meu pavor, talvez pelo meu olhar, talvez pelo pulo que dei ou ainda pelos meus apelos aos veteranos para segurá-lo. Foi então que os donos do animal resolveram provar que ele era bonzinho e, diagnosticada pelo grupo de estudantes, decidiram que iam me “curar” do que denominaram “fobia de animais”. Minhas mãos nunca ficaram tão frias e suadas e nunca foi tão claro que minhas recusas não seriam ouvidas. Consegui passar a mão na cabeça do cachorro, para me livrar

dos veteranos. No resto da noite, não comi nada, não bebi nada, não falei mais uma palavra com ninguém e nunca mais participei de festa alguma na qual não houvesse dois ou mais amigos próximos a mim e que pudessem me ajudar.

Como essa experiência inaugural foi péssima, nos anos seguintes como veterana não me envolvi em atividades que pudessem caracterizar trote. Em nossa república, convidávamos calouros para almoçar e interagíamos de diferentes modos, mas nosso grupo ficava mais distante das atividades sabidamente ligadas ao trote. Decorre daquela vivência minha primeira impressão sobre esse tema: ele pode ser visto como um ritual de iniciação para aqueles que se identificam com um determinado padrão de comportamento, mas exclui os demais, tratando-se, assim, de um ritual de exclusão.

Minha segunda experiência com essa prática foi bem mais tarde, em 2000, quando eu já era professora e o então diretor da Faculdade de Medicina, o professor Paulo Machado, me pediu para assumir a coordenação da recepção dos calouros. O argumento explicitado era uma decisão dos diretores do câmpus de estabelecer atividades de recepção separadas para cada unidade universitária e não mais juntar todos os calouros, como vinha sendo feito. Havia, no entanto, um outro elemento que certamente pesou na decisão dos diretores: no ano anterior, um aluno de uma outra faculdade estadual de Medicina havia morrido afogado na piscina da instituição durante as atividades de recepção. Aquele caso, chocante, talvez não tenha sido único. Na verdade, há pesquisas e relatos na literatura narrando eventos trágicos e levantando hipóteses sobre por que essas situações ocorrem. Marcada por esse evento, e ainda com a dose de empoderamento, crença e inocência da menina que chegou a Botucatu no passado, aceitei a tarefa. Estava certa de que criaria as condições adequadas para uma recepção focada no acolhimento e de que nunca mais teríamos problema com o trote.

Minha primeira medida foi ampliar o envolvimento dos veteranos na recepção dos calouros e assim imprimir aquela nova marca. A comissão, antes reduzida a apenas um representante dos alunos, passou a contar com vinte, trinta estudantes a ponto de necessitarmos remarcar as reuniões para locais maiores. A secretária da comissão tinha dificuldade de entender esse projeto “democrático demais”, com reuniões demoradas — dada a necessidade de todos se manifestarem —, mas aquele parecia ser o caminho mais adequado. Ledo engano: a prática do trote ainda estava fortemente enraizada na mentalidade de alunos e, suspeito, até de alguns professores. Fazíamos visitas aos alunos do segundo ano, ressaltávamos que eles eram debutantes no papel de veteranos e que tinham o poder de mudar o cenário sobre o qual tanto reclamaram no ano anterior, mas a história se repetia. Houve denúncias de trote,

sindicâncias, punições, e alteramos pouco aquele contexto. Estudei o tema, vi suas conexões com a cultura, cheguei a fazer pesquisas sobre trote, e, arrisco dizer, houve uma diminuição significativa dessa prática. Porém, se houve de fato, ela se deve mais a uma pressão social e a um aumento na percepção dos estudantes de que certas “brincadeiras” consistem em violências inaceitáveis do que a todo o nosso trabalho e empenho, ainda hoje, em coibi-lo.

Por fim, minha última experiência com o trote foi mais recente e na condição de diretora. Anualmente recebemos as turmas de egressos da faculdade nas comemorações em que celebram 50 anos de formados. É um encontro fabuloso e muito ruidoso. Os ex-alunos, do alto de seus mais de setenta anos, celebram a vida e o reencontro, rememoram seus feitos e aventuras do passado e invariavelmente mencionam o trote e tudo que fizeram em sua juventude. Naturalmente, após décadas decorridas, as experiências foram ressignificadas e são trazidas em meio a uma intensa nostalgia, que lhes turva o julgamento crítico em larga medida.

Os três relatos, que relembro neste texto, me trazem a certeza de que uma mesma experiência pode ser vivida de maneiras diversas, com cores e mobilizações muito distintas de afetos. Se o trote não ocorre mais no câmpus, pois estamos todos atentos e a prática é passível de punição, nosso controle sobre os espaços externos é praticamente nulo, e talvez ainda haja experiências reprováveis acontecendo nesses contextos. É possível que, um dia, consigamos aboli-lo de uma vez por todas, investindo na cultura da convivência solidária e na percepção de que só estamos em um contexto lúdico se todos que participam estiverem voluntariamente inseridos. Do mesmo modo, é necessário investir no diálogo e na percepção que temos do nosso interlocutor — seja ele calouro ou não — como sujeito legítimo de direito. Apenas assim lhe será dada a oportunidade de dizer “não” para aquilo que não lhe pareça adequado, e “sim” para tudo que a vivência universitária propicia. A partir desse momento, estaremos formando não apenas enfermeiros e médicos, mas cidadãos conscientes de sua responsabilidade social e provavelmente pessoas mais felizes.



Cotas universitárias: desenhos de novos destinos

Gabriela Alencar⁶⁸

⁶⁸ Graduada em Medicina pela FMB (2020), atualmente trabalha como médica generalista no Programa do Acompanhante do Idoso, em São Paulo.

HÁ COISAS QUE só quem viveu sabe. Só quem sentiu é capaz de descrever nos pormenores, e quem escuta nem sempre entende. Existem emoções que são enormes, robustas, gigantescas — emoções que ampliam nossas fronteiras, que nos fazem ficar maiores.

A alegria de uma mãe que nasceu e cresceu na favela ao ver a filha sendo aprovada em um vestibular de Medicina, vendo o esforço de uma vida abrir fronteiras para um futuro diferente, para que as gerações a partir daquela tenham um destino mais afável, menos endurecido e menos áspero, só essa mãe é capaz de dizer — caso ela consiga colocar em palavras toda a emoção que esse momento desperta.

As cotas universitárias permitem desenhos de novos destinos. Oferecem oportunidades a quem tanto a vida negou, a pessoas vindas de famílias marginalizadas, aos quais outrora, aos seus ancestrais, a letra foi negada, restando somente o trabalho árduo, braçal — não por isso menos digno, mas que, sendo a única possibilidade, tolhia a potencialidade intelectual, artística e cultural dessa gente.

O diploma de um aluno cotista é empunhado pelas mãos dele, mas também pelas mãos do avô, ásperas de tanto misturar cimento; pelas mãos da avó, maltratadas pelo sol tomado a contragosto enquanto carpia a terra; pelas mãos de uma mãe que atravessava a cidade para trabalhar e ficava até tarde fazendo serão, para que entrasse um dinheirinho a mais, com o qual ela ajudava o filho a pagar o aluguel; para que, durante a faculdade, ele não precisasse trabalhar, sustentando, assim, essa oportunidade que foi negada aos seus antecessores.

O aluno cotista na universidade é a conquista de uma família, bem como da comunidade na qual está inserido. A importância da educação adquirida por ele no ambiente universitário vai para além do conhecimento técnico; o aprendizado de qualidade fornece ferramentas para que o indivíduo crie um pensamento crítico e analítico da sociedade que o cerca, da qual ele faz parte. Foi isso que aconteceu comigo e com tantos outros alunos cotistas.

Na Universidade, me tornei adulta; em Botucatu, me tornei médica. Foi aqui que tive a oportunidade de assistir a pessoas incríveis se tornarem adultas e médicas comigo. Nesta terra, estudei pra caramba, tirei nota boa, tirei nota ruim. Aprendi a me virar, aprendi que não precisava me virar sozinha, porque tinha gente maravilhosa ao meu lado, disposta a me dar suporte no que fosse preciso: amigos-casa, amigos-irmãos, Botucatu-lar. Neste lugar, entendi que o que tem que ser tem força, que é impossível ficar inerte ao balanço da vida.

Na faculdade, aprendi a acolher a dor do outro, a escutar, vi o sofrimento humano na sua forma mais crua. Senti e presenciei as piores dores, mas também as maiores alegrias. Foi aqui que descobri o

poder terapêutico da fala, da escuta, do acolhimento. Pude ver de perto o trabalho de grandes mestres que me inspiraram a ser uma profissional e uma pessoa melhor também. Aqui eu vi que o comércio pode, sim, fechar às 18h, que é possível viver uma vida mais pacata, não ter tanta pressa, pois viver é, sobretudo, aprender a olhar devagar.

Escrevo este texto após chegar do trabalho, lugar em que lido com uma população vulnerável, carente de cuidado em todos os sentidos que essa palavra abarca; lugar em que posso devolver à comunidade os ensinamentos adquiridos numa instituição pública, mantida pelos impostos pagos por esses mesmos cidadãos. Atendo mulheres batalhadoras como a minha mãe, idosos com enredos repletos de muita luta, que carregam nos rostos marcas que contam verdadeiras histórias, assim como meus avós.

Citando a fala de um professor na primeira aula que tive no curso de Medicina:

“Não existe ninguém mais apto para atender uma comunidade do que um membro da própria comunidade, pois ele está inserido naquele contexto e tem um olhar mais apurado para as demandas daquele povo — vem daí a importância das cotas universitárias”.

Meus votos para os próximos anos da história da FMB são que ela se torne cada vez mais plural, que vista as vestes e tenha o rosto e a voz do povo. Desejo que ela faça parte de um sistema de saúde cada vez mais apto a oferecer ao povo o cuidado e a acolhida que estes de fato merecem, que mais cotistas possam ter a oportunidade de frequentar esse ambiente tão enriquecedor e que os bons ares de Botucatu os levem aonde tiverem que ir.





Coletivos na FMB

Beatriz Menezes Silva⁶⁹

⁶⁹ Atual aluna do curso de Medicina na FMB, integrou o Centro Acadêmico Pirajá da Silva, os Coletivos AFRONTa e Artemísia, a Área de Vivências, o Cursinho Desafio, dentre outros projetos. Além disso, foi representante discente na Congregação da FMB.

A HISTÓRIA DOS coletivos de combate à opressão do câmpus de Botucatu é relativamente jovem quando pensamos nos anos de criação desses espaços, mas surge após décadas de lutas e ações do Movimento Estudantil (ME) na universidade.

Formado por um corpo discente que sempre se posicionou diante das inúmeras questões de desmonte do ensino superior público que influenciavam — e, infelizmente, até hoje influenciam — não só a qualidade de ensino ofertada a eles, mas também a estrutura dos câmpus e as questões de permanência estudantil, até chegar ao serviço prestado pelos aparelhos de saúde da cidade, não demorou para que eventualmente houvesse a necessidade de criar espaços específicos para tratar das violências estruturais sofridas dentro e fora do ambiente acadêmico.

Após décadas de entraves e movimentações por melhorias em diversos âmbitos do mundo universitário, nossos coletivos foram formados no contexto posterior às greves de 2014, nas quais as melhorias no ensino, permanência estudantil, salários, entre outras questões, foram pautas durante 120 dias. Lidando com questões específicas e diversas relativas ao espaço acadêmico, como trotes violentos, cotas étnico-raciais e opressões derivadas da hierarquia, bem como reproduções da estrutura social dentro do ambiente universitário, os coletivos tiveram como propósito de sua formação e organização ser um espaço de acolhida, partilha e discussão de opressões que reverberam de forma ampla na vida de indivíduos tão diferentes.

Ao longo dos anos, diversos alunos de todas as áreas do câmpus, bem como algumas pessoas da cidade, encontraram nesses espaços um ambiente seguro para tratar de assuntos extremamente delicados. Falando de feminismo (Coletivo Genis), racismo (Coletivo AFRONTa), LGBTQIA+fobia (Coletivo Interações), bi e lesbofobia (Coletivo Artemísia), pessoas que tiveram suas vivências marcadas pela exclusão e pela marginalização encontraram nos coletivos da nossa universidade o ambiente propício para se sentirem incluídas e acolhidas entre os seus. Formou-se, então, uma espécie de refúgio dentro de um meio elitizado que reproduz inúmeras violências estruturais impostas por nossa sociedade.

Além disso, os coletivos são um espaço de discussão e luta contra essas mesmas opressões sofridas dentro e fora da universidade. A partir de encontros, intervenções artísticas e eventos como a “Escada Feminista”, do câmpus de Rubião, o “Sarau da Falsa Abolição”, as “Semanas da Diversidade”, os debates acerca de gênero, sexualidade, raça e classe são trazidos para um ambiente que, historicamente, não apenas ignora essas questões, mas reproduz as violências que as envolvem.

Ocupando espaços nos diversos órgãos colegiados das três faculdades do nosso câmpus, esses alunos também se dispõem a discutir questões importantíssimas junto ao corpo docente e às diretorias da nossa

instituição. Essa discussão e contato constantes, ao lado da luta por meio de greve e paralisações, possibilitaram a construção da Recepção Unificada, evento em que, desde 2014, os novos integrantes dos 14 cursos disponibilizados em Botucatu são recebidos de forma conjunta e participam de discussões e atividades que visam informá-los e inseri-los no espaço acadêmico e em suas inúmeras dinâmicas de poder.

Sendo a Medicina, e o ambiente vivenciado em suas escolas, ainda tão permeada e influenciada pelas estruturas ditadas na sociedade, esses espaços de discussão, proporcionados e organizados por essas instituições discentes, se tornam essenciais para a permanência e a noção de pertencimento de todos os seus estudantes.





Extensão universitária: diálogos com a sociedade

Jacqueline Teixeira Caramori⁷⁰

⁷⁰ Graduada em Medicina pela Universidade Federal do Pará (1986), com residência em Clínica Médica e Nefrologia (1990) e doutorado em Fisiopatologia em Clínica Médica e Nefrologia (1999), ambos pela FMB. Professora titular em Clínica Médica, presidente da Comissão Permanente de Extensão Universitária e vice-diretora da FMB (2019-2023).

NO ATUAL PARADIGMA do Ensino Superior, a extensão adquire um papel inclusivo e transformador; com bases na Política Nacional de Extensão Universitária e após anos de discussões no Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior, afirmou-se o compromisso das universidades como instrumentos de emancipação social, justiça, solidariedade e democracia. Mas foi a partir de dezembro de 2018, com a Resolução CNE/CES nº 7, que se tornou obrigatória a curricularização da extensão em todos os cursos de graduação.

Assim, discorrer sobre a extensão universitária em 2023, quando a curricularização das ações extensionistas integra o histórico escolar dos estudantes da FMB, é um ato de grande responsabilidade. Acompanhado da expectativa positiva sobre um maior reconhecimento desse pilar, considero que a extensão fortalece a missão orgânica da universidade. Nessa data, inicia-se uma etapa transformadora para o processo acadêmico dos currículos de Medicina e Enfermagem, que inclui, respectivamente, um novo eixo no seu currículo, Extensão em Saúde, e apresenta dois Projetos Articulados de Extensão Universitária (Paex): *Educação Interprofissional, Saúde e Sociedade* e *Educação em Saúde: articulando saberes para transformação social*. Com essas propostas, a FMB repensa os paradigmas da inovação pedagógica, assim como aprimora a qualificação do professor para efetivar a relação da universidade com a sociedade.

PIONEIRISMO EXTENSIONISTA

A extensão da FMB/Unesp teve sua identidade construída muito antes das resoluções da universidade sobre o tema. A instituição foi pioneira na experiência de ensino e prática de Medicina integral no modelo extramuros das escolas médicas, ao oferecer, para uma comunidade de 600 pessoas residentes na Fazenda Experimental da Unesp, a Unidade Sanitária do Lageado (1969), estrutura voltada para o ensino e movida pelo trabalho de alunos do 6º ano do curso de Medicina e de médicos-residentes de Saúde Pública, Pediatria, Clínica Médica e Moléstias Infeciosas.

A unidade rural do Lageado funcionou até 1973, quando foi desativada em função da instalação, pelo Departamento de Saúde Pública, do Centro de Saúde Escola (CSE). Unidade Sanitária Polivalente com localização urbana, o CSE teve a sua criação justificada pelo ensino, além de ser resultado da preocupação com a saúde da população que não recebia os direitos garantidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

O CSE, parte integrante da universidade, permaneceu interligado ao município; pactuou-se que tanto o ensino quanto o cuidado com a saúde da população não sofreriam descontinuidade. A integração presente nessa proposta de trabalho incluiu outros equipamentos de saúde do município, com o olhar para um plano global de saúde.

Entre 1970 e 1980, ao levar internos e residentes para atuarem no Centro de Saúde e Ambulatórios do Funrural nos municípios de Anhembi, Itatinga e Pardinho, o Departamento de Saúde Pública mais uma vez

apresentou uma iniciativa de ensino inovadora e dialógica, assim como quando realizou, com a participação de alunos de graduação, o primeiro inquérito domiciliar sobre as condições de saúde na cidade de Botucatu.

2020: MARCOS PRELIMINARES DA DÉCADA

Cinquenta anos após sua criação, o CSE consolidou-se como um espaço para ensino de excelência em Botucatu. Durante a pandemia de covid-19, quando os pilares do Sistema Único de Saúde foram testados, um fluxo de pacientes jamais observado sobrecarregou os serviços de saúde, pondo à prova a universalidade do acesso da população e exigindo maior capacitação das equipes de saúde. Ao reconstruir uma série de medidas de suporte, disponibilizando atenção especial ao diagnóstico, executando o plano nacional de imunização e enfrentando impensáveis desafios da vacinação em massa no Brasil, o CSE promoveu a integralidade.

Foram três anos de luta. Vimos o país ter quatro ministros da saúde durante a pandemia; mesmo respaldado pelas orientações da OMS, um ministro foi afastado pelo governo por ser defensor das medidas de isolamento social; outro, por não instituir o *tratamento precoce* contra a covid-19. Além disso, vimos um ministro-general subserviente ao presidente (“um manda, outro obedece”) sendo omissos à crise sanitária e retardando a negociação das vacinas contra a covid-19, até finalizarmos com um ministro antissaúde, que atribuiu um inconsistente número de mortes às vacinas, desestimulou a vacinação de adolescentes e protelou a imunização das crianças.

E foi na contramão do negacionismo que participamos do maior estudo de efetividade vacinal, que mostrou o protagonismo da Unesp com a Universidade de Oxford, Fundação Bill e Melinda Gates, vacinando a população adulta que ainda não havia sido contemplada pelo plano nacional. Esse marco histórico mobilizou nossa sociedade e fez a universidade pública recrutar servidores, discentes e colaboradores para exemplificar a indissociabilidade entre pesquisa, extensão e ensino.

ATUALIDADES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Entender a extensão tem sido promover o trabalho coletivo da universidade para trocar conhecimentos em consonância com necessidades da sociedade. Para isso, propusemos mudanças e adaptações ao ensino e à pesquisa, oferecendo soluções a problemas iminentes.

Pela primeira vez na história da Unesp, as unidades apresentam seu Plano Local de Extensão Universitária, considerando a Curricularização da Extensão e outras ações da universidade.

O plano mostra as ações desenvolvidas nas modalidades de programas, projetos, cursos, eventos e prestação de serviços, preferencialmente voltadas para atender às questões prioritárias da sociedade para o desenvolvimento da cidadania plena. Seguindo as orientações da Pró-reitoria de Extensão Universitária e Cultura (Proec), as unidades da Unesp, a partir de 2021,

deflagraram a criação de Programas e de Redes Temáticas de Extensão Universitária. Para atender esse contexto, a FMB apresenta, em primeira instância, dois programas: o primeiro, a Integralidade do Cuidado, no qual a ação transversal da Interação Universidade Serviço Comunitário, juntamente com outras iniciativas que abordam concepções de demandas da sociedade em diversos níveis, são estabelecidos mecanismos que relacionem o saber acadêmico ao saber popular; e segundo, o programa “Agenda 2030: Ações da FMB/Unesp para desenvolvimento sustentável, saúde e educação”, que visa fortalecer a articulação de ações extensionistas dos cursos de graduação, com a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A Agenda 2030 é um plano de ação para as pessoas, o planeta e a prosperidade; um compromisso pedagógico, social e político que busca fortalecer a saúde, educação e a paz universal. Considera-se fundamental que cursos da saúde apresentem estratégias para engajar educadores, pesquisadores, gestores, estudantes e parcerias, visando oferecer oportunidades de compreensão dos 17 ODS e suas metas.

Outra proposição da FMB como extensão, desde 2021, é a Rede Temática “Sustentabilidade Solidária: do Ensino Superior para Sociedade”, com a participação da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia/Unesp, do Instituto de Biociências de Botucatu/Unesp e do Instituto de Ciências e Engenharia do câmpus da Unesp em Itapeva, onde consta uma articulação de ações e projetos acadêmicos sociais com práticas educativas para melhoria das condições de vida e a implantação de preceitos da Saúde Única para populações vulneráveis. A rede visa à inserção de educadores e discentes de todos os níveis em atividades de extensionistas, ao auxílio às comunidades em situação de risco, com ações que convergem em prol da saúde e educação das crianças, jovens e adolescentes, bem como o empoderamento de famílias.

O processo de trabalho da rede consiste em relacionar ações de mapeamento nutricional; levantamento de doenças comuns entre humanos e animais; organização de uma horta comunitária; oficinas com tinta de terra, estamparia de tecidos, de bambu e outros materiais renováveis; eventos culturais; arrecadações diversas (livros, materiais de higiene e alimentos); implantação de ações para geração de renda e capacitação para comunidade. Esses objetivos tangenciam a “Redução das desigualdades”, a “Erradicação da pobreza”, a “Fome zero e agricultura sustentável”, a “Educação de qualidade” e a “Saúde de qualidade e bem-estar”, dentre outros ODS. A contrapartida para o ensino superior, além de todo o aprendizado, será formar profissionais com maior entendimento sobre o processo de colaboração, organização e comprometimento, acrescido de respeito e compaixão. O equilíbrio e a capacidade de sobrevivência são pré-requisitos fundamentais para a sociedade e norteiam a rede para atuar e atingir seus objetivos.

Não menos importante, entre as ações extensionistas, destaco os projetos mobilizados por estudantes, as Ligas Acadêmicas. Recentemente,

as Ligas foram reconhecidas pela Proec por promoverem atividades que se integram a outros setores da sociedade e por divulgarem saberes científicos e técnicos por meio de cursos, palestras, oficinas, exposições e canais de comunicação online, com destaque para materiais informativos produzidos por estudantes durante a covid-19, e divulgados em redes sociais e sites. Essas ações educativas foram fontes de informação e de interação com a sociedade, contribuindo para a difusão científica e cultural, e servindo inclusive como suporte emocional durante o isolamento social.

CUIDANDO DA DIVERSIDADE RACIAL

Desde fevereiro de 2022, a FMB passou a fazer parte do Núcleo Negro de Pesquisa e Extensão (Nupe), da Unesp. O Nupe tem como objetivo discutir um contexto necessário que fortaleça a diversidade racial e apoie as ações afirmativas, assegurando as cotas raciais. Sua estrutura conta com projetos de acolhimento, rodas de conversa e organização de debates; preocupa-se com a memória e com a valorização de pessoas negras que colaboraram na construção da instituição, além de contribuir para incluir pesquisas acadêmicas sobre temas raciais, desigualdades e saúde da população negra. Atua com vistas a qualificar o debate público sobre questões raciais e fortalecer a agenda de Direitos Humanos. Busca parcerias externas que ampliem o diálogo com a sociedade civil, formadores de opinião e público interessado no combate ao racismo, entre outras temáticas raciais, estando sempre atento aos seus desdobramentos.

CENTRO DE MEMÓRIA: HISTÓRIA E EXTENSÃO

Desde 2007, a memória da instituição vem sendo organizada através do Centro de Memória da FMB, em um grande e qualificado acervo histórico com número expressivo de documentos, narrativas e imagens que configuram um considerável volume de conhecimento de diversas naturezas, como histórico, pedagógico, cultural, antropológico e etnográfico. Além do seu acervo, o Centro possui uma sala de exposições que abriga mostras permanentes e temporárias. É um espaço dinâmico que permite a incorporação de novos materiais para ampliar e apoiar ações educativas de letramento científico, caracterizando-o como outra forma de extensão ao promover a interação da história da FMB com a sociedade.

VALORIZAÇÃO DO ESPORTE, DA CULTURA E DA ARTE

A FMB sedia a coordenação geral do Núcleo de Movimento, Inclusão e Saúde (Numis), um espaço de referência no qual discentes, docentes e servidores podem realizar atividades esportivas visando à promoção da qualidade de vida. As ações ocorrem com mobilizadores voluntários que atuam como facilitadores, incluindo discentes da Atlético, por meio de ações que apoiam a diminuição do sedentarismo e da obesidade, a exemplo do circuito de corridas, das aulas de dança e outras atividades.

Ações contínuas, eventos abertos e abordagem salutogênica são iniciativas para garantir diversidade nas oportunidades de convivência entre estudantes, funcionários, professores e sociedade. O Comitê de Arte e Cultura da FMB organiza e promove a interface entre diversos grupos como Coral Canto e Encanto, Clube do Piano, Clube do Violão, Aulas de Violão Básico, Sala Sertaneja, em parceria com outras unidades e a Biblioteca Central do câmpus de Rubião Júnior.

Para finalizar, admiro as oportunidades artísticas que adentraram a FMB durante o início desta década: internamente, colorimos as paredes com a doação das obras do médico egresso e artista plástico Hélio Vannucchi, que trouxe para as dependências da faculdade e para o nosso ambiente de trabalho beleza, vida e arte.

Externamente, outras inspirações foram trazidas por artistas locais com intervenções nas paredes e colunas, imbuídas de significados e vida. Esse espaço foi promovido como forma de apresentar quem está fora da universidade para quem está dentro dela e de fazer todos se ouvirem pela arte, em um diálogo com poucas palavras. Para compor o canteiro de plantas aromáticas e ervas medicinais, o artista plástico Gilberto Tenório Junior criou com tintas de terra o mural denominado “Energia das Plantas e Equilíbrio” (2020) e, para dar expressão e resgate à ancestralidade, pintou, no prédio da administração, o mural de seis metros denominado “Peabiru” (2021). Destaca-se também, por fim, a intervenção à diversidade feita por cinco artistas nas colunas da Central de Aulas, em 2021.

A partir de tudo isso, deixo a seguinte pergunta: “O que é a vida senão fazer-se eterno nas memórias e dar às pessoas a oportunidade de fazer uma releitura daquilo que pensamos e vivemos?”.





Minha segunda casa

30ª Turma de Enfermagem (2021)

Beatriz Pontes⁷¹

⁷¹ Graduada em Enfermagem pela FMB (2022), encontra-se atualmente no segundo ano da Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e Idoso pela mesma instituição.

TODO O PROCESSO se iniciou com a realização de um grande sonho: ser aprovada para cursar Enfermagem na Unesp de Botucatu. Eu tinha 18 anos e ingressei na 30ª turma. O primeiro ano foi intenso, cheio de emoções e descobertas, pessoas novas entrando na minha vida, conversas e assuntos diferentes dos habituais. As matérias iniciais foram ficando mais interessantes e complexas, me levando a viver um mundo de sensações e experiências cada vez mais incríveis.

A cada ano do curso, fui descobrindo as dezenas de oportunidades que a faculdade poderia me oferecer, como a participação em projetos acadêmicos, projetos de extensão, ligas acadêmicas, iniciações científicas, trabalhos voluntários, participação em comissões locais, estágios extracurriculares, campanhas de vacinação, e eu busquei aproveitar intensamente tudo o que pude, sempre tomando o cuidado de não ultrapassar os meus limites e levando em consideração que nenhuma atividade extra deveria prejudicar meu desempenho acadêmico, já que sempre queria participar de tudo.

Os estágios eram como portas que se abriam para mais e mais oportunidades. A indecisão sobre qual área seguir depois da conclusão do curso era rotineira e foi aumentando a cada campo de estágio. O primeiro contato com pacientes e com a comunidade foi uma experiência bem marcante e sempre irei me lembrar de como foi gratificante poder cuidar do outro e conhecer uma realidade diferente.

A parte de que mais gosto do cuidado é entender que ele não tem a ver com querer ensinar ou transmitir conhecimento da mesma maneira para todos; cada pessoa tem particularidades, crenças e princípios, e isso é fundamental na hora do cuidado. O respeito é essencial, e sentir que o paciente confia em você não tem preço. Compartilhar o momento do cuidado é muito importante, já que o paciente deve ter autonomia sobre seu processo.

Ter vivenciado o surgimento de uma pandemia durante a graduação foi um choque de realidade que ninguém esperava. O ensino remoto precisou ser instaurado e, com ele, muitas dúvidas, dificuldades e mudanças aconteceram. A rotina passou a ser totalmente diferente dos dois anos que já haviam se passado. Antes, eu acordava e me arrumava para pegar o ônibus, mas, com todas as mudanças, levantava para ir direto ligar o notebook e assistir às aulas remotamente.

Foi decidido, então, que os estágios voltariam, e com isso o medo e a insegurança aumentaram, já que ainda não havia vacina. 31 de agosto de 2020, dia do meu aniversário, é um dia para ser lembrado, já que eu comemorava mais um ano de vida e, ao mesmo tempo, enfrentaria uma grande barreira: voltar ao hospital em meio a uma pandemia causada por um vírus. Mas, por sorte, a FMB sempre nos proporcionou muito cuidado e segurança, mostrando-se sempre muito preocupada

e disponível para nos auxiliar com nossas angústias e necessidades. Disponibilizaram os testes “pool de saliva” para identificar a presença do vírus nos alunos. Além disso, constantemente deram importância para o que nós achávamos sobre o que estava acontecendo e estavam atentos para identificar se estávamos com alguma dificuldade.

Os professores sempre estiveram prontos para lidar com as mais diversas situações, tanto no contexto da pandemia, quanto na vida habitual. Eles foram fundamentais para o meu desenvolvimento e processo de deixar de ser aluna da graduação para me tornar uma profissional da saúde. Além de auxiliar no processo educacional, muitos foram fundamentais em questões mais pessoais, já que passavam a segurança de poder compartilhar algum problema/situação particular que ia além da universidade.

Hoje, com o título de enfermeira, agradeço a todos os envolvidos nesse processo da minha formação. Não consigo expressar em palavras a minha felicidade e emoção ao falar sobre esses anos. Foram quatro anos de dedicação intensa almejando um objetivo principal: ser enfermeira e poder cuidar do outro com sabedoria. Assim, posso dizer que hoje estou aqui, compartilhando essa grande conquista. A melhor palavra para descrever o que sinto é gratidão!



O HC e as instituições: um hospital que busca apoio

José Carlos Souza Trindade Filho⁷²

⁷² Graduado em Medicina na FMB (1988), é professor doutor do Departamento de Especialidades Cirúrgicas da FMB. Foi chefe de gabinete do HCFMB de 2017 a 2022 e desde fevereiro de 2023 é superintendente do HCFMB.

O HOSPITAL DAS Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu (HCFMB) tornou-se uma autarquia em 2010 sob gestão da Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo. Se antes era uma unidade “auxiliar” da FMB, agora mantém uma relação de parceria e apoio mútuo, na qual a faculdade disponibiliza seu quadro de pessoal e propicia, junto com a Unesp, um suporte político-administrativo. Nesse cenário, muitos professores continuam a atuar como coordenadores de áreas e serviços do HC, contribuindo muito para a assistência, com apoio dos médicos, enfermeiros, entre outros profissionais.

Esse apoio estende-se ao Conselho Deliberativo, composto por sete membros, sendo cinco representantes da FMB (o diretor da instituição como presidente, e quatro docentes como membros eleitos). Essa atuação estende-se à superintendência, ocupada pelo professor Emílio Carlos Curcelli, pelo professor André Luis Balbi e, atualmente, por mim, José Carlos Souza Trindade Filho.

Outro parceiro fundamental para o HC é a Famesp, fundação de apoio às ações da saúde, que contribui com o maior quadro de pessoal dentre as três instituições. Também tem ação efetiva na captação de recursos por meio de convênios públicos e privados e de doações. Sua atuação direta na atenção à saúde da nossa região, por meio da gestão de outros hospitais e de ambulatórios de especialidade, permite maior integração nos níveis de atenção secundária e terciária. Essa cooperação na gestão se torna evidente quando, no seu Conselho Administrativo, tem assento o superintendente do HC, entre outros representantes da FMB. Isso facilita que os membros do Conselho compreendam a importância e as necessidades do hospital e agiliza as tomadas de decisões.

Entre os principais projetos atuais e para o futuro, as três instituições trabalham em conjunto para a criação da Escola de Educação em Saúde e para a efetivação e adequação de duas unidades assistenciais: o Hospital Estadual de Botucatu (HEBo) e o Serviço de Atenção e Referência em Álcool e Drogas (Sarad). É importante destacar que o hospital secundário (HEBo), antigo sonho da comunidade acadêmica como palco de aprendizado e treinamento, tornou-se realidade após a criação da autarquia, ocasião na qual ocorreu maior aproximação do HC com as instâncias decisórias regionais de saúde.

O hospital, com sua capacidade para atendimento em alta complexidade da DRS 6/RRAS IX — Diretoria Regional de Saúde (DRS VI) Bauru / Redes Regionais de Atenção à Saúde IX, área que abrange aproximadamente dois milhões de habitantes, tem buscado apoio e parcerias com as prefeituras do nosso entorno. Essas parcerias ficam bem evidentes com a Prefeitura do Município de Botucatu, na gestão compartilhada dos prontos-socorros adulto e pediátrico, com melhor aproveitamento dos recursos disponíveis,

maior integração da rede de saúde de urgência e emergência, o que contribui para maior qualidade no atendimento.

Com o intuito de melhorar e profissionalizar a captação de recursos, criou-se o Núcleo de Relações Externas, que, atualmente, compreende a Gerência de Assessoramento Institucional com as Gerências de Relações Institucionais, de Planejamento e Acompanhamento de Gestão e de Comunicação, Imprensa e Marketing, que organizam e ampliam a captação de recursos para a manutenção das “casas de apoio” e para o custeio e o investimento em equipamentos no HC. Muitos desses investimentos vêm, entre outros, de apoio parlamentar, empresarial, de instituições bancárias e de organizações civis que se unem ao HC para diminuir as carências e as necessidades da nossa população.

Essa atuação direta e ativa sobre os parlamentares paulistas (federal e estadual) trouxe, nos últimos dois anos, aproximadamente doze milhões de reais para aplicação em investimentos, obras e custeio. Várias empresas da iniciativa privada têm contribuído de forma significativa com valores e produtos, das quais destacamos o Instituto Vicky e José Safra, BTG Pactual, McDonalds, Embraer, Caio, JBS, Rotary Clube, entre outras. Essas parcerias demonstram, de maneira inequívoca, a confiança na capacidade do HC em promover a saúde para a nossa população e muito contribuem para que o HC administre as “casas de apoio”. Essas casas acomodam de maneira digna pacientes de cidades distantes em tratamentos ambulatoriais recorrentes e familiares de pacientes internados.

Esses apoios e parcerias pactuadas desde os primórdios da nossa Faculdade de Medicina proporcionam e possibilitam a transformação do nosso hospital em um dos principais equipamentos de saúde terciário e quaternário do nosso estado e do Brasil.



HCFMB: **hoje e amanhã**

André Luis Balbi⁷³

⁷³ Graduado em Medicina pela FMB, possui doutorado pelo Departamento de Clínica Médica e livre-docência em Nefrologia pela mesma instituição, onde atua como professor associado no Departamento de Clínica Médica e docente permanente do Programa de Pós-graduação na mesma área. Foi diretor clínico (2009-2011) e diretor de assistência à saúde (2011-2015) da instituição, assim como chefe de gabinete (2015-2016) e superintendente do HCFMB (2017-2023).

SEMPRE OUVI DIZER que o Hospital das Clínicas de Botucatu (HC) nasceu da Faculdade de Medicina (FMB), embora cronologicamente isso não seja possível. Depois de conhecê-los há mais de 30 anos — primeiro como aluno, depois como docente e, há pouco mais de cinco anos, como superintendente do HC —, sei que ambos nasceram, cresceram e devem trabalhar juntos, pois, para formar bons médicos, é necessário ter o extenso campo de prática que somente um grande hospital pode fornecer.

Vejo o HC de forma bastante particular. Esse hospital passa a fazer parte da vida de quem passou por ele, vive com quem ficou por aqui e é continuamente lembrado por quem se afasta dele. Temos um hospital muito rico em histórias do passado, desde aquelas contadas pelos nossos brilhantes pioneiros até as que ouvimos hoje, dos nossos pacientes vindos de todos os lugares deste país. O HC sempre foi e sempre será palco de inúmeras histórias inacreditáveis e belas, com diversos exemplos de dedicação das vidas inteiras de muitos que ajudaram a construir esse hospital.

Podemos fazer uma divisão da história do HC em quatro momentos distintos, cada um com suas particularidades. O primeiro ocorreu quando o HC ainda era um pequeno hospital voltado para o ensino e pesquisa. Naquele momento, a assistência decorria de um ensino artesanal, próximo dos alunos e dos pacientes que atendiam. Com a falta progressiva de recursos, a chegada da Famesp e o início de alguns convênios, além do SUS, formou-se a energia necessária para que ele se transformasse em uma autarquia do estado, em um movimento político que envolveu toda uma engenharia de intenções e acordos, nem todos cumpridos pelas duas partes envolvidas, Reitoria e Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo (SES).

O segundo momento, representado pelos anos iniciais da autarquização, trouxe uma grande mudança de rumo do hospital em direção à sua modernização. Novos equipamentos chegaram e novas áreas construídas foram expandidas, levando a uma assistência com mais recursos, associada a um ensino e a uma pesquisa de maior robustez. A autarquização transformou o HC em um grande hospital público assistencial, tendo o ensino como consequência e invertendo o seu modelo inicial. Nesse momento, também chegaram os problemas financeiros mais acentuados, com redução maciça da participação da SES na contratação de recursos humanos, que aos poucos foram substituídos pela Famesp. Essa situação provocou um desequilíbrio financeiro do HC junto à Fundação de Apoio que ainda precisa ser resolvido nos próximos anos.

O terceiro momento se inicia com os bons resultados decorrentes da autarquização. É nítida a melhora assistencial e o engajamento dos servidores e da população que o utiliza, o que nos anima quanto ao futuro. Não vou citar aqui os inúmeros avanços assistenciais e estruturais ocorridos nos últimos anos, pois certamente me esqueceria de muitos deles, porém ainda precisamos aprender mais sobre a burocracia estadual para não atrasar nosso desenvolvimento.

Por fim, o quarto momento que o HC viveu foi recente, e um dos piores, senão o pior que já ocorreu, provocado pela pandemia de covid-19, que nos surpreendeu pela sua letalidade e longa duração. Foram dois anos buscando resultados imediatos para a manutenção da vida. Sobrevivemos com cicatrizes profundas e sequelas emocionais, mas estamos vivos e, passada a tempestade, seguimos dispostos a reconstruir o que foi perdido, incluindo os elos de amizade e solidariedade que nos unia antes dela.

Como toda instituição sólida, principalmente aquelas que tratam da saúde, o HC precisa ser blindado de interferências políticas em sua condução. O HC precisa manter-se no caminho traçado por quem vive e trabalha nele. Precisamos ser capazes de transformá-lo em um hospital cada vez mais humanizado, eficiente e capaz de atender a todos, de modo justo e sem privilégios de nenhuma espécie.

Que o crescimento absurdo de atendimento que vemos no HC torne-se uma arma fundamental para que possamos corrigir os erros do passado e levar o hospital à sustentabilidade financeira de que ele precisa para fazer uma assistência cada vez melhor, associada a um ensino inovador e a uma pesquisa de ponta, sempre em conjunto com a FMB.

Acredito ser esse o futuro do HC.





Ciência, pandemia e universidade

Carlos Magno Castelo Branco Fortaleza⁷⁴

⁷⁴ Graduado em Medicina pela Universidade Federal do Ceará (1994), com mestrado em Patologia pela FMB (1999) e doutorado em Clínica Médica pela Unicamp (2005). É livre-docente em Moléstias Infecciosas (2013) e professor associado da FMB, onde também coordena o Programa de Pós-graduação em Doenças Tropicais.

EMBORA AS PRIMEIRAS universidades (Bolonha, Paris e Oxford) tenham sido fundadas entre os anos 1150 e 1170, uma prestigiosa faculdade de Medicina já existia em Salerno no século IX de nossa era. Também havia famosos centros formadores de médicos na Arábia e na Pérsia, onde Ibn Sina (mais conhecido no Ocidente como Avicena) escreveu seu famoso *Cânone de Medicina*, que se manteve como o mais influente livro sobre saúde por quase quinhentos anos. Quando, em 1347, a Peste Negra invadiu a Europa, o rei Filipe VI da França encomendou a 49 membros da Universidade de Paris a investigação de suas causas, bem como a prevenção e o tratamento delas. Ainda que seus conceitos fossem fortemente baseados em Aristóteles e Avicena, e a peste tenha sido atribuída a uma conjunção de Marte e Júpiter e a gases oriundos de terremotos, algumas recomendações de higiene e alimentação para a população não seriam condenadas pelos médicos modernos^{75,76}.

Acima de tudo, o Acordo de Paris foi pioneiro na atuação da universidade em uma pandemia. Essa missão teve continuidade nas emergências de cólera, gripe espanhola, aids e ebola⁷⁷. Foi também o obstetra e futuro professor da Universidade de Budapeste, Ignaz Semmelweis, que demonstrou, com um método epidemiológico robusto, que a higiene das mãos dos médicos evitava a morte das parturientes⁷⁸.

Com tais antecedentes históricos, as universidades — e as faculdades de Medicina em particular — não poderiam permanecer indiferentes quando a covid-19 nos tomou de assalto. Elas realizaram as principais pesquisas para determinar o comportamento clínico e epidemiológico do novo coronavírus, além de estudos com medicamentos e estratégias de suporte de vida para pacientes. A Unesp, cujos câmpus estão distribuídos em 24 municípios do estado de São Paulo, era um espaço óbvio para estudos de mitigação da pandemia nas áreas mais afastadas das metrópoles. E a Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB), um palco necessário à assistência e à investigação de possíveis terapias.

A covid-19 encontrou o país em estado de desconstrução, com atentados federais à ecologia e aos avanços sociais. Cortes de verbas para pesquisa e desqualificação da universidade pública e do Sistema Único de Saúde (SUS) faziam parte do discurso diário dos governantes. Paradoxalmente, esses foram os dois pilares que evitaram uma catástrofe ainda maior.

⁷⁵ Campbell, A. M. *Black death and men of learning*. New York: Columbia University Press, 1931.

⁷⁶ Benedictow, O. J. *The Black Death 1346-1353: the complete history*. London: Boydell Press, 2012.

⁷⁷ Porter, R. *The greatest benefit to mankind*. London: Fontana Press, 2017.

⁷⁸ Carter, K. C.; Carter, B. R. *Childbed Fever: a scientific biography of Ignaz Semmelweis*. London: Routledge, 2017.

Quando os primeiros casos da covid-19 foram diagnosticados no Brasil, a FMB já direcionava recursos para testes moleculares, e seu Hospital das Clínicas (HCFMB) conduzia treinamentos e deliberava estratégias para combater a doença. Os programas de pós-graduação abriam editais especiais para pesquisas na área, e pudemos interferir positivamente nas políticas públicas do estado de São Paulo.

Não foi e não tem sido fácil. Enfrentamos o negacionismo de grande parte da classe médica do país, a propagação de tratamentos jamais comprovados cientificamente e uma tentativa de transformar a ciência em um embate de ideologias⁷⁹. Muitos de nós — enfermeiros, médicos clínicos e infectologistas, plantonistas de prontos-socorros e unidades de terapia intensiva — perdemos noites ao lado de pessoas que mal podiam respirar, torcendo para que não faltassem oxigênio ou ventiladores mecânicos. Vimos uma professora da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA/Unesp) permanecer até a madrugada no laboratório de Biologia Molecular, para que diagnósticos não atrasassem e os cuidados médicos apropriados fossem assegurados.

É importante lembrar que, durante um ano inteiro, não havia nem sequer vacina contra a covid-19. Muitos dos nossos adoeceram, outros perderam a vida no combate à pandemia. A metáfora bélica — mesmo que excessivamente repetida — se aplica perfeitamente. Uma pandemia é mais silenciosa, mas não menos grave que um bombardeio. Soma-se, aliás, uma desvantagem, pois é impossível alguém negar as bombas e mísseis. O coronavírus, denominado SARS-Cov-2, por outro lado, é invisível. Esse aspecto dá espaço a várias formas de manipulação da verdade, especialmente com o alcance das redes sociais. Não fomos somente ignorados, mas muitas vezes ferozmente atacados em nossa missão e honra.

No momento em que escrevo este texto, fevereiro de 2022, enfrentamos a terceira onda da covid-19. A FMB já deixou sua marca em dezenas de estudos clínicos, epidemiológicos, moleculares e de gestão da pandemia. Foi o berço do estudo de efetividade da vacina Fiocruz/AstraZeneca, que conferiu ao município de Botucatu a maior cobertura vacinal em todo o país, e uma das maiores do mundo. Muitas vidas foram salvas graças à ação coordenada de docentes, pesquisadores, médicos-residentes, pós-graduandos e vários profissionais da saúde que participaram, de uma ou outra forma, da linha de frente. Porém, ainda há vidas em risco, e a comemoração da vitória precisa ser adiada.

⁷⁹ Fortaleza, C. M. C. B. Emergency science: epistemological insights on the response to COVID-19 pandemics. *Infect Control Hospital Epidemiology*, v. 42, p. 120-121, 2021.



Algumas lições permanecem. A pesquisa provou-se não uma atividade estéril e delincente, como nos acusaram alguns, mas uma ação a serviço da vida. O SUS evitou calamidades como aquela vista em Guayaquil, onde cadáveres se acumulavam nas ruas, ou mesmo nos países europeus, no início de 2020, quando médicos escolhiam quem receberia suporte ventilatório e quem agonizaria sem maiores cuidados. O Programa Nacional de Imunização (PNI), respeitável em seus cinquenta anos de ações efetivas, forneceu a logística para que a vacinação no país avançasse⁸⁰.

De um ponto de vista local, nosso HCFMB prestou assistência a toda a região em torno de Botucatu, fazendo com que tivéssemos uma das menores letalidades observadas no estado. Contribuímos para a comprovação da ineficácia das “pílulas milagrosas”, mas também testamos terapias promissoras. Mantivemos em todos os momentos um diálogo — propositivo, mas crítico — com as autoridades. Formamos enfermeiros e médicos que foram de imediato envolvidos no confronto com a pandemia.

Honramos o Acordo de Paris e o compromisso da universidade com a sociedade que a cerca e com a vida em todos os seus aspectos. Estamos exaustos, mas otimistas de que em breve nossa guerra terminará. Longa vida aos que portaram a chama da ciência e da racionalidade. A todos aqueles — anônimos ou não — que enfrentaram as grandes batalhas, está reservado um lugar privilegiado na História.

⁸⁰ Peres K. C. et al. Vaccines in Brazil: historical analysis of the Sanitary registration and vaccine availability in the Brazilian Unified Health System. *Ciência Saúde Coletiva*, v. 26, p. 5.509-5.522, 2021.



Enfermeiro do século XXI: o profissional que vislumbramos formar para o futuro

Rúbia de Aguiar Alencar⁸¹

Vera Lúcia Pamplona Tonete⁸²

⁸¹ Graduada em Enfermagem pela FMB (2002), com especializações em Saúde da Família pela mesma instituição (2005), Sexualidade Humana pela USP (2009) e Ativação de Processos de Mudança na Formação Superior (Fundação Oswaldo Cruz, 2020). É mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (2007) e doutora em Ciências pela Escola de Enfermagem da USP (2012). Atualmente é coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem da FMB.

⁸² Possui graduação em Enfermagem pela USP (1985), mestrado em Enfermagem em Saúde Pública (1995) e doutorado em Enfermagem (2000) pela mesma instituição, além de livre-docência em Enfermagem Pediátrica pela FMB (2020). Atualmente é professora associada do Departamento de Enfermagem, docente do Curso de Graduação em Enfermagem, docente permanente e orientadora junto ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da FMB. É pesquisadora do grupo de pesquisa Samuca.

DESDE SEU INÍCIO, a profissão de enfermagem, enquanto ciência e prática social, tem passado por diversas transformações, influenciadas por questões históricas, sociais, econômicas, políticas, culturais, sanitárias, de desenvolvimento científico e tecnológico em cada contexto e área de competência profissional. Esse fato também é observado em relação à configuração estrutural e pedagógica do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade de Medicina de Botucatu (CGE-FMB) e, conseqüentemente, do perfil do profissional por ele formado.

A criação do CGE-FMB, no final dos anos 1980, veio ao encontro da necessidade sentida por docentes da FMB e de enfermeiros do Hospital das Clínicas – FMB de contar com um centro formador de enfermeiros em sua região adscrita, dando cobertura a um distrito geoe educacional amplo, onde até então não existia curso de graduação em Enfermagem ligado à universidade pública.

Assim, o CGE-FMB implementou suas atividades visando formar enfermeiros para atuar de maneira qualificada em diferentes cenários da prática profissional, privilegiando a atuação em serviços públicos de saúde que, na época, vinham se organizando para a implementação dos princípios e diretrizes, constitucionalmente previstas, do Sistema Único de Saúde (SUS). Em uma perspectiva interna à profissão, desde seu início, a formação dos enfermeiros pelo CGE-FMB seguiu permeada por referenciais legais, teóricas e metodológicas da Enfermagem, propostas por entidades e autores internacionais e nacionais, com vistas a formar profissionais científica e tecnicamente competentes para atuar em serviços em todos os níveis de atenção à saúde do SUS, incluindo os serviços de Saúde Suplementar.

O perfil do egresso do CGE-FMB, inicialmente estabelecido pelo Projeto Pedagógico de Curso (PPC), bem como seus objetivos e estrutura curricular, tiveram sua primeira revisão em um processo coletivo de reestruturação curricular, iniciado em 2000 e finalizado em 2003, tendo envolvido toda a comunidade acadêmica: gestores, profissionais técnico-administrativos, docentes e estudantes, além de gestores e profissionais da saúde e da enfermagem advindos de diferentes serviços de saúde que serviam como cenários de aulas práticas e estágios curriculares para os estudantes do CGE-FMB. Destaca-se que esse processo foi impulsionado pela publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Enfermagem de 7 de novembro de 2001 e foi embasado nos resultados de avaliações internas e externas referentes ao CGE-FMB, nas políticas de saúde e de educação correlatas à prática profissional do enfermeiro, ao perfil epidemiológico e ao contexto socioeconômico do país que estavam vigentes à época, como consequência dos processos de redemocratização política, de incorporação dos princípios humanos e de cidadania, e de consolidação do SUS.

Desse modo, no início dos anos 2000, o perfil do egresso do CGE-FMB foi definido como: cidadão crítico, consciente de seu papel profissional na

sociedade, competente para o exercício das atribuições regulamentadas em lei e comprometido a atuar nos diferentes campos de trabalho embasado numa formação generalista, para assistir o indivíduo, a família e a comunidade, atuando em cenários diversificados da prática profissional e nos diferentes níveis de atenção à saúde, com visão ética, política e crítica da realidade nacional, regional e local de saúde, associada ao conhecimento técnico-científico. Estabeleceu-se, também, que o enfermeiro formado pelo CGE-FMB deveria: integrar a equipe de saúde, comprometendo-se com o trabalho interdisciplinar competente, com visão integral do ser humano; planejar e implementar programas de formação e qualificação contínua dos trabalhadores da enfermagem e da saúde de forma geral; planejar e implementar programas de educação e promoção à saúde, considerando especialidades dos diferentes grupos sociais e dos distintos processos de vida, trabalho e adoecimento; adotar os princípios de universalização, equidade e integralidade da assistência à saúde e os referenciais bioéticos de autonomia, beneficência e não maleficência e justiça em todo o exercício profissional, promovendo a humanização da assistência; coordenar a equipe de enfermagem, responsabilizando-se pelo planejamento sistemático de sua assistência; assumir funções assistenciais e gerenciais, bem como de ensino e de investigação científica, aplicando conhecimentos na qualificação da prática profissional; interferir na dinâmica do trabalho institucional, reconhecendo-se como agente desse processo, e participar de entidades representativas da categoria e dos movimentos sociais na área da saúde, como perspectivas às transformações necessárias para uma sociedade saudável.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, a formação realizada pelo CGE-FMB orientou-se por tal perfil esperado de egresso. Contudo, fez-se necessária uma criteriosa reflexão sobre o papel do profissional de saúde, frente às periódicas avaliações internas e externas realizadas ao longo desses anos sobre a estrutura do CGE-FMB e de seu impacto social e na vida profissional de seus egressos e, especialmente considerando as profundas transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e sanitárias, bem como as de desenvolvimento científico e tecnológico inerentes a essa época, marcadamente caracterizada por profundas e rápidas modificações nos modos de vida e de cuidar da saúde. Isso desencadeou, a partir de 2014, um novo processo coletivo de revisão do PPC do CGE-FMB vigente, com previsão de conclusão em 2022, para ser colocado em prática em 2023.

Nesse sentido, incorporando as premissas das propostas oficiais das Novas Diretrizes Curriculares do Curso de Enfermagem até então aprovadas, esse processo de reestruturação curricular vem sendo dialogicamente construído e objetiva produzir mudanças curriculares com vistas a formar um enfermeiro que seja capaz de desenvolver práticas profissionais pertinentes e transformadoras da realidade, que participe ativamente do

processo formativo e que facilite o processo de desenvolvimento dos profissionais que compõem a equipe de enfermagem.

Para tal, acordou-se que a nova proposta de organização curricular do CGE-FMB, anteriormente estruturada por disciplinas isoladas, passará a ser de forma interdisciplinar com caráter integrado, de acordo com a formação de competência por área profissional, subdividida em quatro áreas: Cuidado Individual em Saúde, Cuidado Coletivo em Saúde, Gestão e Gerenciamento, e Educação e Pesquisa. Os propósitos educacionais foram reorganizados segundo graus crescentes de complexidade do cuidado em saúde e enfermagem, com aglutinação de áreas necessárias para o desenvolvimento do perfil esperado do profissional egresso, proporcionando o crescimento gradativo do nível de competência a ser alcançado.

Frente a isso, o perfil do enfermeiro a ser formado na FMB caracteriza-se por ser o de um profissional generalista e humanista, com visão crítica e reflexiva sobre a realidade do território de saúde, realizando o processo de trabalho fundamentado em evidências técnico-científicas e em princípios éticos, políticos e legais vigentes relacionados às áreas da enfermagem e da saúde. É fundamental que o enfermeiro compreenda o cuidar, o educar, o gerenciar e o pesquisar para transformação da sociedade, com participação político-social e autonomia para a atuação interprofissional, a prática colaborativa e o autodesenvolvimento.

Assim, acredita-se que a formação do enfermeiro pelo CGE-FMB estará em consonância com as necessidades sociais e de saúde locais, regionais, nacionais e, em certa medida, internacionais e com as demandas apresentadas nas áreas de enfermagem e da saúde desta primeira metade do século XXI, admitindo a possibilidade de adequações coerentes ao surgimento de outras necessidades e demandas que dinamicamente se fizerem presentes no transcorrer da História.

Em outras palavras, espera-se que o CGE-FMB, como segmento da universidade pública, continue a cumprir com excelência e responsabilidade seu papel de formar enfermeiros que, ao lado de outros profissionais da área da enfermagem e da saúde, atendam às necessidades e demandas de saúde dos indivíduos, das famílias e das comunidades, valorizando e fortalecendo o SUS, no sentido de contribuir para:

[...] Construir um humanismo do século XXI que não dissocie o sentido e o saber; que saiba que a criatividade sempre surge onde não é esperada, da união de disciplinas a de pontos de vista diversos; que reconheça que nossos sistemas são sistemas sociotécnicos que associam fatos humanos e dispositivos técnicos, e devem ser abordados enquanto tais; que não separe o corpo da mente; que reconheça e respeite a unidade dos homens mais do que a coleção de seus órgãos, as unidades culturais mais do que a coleção de seus componentes.

Pierre Calame



A expansão na Assistência do HCFMB e a covid-19

Erika Ortolan⁸³

⁸³ Graduada em Medicina pela FMB, onde também fez residência médica em Cirurgia Geral e Cirurgia Pediátrica, mestrado (2001) e doutorado (2006) em Bases Gerais da Cirurgia, e livre-docência em Cirurgia Pediátrica (2013), área na qual é professora titular (2022) e chefe de serviço. Também é docente permanente dos Cursos de Pós-graduação em Bases Gerais da Cirurgia e de Enfermagem Profissional nesta mesma instituição.

O HCFMB É um gigante que nunca dorme, por onde passam cerca de 14 mil pessoas por dia. E aí está o grande desafio de reformular e crescer: tudo o que é feito, modificado ou implementado tem que ser feito com nosso gigante em funcionamento. Somos a única referência de hospital terciário, e muitas vezes também secundário, para dois milhões de habitantes.

Como diretora de Assistência da Gestão comandada pelo professor André Balbi, iniciada em 2017, tivemos como tarefa organizar essa jovem autarquia, tendo ao nosso lado um time comprometido e orgulhoso de fazer parte da família HC. Foram implantados protocolos e processos em todos os setores, integrando as áreas, para que uns enxergassem as dificuldades dos outros. O Núcleo Interno de Regulação foi fortalecido e permanece até hoje como um dos pilares da assistência. As normativas que regem internações, referências, contrarreferências, solicitações de cirurgias e exames são claras a todo corpo clínico. A comissão de altas, criada em 2018, acompanha todas as internações, preparando a alta desde a entrada do paciente. Todos esses esforços resultaram no reconhecimento do nosso HC, em 2019, pelo Tribunal de Contas do Estado de São Paulo como o terceiro em número de atendimentos e o maior em número de internações com a menor taxa média de dias de internação entre os hospitais universitários do estado.

Em março de 2020, a pandemia da covid-19 nos encontrou organizados, altamente produtivos, com planos de expansão e melhoria dos nossos processos. Nunca imaginávamos que essa organização, na verdade, serviria para passarmos por algo que ninguém jamais poderia prever. Em uma semana, dividimos o hospital em duas partes, pacientes covid e não covid. Afinal, diferentemente de outros hospitais que foram convertidos na totalidade para o atendimento de pacientes diagnosticados com a nova doença, nós passamos a ser referência para pacientes graves com covid, sem, no entanto, deixarmos de ser a referência terciária para as demais enfermidades.

Desde o início, garantir a segurança de todos nós que estaríamos na assistência foi um ponto inegociável. Durante toda a pandemia, não houve falta de EPIs a nenhum dos nossos colaboradores. Máscaras N95, as mais seguras, foram fornecidas, e seu uso se tornou obrigatório em todas as áreas de assistência. Em época de total ausência de EPIs no mercado, e os disponíveis sendo vendidos a preços exorbitantes, mais uma vez a união nos permitiu garantir a segurança de todos: tivemos doações de materiais, de álcool gel, de tecido para a confecção de aventais, de horas de trabalho de costureiras voluntárias. Houve também doações em dinheiro fruto da campanha “Sem luta não há vitória”, na qual todos os cidadãos mais uma vez colaboraram com o que foi possível. Tivemos também doações de grandes empresas e bancos.

Em um momento em que não era permitido contato físico e em que até de nossos familiares tivemos que nos afastar, pois o medo de acabar contaminando quem amamos era grande, a cada gesto de doação nos sentimos abraçados com enorme carinho por toda a população. Para cuidar dos nossos colaboradores, também em uma semana, foi aberto um ambulatório de atendimento a funcionários com síndromes gripais, ocupando um andar inteiro do nosso prédio de ambulatórios.

Outro grande marco foi o credenciamento, já em abril de 2020, do nosso laboratório para realizar exames PCR para diagnóstico de covid-19. Esses exames estavam sendo enviados para o Instituto Adolfo Lutz de São Paulo, e os resultados demoravam até 14 dias, o que dificultava muito que as pessoas fossem liberadas do isolamento. Mais uma vez, como resultado da união entre HC, FMB e Famesp, um laboratório que realizava um volume bem menor de exames, coordenado pela professora Rejane Grotto, se adaptou e passou a realizar todos os exames do nosso hospital. Em alguns meses, em mais um salto de pioneirismo, foi implementado o teste de triagem para covid-19 em *pools* de saliva, o que permitiu que nosso hospital fosse um dos primeiros do setor público a testar todos os pacientes internados e todos os nossos colaboradores da assistência. Com orgulho, tivemos a menor mortalidade entre profissionais da saúde do estado.

Passamos pela primeira onda da covid-19 sem falta de medicamentos e materiais, além de um baixo número de colaboradores contaminados. Em dezembro de 2020, realizamos nosso tradicional evento de confraternização de Natal, o Ilumina HC, de uma forma diferente, assistindo a um show de projeção de luzes de dentro dos carros e exibindo um vídeo gravado pelos nossos funcionários a todos os pacientes, em cada quarto, isolados ou não. Terminamos o ano de 2020 muito cansados, mas orgulhosos dos nossos resultados e cheios de esperança de que o novo ano traria o fim da pandemia.

Infelizmente, em 2021, veio a segunda onda, muito mais grave que a primeira, exigindo ainda mais de soldados já cansados. No fim de janeiro de 2021, nosso HC foi um dos hospitais contemplados com as primeiras doses da vacina contra a doença, e listar quem deveria receber a vacina em momento de grande medo foi uma tarefa árdua, de uma comissão que trabalhou diariamente muitas horas, garantindo a transparência nos critérios para contemplar quem estava na linha de frente.

O ano de 2021 foi de muita luta, enorme desgaste psicológico das equipes e com grande número de perdas de pacientes para a covid-19. Para mim, será inesquecível o dia em que tivemos 60 pacientes entubados, com poucos ventiladores em reserva. A assistência aos pacientes infectados e as indicações de entrada e saída dos isolamentos foram sempre feitas com critérios baseados no que existia de mais robusto na ciência, com

trabalho incansável das equipes de Clínica Médica e Infectologia, além do nosso corpo de Enfermagem e de toda a equipe multiprofissional.

Os demais profissionais foram escalados para assistir os pacientes não covid no Hospital Estadual, bem como as enfermarias e os ambulatórios covid no HC. Em meio a toda a gravidade desses pacientes, mantivemos a assistência aos não covid, garantindo inclusive a realização das cirurgias que fossem classificadas não só como urgentes, mas também como essenciais, ou seja, tempo-sensíveis. A cada dia que começava, sabíamos *o que* deveria ser feito: garantir a assistência a todos que dependessem de nossos cuidados. O desafio diário foi descobrir *como*: nos reinventamos, redesenhamos, reescrevemos. Nenhum dia sequer terminava conforme o planejado, mas sempre com o dever *do que* fazer cumprido.

Ao final de 2021, a vacinação já havia alcançado boa cobertura na população, o que fez com que o ano terminasse com menor número de casos necessitando de internação. Começamos os planos de retomada, elaborados pelo nosso comitê de crise. A comemoração do Ilumina HC no fim daquele ano trouxe de volta a alegria do encontro, mesmo que ainda com as medidas de proteção, com os pacientes e colaboradores novamente na frente do hospital para assistir à chegada do Papai Noel.

O ano de 2022 trouxe a nova variante da covid-19, que trazia menor gravidade e menos internações, mas, por ser altamente contagiosa, um grande número de colaboradores teve que ser afastado. A demanda reprimida de pacientes graves necessitando de assistência imediata no nosso pronto-socorro repetiu o que se via no país inteiro. De um lado, os pacientes não covid lotavam nossa emergência com necessidades que não podiam aguardar; de outro, a grande dificuldade de manter o quadro de funcionários frente ao elevado número de afastamentos.

Os contratos temporários dos colaboradores autorizados devido à pandemia foram se encerrando, e passamos a viver uma nova crise: como lidar com a escassez de recursos humanos para seguir sendo a referência para a nossa região? Sou grata à equipe incrível que tive ao meu lado na Diretoria de Assistência. Todo o nosso trabalho foi, e tem sido, para garantir que o HC continue a crescer, com processos sólidos que não dependam de pessoas específicas. Esse e outros desafios que virão vão encontrar um time muito mais unido e orgulhoso de fazer parte desse gigante. Porque, além de sermos um gigante que nunca dorme, agora somos também um gigante que nunca desiste.



O início da jornada

60ª Turma de Medicina (2027)

Marcela Mafra⁸⁴

⁸⁴ Aluna do curso de Medicina da FMB, ingressante em 2022.

A MEDICINA DA Unesp é reconhecida pela sua excelência na relação médico-paciente. Essa citação vem em destaque no site dessa instituição, na aba da subdivisão da Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB). Trata-se de um destaque de peso e importância imensuráveis. Agora, eu faço parte dessa universidade, sirvo a esse propósito e começo a minha jornada para me tornar médica por essa instituição tão respeitada no Brasil.

Assim, gostaria de começar este texto trazendo um contexto de toda a situação extraordinária que me trouxe à FMB. Há dois anos, resolvi prestar vestibular para Medicina, e passar na Unesp me parecia uma possibilidade muito remota. A minha admiração pela faculdade começou pelo processo seletivo, e imaginei que ela seria, assim como a banca avaliadora, impecável. Não podia estar mais correta.

Minha experiência se iniciou com um telefonema às 8h da manhã de uma segunda-feira, em meados de abril. Fui informada de ter sido selecionada para preencher uma vaga na escola de Medicina da Unesp. A princípio, não acreditei, isso me parecia impossível, uma vez que todas as chamadas previstas no edital do qual participei haviam sido encerradas. Ledo engano. Era verdade. Em dois dias precisei arrumar todas as minhas malas e me mudar para o meio da cuesta paulista, para uma cidade pacata, porém extremamente bem-desenvolvida: Botucatu, em São Paulo.

Tive as primeiras impressões daquele lugar logo no primeiro fim de semana pela cidade, era uma experiência quase onírica. Fiz um passeio com a minha família pela faculdade para conhecer o local que eu frequentaria pelos próximos seis anos. Um câmpus calmo, mas ao mesmo tempo intenso. Reparei a grama por cortar e os prédios bem-organizados, enquanto eu sentia o ar da imponente faculdade, com o Hospital das Clínicas ao fundo. O sol estava quente enquanto caminhávamos, e eu só conseguia pensar o quanto era privilegiada por estudar na Faculdade de Medicina de Botucatu. É assim que consigo descrever uma das primeiras sensações ao frequentar o câmpus e iniciar as aulas ali: privilégio.

As primeiras semanas se passaram como um borrão, e, antes que eu me desse conta, estava vivendo a MedUnesp. Como é fazer parte disso? Como descrever o que é ser Botucatu? Ser da gloriosa? Uma das mais modernas faculdades de Medicina do país, com uma infraestrutura de dar inveja a qualquer federal, com os professores mais bem qualificados, é assim que a Faculdade de Medicina de Botucatu é amplamente difundida. A ficha começa a cair, e, aos poucos, me sinto parte dessa comunidade. Começo a viver a Unesp.

Aqui temos entradas anuais, e, por causa disso, acredito que as pessoas da FMB vivem como uma família. Posso dizer, e concordar, que essa foi a minha impressão. Devido ao fato de a maioria dos estudantes serem de fora, a integração entre nós é algo único e pouco vivenciado

em outro lugar. Começa na recepção e vai até a vontade de ajudar a todos e fazê-los se sentirem bem-vindos. É uma tradição acolhedora da faculdade. É uma comunidade MedUnespiana onde todos se conhecem, se cumprimentam e sabem (até demais) de cada um de seus integrantes.

Nesse contexto, todos aqui se apoiam e desejam sempre melhorar o curso, o hospital e as experiências na Medicina, deixando o local um pouquinho melhor para quem está por vir. Isso ficou muito evidente com a troca de currículo que recentemente ocorreu na FMB, que pode ser visto como aprimoramento da nossa formação enquanto médicos. É gostoso ver o entusiasmo dos professores nas matérias, e eles fazem de tudo para que nós possamos tirar o máximo proveito da universidade, desde a recepção até a forma como as aulas são administradas pelos nossos mestres. Temos contato com os professores das especialidades mais diversas, logo no primeiro período, e observá-los como futuros colegas nos estimula a dar tudo de nós mesmos, para fazer desse curso o melhor possível.

Ademais, esse contato precoce com a prática médica é estimulado nos primeiros módulos, com apresentações de casos motivadores. Nesses casos, a doença não é explícita, tampouco todo o desfecho do caso, o que estimula nós, alunos, a buscarmos as respostas que estão em aberto. Além disso, proporciona uma curiosidade que geralmente só é satisfeita com a pesquisa e o aprofundamento do estudo dessas situações que nos são apresentadas desde o começo. Ainda nesse cenário, é possível ter contato com a Medicina e a Saúde Pública desde as primeiras semanas de aulas, uma vez que somos inseridos em programas de aprendizados das Unidades Básicas de Saúde, em pequenos grupos, para aprendermos sobre a comunidade local e a vivermos por completo.

Ainda que breve, minha experiência me mostra a grandeza de vivenciar tudo isso. Entretanto, ainda estou apenas começando a construir essa nova pessoa que terá como um dos seus pilares de formação a FMB, e, aos pouquinhos, tudo fica mais vivo em minha mente. Algumas coisas ainda estão se formando, sejam elas opiniões, sejam elas experiências que ainda serão moldadas pelo tempo, pelo câmpus, pelas aulas e pelo estudo nos próximos cinco anos e meio. Afinal, ainda estou aprendendo, iniciando essa jornada pela faculdade de Medicina. O que posso dizer é que até agora está sendo incrível.

unesp 



POR UM FUTURO JUSTO, DIVERSO E INCLUSIVO

Maria Cristina Pereira Lima⁸⁵
Jacqueline Teixeira Caramori⁸⁶

Existem vários modos de contar uma história.

Neste livro, a opção foi dar voz aos protagonistas de cada época, por meio de um relato pessoal, tendo como pano de fundo o contexto social, político e cultural. Desse modo, acreditávamos que seria construído um mosaico colorido e representativo da riqueza que se experimenta na vida universitária em geral e na Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB), em especial. Alguns relatos foram colhidos verbalmente, e outros foram produzidos em coautoria, tornando a narrativa mais coletiva, mas ainda assim pessoal.

A leitura dos textos para a elaboração deste posfácio nos marcou profundamente. Há trechos da história da Faculdade de Medicina de Botucatu que desconhecíamos e outros que foram contados a partir de ângulos inusitados. O que se destacou para nós, a partir do contato com os sessenta relatos, foi a presença de forte conteúdo afetivo, em cada um deles. É possível que algum neurologista ou psicopatologista mais exigente reclame desta última colocação e afirme que, em geral, há afeto presente em todas as experiências humanas. É fato. Mesmo as experiências mais incomuns são vivenciadas pelos seus agentes com uma carga afetiva implícita, mesmo que esta não esteja acessível conscientemente. Mas no amplo cardápio de afetos humanamente experimentados, quais se destacam nesses relatos?

Há um sentimento de nostalgia nos relatos sobre a construção da Faculdade e a estruturação dos serviços de saúde a ela ligados, como o Hospital das Clínicas e o Centro de Saúde Escola. Nas entrelinhas também se nota certa condescendência com comportamentos experimentados na época em que muitos eram estudantes e que hoje são inimagináveis. Percebe-se ainda a saudade de quando se era jovem e tinha-se a convicção de que mudar o mundo parecia fácil e estava ao alcance das mãos.

⁸⁵ Graduada em Medicina pela FMB, onde também concluiu residência em Psiquiatria. Possui mestrado em Ciências Médicas pela Unicamp, doutorado em Medicina Preventiva pela USP e pós-doutorado pelo Centre for Addiction and Mental Health, na Toronto University (Canadá). Professora titular (2023) de Psiquiatria na FMB, foi vice-diretora (2015-2019) e atualmente é diretora da instituição (2019-2023).

⁸⁶ Graduada em Medicina pela Universidade Federal do Pará (1986), residência em Clínica Médica e Nefrologia (1990) e doutorado em Fisiopatologia em Clínica Médica e Nefrologia (1999), ambos pela FMB. Professora titular em Clínica Médica, presidente da Comissão Permanente de Extensão Universitária e vice-diretora da FMB (2019-2023).

Há um sentimento de orgulho de ter vivido a FMB a partir de diferentes fazeres: o movimento estudantil, a prática de esportes, a pesquisa de ponta e alinhada com as necessidades da população, a educação em saúde comprometida com o SUS, a responsabilidade social traduzida em uma miríade de atividades de extensão universitária e o orgulho de ter colorido as turmas e ter afinado o ouvido para as diversas formas de vulnerabilidade.

Há sentimento intenso de pertencimento e, talvez decorrente disto, um amálgama entre a identidade do narrador e a identidade da Faculdade, esta última muitas vezes confundida com o próprio lar daquele. Fazendo um parêntese anedótico, uma das confusões mais frequentemente relatadas por membros da comunidade é tentar abrir a sala da Faculdade com as chaves de casa. O lapso freudiano antecipou em muitos anos o que a evolução da internet provocou em tantos de nós: o total apagamento entre casa e trabalho, que também ocorre na esfera dos afetos.

Falando em afetos, um último deles que queremos mencionar é o sentimento de esperança que permeia as narrativas, sobretudo no futuro. Esperança que a FMB continue ocupando um lugar de destaque na vida daqueles que por ela passam ou são afetados pelo ensino, pesquisa e extensão oferecidos. Esperança de vida longa à FMB e que ela possa contribuir com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, na qual prevaleça a ciência e a defesa dos direitos humanos.

Por fim, é importante destacar que foi ativada uma verdadeira rede da memória dos 60 anos que ilustrou lembranças pessoais e acontecimentos de muitas vidas. Vidas que ainda estavam sob efeito da pandemia de covid-19, recuperando-se do desafio de terem sobrevivido a um dos mais críticos momentos da Humanidade. Essa passagem certamente influenciou as palavras registradas nessas páginas. Enquanto escreviam, em 2022, o mundo ainda vivia com as máscaras como parte do vestuário, álcool gel e rastreamentos do vírus, em nossas rotinas.

Em 2023, porém, observa-se nossa comunidade latejar para perspectivas positivas após o enfrentamento dos dilemas que emergiram durante essa longa crise. Acreditamos que cada cuidado, atitude e decisão que tomamos foi para manter viva a esperança de todos servidores e estudantes, confiando nos potenciais de transformação e superação do ser humano.

Que venham as próximas décadas!



5095

6

GOLD 100-2

KODAK 5095

5



5095

12

GOLD 100-2

13

KODAK 5095

14



5095

18

GOLD 100-2

19

KODAK 5095

20



95

24

GOLD 100-2

25

KODAK 5095

26



GOLD 100-2

9

KODAK 5095

10

GOLD 100-2



GOLD 100-2

15

KODAK 5095

16

GOLD 100-2



GOLD 100-2

21

KODAK 5095

22

GOLD 100-2



GOLD 100-2

27

KODAK 5095

28

GOLD 100-2

FMB: 60 ANOS EM 60 DEPOIMENTOS

1ª Edição [Abril, 2023]

2.000 exemplares

Obra composta pelo NADA.:Studio Criativo em Source Serif
e Roboto Slab em Botucatu/SP e impressa sobre papel offset
90 g/m² em São Manuel/SP pela gráfica Grafilar.



“Existem vários modos de contar uma história.

Neste livro, a opção foi dar voz aos protagonistas de cada época, por meio de um relato pessoal, tendo como pano de fundo o contexto social, político e cultural. Desse modo, acreditávamos que seria construído um mosaico colorido e representativo da riqueza que se experimenta na vida universitária em geral e na Faculdade de Medicina de Botucatu, em especial.

Há trechos da história da FMB que desconhecíamos e outros que foram contados a partir de ângulos inusitados. O que se destacou para nós, a partir do contato com os sessenta relatos, foi a presença de forte conteúdo afetivo, em cada um deles.”

MARIA CRISTINA LIMA E JACQUELINE CARAMORI

Diretora e vice-diretora da FMB (Gestão 2019-2023)

ISBN 978-65-85336-01-7



Apoio:

